

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DANTON OLIVEIRA NORMANDIA

O outro Foro de São Paulo: a conspiração bolsolavista entre livros, *tweets* e protestos no  
Brasil (2016-2022)

Uberlândia

2026

DANTON OLIVEIRA NORMANDIA

O outro Foro de São Paulo: a conspiração bolsolavista entre livros, *tweets* e protestos no  
Brasil (2016-2022)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: História, Cultura e Poder

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

Uberlândia

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N847 2026	<p>Normandia, Danton Oliveira, 2000- O outro Foro de São Paulo [recurso eletrônico] : a conspiração bolsolavista entre livros, tweets e protestos no Brasil (2016-2022) / Danton Oliveira Normandia. - 2026.</p> <p>Orientador: Alexandre de Sá Avelar. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em História. Modo de acesso: Internet. DOI <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.283">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.283</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. História. I. Avelar, Alexandre de Sá, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 930</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História  
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 43, PPGHI				
Data:	Vinte e quatro de abril de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12412HIS006				
Nome do Discente:	Danton Oliveira Normandia				
Título do Trabalho:	O outro Foro de São Paulo: a conspiração bolsolavista entre livros, tweets e protestos no Brasil (2016-2022)				
Área de concentração:	História Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Identidades e Subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Os nossos passados ainda são históricos? Interpelações do presente à disciplina				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em **História**, assim composta: Professores Doutores: **Ana Paula Spini - INHIS/UFU**; **Murilo Cleto - UFPR**; **Alexandre de Sá Avelar** orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Alexandre de Sá Avelar, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 24/04/2026, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Spini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/04/2026, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Murilo Prado Cleto, Usuário Externo**, em 28/04/2026, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7221284** e o código CRC **75EECB4C**.

DANTON OLIVEIRA NORMANDIA

O outro Foro de São Paulo: a conspiração bolsolavista entre livros, *tweets* e protestos no  
Brasil (2016-2022)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em História da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito para  
obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: História, Cultura e Poder

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

Uberlândia, 24 de abril de 2026

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Ana Paula Spini – UFU

---

Prof. Dr. Murilo Prado Cleto – IFPR

---

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar – UFU (Orientador)

## AGRADECIMENTOS

A parte mais difícil na escrita desta dissertação. Espero, mesmo com a certeza de que faltarão palavras e acenos, agradecer e, principalmente, reconhecer cada pessoa que esteve ao meu lado nos últimos anos. O mestrado – do ingresso à titulação – é uma conquista pessoal, mas, muito mais do que isso, é a representação de um sonho que, durante dois anos e alguns meses, foi compartilhado e incentivado pelos meus familiares, amigos, colegas, professores e demais envolvidos. Hoje, ao finalizar esta jornada, posso dizer que estou feliz e satisfeito com o resultado alcançado e a sensação de que todo esse período valeu a pena, pois compreendo que eu nunca estive sozinho.

A primeira pessoa que eu gostaria de agradecer é a minha noiva Ana Laura ou, simplesmente, Nalu. É a minha principal confidente, estando disponível para absorver as lamúrias, repreender as cegas convicções e aconselhar quando apresentei inseguranças e dúvidas, sem deixar de exaltar o meu potencial e as minhas qualidades em cada passo que arrisco em minha vida. Mas, para além dessa confiança, quero ressaltar a nossa cumplicidade. Desde a coincidência em escolher o mesmo curso de graduação a estar cursando o mestrado na mesma instituição, eu e a Nalu fazemos tudo juntos, sendo a motivação, a influência e a inspiração de um para o outro. Por isso, digo que é gratificante viver esse momento especial com você, sendo impossível imaginar essa realidade sem a sua companhia e sem o nosso amor. Assim, corrijo a informação do parágrafo anterior: o sonho do mestrado não é só meu, é nosso.

Se eu tive condições de finalizar o mestrado, tenho que compartilhar os créditos com os meus familiares, em especial à minha mãe Rodmeire – e ela prefere que seja só Meire - e ao meu padrasto John – o apelido é mais legal que o nome Thiago. Na verdade, sem o suporte e o apoio deles, o estudo poderia não ter sido uma opção, que dirá uma pós-graduação. Sou muito grato ao investimento – que ultrapassa questões financeiras – e a abnegação dos dois, tornando o caminho que trilhei e que permaneço trilhando em uma prioridade familiar. Ao mencionar a palavra “família”, desejo também ressaltar a importância da minha avó, dos meus tios, dos meus sogros, do meu cunhado e concunhada, e dos meus primos que também fizeram parte desse marco. Mais uma vez, eu repito: o sonho do mestrado não é só meu, é nosso.

Além dos familiares, tenho o privilégio de estender essa gratidão aos meus amigos que também acompanharam essa saga acadêmica. Em tempos de Copa do Mundo, faço aqui a minha convocação: João Victor, Rondon, Mariane, Tauffer, Larissa, Matheus, Leíse, Cristian, Victor, George, Luiz Matheus, Pedro, Thainá, Carla, Elizabete e Lidiene. Há aqueles que permanecem comigo desde décadas passadas, assim como há recém-chegados de últimos anos. Em ambos

os casos, não pretendo hierarquizá-los por entender que carinho e importância carregam diferentes significados e memórias que, atuais ou antigas, não se perdem. Diante disso, enfatizo pela última vez: o sonho do mestrado não é só meu, é nosso.

Aproveito a oportunidade para também direcionar meus agradecimentos ao meu orientador, professor Alexandre de Sá Avelar. Apesar de ter feito a graduação em História na UFU, não cursei nenhuma disciplina que ele ministrou entre os anos de 2018 a 2022. Portanto, não tivemos um contato direto até o meu e-mail com o pedido de orientação para o mestrado. A recusa em orientar o meu projeto, por esse fato, não seria um absurdo. Mas, a resposta, para a minha comemoração, foi o inverso. Em função disso e de todo o período de orientação, agradeço pela confiança inicial e por cada contribuição para o desenvolvimento desta dissertação – que foram inúmeras e essenciais –, respeitando e impulsionando as minhas intenções com este trabalho. O resultado alcançado só foi possível graças às suas contribuições.

Nesse fluxo de agradecimentos, destaco os professores Ana Paula Spini e Murilo Prado Cleto que firmaram o compromisso de compor a banca examinadora tanto da qualificação quanto da defesa da minha pesquisa. De modo particular, saliento a felicidade em ter a professora Ana Paula envolvida nesse processo, visto que foi minha orientadora na graduação. Por essa relação, foi reconfortante ter sua presença, pois a minha caminhada para o mestrado também partiu de seu incentivo e de sua confiança na minha capacidade como pesquisador. Ao professor Murilo, que conheci nessas etapas do mestrado e também na avaliação externa do meu projeto de pesquisa em uma atividade da disciplina de Seminários de Pesquisa, meu muito obrigado por todas as indicações de leitura e pelas correções relatadas nesses momentos, contribuindo, significativamente, para o desenvolvimento e desfecho da minha dissertação.

Por fim, saliento a importância do PPGHI para o cumprimento dessa relevante etapa da minha vida acadêmica. Agradeço à Secretaria por solucionar as minhas demandas e ser prestativa em meus questionamentos ao longo dos semestres letivos. Agradeço ao corpo docente e, especificamente, àqueles que participaram das etapas de seleção – da análise do projeto de pesquisa à entrevista – e/ou que ministraram as disciplinas que pude cursar nesse período. Em adendo a isso, reservo este espaço para também agradecer o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UFU e a professora Maria Aparecida Resende Ottoni que, em um momento de incompatibilidade horária, acolheram a minha inscrição em uma de suas disciplinas optativas, o que permitiu seguir com o mestrado sem prejuízos futuros.

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar o papel e o impacto da conspiração na construção e instrumentalização de discursos e ações ideológicas e políticas na contemporaneidade. Para isso, adotou-se o seguinte estudo de caso: o permanente interesse da extrema direita brasileira sobre o Foro de São Paulo (FSP) na última década - sobretudo, entre os anos de 2016 a 2022 - a partir da ascensão e popularização de lideranças como Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro e os respectivos seguidores destes. Sob uma conjuntura “bolsolavista”, a oposição a essa organização latino-americana é identificada a partir de três pilares: a produção de livros, a postagem em redes sociais – em destaque para os *tweets* e *threads* no Twitter/X – e os protestos de rua. Um conjunto simbólico que evidencia, mediante a hipótese de um populismo digital ou ciberpopulismo, o desenvolvimento de um projeto de poder autoritário e antidemocrático.

**Palavras-chave:** Foro de São Paulo; Extrema direita; Discurso; Conspiração; Poder;

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the role and impact of conspiracy in the construction and instrumentalization of ideological and political discourses and actions in contemporary times. To this end, the following case study was adopted: the ongoing interest of the Brazilian far right in the São Paulo Forum (FSP) over the last decade - especially between 2016 and 2023, following the rise and popularization of leaders such as Olavo de Carvalho and Jair Bolsonaro and their respective followers. Under a “bolsolavista” scenario, opposition to this Latin American organization is identified based on three pillars: the production of books, posts on social media—especially tweets and threads on Twitter/X - and street demonstrations. A symbolic set that highlights, through the hypothesis of digital populism or cyberpopulism, the development of an authoritarian and anti-democratic power project.

**Keywords:** São Paulo Forum; Far/Alt right; Speech; Conspiracy; Power;

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de livros olavistas.....	19
Tabela 2 – Relação de <i>Tweets</i> e <i>Threads</i> bolsonaristas.....	22
Tabela 3 – Modos de Operação de Ideologia de Thompson.....	27
Tabela 4 – Subtemas dos livros olavistas sobre o FSP.....	59
Tabela 5 – <i>Tweets</i> e <i>Threads</i> (2017-2018).....	99
Tabela 6 – <i>Tweets</i> e <i>Threads</i> (2019).....	102
Tabela 7 – <i>Tweets</i> (2020).....	110
Tabela 8 – <i>Tweets</i> (2021).....	113
Tabela 9 – <i>Tweets</i> (2022).....	116

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALBA-TCP	Aliança Bolivariana para os Povos da América
ABIN	Agência Brasileira de Inteligência
AP	Ação Popular
APDA	Aliança Parlamentar Democrática da América
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEDET	Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
CELAC	Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos
COF	Curso Online de Filosofia
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CV	Comando Vermelho
DEM	Democratas
DI	Diálogo Interamericano
ELN	Exército de Libertação Nacional da Colômbia
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FMI	Fundo Monetário Internacional
FSM	Fórum Social Mundial
FSP	Foro de São Paulo
GT	Grupo de Trabalho
IDC-CDI	Internacional Democrata de Centro-Internacional Democrata Cristã
IDEA	Iniciativa Democrática da Espanha e das Américas
IOC	Instituto Olavo de Carvalho
M-19	Movimento 19 de Abril
MBL	Movimento Brasil Livre
MCI	Marco Civil da Internet
MIR	Movimento de Esquerda Revolucionária
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MPL	Movimento Passe Livre

MRTA	Movimento Revolucionário Túpac Amaru
MSM	Mídia Sem Máscara
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OEA	Organização dos Estados Americanos
OLAS	Organização Latino-Americana de Solidariedade
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OWS	Occupy Wall Street
PCC	Partido Comunista Cubano
PCC	Primeiro Comando da Capital
PCP	Partido Comunista do Peru
PF	Polícia Federal
PL	Projeto de Lei
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
UB	União Brasil
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNASUL	União das Nações Sul-Americanas
Unige	Universidade de Genebra
UnoAmérica	União de Organizações Democráticas da América
URSAL	União das Repúblicas Socialistas da América Latina
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UPLA	União de Partidos Latino-Americanos
REDLAD	Rede Latino-Americana e do Caribe para a Democracia
RELIAL	Rede Liberal da América Latina
STF	Supremo Tribunal Federal
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
VPN	Rede Virtual Privada
VPR	Vem Pra Rua

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. A INVENÇÃO DO OUTRO FSP</b> .....	29
<b>1.1 As bases e referências ideológicas do olavismo</b> .....	30
<b>1.2 A comunidade olavista: laços, interesses e livros</b> .....	44
<b>1.3 A conspiração documentada: o discurso olavista sobre o FSP</b> .....	57
<b>2. O IMPULSO DAS REDES: FSP E O BOLSONARISMO ELEITORAL</b> .....	79
<b>2.1 A conexão perigosa: as redes sociais e a extrema direita bolsonarista</b> .....	81
<b>2.2: A conspiração em <i>tweets</i> e <i>threads</i>: o outro FSP em escala digital no Brasil</b> .....	95
<b>3. O CONSPIRACIONISMO INVADE AS RUAS</b> .....	122
<b>3.1: As direitas também se revoltam</b> .....	124
<b>3.2: Entre golpes e protestos: uma marca do Brasil das décadas de 2010 e 2020</b> .....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	156
<b>FONTES</b> .....	170
<b>FONTES DOCUMENTAIS</b> .....	170
<b>FONTES DIGITAIS</b> .....	170
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	174

## INTRODUÇÃO

Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? Uma singela pergunta que, surpreendentemente, foi alçada como um dilema popular que ultrapassou fronteiras e coexistiu em diferentes gerações. Em direção à resposta, o jornal O Globo, em uma matéria publicada no dia 7 de novembro de 2024, nos tranquiliza ao destacar a recente investigação científica realizada na Universidade de Genebra (Unige), com o veredito: o ovo<sup>1</sup>. Antes tarde do que nunca, sob o suporte suíço, uma charada trivial a menos para se preocupar.

Contudo, pela popularidade de tal questão, não é difícil projetar que houve, até então, um cenário de disputa em torno da resposta. Por um lado, os defensores de que a galinha veio primeiro; por outro, de que o ovo seria o elemento primário. Trata-se, aliás, de um panorama evidente, considerando a inexistência de unanimidades na história da humanidade. Apesar desse veredito, é improvável que ainda não se mantenha a dúvida ou a insistência em destacar a galinha como uma possibilidade de resposta.

Em verossimilhança à anedota, o interesse deste trabalho se manifesta na investigação em torno do discurso e sua potencial capacidade de transformar ou de ser transformado pela realidade. Aqui, sim, um dilema que compete à existência de mais de uma resposta, ou melhor, de diferentes perspectivas de análise e reflexão, considerando a necessidade humana de produzir e obter explicações para se compreender um mundo em constante movimento. Um feito que explora e atualiza tendências comunicacionais e seus respectivos impactos na convivência em sociedade.

Diante da multiplicidade admitida, adiciono um terceiro elemento envolvido na relação entre discurso(s) e realidade(s) proposta(s): o poder. Uma palavra que revela tanto uma condição quanto um objetivo a ser ou já conquistado. Isto é, há o interesse de se aprofundar acerca da autoridade de quem profere um dado discurso, como também da intencionalidade e/ou da motivação deste mediante contextos e desdobramentos dispostos e adquiridos durante a sua propagação e perpetuação ao longo do tempo.

Por poder, apesar da amplitude de atuação e de vínculos, o trabalho segue um complemento costumeiro: a política. Aliás, resgato o entendimento de que toda ação humana é pautada por um sentido político – ainda que não seja explícito ou que até se vislumbre a negação

---

<sup>1</sup> O QUE surgiu primeiro: o ovo ou a galinha? Finalmente, a ciência descobriu a resposta para o dilema. **O Globo**, São Paulo, 07 nov. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/11/07/qual-surgiu-primeiro-o-ovo-ou-a-galinha-o-ovo-diz-estudo-suico.ghtml>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

desse estado. Ademais, é atribuído também à política o sinônimo de um espaço de governança em que são estabelecidas decisões que, instrumentalizadas por uma dada ideologia sistêmica, afetam o coletivo.

Em retorno ao dilema do ovo e da galinha, a predileção pelo discurso, entreposta às relações com a realidade, o poder e a política, é situada pela permanência de uma não resposta. Assim, o enfoque se direciona para, nesse exemplo, a insistência em responder por “galinha” em detrimento do “ovo”, considerando, principalmente, o cenário em que se conhece que tal afirmação difere de sua real resolução. Um processo interpretativo que, desde já, não confidencia um falseamento ou uma mentira, visto que a outra resposta se mostra elegível, não sendo, portanto, passível de criação ou invenção.

Passada essa assimilação, há um conceito relevante que dialoga com esse interesse mencionado: a conspiração<sup>2</sup>. Trata-se de uma referência que, assim como os demais elementos apresentados, também é complexa por se enquadrar em dois níveis. O primeiro é versado como um discurso que remete ao secreto e/ou ao desconhecido, carece de revelação e cujo impacto é superestimado para a história global, regional e/ou local pelos seus propagandistas. O segundo é tratado como uma ação que confronta ou, pelo próprio termo, conspira contra uma dada autoridade, responsabilidade e/ou entidade instituída de poder. Em ambos os pontos, é conferida uma necessidade – bem ou mal sucedida – de provimento de adversários e aliados para que discurso e/ou ação sejam respaldados.

Com os conceitos apresentados e mobilizados, nota-se o caminho proposto por este trabalho. Para além da relação entre o discurso, a realidade e o poder já mencionados, aprofundo nos vínculos desta com o fenômeno da conspiração em âmbito político. Nesse sentido, o envolvimento do conspiracionismo é escolhido em vista de seu potencial de influência, como também de crença em torno de outras explicações e soluções, o que também pode ser apresentado como alternativas às demandas e interpretações do cotidiano.

Sob essas considerações, há a escolha pelo objeto da pesquisa: o FSP. Uma organização fundada a partir da década de 1990 que, como relatam Roberto Regalado e Valter Pomar – membros participantes da organização – no livro *Foro de São Paulo: construindo a integração*

---

<sup>2</sup> Optou-se por evidenciar o termo conspiração como elemento que também abrange, para além da própria denominação, nomenclaturas como complô e mito, que foram presenciadas em leituras realizadas para este trabalho. Não se trata de sinônimos – que serão explicados no próximo capítulo –, mas que, por maior incidência da palavra em questão, foi escolhido centralizá-la como representante das demais nesta introdução.

*latino-americana e caribenha*<sup>3</sup>, reuniu dezenas de diferentes partidos políticos, movimentos sociais e lideranças, capitaneados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil e Partido Comunista Cubano (PCC), ligados ao espectro de esquerda da região.

Em vista do período de sua iniciação como uma organização política regional, o objetivo do FSP, como apontam Ricardo Abreu de Melo em *O Foro de São Paulo: uma experiência internacionalista de partidos de esquerda latino-americanos (1990-2015)*<sup>4</sup> e Yuri Soares Franco em *A influência do Foro de São Paulo nas estratégias políticas das esquerdas latino-americanas (1990-2019)*<sup>5</sup>, visava o diálogo, o fortalecimento e a integração da América Latina diante das indefinições políticas de um mundo pós-Guerra Fria.

A intenção da organização latino-americana, em face dos acontecimentos políticos relevantes da década de 1990, foi motivada diante do desfalecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em âmbito global. A notoriedade desse acontecimento é tamanha que Francis Fukuyama, em seu ensaio *The End of History*<sup>6</sup> – que depois se ampliaria no livro *The End of History and the Last Man*, de mesma autoria<sup>7</sup> –, apontou tal desfecho como o fim da história. Para o autor, o mundo estaria designado para uma única e imediata direção: o liberalismo ocidental. Um triunfo ideológico que pressupõe a sobrevivência de apenas um modelo de organização política, econômica, social e cultural para o planeta.

Entretanto, o que, inicialmente, foi idealizado como uma pontual reunião se tornou a inauguração de uma organização política presente até os dias atuais, completando 36 anos de existência em 2026. Desde o seu surgimento, foram realizadas reuniões anuais – denominadas Encontros do FSP – por diferentes países-sede latino-americanos, angariando um gradativo crescimento de membros que se dispuseram a discutir os rumos políticos da região. Em vista da diversidade ideológica dos integrantes do FSP, os temas debatidos nas reuniões foram marcados por embates e divergências, mas também por consensos entre os seus membros.

Um desses consensos, por exemplo, que acabou se tornando central e/ou mais visível para a trajetória do FSP, foi a decisão de construir e/ou apoiar candidaturas em processos

---

<sup>3</sup> REGALADO, Roberto; POMAR, Valter. **Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

<sup>4</sup> MELO, Ricardo Abreu de. **O Foro de São Paulo: uma experiência internacionalista de partidos de esquerda latino-americanos (1990-2015)**. 2016. 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<sup>5</sup> FRANCO, Yuri Soares. **A influência do Foro de São Paulo nas estratégias políticas das esquerdas latino-americanas (1990-2019)**. 2020. 216f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

<sup>6</sup> FUKUYAMA, Francis. *The End of History?*. **The National Interest**, n. 16, 1989.

<sup>7</sup> FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: The Free Press, 1992.

eleitorais por toda a América Latina ao final do século XX e ao longo do século XXI. O resultado disso, apesar de não ter sido imediato, logrou sucesso ao se concretizar vitórias eleitorais simultâneas de lideranças e partidos considerados de esquerda à presidência em diferentes países latino-americanos<sup>8</sup>. Para a ciência política, com destaque para Fabrício Pereira da Silva – em diferentes produções próprias no Brasil –, esse período angariou até mesmo um nome: “onda rosa”<sup>9</sup>.

Sob essas considerações, informo que o meu interesse pelo FSP foi iniciado desde a graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sendo, inclusive, tema da minha monografia como requisito de conclusão desta no ano de 2023. Nessa produção acadêmica, dentro das proporções esperadas, propus a investigação, a partir das atas dos Encontros, da história da organização latino-americana e a sua respectiva idealização de um projeto de integração regional a ser construído no século XXI.

No entanto, o recorte deste trabalho, como já admitido, não é pelo “ovo”, mas pela “galinha”. Assim, retratar o FSP a partir de fontes oficiais não é o enfoque almejado. Pelo contrário, busco o entendimento sobre essa organização latino-americana a partir da reação e do tratamento dado a ela e sua possível influência nos rumos e nas decisões políticas da América Latina pelos seus declarados adversários políticos. Uma medida que continua em repercussão diante da existência e da atuação do FSP na contemporaneidade.

O exemplo disso não carece de viagem à Suíça para formular tal constatação, mas apresenta uma sinergia entre tendências ideológicas compartilhadas entre países como Brasil e Estados Unidos (EUA) que reforçam o papel relevante firmado pelo fenômeno do conspiracionismo político nas últimas décadas. Além destes, também evidencia a ascensão da extrema direita e sua familiaridade com um discurso que potencializa tanto a desconfiança quanto a violência, materializadas em um projeto ideológico adaptado ao político, para seus interlocutores e simpatizantes.

---

<sup>8</sup> A composição da “onda rosa” pode ser apresentada pelas vitórias eleitorais de lideranças de esquerda no início dos anos 2000 e 2010, como os casos de: Néstor e Cristina Kirchner (Argentina), Evo Morales (Bolívia), Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (Brasil), Michelle Bachelet (Chile), Mauricio Funes (El Salvador), Rafael Correa (Equador), Manuel Zelaya (Honduras), Daniel Ortega (Nicarágua), Fernando Lugo (Paraguai), Tabaré Vázquez e Jorge Mujica (Uruguai), Hugo Chávez e Nicolás Maduro (Venezuela) e dentre outros.

<sup>9</sup> O autor mencionado escreveu diversos artigos sobre o tema ao longo da década de 2010, mas, em destaque, a sua contribuição para a compreensão de uma possível “onda rosa” ou “maré rosa” na América Latina nas primeiras décadas do século XXI é vista no livro *Vitórias na crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas*. Ver também em: PEREIRA DA SILVA, Fabrício. **Vitórias na crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

Em semelhança à tese de Murilo Cleto, intitulada *Novas direitas, memória e revisionismo: como a Brasil Paralelo contou a história do regime militar*, certifico que o intuito de analisar a extrema direita se dá pelo reconhecimento da relevância e do peso que esse grupo político e, conseqüentemente, essa versão alternativa do FSP conferem à sociedade brasileira. Não se trata, portanto, de um trabalho que incorpora ou acredita em tais ideias a serem apresentadas. Pelo contrário, apenas evidencia a necessidade de lê-los e investigá-los, a partir de suas produções e convicções, para, então, compreender seus objetivos, contextos e ações ao longo do tempo e, sobretudo, na atualidade<sup>10</sup>.

A escolha pelo termo “extrema direita”, apesar de sua complexidade de significados e perspectivas na contemporaneidade, é relevante para se identificar de quem se está falando e sua respectiva sinalização de poder em acompanhamento à ascensão desta em recentes conjunturas políticas do século XXI. Em diálogo com Cas Mudde, em *A extrema direita hoje*, o autor enfatiza a existência de uma quarta onda política da extrema direita no mundo que, diferente das outras ondas existentes em tempos anteriores, atinge a naturalização e a consolidação nos atuais sistemas políticos – especialmente, de um ponto de vista eleitoral, manifestada na liderança e/ou na coalizão de governos<sup>11</sup>.

Em relação ao FSP e à conseqüente construção de um discurso “outro”, o encontro com os anseios e movimentos da atual extrema direita é disposto em duas frentes: o “olavismo” e o “bolsonarismo”. Ambas, em simultaneidade, se apropriam do conspiracionismo a partir de diferentes – e complementares – estratégias e meios de transmissão que superestimam a essa organização em uma suposta interferência política na atualidade. Para essa medição, é admitida, no desenvolvimento de cada capítulo deste trabalho, uma sequência de símbolos demarcados, respectivamente, por livros, postagens em redes sociais e protestos de rua.

As frentes indicadas apresentam a influência de dois principais porta-vozes e até mesmo referências estabelecidas diante de uma crescente e recente extrema direita no país: Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro. De um lado, o impacto ideológico atribuído às teorias e obras escritas por Carvalho ao pensamento conservador e liberal brasileiro. Por outro, a força política relegada à imagem e às declarações e posições de Bolsonaro em sua trajetória de ex-militar,

---

<sup>10</sup> CLETO, Murilo Prado. **Novas direitas, memória e revisionismo: como a Brasil Paralelo contou a história do regime militar**. 2024. 366f. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024, p.25-26.

<sup>11</sup> MUDDE, Cas. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022, p.39-40.

deputado federal e presidente do Brasil. Além disso, a escolha por esses sujeitos reforça a construção e consolidação de uma parceria estreitada nas últimas décadas em solo nacional.

Ademais, é evidente a parcela de contribuição de Carvalho e Bolsonaro aos recentes desdobramentos políticos nacionais. Por começo, a oposição aos governos petistas sucedidos por Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – representantes da esquerda brasileira e integrantes do FSP – durante as décadas de 2000 e 2010. Em seguida, com a ascensão extremista de direita e seus requintes golpistas e autoritários, a conquista de maioria parlamentar no Congresso Nacional, de governos estaduais e da presidência do país em 2018. Por fim, um histórico político que também contempla o falecimento de Carvalho durante o período da pandemia da covid-19 e a derrota eleitoral de Bolsonaro nas eleições de 2022.

Porém, a relevância de ambos, em associação aos interesses deste trabalho, é a forma de embate declarado contra as esquerdas latino-americanas durante esse período. Um confronto que envolve elementos conspiratórios que resgatam e atualizam noções atribuídas ao Tradicionalismo, anticomunismo, globalismo, guerra e marxismo cultural como táticas discursivas que são acolhidas por uma crescente de seguidores. Nesse cenário, o FSP se tornou não somente um alvo, mas o principal agregador de tudo que olavistas e bolsonaristas são contrários – desde aspectos políticos ou econômicos até questões relativas aos costumes. Logo, um inimigo com urgência para ser derrotado e, se possível, eliminado.

O destaque para Carvalho e Bolsonaro – sem se esquecer das suas hordas de seguidores que se evidenciaram a partir e por complemento a eles – segue a noção proposta por Débora Messeberg, em artigo *A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros*, de que são sujeitos “pautadores dos interesses e das prioridades informacionais de sua audiência e intérpretes de sua vida cotidiana e da política”<sup>12</sup>. Assim, devem ser responsabilizados por propagar uma visão de mundo – e, nesse caso, uma conspiração política – que se torna uma referência para o público que os acompanha.

Diante das circunstâncias conjunturais às intenções comuns lideradas por Carvalho e Bolsonaro, a repercussão e até mesmo a popularização destes – e de seus milhões de apoiadores – pressupõem, para este trabalho, a existência e a consolidação de um “bolsolavismo” no país em diálogo com Beatriz Castro Miranda, em seu artigo *A conspiração como pilar político das*

---

<sup>12</sup> MESSEBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.32, n.3, 2017, p.626.

*novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo*<sup>13</sup>. Além de ser uma nomenclatura que também salienta tanto a autoria quanto a credibilidade sobre o discurso conspiratório proposto para um outro FSP.

Passada a apresentação das frentes, volta-se para a tríade de fontes destacadas para este trabalho. Em primeiro lugar, a escolha pelos livros se estabelece por ser um dos principais canais de comunicação estabelecidos por Carvalho e seus alunos-seguidores. Aliás, nas últimas décadas, em centralidade ao “guru”<sup>14</sup>, é notório o sucesso de suas obras que, diante do alto volume de vendas, se transformaram em *best-sellers* no Brasil<sup>15</sup>. Em novo diálogo com Miranda, trata-se de um feito proposital ensejada pelo autor – e demais olavistas –, sendo uma forma de construir um legado ideológico ao seu grupo no país<sup>16</sup>.

Nesse sentido, o primeiro capítulo focaliza o FSP como um alvo na produção literária de Carvalho e de outros autores pertencentes ao núcleo intelectual olavista, sendo limitada uma obra por autor detectado. Com esse critério admitido, foram selecionados cinco livros, publicados entre os anos de 2016 a 2022, que reforçam essa relação e, principalmente, o interesse do olavismo sobre a organização latino-americana.

Tabela 1 – Relação de livros olavistas

Título	Autoria	Publicação	Editores
O Foro de São Paulo: a mais perigosa organização revolucionária das Américas <sup>17</sup>	Graça Salgueiro	2016	Observatório Latino-americano
O mínimo sobre o Foro de São Paulo <sup>18</sup>	Paulo Henrique Araujo	2022	O Mínimo

<sup>13</sup> MIRANDA, Beatriz Castro. A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo. *Revista História – UEG*, Morrinhos, v.10, n.2, 2021.

<sup>14</sup> O termo guru se tornou uma nomenclatura para Carvalho diante de sua influência intelectual para representantes da extrema direita brasileira e, sobretudo, de integrantes da família Bolsonaro - incluindo o próprio. Ver também em: CAETANO, Guilherme; NIKLAS, Jan. Arquiteto intelectual da direita radical, Olavo de Carvalho se tornou guru do governo Bolsonaro. *O Globo*, 25 jan. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/arquiteto-intelectual-da-direita-radical-olavo-de-carvalho-se-tornou-guru-do-governo-bolsonaro-25366585>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>15</sup> Uma amostra disso, por exemplo, é o impacto que os livros de Carvalho alcançaram nos últimos, principalmente após as eleições de 2018 no Brasil. Ver também em: MONNERAT, Alessandra; SARTORI, Caio. Venda de livros de Olavo de Carvalho triplicam desde eleição. *O Globo*, 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/vendas-de-livros-de-olavo-de-carvalho-triplicam-desde-eleicao/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>16</sup> MIRANDA, op.cit., p.6.

<sup>17</sup> SALGUEIRO, Graça. *O Foro de São Paulo: a mais perigosa organização revolucionária das Américas*. São Paulo: Ol Editora, 2016

<sup>18</sup> ARAUJO, Paulo Henrique. *O mínimo sobre o Foro de São Paulo*. São Paulo: Editora O Mínimo, 2022.

Foro de São Paulo: A ascensão do comunismo latino-americano <sup>19</sup>	Olavo de Carvalho	2022	Vide Editorial
O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial <sup>20</sup>	Heitor de Paola	2022	Editora PHVOX
A guerra cultural do Foro de São Paulo <sup>21</sup>	Alejandro Peña Esclusa	2022	Alexandria Library Publishing House

Fonte: Elaboração própria

Em segundo lugar, a opção pelas postagens em redes sociais indica, de antemão, o vínculo da extrema direita com a internet – e, especialmente, com as redes sociais – e o impacto desta na forma de se fazer política na contemporaneidade. Em referência à Letícia Cesarino, em seu livro *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*, parte-se do pressuposto de que a atual infraestrutura midiático-digital apresenta preferências e/ou favorecimentos aos representantes desse espectro político e, conseqüentemente, à projeção das conspirações por eles disseminadas no cotidiano<sup>22</sup>.

Em recorte ao cenário brasileiro, esse processo é percebido pela ascensão de Bolsonaro e um conjunto de políticos, influenciadores e/ou formadores de opinião alinhados a ele na última década. Inclusive, em levantamentos recentes por diferentes agências de notícias nacionais, Bolsonaro lidera como o político mais seguido<sup>23</sup>, assim como deputados federais e senadores bolsonaristas foram mostrados como mais influentes no conjunto de redes sociais em circulação no país<sup>24</sup>. Logo, é de interesse do segundo capítulo investigar o papel desses perfis no fomento do discurso conspiratório sobre o FSP em perspectiva digital.

Entretanto, para uma melhor qualidade de resultados ao objetivo destacado, foi escolhida uma rede social em específico: o Twitter, que, após a aquisição de Elon Musk, passou a se chamar apenas X. Apesar de não ser o exemplo mais popular em vista da quantidade de

<sup>19</sup> CARVALHO, Olavo de. **Foro de São Paulo: A ascensão do comunismo latino-americano**. Campinas: Vide Editorial, 2022.

<sup>20</sup> PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. Campinas: Editora PHVOX, 2022.

<sup>21</sup> ESCLUSA, Alejandro Penã. **A guerra cultural do Foro de São Paulo**. Miami: Alexandria Library Publishing House, 2022.

<sup>22</sup> CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: Verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p.62.

<sup>23</sup> BOLSONARO tem 58 milhões de seguidores nas redes sociais; Lula, 24 milhões. **CNN**, 29 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-58-milhoes-de-seguidores-nas-redes-sociais-lula-24-milhoes/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>24</sup> LUCENA, André. Os deputados e senadores mais influentes nas redes sociais, segundo monitoramento. **CartaCapital**, 03 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/os-deputados-e-senadores-mais-influentes-nas-redes-sociais-segundo-monitoramento/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

usuários mundiais, a preferência por essa plataforma, em detrimento de suas concorrentes, se deu, em diálogo com Max Fisher, em seu livro *A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*, por se estabelecer como um espaço de comunicação virtual que, ao compartilhar uma mesma experiência para os seus usuários, impulsiona polêmicas, mentiras e boatos como problemas, artificialmente, sistêmicos<sup>25</sup>.

Em complemento, é preciso dizer que existem milhares de postagens no Twitter/X sobre o FSP, impossibilitando a verificação desse conjunto extenso de publicações e de usuários cujo crescimento é constante. Com isso, foi realizado um processo de busca avançada nessa rede social, a partir da pesquisa por palavra-chave do termo “Foro de São Paulo” – e suas variações e abreviações –, entre os anos de 2017 a 2022. Além disso, também foi medido o engajamento na plataforma, dando preferência para os *tweets*<sup>26</sup> e *threads*<sup>27</sup> de perfis bolsonaristas que, respectivamente, obtiveram maior alcance de reações dentro desse período – como curtidas e compartilhamentos/*retweets*<sup>28</sup> – e que possuem mais seguidores.

Nesse cenário, o acervo documental deste trabalho alcançou a marca de 38 postagens. Para fins didático-metodológicos, optou-se pela divisão dessas publicações em face da realidade política vigente no país. Assim, tais fontes foram organizadas, em intervalos de anos, da seguinte forma: 2017-2018; 2019; 2020; 2021; e 2022. Com isso, absorve-se tanto o período de transição política marcado pela presidência de Michel Temer quanto o governo de Bolsonaro, que, por ter sido completo, foi particularizado por cada ano de mandato.

Tabela 2 – Relação de *Tweets e Threads* bolsonaristas

Quantidade de <i>tweets</i>	Período	Presidente do Brasil
2	2017-2018	Michel Temer
18	2019	Jair Messias Bolsonaro
4	2020	
6	2021	

<sup>25</sup> FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. São Paulo: Todavia, 2023, p.157.

<sup>26</sup> O *tweet* é a denominação simbólica para uma mensagem veiculada no Twitter/X por um dado usuário. No início, era limitada em até 140 caracteres, sendo ampliada, a partir de 2017, para um limite de 280 caracteres sob diferentes formatos: textos, imagens, vídeos, GIFs, etc.

<sup>27</sup> Uma *thread* é um conjunto de *tweets* interdependentes que são publicados, em modo sequencial, dentro de uma mesma postagem por um perfil ou usuário no Twitter/X. Em tempos recentes, *threads* também se tornou uma rede social criada pela Meta – empresa detentora do Facebook e Whatsapp –, não tendo ligação com este trabalho quando mencionada tal terminologia.

<sup>28</sup> O *retweet* é o ato de um usuário replicar, em seu perfil, um *tweet* de outro usuário, configurandoum compartilhamento da mensagem propagada. Trata-se de um tipo de mensagem veiculada no Twitter/X que pode ser exibida em formato direto e/ou indireto.

8	2022	
---	------	--

Elaboração própria

Em terceiro lugar, mesmo com a dificuldade de enquadramento como fonte, a predileção por protestos de rua é interessante para este trabalho devido à sua incidência na recente conjuntura brasileira. Nas últimas décadas, é possível constatar a ocorrência dessas mobilizações populares a partir dos seguintes aspectos: considerados tanto de esquerda quanto de direita; em defesa ou em oposição ao governo vigente; numerosos ou esvaziados; e que partem de interesses e pautas diversas – individuais ou unificadas.

Apesar dessa abrangência, a realização de protestos políticos por parte de setores de direita – das moderadas às extremistas – não é um feito constante na história do país. Contudo, sob o recorte do século XXI, é perceptível a gradativa construção dessa prática como uma marca característica desses grupos. Em vista desse cenário, que não visa comparar ou diminuir a atuação das esquerdas no país, Luciana Tatagiba, Thiago Trindade e Ana Claudia Chaves Teixeira em *Protestos à direita no Brasil (2007-2015)* destacam que:

Em 2015, foi a primeira vez que organizações sem tradição de luta à esquerda convocaram, com êxito, mobilizações massivas de protesto após o restabelecimento da democracia. (...) O que os une, desde 2007, é a luta contra o PT e contra a corrupção, a partir de um discurso que associa os governos petistas ao mau uso da máquina pública<sup>29</sup>.

Acrescido a isso, sob o governo Bolsonaro, há um movimento de continuidade desses protestos, o que indica, para este trabalho, a consolidação destes como um símbolo de defesa e de sustentação da extrema direita brasileira no poder – mesmo que já legitimada pelas urnas. Nos últimos anos, por exemplo, houve a convocação e organização de diferentes manifestações bolsonaristas, desde “motociatas” à apropriação de datas comemorativas nacionais, como o 7 de setembro – dia da Independência do Brasil. Além de exemplares golpistas, após a confirmação de sua não reeleição em 2022, que culminou nos Ataques de 8 de Janeiro em Brasília no ano seguinte.

Por essa atual realidade política, o terceiro capítulo busca examinar a relação do discurso conspiratório sobre o FSP ao advento e à continuidade das manifestações de rua realizadas no país ao longo da última década, considerando a influência da extrema direita nacional. Nisso, não almejo cravar o FSP como a motivação fundamental para a eclosão dessas mobilizações

---

<sup>29</sup> TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. *Protestos à direita no Brasil (2007-2015)*. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p.197-198.

populares, mas que, em hipótese de pesquisa, contribui para o fomento destas que, por consequência, desmantela a legitimidade e o funcionamento da democracia brasileira.

Nesse sentido, a escolha pelos livros, *tweets*, *threads* e protestos são instrumentos discursivos que fornecem possibilidades de leitura sobre a construção de uma versão alternativa do FSP. Além disso, constituem exemplos da comunicação política que proporcionou a eclosão e ascensão bolsolavista na recente conjuntura nacional. Contudo, há outro elemento que reforça não somente esse vínculo, mas também o percurso para a popularização deste: a internet. Esta como um suporte que, em face de sua infraestrutura digital, potencializou e transformou o conspiracionismo em uma tática política viável para sanar os anseios e medos dos brasileiros.

O interesse por componentes de uma conspiração desse porte, considerando as fontes escolhidas, os episódios corridos e os personagens envolvidos, aproxima este trabalho das proposições e reflexões da História Digital. Além de ser um exemplo concreto, em conexão com Anita Lucchesi em sua dissertação *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)*, da incorporação do ambiente digital como um novo espaço, campo e/ou um lugar de pesquisa histórica, promovendo novas e/ou renovadas dinâmicas ao ofício do historiador<sup>30</sup>.

Em razão disso, as intenções e os objetivos de investigação e de análise deste trabalho se debruçam sobre uma realidade em que a comunicação, a informação e a interatividade estão manifestadas, acessadas e acumuladas na internet. A guinada da extrema direita na política nacional, como também a aliança bolsolavista para retratar um outro FSP, são frutos disso. Portanto, em diálogo com Roy Rosenzweig, em seu livro *Clio conectada: o futuro do passado na era digital*, trata-se de uma tentativa de usufruir desse potencial digital existente e “capturar documentos, mensagens, imagens, áudio e vídeo, antes que sejam deletados, para que nossos descendentes possam compreender a maneira como estamos vivendo”<sup>31</sup>.

Em adendo a isso, há o interesse de se aprofundar nas redes sociais, como o Twitter/X, pela compreensão de ser um ambiente idealmente construído e escolhido para a profusão de conspirações, como o caso do outro FSP, a projetos de poder extremistas e autoritários identificados no Brasil da última década. Em concordância com Bruno Leal Pastor de Carvalho, no artigo *Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online*,

---

<sup>30</sup> LUCCHESI, Anita. **Digital History e Storiografia Digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). 2014. 188f. Dissertação de Mestrado em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014, p.47-48.

<sup>31</sup> ROSENZWEIG, Roy. **Clio conectada**: o futuro do passado na era digital. Tradução de Luis Reyes Gil. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022, p.226.

as redes sociais podem ser consideradas um “documento virtual” privilegiado para a formação tanto de mobilização quanto de opinião pública<sup>32</sup>.

Por esse alcance estimado, é preciso esclarecer que o trato com esse tipo de documentação apresenta facilidades e, simultaneamente, desafios. Em retorno ao trabalho já mencionado de Lucchesi, são expressos, como vantagens, os seguintes atributos relacionados aos arquivos digitais: disponibilidade, acessibilidade, manipulação, reprodutibilidade e armazenamento<sup>33</sup>. Esses atributos, em consideração direta aos *tweets* e *threads* bolsonaristas e aos livros olavistas – também comercializados em versões *e-book* – selecionados, assim como em influência indireta aos recentes protestos políticos mencionados, elucidam a nova – e dinâmica – tendência do trabalho historiográfico.

Por outro lado, a abundância de recursos provenientes desses arquivos também acarreta e atualiza dilemas corriqueiros para o historiador quanto à seleção, crítica e conservação dos materiais e vestígios a serem trabalhados. Nesse quesito, em outro escrito de Lucchesi, intitulado *Histórias no Ciberespaço: Viagens sem Mapas, sem Referências e sem Paradeiros no Território Incógnito da Web*, é pontuado que programas, sites, plataformas e/ou aplicativos estão suscetíveis a instabilidades, alterações e até mesmo exclusões na internet<sup>34</sup>. Assim, um indício não somente das desvantagens presentes no trato de arquivos digitais, mas também da necessidade de se formularem critérios e justificativas para preservá-los.

Um enfrentamento dessas questões esteve presente durante o desenvolvimento desta dissertação. Os processos de escolha e de análise de fontes exclusivamente digitais, como o caso das postagens bolsonaristas no Twitter/X, caso não compiladas de maneira prévia, seriam inviabilizados diante da suspensão da rede social pelo Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro entre os meses de agosto e outubro de 2024<sup>35</sup>. Além disso, em semelhante contexto, perfis também foram suspensos e/ou retidos por essa corte nos últimos anos, sendo, inclusive, contas no Twitter/X selecionadas para exemplificar a conspiração contra o FSP.

---

<sup>32</sup> LEAL PASTOR DE CARVALHO, Bruno. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2014, p.173-174.

<sup>33</sup> LUCCHESI, op.cit., p.152-153.

<sup>34</sup> LUCCHESI, Anita. *Histórias no Ciberespaço: Viagens sem Mapas, sem Referências e sem Paradeiros no Território Incógnito da Web*. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], n. 06, 2014., p.12.

<sup>35</sup> A decisão de suspensão do X/Twitter foi motivada por uma retaliação da própria plataforma que, ao ser multada pelo descumprimento de bloqueio de mensagens e de perfis de políticos e investigados brasileiros na plataforma, desvinculou-se do país. Com a ausência de uma representação oficial, o STF determinou a suspensão da rede social no Brasil, sendo mantida por 40 dias. Os episódios dessa trama podem ser conferidos em reportagem de André Richter no portal Agência Brasil: RICHTER, André. *Liberação do X: confirma a cronologia da suspensão da rede social*. **Agência Brasil**, 09 out. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-10/liberacao-do-x-confirma-cronologia-da-suspensao-da-rede-social>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

Esse exemplo envolvendo acontecimentos recentes da relação do Twitter/X com a política nacional, juntamente com o interesse de explorar os *tweets* e *threads* bolsonaristas na plataforma – e também dos livros olavistas já mencionados –, é relevante por condicionar, no desenvolvimento de um outro FSP, o discurso como ação. Desse modo, explora-se tanto a transição do discurso para a ação quanto a coexistência entre eles em meio à ascensão de um projeto de poder cancelado, entre protestos e eleições, pelos brasileiros na última década.

Em razão disso, a metodologia de análise escolhida para essas fontes recai em torno da teoria dos atos de fala de John Langshaw Austin, presente em seu livro *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Em apresentação dessa obra, Danilo Marcondes de Souza Filho destaca que “o ponto central da concepção de Austin e sua principal contribuição à filosofia da linguagem parece-me ser a ideia de que a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade”<sup>36</sup>. Em palavras do próprio autor, resgatadas por Filho em obra secundária, esse entendimento é praticado:

quando examinamos o que se deve dizer e quando se deve fazê-lo, que palavras devemos usar em determinadas situações, não estamos examinando simplesmente palavras (ou seus "significados" ou seja lá o que isto for) mas sobretudo a realidade sobre a qual falamos ao usar estas palavras – usamos uma consciência mais aguçada das palavras para aguçar nossa percepção (...) dos fenômenos<sup>37</sup>.

Com essa concepção, Austin distinguiu os atos de fala em três modalidades: locucionários, ilocucionários e perlocucionários. O primeiro é estabelecido como qualquer sentença proferida com sentido e referência, logo, com significado por um dado falante. Em sequência, o segundo se refere aos discursos que indicam ou projetam uma ação ao serem ditos – o que pode ser exemplificado como avisos, informações, ordens, prevenções e compromissos. Por último, o terceiro é caracterizado por enunciados definidos como produtos daquilo que foi dito, isto é, por causar efeitos aos interlocutores de quem fala, sendo associado ao convencimento, persuasão, surpresa e impedimento<sup>38</sup>.

Para um melhor entendimento acerca dos atos ilocucionários e perlocucionários, Judith Butler, em seu livro *Discurso de ódio: uma política do performativo*, diferencia-os em diálogo com a perspectiva austiniana:

Os atos de fala ilocucionários produzem efeitos. Eles se apoiam, segundo Austin, em convenções linguísticas e sociais. Os atos perlocucionários, por outro lado, são aqueles enunciados que produzem uma série de consequências: em um ato de fala perlocucionário, “dizer alguma coisa produzirá certas consequências”, mas o que foi

<sup>36</sup> AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p.11.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p.10.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p.95-96.

dito e suas consequências são temporalmente distintos; essas consequências não equivalem ao ato de fala, mas são, ao contrário, “o que nós produzimos ou obtemos ao dizer algo”<sup>39</sup>.

Em virtude disso, as fontes a serem analisadas neste trabalho serão enquadradas como atos de fala ilocucionários e perlocucionários. No caso dos livros olavistas e das postagens no Twitter/X, compreendo as intenções imediatas e antagônicas sobre FSP e sua possível vinculação com a recente conjuntura política nacional e regional. Além desse entendimento, projeta-se também, diante da eclosão de manifestações políticas realizados no Brasil, a conspiração bolsolavista em torno de um outro FSP, como um dos reflexos ideológicos que proporcionou não somente a midiatização digital dessa organização, mas também contribuiu para a popularização e crescimento da extrema direita no país.

Acrescido a isso, a metodologia de análise dessas fontes também se aproxima das operações gerais da ideologia propostas por John Brookshire Thompson, em seu livro *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Nisso, aliam-se os interesses deste trabalho aos objetivos do autor de “repensar a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento dos meios de comunicação”<sup>40</sup> por meio da multifacetada atuação e produção de bolsolavistas na última década.

Em alinhamento à preocupação austriana sobre a influência da realidade na linguagem e no discurso, Thompson se interessa por investigar os usos sociais do que denominou de “formas simbólicas de cultura”, tornando o contexto em que são produzidas, transmitidas e recebidas como parte fundamental para o processo de análise destas<sup>41</sup>. Nesta dissertação, esse exercício presente na obra de Thompson passa a ser equiparado no exame das fontes elegidas e sua relação com os (des)caminhos da política nacional – e regional – na contemporaneidade.

Ademais, a investigação desse autor envolve a proposição de cinco operações gerais da ideologia, sendo elas: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação – em que em cada uma é disposto um conjunto de estratégias discursivas<sup>42</sup>. Para melhor visualização, segue uma tabela elaborada por Maria Aparecida Resende Ottoni e Monithelli Aparecida

---

<sup>39</sup> BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021, p.23-24.

<sup>40</sup> THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011, p.11

<sup>41</sup> Ibid., p.16-18.

<sup>42</sup> Ibid., p.80.

Estevão de Moura, no artigo *A representação da indisciplina escolar em revistas brasileiras: uma análise discursiva crítica*<sup>43</sup>, que dispõe desse esquema elaborado por Thompson:

Tabela 3 – Modos de Operação de Ideologia de Thompson

Modos de operação da ideologia	Estratégias típicas de construção simbólica
<b>LEGITIMAÇÃO</b> Relações de dominação são representadas como legítimas	<b>RACIONALIZAÇÃO</b> (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	<b>UNIVERSALIZAÇÃO</b> (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	<b>NARRATIVIZAÇÃO</b> (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
<b>DISSIMULAÇÃO</b> Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	<b>DESLOCAMENTO</b> (deslocamento contextual de termos e expressões)
	<b>EUFEMIZAÇÃO</b> (valoração positiva de instituições, ações, relações)
	<b>TROPO</b> (sinédoque, metonímia, metáfora)
<b>UNIFICAÇÃO</b> Construção simbólica de identidade coletiva	<b>PADRONIZAÇÃO</b> (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	<b>SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE</b> (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
<b>FRAGMENTAÇÃO</b> Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	<b>DIFERENCIAÇÃO</b> (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	<b>EXPURGO DO OUTRO</b> (construção simbólica de um inimigo)
<b>REIFICAÇÃO</b>	<b>NATURALIZAÇÃO</b> (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)

<sup>43</sup> OTTONI, Maria Aparecida Resende.; MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. A representação da indisciplina escolar em revistas brasileiras: uma análise discursiva crítica. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, vol. 12, n. 2, 2014.

Retratção de uma situação transitória como permanente e natural	<b>ETERNALIZAÇÃO</b> (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	<b>NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO</b> (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações)

Fonte: OTTONI & MOURA, 2014.

Dentre esse conjunto de possibilidades, a relação do conspiracionismo político com as fontes bolsolavistas sobre o FSP abarca, com a exceção da dissimulação, os demais modos de operação ideológica elaborados por Thompson. Assim, há a compreensão de que essa organização se transformou em um dos “bodes expiatórios” existentes para se explicar, em um atual cenário de polarização política e ideológica entre esquerdas e direitas no Brasil e na América Latina, o avanço do extremismo e seu respectivo projeto de poder.

Em suma, o intuito deste trabalho, admitidas as frentes, os símbolos e os focos de análise, perpassa por deliberar o atual poderio de uma conspiração, como discurso e ação, a partir de sua diversificada instrumentalização e repercussão midiática para os rumos de uma região e/ou um país. A escolha pelo FSP e sua relação com a extrema direita bolsolavista, para além do vínculo com a história recente da América Latina e do Brasil, elucida o potencial das vontades e dos interesses comungados tanto por ideologia quanto por conveniência política em transformar uma suposição em um presente autoritário e destrutivo.

## 1. A INVENÇÃO DO OUTRO FSP

No livro-homenagem *Foro de São Paulo: A ascensão do comunismo latino-americano*, um projeto de Carlos Felice e Evandro Santos de Albuquerque – dois alunos-seguidores de Carvalho –, há a reunião de um apanhado de escritos deste ao longo, sobretudo, do final do século XX e início do século XXI<sup>44</sup>. Portanto, trata-se de uma obra que testemunha as teorias e ideias de Carvalho, mas que, diferentemente de outras produções suas, define um alvo explícito no próprio título: o FSP.

A escolha pela organização, de acordo com o prefácio de Silvio Grimaldo<sup>45</sup>, estabelece a posição de Carvalho em relação ao FSP: um “acerto de contas”. Nesse sentido, para além de um viés de denúncia à suposta periculosidade da organização para o Brasil e para a América Latina como um todo, Carvalho culpabiliza essa organização como um dos motivos de maior crise em sua carreira pública, em que ele “fora perseguido, ridicularizado, demitido, ameaçado de morte e finalmente decidira deixar o Brasil”<sup>46</sup>.

Sob essa breve apresentação, o passo seguinte ao leitor curioso pela obra – e eu me coloco também nessa posição – é encontrar uma definição sobre o FSP. Afinal, está no título, logo, presume-se como o elemento mais importante a ser esclarecido e discutido durante o livro. Sem mais cerimônias, adianto-lhes o seguinte trecho:

O governo secreto. Reunindo os partidos legais de esquerda com organizações terroristas e quadrilhas de narcotraficantes de todos os países da América Latina, o Foro de São Paulo é a organização política mais poderosa que já existiu no continente. Ao longo da história latino-americana, nenhuma outra entidade jamais congregou tantos líderes, chefes de Estado, *capomafiosi* e comandantes guerrilheiros num esforço comum de tomada do poder em escala continental<sup>47</sup>.

Nesse curto parágrafo, são expostas pelas palavras de Carvalho as seguintes associações à organização latino-americana: secreta; criminosa – representada por terrorismo, guerrilhas, máfia e narcotráfico; política; e poderosa. Além de superestimá-la como um grupo e/ou uma

---

<sup>44</sup> Um projeto que se iniciou em 2016, mas que apenas foi concluído e publicizado entre os anos de 2021 e 2022, reunindo grande parte do material documentado por Carvalho sobre o FSP e outros temas correlatos – desde movimentos revolucionários à Nova Ordem Mundial. O livro apresenta textos publicados por Carvalho desde 1999 até 2014 em diferentes portais de notícias, tais como Digesto Econômico, Diário do Comércio, Zero Hora, O Globo, Jornal do Brasil, Jornal Inconfidência, República, Época, Jornal da Tarde e Folha de São Paulo, além do seu site-blog MSM. Ver também em: CARVALHO, 2022, p.14-16.

<sup>45</sup> Silvio Grimaldo foi um dos principais parceiros de Carvalho, sendo apontado como um administrador dos seus negócios – como os cursos e livros publicados – a partir de meados dos anos 2000 e durante os anos 2010 e 2020. Além disso, em tempos atuais, de acordo com o seu perfil no LinkedIn, Grimaldo é diretor-executivo do jornal Brasil sem Medo – uma mídia atrelada aos ideais e ao recente crescimento político da extrema-direita brasileira – e editor-chefe da Vide Editorial – editora com publicações recentes de obras produzidas por Carvalho e, nominalmente, citadas e analisadas neste trabalho.

<sup>46</sup> CARVALHO, 2022, p.16.

<sup>47</sup> Ibid., p.244.

entidade que pode ser considerada única, protagonista e jamais vista na história da América Latina. Assim, um patamar que nem os mais otimistas e fiéis integrantes do FSP acreditariam e apresentariam em suas reuniões internas e/ou declarações públicas.

Mas, mais do que isso, o referido excerto apresenta as bases e referências ideológicas, assim como a transmissão de discurso utilizada por Carvalho – e também por seus discípulos que também publicaram livros focalizados no FSP – na construção de uma versão alternativa dessa organização. Trata-se de um conjunto de elementos que, em diálogo com noções que vão do globalismo ao marxismo cultural – a serem discorridos em sequência –, edifica a existência de uma argumentação que, apesar de não ser inédita, é assertiva ao ponto de a invenção olavista ter o potencial de ser confundida com a real e/ou oficial versão sobre o FSP.

Concomitante a isso, a proposta conspiratória sobre essa organização, estabelecida de modo cooperativo e colaborativo por Carvalho e seus alunos-seguidores, também apresenta tanto a afinidade quanto a finalidade políticas destes em vista da recente conjuntura latino-americana impactada pelo crescimento e pela consolidação da extrema direita. Aliás, o período de publicação dos livros, entre os anos de 2016 e de 2022, indica e/ou revela, sob o aporte de um conteúdo radical e autoritário sobre o FSP, a mensagem que o olavismo cultiva e aspira para o presente e futuro da região – com destaque para o Brasil.

### 1.1 As bases e referências ideológicas do olavismo

A centralização em Carvalho não é uma escolha aleatória para este trabalho. De mesmo modo, a alcunha popularizada em torno de seu primeiro nome – olavismo – e a incidência de pessoas que nela se apropriam – olavistas – não são obras do acaso. Pelo contrário, manifestam a influência e até mesmo o protagonismo de Carvalho em detrimento de outros sujeitos possíveis. Inclusive, a existência desse cenário é descrita por João Cezar de Castro Rocha, no livro *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*, ao destacar a missão de vida de Carvalho ao longo de sua trajetória pública: “contestar a hegemonia cultural da esquerda no plano da cultura”<sup>48</sup>.

Em resgate a essa atuação, a primeira percepção e reconhecimento de Carvalho estão atrelados aos seus livros publicados na década de 1990 que, de acordo com Gilberto Calil, no artigo *Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema direita*, “o projetaram como intelectual conservador”<sup>49</sup>. Em destaque, são citadas as obras *A nova era e a Revolução Cultural: Fritjof*

<sup>48</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021, p.46.

<sup>49</sup> CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema direita. **Argum.**, Vitória, v. 13, n. 2, 2021, p.5.

*Capra*<sup>50</sup> e Antonio Gramsci, de 1994; *O Jardim das Aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil*<sup>51</sup>, de 1995; e *O imbecil coletivo: atualidades intelectuais brasileiras*<sup>52</sup>, de 1996.

Além dos livros, Lucas Patschiki, em sua dissertação de mestrado *Os litorais da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)*, reforça, a partir de um comentário de Carlos Nelson Coutinho, que Carvalho “surgiu com enorme respaldo dos meios de comunicação, um intelectual de extrema-direita, de uma agressividade completa contra o marxismo”<sup>53</sup>. A exemplificação disso pode ser medida a partir do histórico de vínculos de Carvalho em diferentes jornais, revistas e editoras brasileiras nas últimas décadas:

Até 2001: diretor do Seminário de Filosofia na UniverCidade; de 1998 até 1999: diretor de texto para a Biblioteca do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001: editor de publicação da série Biblioteca de Filosofia da editora Record; de 1999 até 2001: diretor da editora da UniverCidade; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal O Globo; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal Zero Hora; de 2002 até 2005: palestrante em Ética e Filosofia Política na Pós-Graduação em Administração Pública da PUC Paraná; de 2005 até os dias de hoje: colunista semanal dos jornais Diário do Comércio e Jornal do Brasil<sup>54</sup>.

Paralelo a essas ocupações, Patschiki também menciona as criações de Carvalho durante semelhante período, exemplificadas nos lançamentos de um site próprio, em 1998, e do Instituto Brasileiro de Humanidades, em 2001. Mas, mais contundente foi a fundação do site-blog *Mídia Sem Máscara (MSM)*, em 2002, momento em que “Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno de si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente à direita fascistizante”<sup>55</sup>.

Em sequência, a mudança de Carvalho para os EUA em 2005, em decorrência de demissão na maioria dos veículos de imprensa nacionais aos quais estivera ligado, possibilitou a criação de novos formatos e/ou instrumentos de comunicação, sendo destacado por Patschiki o programa de rádio *True Outspcak*, inaugurado em 2006, e a fundação *The Inter-American Institute for Philosophy, Government, and Social Thought*, estabelecida em 2010<sup>56</sup>. Em ambos os casos, o ideário de Carvalho, como aponta Calil, foi endereçado à propagação de suas teorias

<sup>50</sup> Em referência para conhecimento, segue a mais recente: CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

<sup>51</sup> Em referência para conhecimento, segue a edição mais recente: CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições**. 3. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

<sup>52</sup> Em referência para conhecimento, segue a edição mais recente: CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo**: Atualidades Inculturais Brasileiras. 1. ed. Campinas: Vide Editorial, 2021.

<sup>53</sup> PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia**: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). (Dissertação de Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon-PR, Unioeste, 2012, p.36.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p.42-43.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p.46.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p.51.

e concepções de mundo, como também à aproximação de lideranças de extrema direita dos EUA – casos de Justice Tom Parker e Paul Gottfried – e da América Latina – exemplificados por Roberto Micheletti, Alejandro Peña-Esclusa<sup>57</sup>.

Ademais, apesar de não ser uma criação própria ou direta, tanto Patschiki quanto Calil destacam a fundação do Instituto Olavo de Carvalho (IOC), criado em 2009 por seus alunos-seguidores. Um espaço que, desde essa data, mantém ativo um programa de orientação de estudos filosóficos, sendo o mais destacado, na visão de Calil, o Curso Online de Filosofia (COF) que era ministrado por Carvalho até o momento de seu adoecimento e falecimento<sup>58</sup>. Além disso, de acordo com Patschiki, o “IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais, possíveis quadros para o MSM”<sup>59</sup>.

Passada essa breve contextualização da trajetória/biografia de Carvalho, seguimos para o próximo passo: as bases e referências ideológicas de Carvalho que fundamentam, conseqüentemente, a existência do olavismo e de olavistas em escala nacional e latino-americana. De acordo com Patschiki, um elemento que acentua o intercâmbio de Carvalho nas últimas décadas, saindo da filosofia para se concentrar na política. Esse movimento possibilitou o diálogo com teorias e concepções de mundo advindas de “intelectuais e acadêmicos (brasileiros e estrangeiros) que, se são pouco visíveis em publicações de circulação nacional, menos ainda são criticados de maneira incisiva”<sup>60</sup> pelo grande público, sendo um trunfo estratégico para particularizar e popularizar o olavismo no Brasil.

Em primeiro lugar, o principal envolvimento de Carvalho a ser considerado por este trabalho é o Tradicionalismo. Este, um componente ideológico que, como aponta Benjamin Raphael Teitelbaum em *Guerra pela eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, pode ser compreendido como “uma escola espiritual e filosófica alternativa, com um grupo eclético, ainda que minúsculo, de seguidores, ao longo dos últimos cem anos”<sup>61</sup>. Dentro desse núcleo de seguidores, insere-se Carvalho e demais olavistas do Brasil.

Indo além, Teitelbaum reforça que o Tradicionalismo e, conseqüentemente, os Tradicionalistas são demarcados pelo que rejeitam e pelo que aceitam e defendem como pautas

---

<sup>57</sup> CALIL, op.cit., p.8.

<sup>58</sup> Ibid., p.9.

<sup>59</sup> PATSCHIKI, op. cit., p.58.

<sup>60</sup> Ibid., p.66.

<sup>61</sup> TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p.29.

e/ou bandeiras políticas. Em razão desse propósito negativo, podem ser considerados inimigos da modernidade, sendo esta entendida “tanto como um método de organização da vida social quanto como um período de tempo”<sup>62</sup> europeizados e/ou ocidentalizados a partir de 1800. Assim, uma visão de mundo que visa desprezar a constituição e o legado da razão e da literalidade do cotidiano, ao mesmo tempo em que privilegia, do mesmo modo, as emoções, os espíritos e o sobrenatural.

Diante dessa concepção, Jorge Chaloub, em *Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho*, vai além ao destacar o caráter reacionário admitido e difundido no Tradicionalismo – em destaque para a lente e/ou o viés olavista desse fenômeno:

Não se trata de um pensamento marcado pela retórica da ordem presente, mesmo que construída a partir de um passado imaginário, mas sim de uma tradição que, ao contrapor um diagnóstico apocalíptico do contemporâneo a uma utopia perdida de ordem, construída por meio de um passado imaginado, justifica uma postura de ruptura radical perante o presente<sup>63</sup>.

Em outro texto, *A América Latina como outro: um discurso da direita brasileira*<sup>64</sup>, Chaloub destaca que o Tradicionalismo olavista percorre um caminho semelhante ao que é desenvolvido por outros personagens do que chamou de “ultradireita global contemporânea”, exemplificado em Steve Bannon<sup>65</sup> e Alexandr Dugin<sup>66</sup>. Além de, no caso dos três autores, estarem alinhados – entre citações explícitas a improvisos e/ou reinterpretações de seus livros

---

<sup>62</sup> Ibid., p.32-33.

<sup>63</sup> CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **DoisPontos**, Curitiba, v.19, n.2, 2023, p.84.

<sup>64</sup> CHALOUB, Jorge. A América Latina como outro: um discurso da direita brasileira. **Revista Agenda Política**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022.

<sup>65</sup> Steve Bannon é reconhecido, especialmente, pelo seu vínculo com a trajetória política de Donald Trump nos EUA durante as últimas décadas. No artigo *Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon*, escrito por Jeffrey Charles Alexander, é destacado que Bannon se tornou um conselheiro informal de Trump a partir de 2011, sendo lançado à direção da campanha presidencial do extremista em 2016, transformando uma projeção de derrota em uma performance eleitoral vitoriosa, o que o levou a integrar o governo em 2017 como estrategista chefe da presidência. Um ano e meio depois, houve uma saída conturbada e polêmica de Bannon do governo de Trump, mas sem envolver rompimento da parceria entre os dois. Na atualidade, Bannon pode ser considerado um dos principais expoentes intelectuais e midiáticos da direita alternativa nos EUA. Ver mais detalhes em: ALEXANDER, Jeffrey Charles. *Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon*. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, 2018.

<sup>66</sup> Alexandre Dugin, no livro publicado em 2012 em parceria com Carvalho, é apresentado como um intelectual nacionalista russo, dissidente do regime soviético na década de 1980, cujas ideias foram influenciadas pela Nova Direita europeia nos anos 1990. Além disso, é relatado que Dugin é líder do Movimento Eurasiano Internacional e diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou. Ver também em: CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. *Os EUA e a Nova Ordem Mundial*. Tradução de Giuliano Moraes. Campinas, SP:VIDE Editorial, 2012.

e discussões públicas – aos pioneiros Tradicionalistas René Guénon<sup>67</sup> e Julius Evola<sup>68</sup>, mencionados tanto por Chaloub quanto por Teitelbaum em suas produções<sup>69</sup>.

Mas o enfoque deste trabalho se desdobra na concepção olavista sobre o Tradicionalismo. Com isso, Carvalho é considerado um Tradicionalista que é partidário em resgatar a superioridade do Ocidente sob o protagonismo do antissecularismo que, em contrapartida ao legado iluminista, proporcionaria relevância às religiões – em especial, ao cristianismo – na esfera pública. No entanto, como aborda Chaloub, Carvalho apresenta uma ponderação em relação às mudanças atuais produzidas pela modernidade: o capitalismo<sup>70</sup>. Nesse ponto, Chaloub reforça a tendência de associar Carvalho ao liberalismo econômico, visto que, para o autointitulado filósofo, “o capitalismo e as doutrinas a ele simpáticas surgem por vezes como um fato inevitável do mundo contemporâneo”<sup>71</sup>.

A aparente defesa capitalista de Carvalho, na visão de Chaloub, comprova o reacionarismo em sua cosmovisão. Trata-se de uma resposta momentânea para confrontar as esquerdas e a opção pelo socialismo, consideradas inferiores e com a necessidade de serem combatidas na atualidade, sendo a solução liberal um caminho positivo para a produção de riquezas e para a garantia de liberdades em um curto prazo. Assim, em projeções de longo prazo, Carvalho apresentou, ao longo de suas produções, críticas e preocupações com ambos os sistemas socioeconômicos, visto que, para ele, tanto capitalismo quanto socialismo e/ou comunismo seriam incapazes de envolver a dimensão da espiritualidade em seus regimes<sup>72</sup>.

---

<sup>67</sup> René Guénon é um pensador e escritor francês que, ao longo de sua trajetória, demonstrou interesse pelo ocultismo e, posteriormente, pelo esoterismo de religiões tradicionais, transitando do catolicismo ao islamismo. Para além do âmbito religioso, Guénon também é conhecido por ser bastante crítico da modernidade implementada entre os séculos XIX e XX, sendo antagônico à intelectualidade ocidental pautada no racionalismo, cientificismo e no que ele avaliou como “progressismo”. No Brasil, o principal divulgador de suas ideias e produções foi justamente Olavo de Carvalho, seguindo as relações destes com o Tradicionalismo em nível mundial. Ver também em: SALVI, Rafael. “Guru” de Olavo de Carvalho, René Guénon rejeitava radicalmente a modernidade. **Gazeta do Povo**, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/guru-de-olavo-de-carvalho-rene-guenon-rejeitava-radicalmente-a-modernidade/>>. Acesso em: 08 jan. 2026.

<sup>68</sup> Em semelhança à Guénon, Julius Evola também pode ser apresentado como um pensador e escritor, mas, oriundo da Itália, desenvolveu sua hostilidade à modernidade em vista de sua participação na Primeira Guerra Mundial, sendo interessado no envolvimento espiritual com a política em sua contemporaneidade. Com o tempo, suas produções potencializadas por vieses fascistas e/ou antidemocráticas, até então “esquecidas”, ganharam novos contornos a partir da leitura de alas da direita radical em exercício no século XXI, com destaque para Steve Bannon nos EUA. Ver também em: JONES, Morgan. Como Julius Evola se tornou o fascista favorito da Internet. **Jacobin Brasil**, 10 jan. 2024. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2024/01/como-julius-evola-se-tornou-o-fascista-favorito-da-internet/>>. Acesso em: 08 jan. 2026.

<sup>69</sup> CHALOUB, 2022, p.179.

<sup>70</sup> Ibid., p.182.

<sup>71</sup> CHALOUB, 2023, p.86.

<sup>72</sup> Ibid., p.87.

Uma amostra disso também é relatada nos artigos *A guerra cultural neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo*, de Francisco Thiago Rocha Vasconcelos<sup>73</sup>, e *O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional*, escrito por Natália dos Reis Cruz<sup>74</sup>. Em ambos os textos, a partir do diálogo com o livro – já mencionado anteriormente – de Carvalho em parceria com Alexandr Dugin, os autores exploram o viés olavista do Tradicionalismo em plano geopolítico.

Nesse sentido, Vasconcelos e Cruz destacam um outro importante conceito investido por Carvalho – e pelos olavistas – para interpretar a realidade contemporânea: o globalismo. Em definição de Cruz, trata-se de uma denominação pautada na “imposição de políticas e valores universalistas às nações e culturas por instituições globais, ameaçando as tradições nacionais”<sup>75</sup>. Em termos concretos, o globalismo exposto por Carvalho é proposto na disputa entre três projetos de dominação global na contemporaneidade: o russo-chinês, o ocidental e o islâmico”<sup>76</sup>. O detalhamento de cada um é destacado por Teitelbaum:

A aliança Rússia-China era a única força propriamente geopolítica, olhando para o mundo em termos de Estados-nação amigos ou inimigos, sendo impulsionada, sobretudo, por agentes do setor militar e de segurança. As finanças ocidentais eram administradas por banqueiros e comerciantes que não obedeciam a nenhum Estado-nação ou princípio religioso, esforçando-se, apenas, para maximizar eficiência e lucros. A estrutura de poder islâmico, por outro lado, era essencialmente teocrática – invocando autoridade não militar, mas religiosa –, portanto, com ambições espirituais<sup>77</sup>.

Diante das três possibilidades supracitadas, em diálogo com o texto de Chaloub, há a existência de um agente hegemônico, formado por organizações filantrópicas internacionais, empenhado na instauração de ditaduras socialistas em diferentes partes do mundo<sup>78</sup>. No texto de Vasconcelos, ao retratar os escritos de Carvalho, são exemplificadas instituições – como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e até mesmo o Fundo Monetário Internacional (FMI) – que são parceiras desse amplo projeto. Sob a ótica olavista, essas instituições trabalham para o colapso do imaginário, da cultura e das tradições judaico-cristãs existentes, sobretudo, em regiões e países ocidentais<sup>79</sup>.

<sup>73</sup> VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A “guerra cultural” neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. **Revista História – UEG**, Morrinhos, v.10, n.2, 2021.

<sup>74</sup> CRUZ, Natália dos Reis. O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.15, n.39, 2023.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p.11.

<sup>76</sup> CARVALHO; DUGIN, *op.cit.*, p.33.

<sup>77</sup> TEITELBAUM, *op.cit.*, p.264.

<sup>78</sup> CHALOUB, 2022, p.178.

<sup>79</sup> VASCONCELOS, *op.cit.*, p.12.

Desse modo, o envolvimento dessa estrutura discursiva com o tema desta dissertação se refere ao impacto do Tradicionalismo e do globalismo, sob a ótica do olavismo, no continente americano. Em razão disso, Teitelbaum discorre que, sob essa interpretação manifestada por Carvalho, a América – ou EUA em uma lógica imperialista – seria o principal alvo dessa ameaça conspiratória. Assim, apesar de apresentados três projetos geopolíticos globalistas supostamente concorrentes, Carvalho atribui a eles um objetivo comum: a destruição da soberania e dos poderes econômico, político e militar dos EUA<sup>80</sup>.

A menção aos EUA não é um mero exemplo ilustrativo. Em retomada à biografia de Carvalho, a mudança para o país, em meados dos anos 2000, pode ser inferida não somente como uma solução frente à suposta perseguição e até mesmo censura política no Brasil, mas também como uma confirmação de seu apreço pela nação estadunidense. Em outras palavras, infiro que é possível até mesmo identificar um “patriotismo estrangeiro” em relação ao fascínio de Carvalho pelos EUA.

Em novo diálogo com um dos textos de Chaloub, é exposto que Carvalho idealiza os EUA como um país com “uma sociedade com forte traços comunitários, grande generosidade e um peculiar arranjo capaz de conciliar liberdade individual a um sentimento de solidariedade ante o próximo”<sup>81</sup>. Logo, uma vítima “de um processo de infiltração globalista de comunistas, representados não apenas pelos grandes bilionários, mas por políticos de ‘esquerda’, como o ex-presidente Obama”<sup>82</sup>. Por isso, Carvalho conjectura o resgate reacionário e conservador de uma “verdadeira” América em declínio e/ou em esquecimento.

Por outro lado, a atenção olavista não é restrita ao futuro de uma grande potência como os EUA. Carvalho, apesar do descontentamento com a sua terra natal, é brasileiro e, como pontuado no início deste capítulo, possui um acerto de contas a ser resolvido com o FSP e seus planos de integração da região latino-americana – o que inclui o seu país. Em vista disso, as conjunturas políticas do Brasil e da América Latina no século XXI estão – ou passam a ser – atreladas aos planos globalistas destacados por Carvalho e olavistas.

Em relação a isso, há a presença de um outro termo que, associado ao globalismo olavista, determina a preocupação de Carvalho e de seus alunos-seguidores com os rumos políticos trilhados por diferentes países latino-americanos na atualidade: o gramscismo. Por definição, em diálogo com Lincoln Secco, em seu texto *Gramscismo: uma ideologia*

---

<sup>80</sup> Ibid., p.265.

<sup>81</sup> CHALOUB, 2022, p.180.

<sup>82</sup> Ibid., p.180.

*da extrema-direita*<sup>83</sup>, trata-se de posições e/ou manifestações contrárias ao pensamento e às produções de Antônio Gramsci e sua suposta influência na propagação revolucionária do comunismo pelo mundo – com destaque para a América Latina – a partir do crescimento e da consolidação de uma hegemonia das esquerdas nos planos da cultura e da intelectualidade ao longo dos séculos XX e XXI.

Sob esse legado, Daniela Mussi e Álvaro Bianchi, em artigo *Os inimigos de Gramsci*, ressaltam que, desde a década de 1980, em países como Inglaterra, França, EUA e Argentina, o gramscismo é debatido e, principalmente, combatido por setores conservadores e de direita. No Brasil, em década posterior, essa tendência foi capitaneada por Carvalho, que tratou de “demonizar” o autor italiano – e suas respectivas obras – para os seus alunos-seguidores, assim como para a sociedade brasileira<sup>84</sup>.

A fixação de Carvalho com Gramsci é tamanha que, como destaca Leonardo Seabra Puglia, em *Gramsci e Os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo*:

O nome do comunista sardo aparece nada menos que 318 vezes se somarmos as quatro obras mais influentes publicadas pelo autor que diz ter aberto espaço para o surgimento dessa nova direita no país (BBC, 2016): *O Jardim das Aflições: de Epicuro à Ressurreição de César - Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil* (1998); *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota* (2013); *O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras* (1996); e *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1994)<sup>85</sup>.

Diante dessa quantidade de citações informadas acima, a interpretação gramscista de Carvalho, como um representante do conservadorismo e de uma “nova direita” no país, era de que se trata de uma atualização e/ou de uma renovação das estratégias e táticas político-ideológicas das esquerdas em conjunturas atuais. Com isso, Carvalho pontua a transição de uma atuação pautada na força bruta e na luta armada para uma práxis sutil e em adequação ao funcionamento das democracias ocidentais.

Em termos concretos, a teoria gramscista, como pontuado por Puglia, denuncia que as esquerdas aposentaram o viés belicoso das armas para se aprofundarem no mundo das ideias, travando uma guerra sob contornos culturais. Para isso, o objetivo se norteou em uma ocupação gradativa de variados espaços de conhecimento – também apresentados como aparelhos

<sup>83</sup> SECCO, Lincoln. Gramscismo: uma ideologia de extrema-direita. **Blog da Boitempo**, 08 mai. 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 06 mai. 2026.

<sup>84</sup> BIANCHI, Álvaro; MUSSI, Daniela. Os inimigos de Gramsci. **Jacobin Brasil**, 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>>. Acesso em: 13 ago. 2025.

<sup>85</sup> PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018, p.43.

privados de hegemonia –, sendo exemplificados pelas “universidades, escolas, jornais, igrejas, associações de classe e outras trincheiras da sociedade civil tomada em sentido amplo”<sup>86</sup>.

Diante dessas considerações, o gramscismo é associado pelo olavismo como um dos condicionantes para a virada eleitoral à esquerda em diferentes países da América Latina no mesmo período. Nessa compreensão, iniciativas como o bolivarianismo<sup>87</sup> – desenvolvido de modo mais evidente na Venezuela e na Bolívia – ou a exaltação sobre a interferência política do FSP – e de seus membros partidários – na região elucidam esse discurso conspiratório – com várias conexões ideológicas – de Carvalho.

Em consonância com o globalismo-gramscismo, a ideologia olavista também repercute o conceito de “guerra cultural” estabelecido a partir da realidade estadunidense dos anos 1990 no livro *Culture Wars: The Struggle To Define America*<sup>88</sup>, escrito por James Davison Hunter. Em artigo mais recente do autor, intitulado *A guerra cultural contínua*, o termo é contextualizado da seguinte forma:

O cerne da discussão da guerra cultural era que a cultura pública norte-americana estava passando por um realinhamento que, por sua vez, estava gerando tensões e conflitos significativos. Esses antagonismos estavam ocorrendo não apenas na superfície da vida social (ou seja, em sua política cultural), mas nos níveis mais profundos e intensos, e não apenas no nível da ideologia, mas em seus símbolos públicos, seus mitos, seus discursos e por meio das estruturas institucionais que geram e sustentam a cultura pública<sup>89</sup>.

Em outras palavras, Hunter reforça que a guerra cultural iniciada se concentrou em um embate moral entre duas visões concorrentes: tradicional/ortodoxa versus progressista. Nessa batalha, as discussões, a identidade e os modos de vida estadunidenses passam a ser, dialeticamente, ordenados e rivalizados por essas convicções<sup>90</sup>, sendo um processo que se

<sup>86</sup> Ibid., p.48.

<sup>87</sup> De acordo com Dawisson Elvécio Belém Lopes em trabalho intitulado *Bolivarianismo (ou bovarismo?) do século XXI*, o termo bolivarianismo é referenciado na Venezuela desde meados do século XX por autoridades que presidiram o país. No período chavista, o autor destaca que essa denominação estaria associada à uma noção de pan-andinismo que, diferentemente do pan-americanismo de Bolívar, remete ao nacionalismo venezuelano. Ver também em: BELÉM LOPES, Dawisson Elvécio. Bolivarianismo (ou bovarismo?) do século XXI. In: **III Fórum dos Alunos - IUPERJ / UFMG / UFPE**, 2007, Belo Horizonte, 2007. Para além de um viés abstrato, é importante destacar que o bolivarianismo esteve presente durante o governo de Chávez de forma contundente em vista de sua iniciativa de mudar as nomenclaturas da Constituição e de Estado da Venezuela que passaram a ser chamadas de, respectivamente, Constituição Bolivariana e República Bolivariana da Venezuela. Ver também em: VOCÊ sabe o que é bolivarianismo?. **Carta Capital**, São Paulo, 07 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305/>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

<sup>88</sup> HUNTER, James Davison. **Culture Wars: The Struggle To Define America**. New York City: Basic Books, 1991.

<sup>89</sup> HUNTER, James Davison. *A guerra cultural contínua*. Tradução: Cássia Zanon. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v.15, n.1, 2022, p.28.

<sup>90</sup> Ibid., p.29-31.

agravou ao ponto de se institucionalizar na política do país, sendo mobilizado e manipulado por diferentes partidos, fundações e demais associações dos EUA a partir desse período<sup>91</sup>.

O envolvimento da guerra cultural ao portfólio de referências ideológicas do olavismo se manifesta, como aborda Chaloub, como manifestações do contato de Carvalho com movimentos e autores conservadores e neoconservadores estadunidenses. Além disso, repercute a construção de sua atuação polemista, assim como a visão determinística sobre as esquerdas – e seus partidos, lideranças e organizações vigentes –, fortalecendo a constituição destas como um inimigo a ser explorado e combatido pelos olavistas<sup>92</sup>.

Essa possibilidade indicada é uma realidade possível, visto que a guerra cultural é um fenômeno episódico ou local marcado por repetições e expansões em suas proposições e ocorrências. Nesse sentido, Hunter adverte que, mesmo que a sociedade não seja completamente dividida em duas extremidades, a guerra cultural, como um dispositivo discursivo, influencia para que as escolhas públicas sejam forçadas, estabelecendo processos de divisão. Assim, as esquerdas, ao serem a representação de um “outro”, mesmo que inicialmente desconhecido ou não imposto, intimam uma necessidade de escolha entre ser contrário ou favorável a ele<sup>93</sup>.

Por essa perspectiva, há também um encaixe ao globalismo-gramscismo destacado por Carvalho, considerando a sua mobilização para a defesa dos valores e morais conservadoras, ao mesmo tempo em que é visado o combate ao comunismo tanto nos EUA quanto na América Latina e no Brasil. Assim, para além de estabelecer uma rivalidade aos moldes de uma guerra cultural entre as direitas – com destaque para a composição de Carvalho e sua trupe de olavistas nesse meio – e as esquerdas – de Gramsci ao FSP –, é de se destacar, na influência e na repercussão deste conceito importado para a realidade brasileira e latino-americana do século XXI, a convergência com o discurso conspiratório olavista.

Nesse conjunto de referenciais ideológicos mobilizados pelo olavismo, é importante salientar a presença de mais um integrante: o marxismo cultural. Um termo que é apresentado por Carvalho em um artigo para o O Globo, no ano de 2002, enfatizando que:

Em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no *show business* e nos meios editoriais do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindo sem o rótulo de “marxismo”, são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável objetivo (...) Por meio do marxismo cultural,

---

<sup>91</sup> Ibid., p.38.

<sup>92</sup> CHALOUB, 2023, p.85-86.

<sup>93</sup> HUNTER, 2022, p.51-52.

toda a cultura transformou-se numa máquina de guerra contra si mesma, não sobrando espaço para mais nada<sup>94</sup>.

De modo semelhante à guerra cultural proposta por Hunter, o marxismo cultural também envolve o contexto histórico estadunidense dos anos 1990. Em específico, como destaca Lorena Delduca Herédias, em sua dissertação de mestrado intitulada *Os muitos tons do inimigo vermelho: as reconfigurações contemporâneas do anticomunismo no Brasil (1990-2020)*, as direitas conservadora e neoconservadora do país, garantindo seu ápice de expansão e intensidade nos segmentos políticos da *alt-right* e do trumpismo nas décadas seguintes<sup>95</sup>.

Em diálogo com Wellington Teodoro da Silva, Alexandre Sugamoto e Uriel Irigaray Araujo, no artigo *O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora*, o excerto de Carvalho é exemplar. O marxismo cultural se torna, propositalmente, genérico ao ser mobilizado por seus enunciadores como um conceito que engloba diferentes correntes teóricas e pensadores considerados progressistas ou de esquerda. O resultado disso, para Silva, Sugamoto e Araujo, é um só: estabelecer um inimigo central e objetivo<sup>96</sup>. Um entendimento que, em relação às outras referências ideológicas apresentadas, segue um mesmo *modus operandi* destinado a Karl Marx e suas obras.

Em consequência, há um controverso desdobramento do marxismo cultural pelo olavismo: a antipolítica. Isto é, Carvalho e seus alunos-seguidores estimulam, a partir desse conceito, a desumanização desse inimigo construído – o que pode envolver também o FSP –, deslegitimando a capacidade deste de participar do debate e das decisões políticas diante de uma suposta imoralidade e ausência de civilidade pública. Trata-se, assim, para os autores acima mencionados, de uma ação que ultrapassa o combate político e se estrutura como uma política de “forte densidade semântica e recursos narrativos para a efetivação de projetos autoritários de poder”<sup>97</sup>.

---

<sup>94</sup> CARVALHO, Olavo de. Do marxismo cultural. *O Globo*, 08 jun. 2002. Recuperado em 05 jun. 2019. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

<sup>95</sup> A autora informa também que o atual marxismo cultural denota também, em períodos mais longínquos, de uma herança do conspiracionismo bolchevique e/ou judaico-comunista entoadado pelo regimes nazifascistas a partir dos anos 1930, assim como, o anticomunismo macarthista dos EUA nos anos 1950. Assim, um processo de atualização de uma tradição política cultural de um país – sendo, no caso, dos EUA – transmitido para outras realidades e contextos políticos de outras localidades. Ver também em: HERÉDIAS, Lorena Delduca. **Os muitos tons do inimigo vermelho: as reconfigurações contemporâneas do anticomunismo no Brasil (1990-2020)**. (Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos). Niterói-RJ, Universidade Federal Fluminense, 2021, p.76.

<sup>96</sup> SILVA, Wellington Teodoro; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. *Revista Cultural & Religião*, Victoria, v. 15, n.1, 2021, p.182-183.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p.214.

Do Tradicionalismo ao marxismo cultural, há uma finalidade comum almejada pelo olavismo: o combate ao comunismo. Um propósito que, a partir do século XXI, com a virada à esquerda político-eleitoral na América Latina, com o auxílio e/ou colaboração do FSP, se transformou na principal preocupação de Carvalho – e, conseqüentemente, de seus discípulos. Assim como as demais noções apresentadas, esse incômodo não é original, pelo contrário, de acordo com o livro *Em guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, de Rodrigo Patto Sá Motta, é possível indicar que se trata de um resgate e atualização de um “fantasma” que aparentava estar adormecido na história política brasileira<sup>98</sup>.

Em capítulo intitulado “O discurso anticomunista entre os parlamentares: questões do tempo presente e apropriações do passado”, presente no dossiê *Dimensões do anticomunismo no Brasil: novos estudos e perspectivas de análise*, organizado por Marco Antônio Machado Lima Pereira e Everton Fernando Pimenta, Talles de Almeida Oliveira aponta a homogeneidade do discurso anticomunista na contemporaneidade. Isto é, enfatiza que o termo comunismo, principalmente na atualidade, passou a “englobar todo e qualquer indivíduo ou grupo que seja minimamente de esquerda – e até mesmo aqueles que não o são”<sup>99</sup>.

Em vista disso, o entendimento deste trabalho é de que a associação do FSP com o comunismo, exercida por Carvalho e demais olavistas, é estratégica ao recorrer a uma tradição enraizada na cultura política brasileira. Assim, um reforço de peso para legitimar o “mal” atribuído à organização e seus planos e projetos políticos para a América Latina. Além de intensificar um processo de polarização que, ao envolver o anticomunismo, desenvolve, conseqüentemente, o “anti-FSP” em um mesmo campo argumentativo.

Em novo diálogo com Motta, a partir do seu capítulo “Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista”, presente no livro *Pensar as direitas na América Latina*, o aspecto “anti” nos discursos, movimentos e sujeitos políticos também denota um agravamento na relação entre adversários políticos. Para o autor, “ser ‘anti’ significa combater o inimigo sem trégua, até sua eliminação, que não precisa necessariamente ser física (embora em alguns casos se chegue a tal

---

<sup>98</sup> Em linhas gerais, resgatando a obra de Motta, esse fenômeno deve ser localizado, principalmente, em três importantes momentos da história nacional: primeiro, entre os anos de 1935 a 1937; segundo, entre os anos de 1946 a 1950; e, terceiro, a partir de 1964. Um conjunto de períodos em que, para o autor, o anticomunismo “foi argumento político decisivo para justificar os respectivos golpes políticos, bem como para convencer a sociedade (ao menos parte dela) da necessidade de medidas repressivas contra a esquerda”. Ver também em: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva – FAPESP, 2002, p. XXII.

<sup>99</sup> OLIVEIRA, Talles de Almeida. O discurso anticomunista entre os parlamentares: questões do tempo presente e apropriações do passado. In: PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima Pereira; PIMENTA, Everton Fernando (Orgs.). **Dimensões do anticomunismo no Brasil**: novos estudos e perspectivas de análise. São Luís: EDUFMA, 2024, p.345-346.

ponto), mas, sobretudo, política”<sup>100</sup>. Assim, a construção de um anti-FSP, alinhada ao histórico anticomunismo nacional e à antipolítica disposta no marxismo cultural, não possui outro intuito que não seja destrutivo e/ou autoritário por parte de Carvalho e demais olavistas.

Desse modo, o destaque para as referências ideológicas estruturantes do olavismo revela aspectos relevantes para se chegar ao entendimento deste trabalho: a conspiração em torno do FSP. De imediato, o intuito pela passagem por diferentes – mas combinados – eixos do pensamento olavista foi de apresentar que, até se chegar à organização latino-americana, há a construção de uma lógica ou mesmo de um fio condutor que sustente tal discurso tanto entre os seus teóricos quanto para o público-alvo em potencial.

Por esse sentido, aproximo este trabalho da discussão proposta por Raoul Girardet, em seu livro *Mitos e Mitologias*, em que é destacado que um dado mito político possui, justamente, essa característica<sup>101</sup>. Além disso, o autor pontua que a promoção e a influência de uma narrativa mítica – incorporada à conspiração disposta ao FSP sob as lentes do olavismo – não comporta a “imprevisibilidade dos acidentes da história”<sup>102</sup> e não se trata de um produto ligado à fantasia e/ou à ficção, o que, por isso, não deve ser também traduzido como uma mentira.

Nesse sentido, é notória a proposta de Carvalho em encontrar um adversário, como o FSP, que acompanhe o percurso dos planos globalistas, que encarne as ideias de Gramsci e de Marx e que esteja pronto para travar uma guerra cultural em prol do comunismo. Trata-se de uma narrativa que, alicerçada na denúncia, revela a necessidade de sua criação para que o olavismo tenha condições de, simultaneamente, existir, de possuir sentido e, sobretudo, de fornecer explicações e soluções para as adversidades presentes na realidade contemporânea.

O vínculo do conspiracionismo político com o conjunto de referenciais ideológicos de Carvalho apresenta a escolha deste em explicar e projetar a sua forma de pensamento, como retrata Chaloub, “não apenas para um momento pretérito, mas também para um futuro imaginado a partir de tintas de uma utopia regressiva”<sup>103</sup>. A menção – e a obsessão – pelo FSP como uma representação globalista, gramscista, marxista e comunista a ser temida e erradicada – discutida neste trabalho – corrobora para a percepção tanto catastrófica quanto autoritária estimulada em meio ao crescimento e consolidação do próprio olavismo.

---

<sup>100</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. BOHOSLAVSKY, Ernesto Lázaro; MOTTA, Rodrigo Pato Sá; BOISARD, Stéphane. **Pensar as direitas na América Latina**. São Paulo: Alameda, 2019, p. 78.

<sup>101</sup> GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1987, p.18.

<sup>102</sup> Ibid., p.32.

<sup>103</sup> CHALOUB, 2022, p.89.

Em razão disso, é importante reforçar a capacidade de articulação de Carvalho, como também o seu interesse de organizar e de influenciar, intelectualmente, um conjunto de sujeitos ao seu redor, estabelecendo até mesmo a presença e a construção do que Pierre Bourdieu chamou de poder simbólico. Na obra deste, que, inclusive, é intitulada como *O Poder Simbólico*, tal conceito é proposto como “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica [origem da cognição]: o sentido imediato do mundo”<sup>104</sup>.

Nesse sentido, trata-se de um conceito que, adaptado e centralizado nas convicções de Carvalho, reforça a tentativa deste de influenciar e, principalmente, subverter uma dada conjuntura a partir de uma linguagem política – presente desde os livros aos cursos de sua autoria – que abrange e envolve diferentes linhas ideológicas – destacadas neste tópico. Em consonância com os escritos de Chaloub, ao destrinchar sobre o que fez e quem foi Carvalho, é possível verificar facetas reacionárias, conservadoras, anticomunistas e dentre outras possibilidades, permitindo seu encaixe e sua flexibilidade para transitar em diferentes setores e grupos da extrema direita nacional em torno do olavismo<sup>105</sup>.

Portanto, trata-se de um movimento que, na proliferação de ideias e teorias, assim como na trajetória e no legado construído por Carvalho, reforça, ao encontro da dissertação de Patschiki, as credenciais de um sujeito que, nas últimas décadas, se tornou uma das principais referências para a direita brasileira – principalmente em seus agrupamentos mais extremados<sup>106</sup>. O reforço disso, presente no livro *Guia Bibliográfico da Nova Direita – 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro*, de Lucas Berlanza, é o feito de Carvalho ter aglutinado desde liberais a conservadores do país em concordância com suas pautas, tornando-o um “renovador do pensamento político brasileiro”<sup>107</sup>.

Sob essas constatações, um importante detalhe para este trabalho é a constatação da influência e da popularidade de Carvalho que, em bom trânsito político e midiático, se transformou em um canal de esperança para parcelas descontentes e extremistas, sobretudo da sociedade brasileira ao longo do século XXI. A amostra disso é sintomática ao ser entoada e registrada, principalmente em manifestações políticas públicas nos anos 2010 – a ser exploradas neste trabalho – por um poderoso e simbólico bordão: “Olavo tem razão”.

---

<sup>104</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p.9-10.

<sup>105</sup> CHALOUB, 2022, p.89-90.

<sup>106</sup> PATSCHIKI, op.cit., p.67.

<sup>107</sup> BERLANZA, Lucas. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. Resistência Cultural: São Paulo, 2022, p.211-212.

Por fim, destaco também a habilidade de apelo e o interesse de convencimento de Carvalho sobre seus interlocutores, que se tornam alunos e, sobretudo, efetivos seguidores, compartilhando e contribuindo, em continuidade e/ou sob novos enfoques, com as suas ideias e teorias. Em novo diálogo com Chaloub, a figura do intelectual é objeto central nas produções e no ideário olavista. Assim, Carvalho reconhece que é esse tipo de sujeito que potencializa transformações ou conformações em uma dada conjuntura política e que fortalece a sua própria pessoa – e também os olavistas – em uma jornada disruptiva contra uma suposta hegemonia intelectual das esquerdas, promovendo o olavismo como um oponente perfeito<sup>108</sup>.

## **1.2 A comunidade olavista: laços, interesses e livros**

A importância atribuída à persona e à intelectualidade promovida por Carvalho – e estabelecida na formação do olavismo – é relevante para o entendimento de seu impacto na política nacional, ao ponto de superestimar e conspirar em contrariedade a uma suposta dominação comunista realizada pelo FSP no país. No entanto, em prosseguimento a esse ponto, este tópico visa constatar um fato que complementa essa história: Carvalho não está sozinho. Há um conjunto de alunos-seguidores que se alimentam, reverberam e adicionam mais camadas argumentativas às oposições e guerras anunciadas e defendidas por Carvalho.

Em consideração ao outro FSP promovido pelo olavismo, a Tabela 1 apresentada na introdução deste trabalho focaliza quatro olavistas que, em similaridade ao mentor e/ou mesmo à figura de um líder, se dispuseram a revelar os mistérios por trás do FSP por meio da produção de livros sobre essa organização. Os nomes destes: Alejandro Penã-Esclusa, Heitor de Paola, Graça Salgueiro e Paulo Henrique Araújo. Trata-se de escolhas que, para além de uma ligação política e até profissional com Carvalho, elucidam laços afetivos e/ou motivações pessoais que atribuem não somente identidade ao olavismo, mas também revelam a sua continuidade mesmo após o falecimento de seu principal representante em 2022<sup>109</sup>.

Dentre as opções indicadas, começo por Alejandro Penã-Esclusa. Trata-se, dentre os olavistas selecionados, do único estrangeiro, natural da Venezuela, que, assim como Carvalho no Brasil, se tornou uma referência de oposição ao FSP e ao regime de Hugo Chávez – também

---

<sup>108</sup> CHALOUB, 2022, p.88.

<sup>109</sup> Carvalho faleceu no dia 24 de janeiro de 2022 aos 74 anos de idade em sua residência oficial nos EUA. A família do polemista brasileiro informou o falecimento pelas redes sociais, sem o indicativo de uma causa. Em notícia publicada pelo G1, foi ressaltado que uma das filhas do autor, Heloisa de Carvalho, que não mantinha relações com o pai, afirmou que a morte seria em decorrência da Covid-19. Carvalho, oito dias antes de falecer, foi diagnosticado com a doença declarada por sua filha. Ver também em: OLAVO de Carvalho morre aos 70 anos. **G1**, São Paulo, 25 jan. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/25/morre-olavo-de-carvalho.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

denominado chavismo – em seu país. Em seu livro *A guerra cultural do Foro de São Paulo*, logo nas primeiras páginas, Esclusa relata que, para combater esses dois adversários em seu país, foi realizada uma série de denúncias em jornais e revistas de sua autoria na década de 1990 – e continuada em tempos seguintes<sup>110</sup>.

Mas, talvez mais impressionante que essa primeira iniciativa, Esclusa revela também que se candidatou à presidência da Venezuela nas eleições de 1998. Esse movimento eleitoral, apesar de não corresponder às suas expectativas, foi sinalizado como uma tentativa emergencial para frear a ascensão política de Chávez, que, para ele, só foi possível graças ao FSP:

Um tenente-coronel fracassado, que não tinha chance alguma de chegar à presidência da Venezuela, a partir desse momento contaria com o apoio de toda a esquerda regional para lançar sua candidatura. O FSP lhe proporcionaria uma narrativa, assessoria, cobertura da mídia e abundantes recursos financeiros para conquistar sua meta<sup>111</sup>.

Além dessas ações, Esclusa também ressalta a criação de organizações políticas rivais ao FSP, como a Fuerza Solidaria e, posteriormente, a União de Organizações Democráticas da América - a UnoAmérica<sup>112</sup>. Um passo que, em sua concepção, incomodou o regime chavista ao ponto de ser preso, sob a ameaça de terrorismo, em 2010. Esclusa foi solto um ano depois, por motivos de saúde, mas continuou “encarcerado” – em suas palavras –, diante da censura e proibição de saída imediata do país<sup>113</sup>. Inclusive, um fato que repercutiu na mídia brasileira, por

---

<sup>110</sup> ESCLUSA, op.cit., p.11.

<sup>111</sup> Ibid., p.9-10.

<sup>112</sup> A Fuerza Solidária, de acordo com site próprio, é uma associação sem fins lucrativos registrada no ano de 2001 na Venezuela, sendo fruto da ação política capitaneada por Esclusa desde a década de 1980. O principal motivo descrito para a formação dessa associação foi a presidência de Chávez e o consequente processo de cubanização no país. Sob a denúncia de um projeto castro-chavista, a Fuerza Solidária buscou ser um contraponto ideológico e filosófico durante as décadas iniciais do século XXI. Ver também em: NOSOTROS. **Fuerza Solidaria**, [S.I]. Disponível em: <[https://fuerzasolidaria.org/?page\\_id=1](https://fuerzasolidaria.org/?page_id=1)>. Acesso em: 12 jan. 2026. Na transformação em UnoAmérica, destacada por Esclusa, Marcelo Buzetto, em sua tese *Guerra de todo o povo: a influência das lutas políticas e sociais na Nova Doutrina de Defesa Nacional Venezuelana*, destacou a organização como “uma invenção recente da extrema-direita anticomunista da Venezuela e da Colômbia, com membros civis e militares que participaram e/ou apoiaram golpes de Estado e regimes antidemocráticos em todo o continente (...) participaram ativamente do frustrado golpe contra Chávez em 2022, na Venezuela, da tentativa de derrubar Evo Morales, na Bolívia, defensores das ditaduras na Argentina e Chile e outros mais adeptos do fascismo contemporâneo. Ver também em: BUZETTO, Marcelo. **Guerra de todo o povo: a influência das lutas políticas e sociais na Nova Doutrina de Defesa Nacional Venezuelana**. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011, p.202.

<sup>113</sup> ESCLUSA, op.cit., p.11-12.

meio do blog de Reinaldo Azevedo na Veja<sup>114</sup> e do portal Gazeta do Povo<sup>115</sup>, que noticiaram tanto a prisão quanto a soltura de Esclusa.

Portanto, da candidatura frustrada à presidência à suposta prisão política, compreendo que o venezuelano incorpora a oposição ao FSP – e também ao chavismo – como uma obrigação moral e/ou um lema de vida – o que pode ser aproximado ao acerto de contas ligado a Carvalho –, sendo manifestado na escrita do seu livro da seguinte forma:

O compêndio apresentado nestas páginas não é precisamente um texto acadêmico. Trata-se de um testemunho pessoal, produto da experiência de quem leva 25 anos lutando contra o Foro de São Paulo, que poderia servir ao leitor compreender melhor como funciona a guerra cultural<sup>116</sup>.

A citação da existência de uma guerra cultural atrelada ao FSP é uma evidência do vínculo de Esclusa ao olavismo. A simultaneidade temporal das denúncias do venezuelano, em sua realidade local, e de Carvalho, no Brasil, complementa essa inferência. Em razão disso, é importante destacar que a escolha por encará-lo como um olavista, mesmo que sua indignação com o FSP não tenha acontecido depois das produções de Carvalho, não visa apontá-lo como inferior e/ou menos importante na saga conspiratória contra a organização latino-americana. Mas, sim, pelo entendimento de que Carvalho centralizou um protagonismo em sua figura quando o tema adentrou discussões políticas na região.

Em retomada a esse conceito trazido por Esclusa, o autor venezuelano reforça em seu livro que a guerra cultural se faz presente na recente conjuntura latino-americana por conta de o FSP se comportar como “uma grande plataforma marxista que estabelece – além da tomada do poder – uma visão do homem, da natureza, da história e da religião, quer dizer, uma ‘cosmovisão’, a qual, para vencê-la, deve ser enfrentada de maneira integral”<sup>117</sup>. Um ponto que também explicita, mesmo que de maneira indireta e sem constatação na biografia de Esclusa, traços do Tradicionalismo que foi seguido por Carvalho ao longo de sua vida.

Em sequência, passo para a apresentação de Heitor de Paola. Um médico psicanalista que, apesar dessa formação, também possui as experiências de vida como uma justificativa e/ou

<sup>114</sup> AZEVEDO, Reinaldo. PRISÃO DO LÍDER OPOSICIONISTA VENEZUELANO PEÑA ESCLUSA: O CHEIRO FÉTIDO DE UMA FARSA ORGANIZADA POR DOIS ESTADOS POLICIAIS. O QUE ISSO TEM A VER COM A GENTE. *Veja*, 14 jul. 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/prisao-do-lider-oposicionista-venezuelano-pena-esclusa-o-cheiro-fetido-de-uma-farsa-organizada-por-dois-estados-policiais-o-que-isso-tem-a-ver-com-a-gente/>>. Acesso em 14 ago. 2025.

<sup>115</sup> AGÊNCIA ESTADO. Justiça na Venezuela solta opositor por motivo de saúde. *Gazeta do Povo*, 20 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/justica-da-venezuela-solta-opositor-por-motivo-de-saude-anhjoticbn0a8kdbmgzgtxq/>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

<sup>116</sup> ESCLUSA, op.cit, p.22.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p.22.

uma motivação para se posicionar em contrariedade ao FSP e às esquerdas latino-americanas. Em rápida pesquisa sobre sua vida, encontrei que Paola foi integrante da Ação Popular (AP), uma organização comunista clandestina existente no período da ditadura militar no Brasil<sup>118</sup>. Assim, em vista desse seu passado militante, Paola vangloria um status que o torna apto e especializado em temas como movimentos revolucionários, comunismo, esquerda latino-americana e, por fim, o FSP.

Sob esse breve currículo, Paola despertou a atenção de Carvalho, ainda mais por este também possuir um histórico ligado às esquerdas no período ditatorial brasileiro<sup>119</sup>. Uma coincidência que é continuada no ingresso de Paola ao MSM de Carvalho. No prefácio de *O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial*, é possível observar o orgulho do guru sobre um de seus mais destacados discípulos:

Se o jornal eletrônico *Mídia Sem Máscara* não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na “grande mídia” nem – até onde posso enxergar – nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a clareza do olhar que ele lança sobre o vasto, complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana<sup>120</sup>.

Um apreço que é recíproco e confidenciado por Paola, que, em devolutiva no mesmo livro, ressalta a influência de Carvalho em sua formação político-ideológica:

Logo percebi que não estava só e mais: que o autor que escrevera aquelas palavras tinha experiências parecidas com as minhas, possivelmente estivera também no mesmo inferno. Eu não me enganara, Olavo fizera parte de um número restrito de militantes a serviço da mesma causa e por isto era capaz de entender o que ocorria<sup>121</sup>.

Em vista dos trechos apresentados, é importante ressaltar que o livro de Paola não é voltado, de forma exclusiva, ao FSP. Mas, sob o recorte deste trabalho, o autor também compreende a existência de um “eixo do mal” na região a partir da influência da organização. O autor, em semelhança à Esclusa, também centraliza sua análise em meio à sua oposição aos

---

<sup>118</sup> A AP que, posteriormente se desdobrou na Ação Popular Marxista-Leninista (APML) e ingressou no Partido Comunista do Brasil (PcdoB), foi uma organização de esquerda existente durante as décadas de 1960 e 1970 no Brasil que, como aborda Reginaldo Benedito Dias em *A história da Ação Popular*, transmutou de suas influências humanistas e cristãs para a busca pela conquista revolucionária do poder por intermédio da luta armada. Ver também em: DIAS, Reginaldo Benedito Dias. *A história da Ação Popular. A terra é redonda*, 20 ago. 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/a-historia-da-acao-popular/>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

<sup>119</sup> Em matéria jornalística de Luciana Lima no jornal *Metrópoles*, é repassada a informação de que Carvalho esteve próximo do movimento estudantil de esquerda e até filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em meados da década de 1960. Para mais detalhes, ver também: LIMA, Luciana. *Olavo de Carvalho frequentava casa da esquerda estudantil em SP. Metrôpoles*, 10 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/olavo-de-carvalho-frequentava-casa-do-estudante-de-sao-paulo>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

<sup>120</sup> PAOLA, op.cit., p.7.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p.46.

governos petistas de Lula da Silva no Brasil. Inclusive, para Paola, tal governo nacional deve ser encarado “como engrenagem de um mecanismo maior com uma estratégia definida de conquista continental para a instalação de uma união de repúblicas socialistas”<sup>122</sup>.

A menção ao suposto plano de uma integração regional – que se popularizou em torno da União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL)<sup>123</sup> – indica, de uma só vez, a referência ao globalismo, gramscismo, marxismo cultural e anticomunismo atribuídos ao discurso ideológico – e conspiratório – do olavismo. Mas, para além de uma citação, o autor ressalta, na sequência, a necessidade de uma reação frente aos seus inimigos:

É hora, portanto, dos anticomunistas fazerem o mesmo: perderem os escrúpulos de usar a palavra certa – comunista e não socialista ou populista – para os adversários que não constituem apenas um grupo político como qualquer outro, mas a quintessência dos impulsos destrutivos contra a civilização ocidental judaico-cristã que nos legou a liberdade de pensamento, a liberdade econômica, o regime democrático, o espírito científico, a filosofia, enfim, tudo que representa um bem para o Ocidente<sup>124</sup>.

A intenção de Paola de reforçar o caráter comunista de seus adversários políticos na América Latina e no Brasil é um traço relevante do discurso autoritário e destrutivo cultivado pelo olavismo – que foi destacado no tópico anterior deste capítulo. Aliás, trata-se de constatar o verdadeiro objetivo do grupo que, no enfoque do FSP e nas respectivas suposições ligadas à organização, visa extinguir a convivência de diferentes ideias e concepções de mundo no debate e na atuação pública.

Em comparação à Esclusa, Paola, a partir deste trecho, é mais incisivo em sua conexão com o Tradicionalismo ao citar a importância das civilizações judaico-cristãs no Ocidente, o que também viabiliza seu posto e seu reconhecimento por parte de Carvalho. Contudo, diferentemente do venezuelano, Paola não é explícito, apesar da retórica extremista, quanto ao contexto de uma guerra cultural em curso, o que não os torna separados na lógica interna de

<sup>122</sup> Ibid., p.195.

<sup>123</sup> URSAL foi uma irônica nomenclatura retratada pela socióloga Maria Lucia Victor Barbosa em um artigo escrito em 2001 que, anos depois, foi apropriada e popularizada nas redes pelos “olavistas”. De acordo com a autora, em entrevista para a Folha de São Paulo, a motivação para a criação desse termo se deu por uma crítica ao posicionamento do PT, realizado em um dos Encontros do FSP, em relação às políticas de integração regional no continente americano, como o caso da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Ver também em: PEROTTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. **Folha de São Paulo**, 13 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2024. Em relação a isso, acresce-se também a citação do FSP em um embate envolvendo os candidatos Cabo Daciolo e Ciro Gomes no debate presidencial das eleições de 2018, chegando ao número de 1,9 milhões de visualizações no canal Band Jornalismo no Youtube. Ver também em: BAND JORNALISMO. Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. Youtube, 10 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>>. Acesso em: 21 mai. 2025.

<sup>124</sup> PAOLA, op.cit., p.200.

grupo, pelo contrário, apenas endossa a escolha tanto por protagonizar a figura de Carvalho quanto por compreendê-los como olavistas.

Adiante, caminho para a próxima olavista: Graça Salgueiro. Trata-se de uma jornalista e escritora cujo contato com o FSP e a compreensão sobre as esquerdas latino-americanas, como reporta em seu livro *O Foro de São Paulo: a mais perigosa organização revolucionária das Américas*, foram feitos a partir do curso de Filosofia, ministrado por Carvalho, realizado em 1999. Nesse episódio, a autora relata que se impressionou ao saber que o FSP era uma “mega-organização” comunista, mas que, mesmo sob essa alcunha, ainda possuía pouca repercussão midiática, sendo também desconhecido para grande parte dos brasileiros<sup>125</sup>.

Por esse entendimento, esse contato com o FSP foi tão importante para Salgueiro ao ponto de estimulá-la a pesquisar e estudar mais sobre a organização latino-americana, consolidando, em seu livro, uma investigação direcionada aos documentos e materiais internos desta – como os Encontros e os Grupos de Trabalho (GTs)<sup>126</sup>. O resultado disso foi o estabelecimento de uma “briga de gato e rato”: de um lado, ela perseguia as informações com o intuito de revelá-las, contribuindo com as denúncias de Carvalho sobre o FSP; de outro, essa organização, como resposta, buscava esconder seu acervo documental, excluindo e/ou trocando de sites em que eram guardados<sup>127</sup>. Ao final dessa batalha, Salgueiro expõe o seu desejo de

desmascarar mitos e desmontar muitas mentiras existentes em torno ao tema de forma clara e sucinta, de modo que qualquer pessoa, por mais simples e inculta que seja, possa lê-lo e compreender a ameaça que nos ronda, suas origens, estratégias empregadas, quem são seus membros participantes e os êxitos que já obteve nesses 26 anos de existência<sup>128</sup>.

O empenho de Salgueiro é interessante, visto que reforça o conspiracionismo em torno da interpretação olavista sobre FSP. Em diferença de seus antecessores que, desde o princípio, indicam pilares e/ou referências ideológicas que subsidiam a argumentação por vir em suas produções, a autora apela para um ponto que pode ser considerado mais singelo, como, por exemplo, revelar a “verdade” acerca da organização. Todavia, é a essência que norteia, do Tradicionalismo ao marxismo cultural, o olavismo. Isto é, a necessidade de fazer sobressair a cosmovisão de Carvalho sobre a atual realidade do Brasil, da América Latina e do mundo em detrimento de outras possibilidades existentes.

---

<sup>125</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.11-12.

<sup>126</sup> Os GTs do FSP são divisões internas estabelecidas entre os partidos e movimentos integrantes da organização. Trata-se, assim, de instâncias que podem ser temáticas e vinculadas às pautas a serem abordadas nos Encontros do FSP, como também, um agrupamento que planeja as reuniões e declarações da organização.

<sup>127</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.11-12.

<sup>128</sup> Ibid., p.14-15.

Por último, na fila de alunos-seguidores de Carvalho presentes neste trabalho, sigo para a apresentação de Paulo Henrique Araújo, que, dentre os listados, pode ser considerado um dos discípulos menos conhecidos ou vinculados ao olavismo. O indício disso se manifesta em seu livro *O mínimo sobre o Foro de São Paulo*, em que Araújo agradece o legado construído por Carvalho, Salgueiro e Paola sobre o FSP, pressupondo o seu interesse em dar continuidade a esses trabalhos<sup>129</sup>. Assim, o autor pode até mesmo ser projetado como um exemplo de uma nova geração do olavismo, evidenciando a sua permanente influência no século XXI.

Com esse entendimento, o exemplo de Araújo e o seu interesse pelo FSP revelam uma importante característica destacada por Paolo Demuru, em seu livro *Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração*, sobre a relação entre política e discurso na contemporaneidade: o encantamento. Para o autor, as conspirações, como o caso do outro FSP olavista, se equiparam a um discurso mágico, em que se exhibe um fascínio e/ou um deslumbramento em torno da narrativa construída e defendida<sup>130</sup>. No entanto, no caso de Araújo, o impacto é ainda maior por ele se identificar em uma linha temporal posterior aos olavistas anteriores, o que projeta continuidade e novidades ao que já foi estabelecido sobre a organização latino-americana.

O reforço disso pode ser esclarecido pelo próprio título do livro de Araújo. A ideia de propor o “mínimo” sobre o FSP revela a compactação das ideias olavistas sobre essa organização – e todo o arcabouço ideológico inserido nesse contexto –, gerando um resumo, com intenção didática, sobre os principais aspectos dessa interpretação para o público leitor. Por outro lado, o autor vislumbra defender o legado do olavismo em relação ao tema, visto que:

através da manipulação da linguagem o Foro de São Paulo foi de teoria da conspiração à vítima de uma direita conservadora-radical-reacionária e, através dos meios de mídia suas idéias protegidas pela espiral do silêncio. Se qualquer personagem político passa a falar sobre o Foro de São Paulo, é automaticamente elevado a posição de perseguidor antidemocrático e exposto à ridicularização pública como teórico da conspiração<sup>131</sup>.

Um ponto curioso trazido por Araújo, em relação aos antecessores, foi o interesse de retirar o outro FSP olavista do campo do conspiracionismo político. Contudo, em entrelinhas, o resultado pode sugerir um efeito contrário. Em outras palavras, o autor, primeiramente, admite que essa vinculação às produções de Carvalho e demais colegas de grupo sobre a organização latino-americana existe, o que pode, portanto, gerar um embate entre acreditar no que está

---

<sup>129</sup> ARAÚJO, op.cit., p.13.

<sup>130</sup> DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração**. São Paulo: Elefante, 2024, p.25-26.

<sup>131</sup> ARAÚJO, op.cit., p.14.

proposto ou, por meio do seu livro, desconstruir o que está em vigência. Em razão disso, Araújo não nega aquilo que ele busca condenar.

Passadas as apresentações, foi possível verificar que o olavismo funciona como uma rede interconectada de contatos. Contudo, apesar de semelhanças encontradas, é nítida a existência de diferenças que, em um cenário de grupo, podem ser admitidas por divisões internas. Nesse ponto, o trabalho de Patschiki novamente se mostra importante e adaptável para este trabalho, visto que, para o autor, há um processo hierárquico inserido na formação e no reconhecimento intelectual dos olavistas<sup>132</sup>. De um lado – privilegiado –, é possível colocar Paola e Esclusa diante de suas trajetórias políticas; de outro, os casos de Salgueiro e Araújo que, apesar de distantes temporalmente em relação ao ingresso no olavismo, são exemplos de especialização e aperfeiçoamento em temas de interesse de Carvalho – como é o FSP.

Esse entendimento interno proposto para o olavismo também ressoa em produções sobre conspiracionismo político. No livro organizado por Michael Butter e Peter Knight, *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*<sup>133</sup>, em específico no capítulo “Semiotic approaches to conspiracy theories”, Massimo Leone, Mari-Liis Madisson e Andreas Vetsel apontam que “os conspiradores são geralmente interpretados como um grupo extremamente organizado, dividido em subsistemas intrigantes”<sup>134</sup>. Em outro capítulo deste livro, “Conspiracy theories in political science and political theory”, Julien Giry e Pranvera Tika indicam a existência de cinco tipos de sujeitos envolvidos em conspirações: os líderes teóricos e/ou políticos; os “cidadãos-detetives”, os retransmissores; os consumidores ou espectadores; e os desmascaradores<sup>135</sup>.

Sob esse diagnóstico, é possível estabelecer um vínculo desses capítulos ao cenário de formação de intelectuais em torno de Carvalho e, conseqüentemente, no estabelecimento do olavismo como uma comunidade ideológica. Com isso, Carvalho, em sua posição de mentor, deve ser considerado o líder teórico da conspiração sobre o FSP. Trata-se do principal responsável por produzir e publicizar esse tipo de conteúdo, como também inaugurar e demarcar o formato e a transmissão de tal discurso. Em consequência, os alunos-seguidores de Carvalho que integram o seu círculo de contatos devem ser associados e denominados como

<sup>132</sup> PATSCHIKI, op.cit., p.69-70.

<sup>133</sup> BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020.

<sup>134</sup> LEONE, Massimo; MADISSON, Mari-Liis; VENTSEL, Andreas. Semiotic approaches to conspiracy theories. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020, p.48.

<sup>135</sup> GIRY, Julien; TIKA, Pranvera. Conspiracy theories in political science and political theory. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020, p.111-112.

cidadãos-detetives, visto que passam a ser responsáveis por promover e reforçar a divulgação das ideias e teorias conspiratórias do mentor – em especial, os brasileiros<sup>136</sup>.

Ademais, a condição estabelecida pelos olavistas resgata também o papel dos complotistas – conspiradores – na visão de Donatella Di Cesare em seu livro *O complô no poder*. Para a autora, esses sujeitos se transformam, gradativamente, em investigadores, realizando rastreios, coletas e decifragem de supostos vestígios secretos que confirmam suas teorias e suposições. Além disso, a autora complementa que a revelação de um “complô significa não apenas denunciar o culpado, mas também estigmatizá-lo como inimigo político, muitas vezes também demonizá-lo”<sup>137</sup>. Um objetivo que é condizente com os interesses dos olavistas mencionados em relação ao FSP.

Outro ponto a ser explorado neste tópico é a relação entre o mercado editorial e o olavismo. É de interesse compreender a existência desses livros e o contexto de suas produções e até mesmo a escolha destes como transmissores das ideias olavistas. Em vista disso, com exceção das obras de Salgueiro e Esclusa, em que não foi possível encontrar muitas informações sobre, respectivamente, as editoras Observatório Latino e Alexandria Library Publishing House, os outros livros revelam associações profundas e que precisam ser esclarecidas.

Em avanço a esse ponto, direciono a atenção para os livros de Carvalho e Araújo, publicados, respectivamente, pela Vide Editorial e Editora O Mínimo. Apesar das nomenclaturas diferentes, as obras fazem parte de uma mesma empresa: Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET). Essa “coincidência” também está presente na reportagem *Livros, canivetes e anjos: a lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita*, de Juliana Sayuri, para o *The Intercept Brasil*<sup>138</sup>. Nesse texto, é exposto tanto o vínculo da CEDET com as produções olavistas quanto o projeto de expansão das ideias de Carvalho, e de sua seleta comunidade, pelo mercado editorial nacional.

Ademais, esse vínculo entre a CEDET e o olavismo cultural, como aponta a reportagem de Sayuri, se estabelece como uma política em que ambos os envolvidos ganham. Isto é, “a empresa supriu a demanda do mercado editorial aberta por vozes como a de Olavo. Já o guru

---

<sup>136</sup> As demais classificações, como proposta por Giry e Taka, não coadunam com categorias de sujeitos mobilizados neste momento do trabalho.

<sup>137</sup> CESARE, Donatella Di. **O complô no poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021, p.47-48.

<sup>138</sup> SAYURI, Juliana. *Livros, canivetes e anjos: a lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita*. **The Intercept Brasil**. 28 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2021/08/28/cedet-vendas-sites-olavo-de-carvalho-extrema-direita/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

bolsonarista se valeu da capacidade operacional do Cedet para se consolidar como principal voz da extrema direita”<sup>139</sup>. Assim, um apontamento da jornalista que se corrobora nesse trabalho é que, nesta relação, a editora se tornou uma das principais casas de Carvalho e, ao mesmo tempo, um berço para a divulgação de seus discípulos.

Em complemento, recorro novamente ao trabalho de Patschiki, em que o autor também pontua a relevância da parceria entre Carvalho e CEDET ao destacar, em citação nominal, que a editora também publicou livros de Esclusa e de Paola<sup>140</sup>. Além disso, em menção específica à Vide Editorial/CEDET, Patschiki retrata a empresa como um braço editorial para os movimentos ou organizações criadas por Carvalho e Esclusa, como, respectivamente, o caso do MSM e da UnoAmérica<sup>141</sup>.

Não suficiente, outro ponto interessante nessas associações entre as editoras e os livros olavistas analisados é a obra de Paola ter sido publicada pela Editora PHVox. Esta, uma empresa que, pelas primeiras iniciais “PH”, remete ao nome do seu dono: Paulo Henrique. Mas, de forma mais específica, Paulo Henrique Araújo, autor de um dos livros da CEDET sobre o FSP mencionado no parágrafo anterior. Logo, um indício de que não se trata de produções e autores desconectados e desconhecidos entre si, reforçando a unidade em torno do olavismo.

Os exemplos dos livros olavistas e suas respectivas editoras alimentam um fenômeno cultural no Brasil das últimas décadas: a expansão de produções e editoras vinculadas à extrema direita. Trata-se de uma realidade que, como evidenciado pela reportagem *O boom editorial conservador puxado por Olavo de Carvalho*, de Daniel Salgado, no O Globo<sup>142</sup> e pela coluna *As editoras em tempo de guerra cultural – II*, de Francisco Escorsim, na Gazeta do Povo<sup>143</sup>, reforça a estratégia comercial atrativa e bem-sucedida dessas empresas que souberam captar o (re)direcionamento ideológico da recente conjuntura nacional para o extremismo de direita.

Um cenário que aponta uma transformação no mercado editorial brasileiro, que estava acostumado a restringir e até mesmo ignorar autores e obras considerados de direita, conservadores e/ou liberais nas últimas décadas. Em paralelo a isso, havia uma oportunidade de publicações que estavam indisponíveis e que poderiam angariar um público à espera e ainda

---

<sup>139</sup> SAYURI, op.cit., 2024.

<sup>140</sup> PATSCHIKI, op.cit., p.59-60.

<sup>141</sup> Ibid., p.62.

<sup>142</sup> SALGADO, Daniel. O boom editorial conservador puxado por Olavo de Carvalho. **O Globo**. 30 nov. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/o-boom-editorial-conservador-puxado-por-olavo-de-carvalho-23272585>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

<sup>143</sup> ESCORSIM, Francisco. As editoras em tempo de guerra cultural – II. **Gazeta do Povo**. 08 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/editoras-em-tempos-de-guerra-cultural-ii/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

não conquistado. Em vista disso, a aposta em Carvalho – e suas consequentes indicações de autores e parceiros – se tornou tanto um alento quanto uma novidade para o setor no país.

Acrescido a isso, destaco, em referência ao livro *Doppelgänger: a trip into the mirror world*, de Naomi Klein, a busca por influência que o conspiracionismo político presente na invenção olavista de um outro FSP aspirou em sua popularização nas últimas décadas, sendo medido pela ligação com o mercado editorial nacional. Sob esse cenário, é potencializado um conhecimento ainda não difundido, o que gera expectativas e tendências para o seu compartilhamento – ainda mais quando se estabelece um processo de antagonismo contra um fato ou evento em vigência<sup>144</sup>.

Esse diálogo com o livro de Klein também pode ser indicado pelo período de publicação dos livros olavistas sobre o FSP. Trata-se de um espaço temporal curto entre todas as publicações listadas como fontes para este trabalho, considerando o livro de Salgueiro, em 2016, e a concentração de publicações em 2022, casos de Carvalho, Araújo, a reedição de Paola e Esclusa. Ao se analisar essa proximidade – e também coincidência – temporal, sobretudo na realidade política brasileira, é possível estipular as intenções dessas escolhas, articulando-as com a guinada extremista e à direita no país durante esse período.

Sob esse contexto, é evidente que as publicações desses livros estão articuladas com momentos decisivos e críticos na política nacional dos últimos anos – sobretudo no Brasil. Os anos de 2016 e 2022 são períodos em que a política brasileira passou por processos e eventos transformadores. Há uma coincidência, por exemplo, na publicação dessas produções ao período em que aconteceu: o neogolpismo<sup>145</sup> – veiculado como *impeachment* – sofrido pela ex-presidenta Dilma em 2016; e a turbulenta eleição de 2022 entre Lula versus Bolsonaro e seus desdobramentos no início do governo Lula III em ano posterior.

Um adendo a isso são os casos excepcionais dos livros de Carvalho e de Paola que, apesar de serem (re)lançados recentemente, dialogam com uma outra conjuntura política. O primeiro, por ser um compilado de escritos de Carvalho, apresenta a trajetória de oposição do autor não somente ao FSP, mas também aos governos petistas do país ao longo das décadas de

---

<sup>144</sup> KLEIN, Naomi. *Doppelgänger: a trip into the mirror world*. Toronto: Knopf Canada, Penguin Random House, 2023, p.113-114.

<sup>145</sup> O uso do termo neogolpismo é para elucidar a nova roupagem estabelecida em golpes de Estado contemporâneos. Ao contrário do século XX, sobretudo na América Latina, em que deposições de governos eleitos foram realizadas por intervenções cívico-militares, na atualidade os golpes políticos se apresentam em um viés de legalidade, sendo conduzidos de maneira institucional e previstos nas constituições nacionais, como o exemplo do *impeachment*. Ver também em: ARAÚJO, Matheus Alexandre; PEREIRA, Vanessa dos Santos. Rupturas, neogolpismo e América Latina: uma análise sobre Honduras, Paraguai e Brasil. Florianópolis: *Revista Katálysis*, v.21, n.1, 2018, p.126.

2000 e 2010. Em semelhança, o livro de Paola, publicado inicialmente em 2008, aponta um enfoque para os mandatos sucessivos de Lula no país, sendo finalizado antes da sucessão e reeleição de Dilma Rousseff à presidência do Brasil.

Em razão disso, ao relacionar o período de publicação dos livros com o cenário político nacional em vigência, resgato um outro ponto relevante, presente no livro de Klein, que aborda esse tópico em uma escala global e contemporânea. A autora destaca que “as conspirações sempre se manifestaram em tempos de crise – mas nunca antes tinham sido uma indústria em expansão por direito próprio”<sup>146</sup>. Assim, há um interessante ponto de mudança entre as primeiras e as atuais produções e edições dos livros olavistas sobre o FSP, em que se percebe, para além de um conspiracionismo político permanente e crescente, a passagem de repercussão para a interferência política nas conjunturas mencionadas.

Em um primeiro momento, com os escritos de Carvalho e Paola, a denúncia não atinge o seu potencial objetivo, mas engendra um caminho a ser percorrido. Em avanço temporal, articulado às transformações políticas exemplificadas no Brasil atual, é perceptível que a desconstrução da organização ganha espaço e força como uma arma de oposição. Nisso, a invenção de um outro FSP se manifesta e, principalmente, se intensifica como um fenômeno duradouro em meio à transição de realidades e contextos políticos no país.

Em complemento a isso, Thiago Augusto Carlos Pereira e Ezequiel Saferstein, em *A nova direita e os livros: autores, editoras e best-sellers de direita no Brasil e na Argentina*, reforçam que se trata de uma das formas de intervenção do espaço público realizada por grupos de direita – e extrema direita – na contemporaneidade. No caso dos olavistas que produziram os livros analisados neste trabalho:

São autores que recuperam parcialmente aspectos do papel desempenhado pelo intelectual público do século XX – a realização de atos públicos, a ação coletiva, a argumentação moral –, ainda que o caminho de seu reconhecimento se dê em maior medida em função de sua visibilidade midiática, editorial e virtual, e não por sua inserção em espaços mais clássicos como a academia ou o cenário das revistas culturais latino-americanas. Mesmo assim, eles se posicionam como referentes, influenciadores digitais ou formadores de opinião que ocupam e cumprem uma função intelectual<sup>147</sup>.

Nesse sentido, os autores apontam que se trata de um movimento frente a uma batalha cultural e política existente no país e na região ao longo das últimas décadas, sintonizando os pilares ideológicos identificados na construção e consolidação do olavismo no mesmo

---

<sup>146</sup> KLEIN, op.cit., p.115.

<sup>147</sup> PEREIRA, Thiago Augusto Carlos; SAFERSTEIN, Ezequiel. *A nova direita e os livros: autores, editoras e best-sellers de direita no Brasil e na Argentina*. **Cadernos Prolam/USP - Brazilian Journal of Latin American Studies**. São Paulo, v. 23, n. 48, 2024, p.82-83.

período. Portanto, os livros passam a ser “um dos espaços preferidos para a circulação de sentidos pela direita”<sup>148</sup>, resgatando, nesse campo político, o histórico papel de autoridade e de prestígio social desses objetos culturais e seus respectivos escritores, editores e, dentre outros, profissionais envolvidos com o meio editorial na atualidade.

Por essa compreensão, a escolha por abordar o mercado editorial nacional em relação aos livros olavistas é importante, pois, como destaca Leonardo Nóbrega da Silva, em *O mercado editorial e a nova direita brasileira*, se trata de um elemento que media a conexão entre autor, texto escrito e leitor, promovendo um vínculo que pode vir a ser efetivo, caso consiga acessar a necessidade deste. Além disso, ao analisar esse ponto, o intuito foi enfatizar que o crescimento de obras olavistas é fruto de uma escolha oportunista e estratégica por parte das editoras – sobretudo, as brasileiras<sup>149</sup>.

Contudo, mesmo que a intenção tenha aproximação ideológica, reforço também que o mercado editorial, como parte do sistema capitalista ao qual estamos intimamente vinculados, projeta o lucro. Em concordância com o artigo de Silva, é possível inferir que as editoras pactuadas com o olavismo nesse período, em vista da realidade política vigente no Brasil, condicionaram o julgamento acerca da qualidade intelectual e literária dessas obras pelo faturamento projetado e almejado<sup>150</sup>. Assim, se Carvalho se tornou um autor “*best-seller*”, o conteúdo se torna secundário em relação à sua capacidade de venda – o que também é válido para seus alunos-seguidores e a tendência de replicar o mesmo caminho do tutor/mestre.

Desse modo, o envolvimento e o interesse do mercado editorial brasileiro pelas obras dos olavistas indicam o olavismo também como um negócio. Uma faceta que se mostra explicativa para se compreender a dedicação desses sujeitos na produção de livros e a capacidade de torná-la uma ocupação profissional, reforçando o aspecto midiático e também empresarial de Carvalho e seus alunos-seguidores. Ou seja, publicar sobre o FSP, ainda mais sob um discurso conspiratório, também proporcionou, para além do status de autoridade intelectual admitido anteriormente, benefícios econômicos.

Diante de todos os pontos levantados neste tópico, a análise proposta para as produções olavistas sobre o FSP constatou a sintonia envolvendo os integrantes do olavismo – de Carvalho a Araújo – e como esse vínculo indica trajetórias de vida semelhantes e/ou

---

<sup>148</sup> Ibid., p.83.

<sup>149</sup> SILVA, Leonardo Nóbrega da Silva. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.3, n.2, 2018, p.74-75.

<sup>150</sup> Ibid., p.75-76.

inspiradoras dentro desse grupo, o que pode ser medido e reconhecido pelo aparelhamento ideológico exemplificado em uma versão conspiratória sobre a organização latino-americana, como também pelos incentivos econômicos admitidos na escrita de livros patrocinados pelo atual mercado editorial brasileiro. Em suma, é conveniente dizer que se trata de uma mistura entre oportunismo e convicção política, isto é, entre o útil e o agradável.

### **1.3 A conspiração documentada: o discurso olavista sobre o FSP**

Os tópicos anteriores sedimentaram o olavismo como um grupo composto por bases e referências ideológicas definidas, como também por integrantes que, direta e/ou indiretamente, estão conectados. O interesse deste trabalho é compreender, por meio do discurso, esse vínculo manifestado em uma versão conspiratória sobre o FSP e os seus respectivos e atuais desdobramentos e/ou reflexos políticos na América Latina e, de modo mais específico, no Brasil.

Contudo, até então, o enfoque foi direcionado para o anúncio desse propósito, o que envolveu apresentar e contextualizar todas as partes envolvidas – desde conceitos atribuídos e compartilhados por Carvalho até as produções de olavistas ligadas ao seu modo de pensar o mundo. Nesse sentido, o passo seguinte vislumbra legitimar o que foi apresentado, analisando o impacto do discurso conspiracionista do olavismo transmitido em produções recentes sobre o FSP. Portanto, o intuito é investigar os argumentos admitidos e os potenciais sentidos que embasam os olavistas em estabelecer um duelo contra uma suposta “mega-organização” comunista latino-americana ao longo do século XXI.

Sob esse interesse, proponho uma primeira aproximação teórico-metodológica para atingir essa finalidade: o discurso performativo, proposto em atos de fala, de Austin. De modo específico, considera-se que o discurso conspiratório sobre o FSP enunciado e propagado por Carvalho e demais autores olavistas é, em semelhança aos atos de fala ilocucionários austinianos, uma prática ritualizada<sup>151</sup>. Em outras palavras, em alusão à releitura da obra de Austin realizada por Butler, compreende-se esse discurso olavista como uma ação que “eco ações anteriores e acumula a força da autoridade pela repetição ou citação de um conjunto de práticas anteriores e de cunho autoritário”<sup>152</sup>.

Em conexão ao trabalhado nos tópicos anteriores, o ritual estabelecido por um discurso performativo – que, neste trabalho, é admitido pelo viés conspiratório – também repercute nos

---

<sup>151</sup> AUSTIN, op.cit., p.32.

<sup>152</sup> BUTLER, op.cit., p.63-64.

seus anunciantes e/ou falantes. Isto é, em nova citação do texto de Butler, é destacado que esse tipo de discurso atrelado ao convívio social se transforma em uma parte crucial na formação e reformulação do sujeito. O resultado desse cenário – e que é compatível com o ideal olavista – é a contestação política, que é admitida como elemento principal de organização e/ou ordenamento da sociedade em uma dada realidade. Com isso, Butler ressalta que a ação ritualística destacada por Austin revela um outro potencial: a insurreição<sup>153</sup>.

Para além de Austin e Butler, outra referência teórico-metodológica presente na análise do discurso conspiracionista sobre o FSP nos livros olavistas são as formas simbólicas de cultura presentes no trabalho de Thompson. Em diálogo com esse autor, as obras pertencentes ao olavismo se enquadram, para este trabalho, em um cenário voltado para a comunicação de massas, projetando, assim, uma realidade em que se é possível atingir uma quantidade extensiva de pessoas no presente<sup>154</sup>.

Mas, ainda mais importante que isso, a análise do discurso proposto para essas produções, com o intuito de se identificar aspectos que as caracterizam como partes de uma conspiração política, são os efeitos de sentido instigados por esses autores. Em retomada de Thompson, verifico a presença de operações gerais da ideologia organizadas pelo autor nas seguintes categorias: legitimação; dissimulação; unificação; fragmentação; e reificação – e suas respectivas estratégias discursivas<sup>155</sup>. Um conjunto de elementos que contribui para a interpretação da versão olavista sobre o FSP e suas conexões com a conjuntura política latino-americana e brasileira do século XXI.

Em virtude da quantidade de livros escolhidos e da interação entre os autores no interior do olavismo, a análise proposta admitiu a formação de subtemas que reforçam a existência tanto de diferentes argumentos conspiratórios sobre a organização latino-americana quanto da replicação destes pelos olavistas em suas obras, o que indica cooperação em torno de uma mesma e/ou semelhante finalidade discursiva. Sob essa explicação, segue a divisão de subtemas a serem apreciados:

Tabela 4 – Subtemas dos livros olavistas sobre o FSP

<b>A) Estrutura/Funcionamento interno</b>
---

<sup>153</sup> Ibid., p.186-187.

<sup>154</sup> THOMPSON, op.cit., p.31.

<sup>155</sup> O detalhamento das operações ideológicas e de suas respectivas estratégias discursivas foram apresentadas na introdução deste trabalho. Ao longo deste tópico, o envolvimento dessas categorias escolhidas por Thompson será associado com argumentos – que serão tratados como subtemas – olavistas acerca do FSP.

<b>B) Filiais/Organizações sucursais</b>	Diplomacia
	Crime
	Mídia
	Geopolítica
<b>C) Eleições presidenciais na América Latina</b>	
<b>D) Reação à direita</b>	

Fonte: Elaboração Própria

A sequência A-D, apesar de ser uma escolha dentre diferentes possibilidades de arranjos dos subtemas indicados, representa uma lógica discursiva importante para o entendimento do conspiracionismo político. Trata-se de um percurso, semelhante ao tradicional começo-meio-fim, que, diante do cenário político da América Latina no século XXI, se manifesta em um enredo disposto, inicialmente, pelo (re)conhecimento do FSP como alvo e/ou inimigo; seguido da extensão e atuação deste na região; e, por fim, nas formas de combatê-lo, isto é, nas saídas encontradas pelo olavismo para combater a organização latino-americana.

Em primeiro lugar, a estrutura e/ou o funcionamento do FSP, apesar de sigilosos na visão dos olavistas, são revelados pelos próprios conspiradores a partir do contato com documentações e sites oficiais deste, como o caso das atas de reuniões gerais e relatórios de GTs internos. Diante desse acesso, autores como Salgueiro, Olavo e Araújo apresentam em seus livros a preocupação com as decisões e posicionamentos conjuntos que eram ratificados ao final dos Encontros – nomenclatura mais usual para retratar as reuniões internas – do FSP.

Para Salgueiro, os consensos admitidos nessas atividades, apresentados pelas lideranças da organização latino-americana como debates ou discussões políticas, indicavam, na verdade, ordens a serem cumpridas por seus integrantes em seus respectivos países. Assim, uma demonstração da influência e até mesmo da interferência que o FSP realizava sobre o destino da América Latina durante o século XXI:

Quer dizer, quando Lula afirmava que o Foro de São Paulo não passava de um grupo de partidos e movimentos de esquerda que se reuniam para “discutir” a conjuntura política da América Latina e do Caribe ele sabia que estava mentindo, uma vez que essa organização tem caráter deliberativo, ou seja, toma decisões que devem ser acatadas, assinadas e postas em prática por todos os membros permanentes do Foro<sup>156</sup>.

O entendimento de Salgueiro vai ao encontro de Carvalho, que, ao escrever sobre as “digitais” do FSP, afirma que, ao longo da trajetória da organização latino-americana, “todas

<sup>156</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.50.

as declarações finais foram assinadas pela unanimidade dos participantes. (...) o que prova que a esquerda latino-americana permanece unida por baixo de suas divergências de superfície”<sup>157</sup>. Uma concordância, portanto, que indica o estabelecimento de consensos entre os integrantes da organização em seus encontros formais – o que é até mesmo admitido por bibliografias oficiais do FSP ou de autores que já pertenceram à organização, como os casos de Pomar e Regalado, Abreu e Franco citados na introdução deste trabalho.

Por outro lado, Carvalho também revela, em sequência, que “as ações do Foro se prolongam muito além daquilo que consta das atas”<sup>158</sup>. Isto é, além das decisões acatadas de maneira coletiva e expressas em documentos oficiais, há ainda outras definições que não estão publicadas, mas que acontecem na prática. Esse indício se tornou uma das principais características atreladas ao FSP pelos olavistas, respaldando a articulação com o fenômeno do conspiracionismo: o segredo e/ou o mistério.

Em concordância a isso, Araújo reforça em seu livro que “os detalhes mais importantes sobre Foro de São Paulo, porém, nunca estão no que é divulgado”<sup>159</sup>. Mas o olavista vai além ao transcrever, em seu livro, um outro desabafo de Carvalho de que “há anos aviso que no Foro de São Paulo o mais importante não são as assembléias, mas as conversações discretas, ou reservadas, onde o destino de vários países é decidido pelas costas da população”<sup>160</sup>. Inclusive, uma passagem que também é mencionada no artigo *Conheça o Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil*, escrito por Felipe Moura Brasil, em 2014, para a *Veja*<sup>161</sup>.

Esse apontamento destacado por Carvalho e Araújo em suas produções, acompanhado de outras como o artigo de Brasil, é um exemplo evidente do viés conspiratório olavista. Em resgate do texto de Leone, Madisson e Vetsel, os autores concebem a conspiração política como uma explicação para eventos cujo resultado corresponde a um grupo de pessoas agindo em segredo para um fim nefasto. Além disso, um retrato que cria símbolos culturais a partir de memórias de traumáticos momentos históricos, projetando-os em contextos futuros<sup>162</sup>. Assim, ao retratar a estrutura e/ou o funcionamento do FSP dessa maneira, a finalidade dos olavistas é, justamente, projetar um suposto sigilo como uma evidência de perigo.

---

<sup>157</sup> CARVALHO, 2022, p. 62-63.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p.63.

<sup>159</sup> ARAÚJO, op.cit., p.96.

<sup>160</sup> *Ibid.*, p.96.

<sup>161</sup> Trata-se de um dossiê realizado por Felipe Moura Brasil sobre o FSP que contempla a visão conspiratória sobre a organização no Brasil. Ver também em: BRASIL, Felipe Moura. *Conheça o Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil*. *Veja*, 24 mai. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/conheca-o-foro-de-sao-paulo-o-maior-inimigo-do-brasil/>>. Acesso em : 27 jul. 2025.

<sup>162</sup> LEONE; MADISON; VETSEL, op.cit., p.44-45.

Por outro lado, o entendimento de Salgueiro e de Carvalho de que as decisões do FSP são impositivas aos países latino-americanos também se associa às abrangências do conspiracionismo como fenômeno político na contemporaneidade. No texto de Giry e Taka – também já mencionados neste trabalho –, é proposto que as conspirações, como uma representação política de caráter hegemônico, passem a ser tratadas como discursos onipresentes e inquestionáveis. Portanto, uma visão de mundo que reforça uma potencial verdade que deve ser validada, mesmo que sem comprovações concretas<sup>163</sup>.

Por esses dois fundamentos, o primeiro subtema disposto nesta análise corrobora com o caráter ritualístico existente nos atos ilocucionários de Austin. Trata-se de argumentos que, equiparados como ações, produzem intenções e almejam validações na relação dos olavistas com o seu público leitor. O intuito, considerando os pontos de vista de Carvalho, Salgueiro e Araújo, é semelhante: avisar e/ou informar sobre detalhes – ou mesmo os bastidores – da rotina organizacional do FSP. Para esses sujeitos, somente o olavismo poderia proporcionar ou teria coragem de retratar, considerando a influência obscura da organização latino-americana sobre as conjunturas políticas recentes.

Em complemento a isso, os trechos destacados neste subtema, ao relacionar-se com as diferentes operações ideológicas de Thompson, convergem tanto para a legitimação – com enfoque na narrativização – quanto para a unificação – ao se estipular uma padronização argumentativa. No primeiro caso, os autores olavistas indicam que os consensos públicos e sigilosos entre os integrantes do FSP corroboram para a atuação e a projeção política em seus respectivos países. Ao passo que, no segundo caso, a repetição desse argumento nos três livros pressupõe que se trata de um referencial que é compartilhado como um padrão de interpretação acerca da organização entre os olavistas.

Os pontos trazidos neste subtema revelam, por fim, um discurso que “encurrala” a organização latino-americana na condição de um inimigo e/ou alvo a ser combatido, visto que, em primeiro momento, o que está publicizado é demonstrativo de seu poderio negativo sobre a América Latina. Em segundo momento, caso a primeira proposição não seja suficiente, é enfatizado que o FSP atua de modo clandestino, tornando-o ainda mais perigoso para a região. Tal raciocínio que, mesmo que aparente falhas discursivas, é, na verdade, um combo argumentativo – em que um complementa o outro – estratégico e característico na produção e propagação de conspirações políticas.

---

<sup>163</sup> GIRY; TIKÁ, op.cit., p.114-115.

Em sequência, apesar de a organização e o funcionamento interno do FSP serem importantes para o discurso conspiracionista obter sentido, os autores olavistas indicam um segundo subtema. Neste, infere-se que a organização foi construída mediante parcerias e, na atualidade, desdobradas em outras e novas organizações – o que pode ser pensado como filiais ou sucursais do FSP. Trata-se de alianças que refletem, na visão do olavismo, a capacidade dessa organização de estabelecer contatos e conexões em diferentes âmbitos das sociedades contemporâneas, reforçando um domínio integral ou completo sobre tudo e todos.

O panorama disso é exposto por Araújo em seu livro, destacando diferentes organizações que foram criadas na América Latina e que passaram a ser confundidas com o FSP. Contudo, para o autor, não se trata de uma confusão:

Os agentes revolucionários, ao longo das últimas décadas, criaram diversas organizações e grupos em nosso continente, como o mencionado Grupo de Puebla<sup>164</sup>, Grupo de Marbella<sup>165</sup>, CELAC<sup>166</sup>, Conferência Tricontinental<sup>167</sup>, OLAS<sup>168</sup> etc.; cada um com um objetivo específico, que naturalmente compartilham, por vezes, os mesmos membros entre si, o que nos leva a estas confusões e simplificações. Estas organizações são em sua maioria “sucursais” do Foro de São Paulo, outras são tomadas “por dentro” e passam a trabalhar em favor da organização principal<sup>169</sup>.

Para além de organizações internas, Paola e Salgueiro escreveram sobre um possível Pacto de Princeton, realizado em 1993, em que “Lula e Fernando Henrique Cardoso, sob a coordenação de Warren Christopher, Secretário de Estado de Clinton, chegaram a um Pacto

---

<sup>164</sup> O Grupo de Puebla é apontado como um dos possíveis sucessores do FSP, considerando a sua criação em 2019, sendo composto por diferentes representantes da esquerda latino-americana, mas que também conta com lideranças estrangeiras de mesmo espectro político. Para mais informações, o Grupo de Puebla possui site próprio e uma atualização constante de suas atividades, assim como, a listagem de seus membros: <<https://www.grupodepuebla.org/>>.

<sup>165</sup> O Grupo de Marbella é destacado por Araújo a partir de uma entrevista de José Dirceu, ex-deputado e ex-ministro da Casa Civil no governo Lula, para o programa Provocações de Augusto Abujamra, em que ele relata sobre a criação desse grupo em conjunto ao FSP. A nomenclatura Marbella se refere ao hotel, no Chile, em que ocorreu a reunião de lideranças que, no futuro, se tornariam presidentes de seus países na América Latina. O trecho da entrevista é possível de ser acessado em: TV CULTURA. PROVOCações 342 e 343 com José Dirceu - bloco 02. Youtube, 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jN9jm6CNBCK>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>166</sup> A Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) é um bloco intergovernamental entre 33 países da América Latina, criado em 2010, que realiza debates e posicionamentos políticos de temáticas relevantes para os países da região.

<sup>167</sup> A Conferência Tricontinental denota décadas anteriores ao surgimento do FSP, sendo um movimento idealizado na década de 1960 por países latino-americanos, africanos e asiáticos em aliança para o trato de questões como o anti-imperialismo no auge da Guerra Fria. Uma matéria interessante sobre a primeira conferência do movimento está presente no portal de notícias Brasil de Fato. Ver também em: MELLO, Michele de. Há 57 anos, movimentos populares realizaram a I Conferência Tricontinental; relembre encontro. **Brasil de Fato**, 3 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/03/ha-57-anos-movimentos-populares-realizaram-a-i-conferencia-tricontinental-relembre-encontro/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>168</sup> A Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) pode ser considerada um desdobramento da Conferência Tricontinental. Trata-se de uma organização que vislumbrava ser uma rede de coordenação da luta anti-imperialista na América Latina, capitaneada pelo regime revolucionário cubano.

<sup>169</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 15.

entre o Foro de São Paulo e o Diálogo Interamericano (DI), no qual foram ajustadas algumas estratégias para a América Latina”<sup>170</sup>. Para Paola, esse acordo se estabelecia, justamente, em um período pós-URSS cujos rumos políticos globais indicavam a necessidade de rearranjos para as esquerdas da região<sup>171</sup>.

Não suficiente, Paola relata que a parceria entre o FSP e o DI foi intensificada em uma proposta para que “a esquerda, mesmo radical, guerrilheira, revolucionária e marxista, abandonasse a forma atual de tomada do poder pela revolução e optasse pela participação em eleições, oferecendo como contrapartida o apoio do Diálogo para nele permanecer”<sup>172</sup>. Assim, Paola apresenta uma possível causa, isto é, um importante aliado externo para o período conhecido como onda rosa na América Latina e a participação do FSP nesse cenário político.

Em complemento, Salgueiro apresenta os desdobramentos desse pacto internacional do FSP com agentes estrangeiros, caso do DI estadunidense. Para a autora, a consequência da aliança entre as duas organizações oportunizou não somente um caminho político para os partidos legalizados do FSP, mas também “para que os bandos terroristas fizessem acordos de paz e se legalizassem como partidos políticos, obtendo êxito em países como El Salvador, Guatemala e Nicarágua, no passado, e atualmente luta pela mesma conquista com as FARC<sup>173</sup> e o ELN<sup>174</sup> na Colômbia”<sup>175</sup>.

As organizações e o pacto mencionados pelos olavistas em suas respectivas obras, a partir de um enfoque na diplomacia da região nas últimas décadas dos séculos XX e XXI, expõem, em continuidade desta análise, o traço conspiratório no discurso do olavismo sobre o FSP. O diferencial desse argumento é observar que a suposta influência da organização latino-americana é concretizada ao citar e/ou exemplificar a existência de filiais sob o seu comando, assim como destacar a presença de aliados estrangeiros em sua trajetória política.

---

<sup>170</sup> PAOLA, op.cit., p.209.

<sup>171</sup> Ibid., p.209.

<sup>172</sup> Ibid., p.210.

<sup>173</sup> As FARC são apontadas como a principal força guerrilheira da Colômbia e, também, da América Latina. Possui um lastro de existência semelhante à ELN, originada na década de 1960 e de existência permanente na atualidade. É consequência dos desdobramentos políticos do país em décadas anteriores, em que houve a presença de uma guerra civil, e da influência da Revolução Cubana na América Latina. Inclusive, as FARC se denominam como uma organização de aspirações comunistas que, sob a tática de guerrilha e luta armada, travou inúmeros conflitos com o governo colombiano. Em últimos tempos, mediante sucessivas tentativas de acordo de paz, as FARC modificaram sua estrutura, passando a integrar a política institucional como um partido político que, inicialmente, manteve o mesmo nome, mas que, nos últimos anos, se transformou em Comunes.

<sup>174</sup> O ELN é também um grupo guerrilheiro da Colômbia, sendo formado em meados da década de 1960 e existente até os dias atuais. Sob influência da Revolução Cubana, é formado por diferentes setores populares colombianos que, ao longo de sua existência, angariaram reivindicações, tentativas de diálogos e confrontos contra o governo nacional, assim como estabeleceram o controle de regiões do país.

<sup>175</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.58.

Por referenciar a política externa do FSP em “braços” e acordos, corroboro o argumento utilizado no subtema antecedente de que a organização latino-americana atua, politicamente, por meio da construção de consensos e de que as decisões políticas, como no caso de se pleitear a participação em eleições, eram seguidas por todos os integrantes e/ou membros, o que, para o conspiracionismo olavista, não se trata de um fato positivo. Assim, um ponto que fortalece não somente a interpretação do grupo em si, mas também promove ainda mais sustentação para a explicação desses autores sobre a conjuntura da América Latina desse período.

Nesse último apontamento trazido por Salgueiro em relação ao pacto FSP-DI, chamo a atenção para a ligação entre a diplomacia e a criminalidade na América Latina trazida pela autora. Enquanto Paola adverte sobre o interesse e o patrocínio estrangeiro para o FSP de eleições na região, Salgueiro alerta para uma abertura ou uma ampliação para que essa participação fosse realizada por grupos criminosos ligados à organização. Essa diferença, que não aparenta ser uma discordância entre os sujeitos, intensifica a finalidade da construção de um outro FSP pelo olavismo: a exaltação de um inimigo político a ser combatido. Mais um indício do viés conspiratório estabelecido nesse discurso.

Em acréscimo a isso, Araújo indica a relação de organizações, grupos e movimentos guerrilheiros e sociais latino-americanos que integraram ou ainda integram o suposto lado criminoso do FSP. Para o autor, em concordância com Salgueiro, são esses representantes que se aproveitam da estratégia político-eleitoral definida pela organização latino-americana:

Os mecanismos revolucionários não reconhecem como partido somente os grupos que obedecem à burocracia “burguesa” vigente, mas também todo e qualquer grupo que esteja disposto a lutar contra o status quo da sociedade atual em favor da revolução. Grupos como o Movimento 19 de Abril (M-19)<sup>176</sup>, Exército de Libertação Nacional da Colômbia (ELN), Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA)<sup>177</sup>, Sendero Luminoso (PCP)<sup>178</sup>, Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR)<sup>179</sup>, Movimento dos Trabalhadores

---

<sup>176</sup> O M-19, que surgiu em 1973 e encerrou suas atividades em 1990, foi uma guerrilha - e posteriormente integrante de um partido político - na Colômbia que, durante esse período, se rebelou contra o governo colombiano da época, realizando diferentes manifestações e contravenções no país.

<sup>177</sup> O MRTA, grupo guerrilheiro peruano fundado na década de 1980, surge como uma resposta ao legado da ditadura militar no país na década de 1960 e inspirado nos movimentos guerrilheiros espalhados e já existentes pela América Latina neste período.

<sup>178</sup> O Sendero Luminoso, que, posteriormente, se tornou o Partido Comunista do Peru (PCP) foi criado na década de 1980 no país, em motivação semelhante ao MRTA. A atuação dos integrantes deste grupo, partindo da influência da luta armada estabelecida por outras guerrilhas na América Latina, se direcionou para o questionamento da estrutura política do Peru, no processo de redemocratização, e seus reflexos na realidade da população peruana à época.

<sup>179</sup> O MIR foi uma organização política fundada na década de 1960 no Chile, enfraquecida, como movimento, nos anos 1980. Sob influência da Revolução Cubana, o MIR participou da OLAS e buscou protagonismo na política chilena do século XX, sendo ponto de apoio para a candidatura de Salvador Allende à presidência do país, ao passo que também se tornou uma relevante resistência clandestina à ditadura de Augusto Pinochet, após a trágica

Rurais Sem Terra (MST)<sup>180</sup> etc., são reconhecidos como partidos da mesma forma que os demais, porém não estão alinhados à ótica burguesa de legalidade. Em alguns casos, estes movimentos são convertidos em partidos políticos “oficiais” para que possam implementar a revolução pelos meios “democráticos”, como recentemente ocorreu com as FARC<sup>181</sup>.

Diante da quantidade de organizações mencionadas, as FARC se tornam o principal exemplo para os olavistas acerca do vínculo do FSP com o crime. Em seu livro, Carvalho identifica e expõe as FARC como uma organização comunista, ligada ao narcotráfico, que “desde 1990 faziam parte do Foro de São Paulo, onde articulavam suas ações com a estratégia geral da esquerda latino-americana, garantindo apoios políticos que as tornavam virtualmente imunes a perseguições em vários países onde operavam”<sup>182</sup>.

Não suficiente, Carvalho acrescenta, a partir do cenário brasileiro sob a presidência de Lula da Silva, que “as FARC não estão infiltradas só nos altos escalões da República: elas dominam também os *bas-fonds* da criminalidade, por meio de seus contatos com o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), por sua vez estreitamente articulados com o MST e organizações congêneres”<sup>183</sup>. Logo, Carvalho intensifica a periculosidade do FSP ao apresentar ainda mais entidades criminosas no entorno do FSP.

Para além desse tipo de citação, Araújo vai além e apresenta ao seu público-leitor o envolvimento direto da organização latino-americana com a criminalidade, sendo “marcada principalmente por suas ações ilícitas em vários níveis: tráfico de influência internacional, interferência em políticas internas e o narcotráfico”<sup>184</sup>. Nesse sentido, o autor também indica a influência dos governos petistas no Brasil, especialmente na década de 2000, como um dos principais responsáveis por esse processo:

O Estado brasileiro foi utilizado como financiador e garantidor destes projetos, por meios ilícitos ou por meio de tráfico de influência. No caso brasileiro, porém, não somente o Estado foi utilizado, mas empresas privadas de diferentes setores foram importantes para o sucesso dos empreendimentos revolucionários. Empresas da área da construção civil, frigoríficos e agências de marketing político serviram aos objetivos do Foro de São Paulo<sup>185</sup>.

---

deposição de Allende. O enfraquecimento da organização é apontado pela forte repressão enfrentada durante o período ditatorial chileno, promovendo dissidências e fragmentações internas.

<sup>180</sup> O MST é um dos principais movimentos sociais da América Latina em tamanho, história e relevância em comparação com outras organizações regionais. Foi fundado entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil a partir do arraigado debate fundiário no país, sendo a principal pauta de reivindicação, luta e resistência do movimento em sua permanente existência na contemporaneidade. Para maiores informações, sugiro a navegação no site do MST, considerando seus marcos históricos, bandeiras defendidas, pilares de estruturação, atuação política e demais detalhes: <<https://mst.org.br/>>.

<sup>181</sup> ARAÚJO, 2022, p.20-21.

<sup>182</sup> CARVALHO, 2022, p.38-39.

<sup>183</sup> Ibid., p.369.

<sup>184</sup> ARAÚJO, op.cit., p.31.

<sup>185</sup> Ibid., p.50.

Em complemento, Araújo garante a existência de seu argumento a partir da eclosão, em 2014, da operação Lava Jato no Brasil, que descobriu “um enorme volume de pagamentos de propinas, financiamento de campanhas de membros do Foro de São Paulo e investimento em obras de infra-estrutura com o Brasil como fiador”<sup>186</sup>. Trata-se de um esquema que envolveu diferentes países latino-americanos, como Chile, Panamá, Peru, Angola, Moçambique, Argentina, República Dominicana, Venezuela, México, Guatemala e Equador.

O destaque para a criminalidade, protagonizado sobretudo por Carvalho e Araújo, intensifica este subtema e sua respectiva proposição de retratar a expansão e/ou o alcance do FSP. Os excertos desses olavistas não somente complementam o raciocínio partilhado por Salgueiro e Silva acerca da política externa da organização latino-americana, mas também exploram, como uma assertiva teoria da conspiração, o componente do perigo e até mesmo do medo que, como respostas, instigam e produzem reações extremadas dos leitores.

Em sequência, ainda neste subtema, há ainda espaço para a apresentação de outras organizações que também podem ser consideradas parceiras e/ou filiais do FSP. Nesse caso, o apelo olavista se direciona, especialmente, para a geopolítica da América Latina que, sob o mesmo raciocínio, estaria sob o comando do FSP ao longo do século XXI. Em razão disso, Salgueiro, por exemplo, explicita um conjunto de organizações como Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)<sup>187</sup>, Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA)<sup>188</sup>, União das Nações Sul-Americanas (UNASUL)<sup>189</sup> e CELAC – citada brevemente por Araújo em excerto já repassado neste trabalho<sup>190</sup>.

---

<sup>186</sup> Ibid., p.50.

<sup>187</sup> O Mercosul, criado em 1991 como parte do Tratado de Assunção (TA), é uma organização diplomática sul-americana composta por Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname e Uruguai – a Venezuela também está incluída, mas se encontra atualmente suspensa. O intuito deste bloco de países, conforme definição oficial em site próprio da organização, é a integração e a parceria econômica e, sobretudo, comercial entre os envolvidos, garantindo competitividade e cooperação conjunta frente ao mercado exterior. Para mais informações, acesse: <<https://www.mercosur.int/pt-br/>>.

<sup>188</sup> A ALBA que se tornou ALBA-TCP em uma fusão com o Tratado do Comércio dos Povos, criada em 2004, é composta, atualmente, por países como Antígua e Barbuda, Bolívia, Cuba, Dominica, Nicarágua, São Vicente e Granadinas e Venezuela. A organização fora criada como uma alternativa - e também resposta - à Área de Livre Comércio das Américas, encabeçada pelos EUA, o que a tornou uma referência de articulação e resistência socialista e/ou anticapitalista na América Latina nas últimas décadas. As informações apresentadas, assim como outros detalhes do legado de 20 anos da ALBA-TCP, também podem ser acessadas em: SANTIAGO, Lorenzo. Alba completa 20 anos mirando defesa do socialismo e novos desafios para articulação regional. **Brasil de Fato**, 30 dez. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/12/30/alba-completa-20-anos-mirando-defesa-do-socialismo-e-novos-desafios-para-articulacao-regional/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

<sup>189</sup> A Unasul, criada em 2008, é uma organização latino-americana que visa a construção de um espaço de diálogo, integração e posicionamentos comuns dos países da região em diferentes âmbitos, o que inclui aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Em termos de composição, a proposta da Unasul busca a unidade entre os países do Mercosul e da Comunidade Andina (CAN).

<sup>190</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.97-98.

Ademais, a autora também discorre sobre a existência de “organizações contestatárias” aliadas ao FSP, como os casos do Fórum Social Mundial (FSM)<sup>191</sup>, Mídia Ninja<sup>192</sup>, *Anonymous*<sup>193</sup> e o Movimento Passe Livre (MPL)<sup>194</sup>. Trata-se de uma menção que acompanha, desde veículos de imprensa a movimentos sociais, entidades que estariam envolvidas no fomento e no suporte de uma nova ordem geopolítica e socioeconômica para a América Latina. Por esse motivo, faltam elementos no próprio livro de Salgueiro para se aprofundar acerca dessas citações e, conseqüentemente, encaixá-las na discussão deste capítulo.

Em retomada da geopolítica latino-americana comandada pelo FSP, a autora descreve, a partir de sua concepção, o envolvimento de cada uma dessas organizações supracitadas ao longo do seu livro. No caso do MERCOSUL e da ALBA – hoje ALBA-TCP –, Salgueiro aponta as seguintes intenções do FSP:

Quer dizer, de um bloco de países sul-americanos reunidos em torno do objetivo único de fortalecer o intercâmbio comercial entre si, o Mercosul sofreu um desvio radical de sua origem, passando a atuar no plano político-ideológico (e futuramente militar) como uma sucursal do Foro de São Paulo!<sup>195</sup>

No caso da UNASUL, Salgueiro afirma que, a partir do vínculo com o FSP, os 12 países integrantes dessa suposta filial e/ou sucursal, exemplificados pelos governos da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela, “queriam fazer dessa comunidade algo como a União Europeia, com unificação de passaporte, parlamento e futuramente uma moeda comum a todos como é hoje o Euro”<sup>196</sup>.

---

<sup>191</sup> O FSM é um evento, criado em 2001 na cidade de Porto Alegre (Brasil), que reúne diferentes movimentos sociais nacionais e internacionais. Trata-se, a partir do trabalho sintético de Valdemar Sguissardi sobre a organização, de um “verdadeiro marco de esperança e um novo espaço mundial para a reflexão e a organização de todos os que se contrapõem às políticas neoliberais e estão construindo alternativas para priorizar o desenvolvimento humano e a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais”. Ver também em: SGUISSARDI, Valdemar. Fórum Social Mundial: um outro mundo é possível. Campinas: **Educação & Sociedade**, ano XXII, n.75, 2001, p.291.

<sup>192</sup> Em definição presente em seu site oficial, a Mídia Ninja foi fundada em 2013 e ganhou notoriedade durante as manifestações de junho que reuniram milhões nas ruas do Brasil. À ocasião realizou coberturas ao vivo de dentro dos protestos, com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional. Em 2016 foi uma das principais iniciativas de resistência na luta pelo fortalecimento da democracia em meio a instabilidade política. Foi resistência e promoveu inúmeras denúncias aos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro e ainda cumpriu papel decisivo de conscientização da população durante a pandemia de Covid-19. Ver também em: <<https://midianinja.org/>>.

<sup>193</sup> O *Anonymous* é um grupo e/ou coletivo de hackers e ativistas anônimos, fundado em 2003, que alcançou relevância global ao promover ataques cibernéticos contra diferentes governos e corporações na atualidade. Por ser um movimento descentralizado e de restritas informações, é possível presumir a existência de uma variante do *Anonymous* no Brasil, diante de algumas declarações públicas em referência a acontecimentos nacionais que o grupo esteve envolvido.

<sup>194</sup> O MPL é considerado um movimento social, criado no Brasil no início dos anos 2000, sob a centralidade na pauta do transporte público gratuito, acessível e universal no país. Em 2013, nas Jornadas de Junho, ganhou repercussão nacional diante da inserção de suas pautas no início das manifestações contra o governo de Rousseff no referido período.

<sup>195</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.116.

<sup>196</sup> *Ibid.*, p.123.

Diante dessa quantidade de países destacados, trata-se de mais uma sinalização da megalomania atribuída à suposta influência do FSP na região.

Por outro lado, ainda sobre a UNASUL, há um maior detalhamento no livro de Carvalho. Para ele, a cúpula sul-americana seria “uma autoridade supranacional, um órgão do governo mundial, com poderes para impor o socialismo a todo o continente sem que os povos e nações envolvidos possam deter o processo ou interferir nele no mais mínimo que seja”<sup>197</sup>. Essa proposição que, diferentemente de Salgueiro, explora o suposto e até mesmo o potencial ideológico dessa organização vinculada ao FSP.

Em sequência, no caso da CELAC, retomo a obra de Salgueiro. Em diferença de outras organizações geopolíticas mencionadas, nesta a autora é mais objetiva e apenas salienta que se trata de um dos braços do FSP, sendo criada no ano de 2011 pelo falecido Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela<sup>198</sup>. Por isso, para tratar da CELAC, o resgate necessário se deu pelo livro de Araújo, que, em suas palavras, destaca que

Mais do que uma cúpula diplomática da região, planejada e apoiada pelo Foro de São Paulo, a CELAC tem a missão de cumprir um plano de 55 anos de Fidel Castro. Substituir a OEA, excluir os EUA e o Canadá de toda a diplomacia do continente e assim cumprir a missão que lhe foi incumbida pela União Soviética na criação da OLAS<sup>199</sup>.

O trecho presente na produção de Araújo não somente complementa, mas também, de certo modo, historiciza a criação da CELAC. Isto é, o autor apresenta essa organização como um projeto cujas intenções datam de décadas anteriores à sua criação – e ao próprio surgimento do FSP. Além disso, destaca o plano de dominação por todo o continente, um argumento mais ideológico e semelhante ao atribuído à UNASUL por Carvalho, tornando-se um ativo valioso e convergente aos propósitos do FSP. Assim, trata-se de uma combinação de organizações que exala sentido para o interlocutor do olavismo.

O acompanhamento deste subtema, em consideração às associações diplomáticas, criminalistas e geopolíticas do FSP, destaca que, se houvesse uma lista de características a serem preenchidas para se formular uma teoria da conspiração, todos os pontos estariam carimbados. Em todas essas vinculações, exemplificadas em entidades e organizações filiais e/ou sucursais, foi possível estabelecer um relevante resumo acerca do FSP: extenso, perigoso

---

<sup>197</sup> CARVALHO, 2022, p.23.

<sup>198</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.153.

<sup>199</sup> ARAUJO, op.cit., p.122.

e poderoso. Estes, elementos suficientes – a partir de um tom negativo do discurso – para colocá-lo como um adversário político que, urgentemente, precisa ser combatido.

Ademais, as colocações dos olavistas analisadas retomam um importante ponto condicionante ao fenômeno do conspiracionismo político: legitimidade. Em semelhança à menção ao trabalho de Girardet, a exemplificação de organizações alinhadas ao FSP se torna uma justificativa ao que se segue na linha argumentativa do olavismo. Ou seja, das FARC à UNASUL, é inegável que se trata de organizações que existem no cotidiano, portanto, não sendo passíveis de falseamentos e/ou de ficções. Assim, para o leitor, como ressaltado anteriormente, compreender o FSP em sua versão conspiratória se torna uma tarefa fácil.

Esse subtema apresenta, ainda, mais um importante destaque que se soma ao conspiracionismo político: a fidelidade ao olavismo. Em resgate ao discutido no primeiro capítulo, os enfoques na diplomacia, no crime e na geopolítica por meio de parceiros e parcerias envolvidas com o FSP retratam as bases e referências ideológicas do pensamento de Carvalho. Sob diferentes âmbitos, em todos esses três casos estão presentes reflexos do Tradicionalismo, do globalismo, do anticomunismo e da guerra e do marxismo cultural que, somados aos trechos, fortalecem a versão olavista acerca da organização latino-americana.

Em discussão teórico-metodológica do discurso, de acordo com os referenciais escolhidos por este trabalho, o subtema em questão também pode ser considerado um ato ilocucionário. Os trechos analisados, inclusive, projetam ações que, gradativamente, são complementadas e intensificadas pelos autores olavistas. Por exemplo, em cada argumento presente – dos âmbitos diplomático ao geopolítico – é perceptível que as falas são transformadas, gradativamente, em informações, avisos, prevenções e até mesmo ordens em relação ao FSP. Portanto, trata-se de um processo que, sob a ótica de um discurso conspiratório, caminha de observações e/ou opiniões para comprovações por parte dos enunciadores.

Nesse sentido, os excertos do segundo subtema também repercutem pilares em torno dos atos ilocucionários de Austin. Em semelhança ao subtema anterior, os autores olavistas mobilizados projetam, como ações em suas falas, avisos e informações sobre as articulações realizadas pelo FSP ao longo de sua existência. Contudo, em diferenciação, o grau interpretativo dos olavistas é intensificado ao ponto de se estabelecer como ordens e/ou prevenções voltadas para os seus interlocutores.

Essa transição de avisos a prevenções, como destacado acima, também reforça um outro pilar característico das conspirações políticas: a sensação de infinitude. Um traço discursivo

que é reflexo de um cenário criado e/ou difundido de sucessivas revelações e indicações de novos mistérios pelos conspiradores, tornando o alvo – nesse caso, o FSP – maior do que já se encontrava quando anunciado. Além de indicar, como o próprio nome proposto, que a conspiração não deve – e nem pode – ter um fim, mesmo que se vislumbre solucioná-la.

Além dessa relação com a filosofia da linguagem austiniana, este subtema também pode ser analisado sob a perspectiva de Thompson e, de modo específico, dos modos de operação ideológica do discurso. Diante das possibilidades já destacadas neste trabalho, as categorias que apresentam mais incidência ao retratar supostas organizações filiais e/ou sucursais do FSP são: legitimação – nos âmbitos da racionalização e da narrativização –, da fragmentação – com ênfase no expurgo do outro – e reificação – com a estratégia da eternalização.

Por começo, a legitimidade admitida pelos olavistas ao apresentarem as organizações filiais e/ou sucursais do FSP perpassa por envolver o seguinte raciocínio: denominação mais atuação. Em tradução, destacam as possíveis entidades parceiras ou integrantes do FSP, ao mesmo tempo que retratam suas atividades e interferências na recente conjuntura latino-americana, tornando essa organização como a mandante e/ou a principal influência para a concretização desses episódios. Além de ser um discurso que também acompanha o viés da narrativização, visto que possui intenções prévias e que, como fases de um enredo, passível de ser concretizado.

Em seguida, a associação do FSP ao crime, à diplomacia e à geopolítica latino-americana – com extensão para o continente como um todo, o que inclui acordos com entidades estadunidenses ao domínio completo dos rumos da América Latina –, para além de ser mais um indício de superestimação, revela e repercute um dos principais objetivos do olavismo: o enquadramento do FSP como um inimigo. Portanto, trata-se de fatores que, somados ou mesmo analisados de maneira independente, são suficientes para alimentar a conspiração em curso em uma perspectiva voltada para a sua destruição e/ou eliminação, o que, em vinculação à teoria de Thompson, resulta no expurgo do outro.

Por último, as características atribuídas à organização – e suas potenciais parcerias e acordos nas últimas décadas – pelos autores olavistas manifestam o interesse de eternizá-la ao longo de sua existência histórica. Isto é, a imposição de que diferentes entidades, movimentos e grupos – sobretudo latino-americanos – fazem parte ou sofrem influências do FSP em uma longa jornada temporal e/ou por um longo período de duração fornece a conclusão de que “sempre foi assim” e de que “sempre permanecerá assim”, contribuindo com o entendimento

de que a organização vislumbra transformar países da América Latina em ditaduras comunistas que fazem parte de um plano globalista.

O terceiro subtema, na visão deste trabalho, é o argumento que pode ser considerado mais midiático dos livros olavistas relacionados ao FSP, considerando o período em que foram publicados. Por midiático, entende-se que é um subtema que apresenta mais visibilidade e/ou ressonância para fora dos círculos do olavismo. Assim, trato do suposto envolvimento do FSP nas eleições presidenciais realizadas na América Latina ao longo do século XXI, evidenciando a preocupação dos olavistas com a conjuntura política desse período e, conseqüentemente, a aproximação com uma recente alternativa insurgente: a extrema direita da região.

Em vista disso, para inaugurar esse enfoque, o livro de Esclusa se destaca dentre as demais opções olavistas por descrever três momentos de atuação do FSP na conjuntura política latino-americana nas últimas décadas, sendo dividido em: o início das movimentações e atividades políticas na década de 1990; a chamada “década dourada”, a partir das relevantes e numerosas vitórias eleitorais na década de 2000; e o gradativo declínio político-eleitoral na década de 2010.

Desde 1990 até 1998, os partidos do FSP obtiveram alguns triunfos, posto que ganharam eleições em prefeituras, conseguiram cadeiras em toda a Ibero-América, e inclusive chegaram a controlar alguns governos de estados. Tais triunfos lhes garantiram o financiamento necessário para continuar operando, à espera de uma oportunidade que lhes permitisse sair do desprestígio no qual estavam submersos depois do colapso da União Soviética<sup>200</sup>.

Em 2009 governavam simultaneamente nada menos que quatorze chefes de Estado pertencentes ao Foro de São Paulo: Fidel Castro (Cuba), Hugo Chávez (Venezuela), Lula da Silva (Brasil), Néstor Kirchner (Argentina), Tabaré Vázquez (Uruguai), Fernando Lugo (Paraguai), Michelle Bachelet (Chile), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador), Daniel Ortega (Nicarágua), Manuel Zelaya (Honduras), Mauricio Funes (El Salvador), Leonel Fernández (República Dominicana) e René Preval (Haiti). Por isso, o FSP refere-se a este período como sua “década dourada”<sup>201</sup>.

Não obstante, a partir do ano de 2009 o FSP começou a experimentar um evidente declive, devido a que uma coisa é criticar desde a oposição e outra, muito diferente, é oferecer soluções desde o governo. Quanto à sua gestão governamental, os regimes do Foro de São Paulo foram um verdadeiro desastre, embora o da Venezuela tenha sido o pior de todos. Portanto, a esquerda foi perdendo eleições em toda a região, exceto em Cuba, Nicarágua e Venezuela, onde o sistema eleitoral está controlado pelo oficialismo<sup>202</sup>.

Em primeiro momento, há a impressão de uma concordância envolvendo os três subtemas apresentados, pois Esclusa aborda a existência de um consenso estabelecido pelo FSP – e que pode ter o envolvimento do suposto Pacto de Princeton, por exemplo – destinado à

---

<sup>200</sup> ESCLUSA, op.cit., p.14-15.

<sup>201</sup> Ibid., p.15.

<sup>202</sup> Ibid., p.15-16.

participação e à disputa de eleições na América Latina durante a década de 1990. Um feito que, ao alcançar resultados positivos em instâncias de poder menores, sendo citado por prefeituras e governos estaduais de diferentes países da região, reforça o viés conspiratório olavista acerca do poderio político da organização latino-americana.

Em segundo momento, a referência de uma década dourada do FSP por parte de Esclusa aponta mais um argumento que favorece e que constata a influência desta nos rumos políticos latino-americanos. Aliás, intensifica o suposto projeto de poder dessa organização, considerando que, na década de 2000, há um predomínio de presidentes eleitos cujos partidos são parceiros do FSP. Assim, uma segunda convergência deste subtema com os anteriores, considerando a expansão e/ou o alcance estabelecido pela organização com a virada do século.

Mas não é somente Esclusa que aborda a década dourada do FSP. Salgueiro também discorre sobre esse período de sucesso político-eleitoral da organização latino-americana:

Havia uma certa “euforia” com o sucesso do Foro uma vez que, tendo atingido a maioria, quem começou com apenas um país com governante membro da organização, agora contava com 12 diretamente vinculados ao foro e 2 que não eram eles mesmos membros, mas os partidos com os quais fizeram coalizão<sup>203</sup>.

Além de um indício da conexão ideológica compartilhada entre os autores olavistas, é interessante a percepção de uma linha evolutiva traçada para tratar o envolvimento político do FSP durante as últimas décadas. No caso do excerto de Salgueiro, a autora indica o ápice conquistado pela organização latino-americana em relação aos resultados eleitorais na região. Mas, por ser um livro de publicação mais antiga em relação ao de Esclusa, o ápice destacado – e até utilizado como uma euforia – se tratava, na época de sua escrita, de um momento conjuntural vigente e/ou recente. Assim, o objetivo de denunciar o FSP, a partir dessa premissa, é ainda mais forte em comparação ao cenário descrito pelo venezuelano.

Em retorno às divisões de conjuntura apresentadas por Esclusa, o último apontamento do autor é definido pelo declínio do cenário político vitorioso do FSP, sendo marcado por derrotas eleitorais de representantes ligados à organização latino-americana. Dessa forma, ao indicar um enfraquecimento da suposta influência do FSP na política da América Latina, o autor apresenta um enfoque nas possíveis resistências dessa conjuntura histórica. Isto é, a conspiração passa a ser voltada a atacar os países da região cujos representantes nacionais, considerados de esquerda e pertencentes à organização, ainda se mantiveram no poder.

---

<sup>203</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.76.

O exemplo disso pode ser visto em Araújo, que, em concordância com a análise de Esclusa sobre a derrocada do FSP na década de 2010 – e o fato de os dois livros serem publicados no mesmo período colabora para isso –, relata também a existência de resistências favoráveis ao predomínio e/ou à continuidade da influência da organização na região:

Se na década de 2000 e início da década de 2010 o Foro de São Paulo atingiu o seu ápice, em meados da segunda década a história começou a mudar de rumo. Uma sucessão de acontecimentos contribuiu para isto, porém os principais fatores foram as quedas de 2 potências regionais — Brasil e Argentina — e o declínio econômico e social da Venezuela. Este processo iniciou um efeito cascata em todo o continente, fazendo com que o Foro perdesse sua posição em diversos países como Bolívia, Equador, Paraguai, Uruguai, Chile além dos já citados Brasil e Argentina<sup>204</sup>.

Em termos mais diretos, a partir do trecho supracitado, Araújo menciona a importância da “queda” dos governos brasileiro e argentino, que não estariam mais sob a suposta influência do FSP. Por se tratar de meados para o final da década de 2010, presumo que o autor esteja citando, por um lado, a vitória de Maurício Macri nas eleições presidenciais da Argentina no ano de 2015; e, por outro, a saída de Dilma Rousseff, em 2016, da presidência do Brasil e a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, para o posto máximo da República Brasileira.

Em razão desses últimos episódios políticos nos dois países mencionados por Araújo, é possível estabelecer mais uma conexão entre os livros olavistas. O processo neogolpista imposto ao segundo mandato de Rousseff ocorreu durante a publicação da produção de Salgueiro, mas ainda não havia sido concretizado, portanto, não era possível confirmar o afastamento da presidenta do Brasil, nem mesmo a sua continuidade no cargo. Apesar disso, Salgueiro indica o seu desejo em relação ao processo de *impeachment* em andamento:

Resta agora saber se o PT do Brasil vai conseguir se livrar de todos esses percalços que surgiram com as denúncias de corrupção, para se manter no poder (com ou sem Dilma), ou se será finalmente derrotado. E se isso acontecer, o castelo de cartas dos membros do Foro de São Paulo vai ruir, justificando o desespero e o apoio a Lula de todos eles<sup>205</sup>.

O prefácio do livro de Carvalho, escrito por Grimaldo, já mencionado neste capítulo, também reforça essa ligação entre as mudanças governamentais do país ao longo dos anos 2010:

Depois de 2013, quando começaram as manifestações populares que tomariam as ruas nos anos posteriores, levando ao *impeachment* de Dilma Rousseff e à eleição de Jair Bolsonaro, já não era mais possível esconder de uma população cada vez mais consciente dos crimes da esquerda a existência do Foro, e a alternativa dos comunistas foi minimizar sua importância e influência. Mas já era tarde demais, e a demanda por alguma reação ao Foro de São Paulo, seja ela qual fosse, foi parar na campanha eleitoral e no programa de governo de Bolsonaro<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup> ARAÚJO, op.cit., p.58.

<sup>205</sup> SALGUEIRO, op.cit., p.197.

<sup>206</sup> CARVALHO, 2022, p.13-14.

Esses últimos trechos apresentados, para além de reforçar o enfoque do olavismo em deslegitimar a presença e resistência de representações políticas ligadas ao FSP em meio ao cenário político desfavorável para as esquerdas latino-americanas, destacam o crescente golpismo no discurso conspiratório desses autores. Para que fosse imposto o fracasso ao seu inimigo político, os olavistas se mostraram dispostos a aceitar qualquer manobra política possível, independentemente das condições e das consequências a serem estipuladas no futuro. Esse discurso remonta, por exemplo, os ideais do Tradicionalismo – ressaltado no primeiro capítulo deste trabalho –, mas também elucida a conivência com o avanço do autoritarismo, a partir da ascensão política da extrema direita, na América Latina durante esse período.

Em retomada deste subtema em análise, a discussão olavista sobre a relação do FSP com os diferentes momentos político-eleitorais existentes na América ao longo do século XXI, assim como nos subtemas anteriores, também repercute os atos ilocucionários presentes na obra de Austin. Para além de informar, avisar, ordenar e prevenir, o olavismo se transforma em um discurso performativo – e conspiratório – na medida em que as mudanças de poder nos países latino-americanos acontecem em sintonia com o desejo dos conspiradores.

Com isso, é importante ressaltar que este trabalho não afirma que o olavismo é o principal culpado pela derrocada da esquerda latino-americana – em vista do fenômeno da onda rosa – em meados dos anos 2010. No entanto, é possível inferir que o discurso em contrariedade ao FSP e, conseqüentemente, aos representantes da organização atuantes em diferentes países da região – em destaque para o cenário nacional – contribuiu, mesmo que em menor grau e/ou de maneira indireta, para esse desfecho. Portanto, defendo que o desenvolvimento olavista de uma outra versão do FSP faz parte de um conjunto de ações políticas que potencializaram as mudanças ocorridas na América Latina durante esse período.

Ademais, ainda no âmbito teórico-metodológico da análise do discurso estabelecido por este trabalho, o vínculo deste subtema também se associa aos modos de operação da ideologia de Thompson. Nesse caso, as categorias elencadas, dentre as possibilidades não contempladas, são: legitimação – com destaque para as estratégias de racionalização, universalização e narrativização; unificação – em consideração à padronização e simbolização de unidade; e fragmentação – com destaque para o efeito de sentido denominado expurgo do outro.

Em razão da semelhança de categorias apontadas em subtemas anteriores, o que, apesar de o enfoque ser diferente, segue o mesmo sentido ou efeito discursivo, proponho que sejam aprofundadas apenas as categorias que ainda não foram relatadas neste trabalho. Com isso, a estratégia de universalização – presente no modo de operação ideológica chamado de

legitimação por Thompson – e de simbolização de unidade – incluída na categoria denominada de unificação – são as categorias a serem apreciadas a seguir.

Em primeiro ponto, a universalização pode ser associada a este subtema, visto que há uma tentativa dos olavistas em transformar e expandir o combate ao FSP, como uma pauta própria e até restrita do olavismo, em um tema que deve ser observado e discutido por todos os brasileiros. Apesar de também ser percebido nos subtemas anteriores, por se tratar de períodos eleitorais e de muitos desses livros serem publicados em 2022 no Brasil – ano de eleições no país –, há uma maior ênfase neste, considerando o intuito e a capacidade de atrair a atenção dos eleitores sobre esse suposto problema no entendimento olavista.

Em segundo ponto, por mais que o discurso conspiratório vise à segregação do alvo escolhido, é percebido que, ao mesmo tempo, a oposição olavista ao FSP também passou a ser uma marca e/ou símbolo de unidade e de identidade coletiva tanto para o reduto de Carvalho quanto para uma crescente extrema direita, em especial, no Brasil. Trata-se de uma realização que, juntamente ao efeito de universalização acima destacado e de pilares ideológicos do olavismo – como a guerra cultural –, é potencializada em períodos eleitorais, em que alternativas políticas são lançadas na opinião pública e materializadas nas urnas para barrar uma possível continuidade de lideranças e partidos ligados à organização latino-americana no poder.

O último dos subtemas elencados, intitulado “Reação à direita”, é uma demonstração de que o olavismo também pode surpreender em relação aos seus antagonismos. Em meio à extensa mobilização para se promover a ruína do FSP, os autores olavistas apresentam um outro desejo: a criação de uma organização própria – vinculada à aproximação com a extrema direita – aos moldes do seu inimigo. Este, um objetivo que, para além de fomentar uma concorrência na região, indica que o discurso conspiratório se torna a saída – e até mesmo a desculpa – para o que não se consegue atingir ao longo das últimas décadas.

Nesse sentido, para melhor entendimento sobre o subtema em específico, destaco as considerações de Carvalho sobre a necessidade de se construir uma unidade semelhante – mas de sentido contrário – ao suposto FSP para combatê-lo:

Admitam que, contra uma estratégia comunista de envergadura continental, só uma estratégia anticomunista de idênticas proporções pode alguma coisa. Admitam que só o que os pode salvar é aquilo que vocês mais temem: o enfrentamento ideológico sistemático, abrangente, completo. Assumam a defesa dos valores judaico-cristãos, do modelo ocidental de democracia, das liberdades individuais e declarem em voz alta o nome do inimigo: comunismo<sup>207</sup>.

---

<sup>207</sup> CARVALHO, 2022, p.101.

Em continuidade a esse raciocínio de Carvalho, Esclusa pontua em seu livro que “urge conformar um movimento continental, com uma estrutura similar à do Foro de São Paulo, mas com sinal ideológico contrário”<sup>208</sup>. Dessa forma, evidencio o interesse de ir além ao propor a cópia e/ou a replicação da estrutura e do funcionamento interno da organização latino-americana. Portanto, uma mensagem que corrobora com a premissa defendida de que a conspiração, como um discurso incessante e obsessivo, revela, em lembrança à Demuru, encantamento ao que é retratado. Contudo, no caso da interpretação olavista acerca do FSP, trata-se de um encantamento reprimido pelo inimigo.

Não suficiente, Esclusa também destaca uma série de iniciativas, em que participou e/ou que conheceu, que visaram à concretização desse objetivo olavista. Entre os anos de 2008 e 2018, ele identificou as seguintes tentativas: a União de Organizações Democráticas da América (Uno-América), a Aliança Parlamentar Democrática da América (APDA)<sup>209</sup>, a União de Partidos Latino-Americanos (UPLA)<sup>210</sup>, a Rede Liberal da América Latina (RELIAL)<sup>211</sup>, o Instituto Interamericano pela Democracia (IDD)<sup>212</sup>, a Rede Latino-Americana e do Caribe para a Democracia (REDLAD)<sup>213</sup> e a Internacional Democrata de Centro-Internacional Democrata Cristã (IDC-CDI)<sup>214</sup>. Além destas, também são mencionadas a Iniciativa Democrática da

---

<sup>208</sup> ESCLUSA, op.cit., p.117.

<sup>209</sup> Não foram encontrados detalhes sobre essa organização mencionada por Esclusa.

<sup>210</sup> Trata-se de uma organização de partidos e movimentos políticos de centro-direita das Américas, sendo criada em 1983. Atualmente, é composta por 31 membros de 21 países diferentes, com enfoque na promoção e na defesa da democracia e da liberdade nos países latino-americanos. Ademais, é citado que o desenvolvimento das atividades da UPLA conta com o apoio e colaboração de fundações estrangeiras, como os casos das Fundação Hanns Seidel, da Alemanha, Fundação Jarl Hjalmarson, da Suécia e Fundação Westminster para a Democracia, da Grã-Bretanha. Ver também: QUEM Somos Nós?. UPLA, Santiago, [S./]. Disponível em: <<https://uplatinoamerica.org/upla/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>211</sup> Trata-se também de uma organização que reúne partidos, centros de pesquisa e movimentos políticos liberais da América Latina, sendo fundada em 2004. Em semelhança à UPLA, contou com o suporte e a cooperação de instituições estrangeiras, como o caso da Fundação Friedrich Naumann para a Liberdade na América Latina, além de realizar parcerias com entidades espanholas, britânicas e estadunidenses estabelecidas na Internacional Liberal. Ver também: SOBRE Realial. REALIAL. Cidade do México, [S./]. Disponível em: <<https://reliat.org/reliat/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>212</sup> Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, com sede principal em Miami-EUA, “cujo objetivo é a promoção e disseminação dos valores da liberdade, democracia, direitos humanos e institucionalismo nas Américas”. Em diferença aos seus antecessores, o IDD se considera como um grupo apartidário com enfoque em pesquisas acadêmicas, seminários, colóquios e eventos para atingir os seus objetivos. Ver também: NOSOSTROS. IDD, Miami, [S./]. Disponível em: <<https://www.intdemocratic.org/aboutus-es.html>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>213</sup> A fundação da organização ocorreu, oficialmente, no ano de 2018 com a presença de 150 participantes de 86 entidades latino-americanas. A atuação da REDLAD é, formalmente, institucionalizada a partir de Assembleias Gerais realizadas, de forma periódica, a partir de sua data fundacional - até o momento foram registradas quatro reuniões entre os anos de 2011 e 2017. As preocupações dessa organização latino-americana são voltadas para o entendimento da realidade regional das democracias e da coesão social na região, estabelecendo atividades como o Sistema de Alerta Precoce e demais declarações em torno desses temas. Ver também: NUESTRA Historia. REDLAD, Bogotá, [S./]. Disponível em: <<https://redlad.net/nuestra-historia/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>214</sup> Há uma notícia no portal Espaço Democrático do Partido Social Democrático (PSD) que retrata, brevemente, sobre a IDC-CDI a partir da divulgação de um evento realizado por esta no Brasil em 2025. Trata-se de uma organização considerada de centro e centro-direita que existe desde 1960, reunindo 113 partidos políticos de 83

Espanha e das Américas (IDEA)<sup>215</sup> e a Cúpula Conservadora das Américas<sup>216</sup>, tendo uma reunião organizada por Eduardo Bolsonaro em Foz do Iguaçu, no Brasil, em 2018<sup>217</sup>.

Consoante aos subtemas anteriores, os excertos em destaque também podem ser apontados e/ou analisados como atos de fala ilocucionários, em vista da teoria austiniana mobilizada por este trabalho. Os trechos de Carvalho e Esclusa, no propósito de compreender o discurso como ação, seguem a lógica de alertar e de ordenar sua base de interlocutores sobre a necessidade de se opor ao FSP na atualidade. No entanto, para além de um discurso destrutivo – que se seguiu nos demais subtemas envolvidos neste capítulo –, os autores clamam pela equivalência e/ou equiparação entre campos políticos opostos. Em outras palavras, os olavistas estimulam uma rivalidade com a organização latino-americana ao ponto de propor que o olavismo – e a extrema direita – se torne o outro lado da moeda.

Em acréscimo a isso, trata-se de um subtema que também pode ser associado aos modos de operação ideológicos de Thompson. Dentre as categorias discursivas potencializadas, o princípio da unificação a partir da simbolização da unidade é o mais indicado para este caso. Trata-se de um pressuposto que, como ressaltado em outros subtemas, ressalta o entendimento dos olavistas de que as suas bases e referências ideológicas, manifestadas em suas produções e focalizadas no FSP, são urgentes e que necessitam de ser expandidas e integradas a uma reação extremista e conservadora crescente na América Latina contemporânea.

Diante de todos os pontos apresentados e analisados neste capítulo, a conspiração sobre o FSP presente nos livros olavistas, aliando discurso e ação políticas, rege a essência

---

países em todos os continentes – o PSD é destacado como o atual e principal representante nacional. Com o compromisso de defesa da democracia, dos direitos humanos e do Estado de Direito, a IDC-CDI, cuja sede está localizada na cidade de Bruxelas, na Bélgica, passou por uma renovação estatutária em 2021. Ver também: PSD e Espaço Democrático recebem evento da IDC. **Espaço Democrático**, São Paulo, 19 nov. 2025. Disponível em: <<https://espacodemocratico.org.br/noticias/psd-e-espaco-democratico-recebem-evento-da-idc/#:~:text=Sobre%20a%20IDC%2DCDI,%2DIst%C3%BAriz%20White%2C%20da%20Espanha.>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>215</sup> Trata-se de “um fórum internacional não governamental composto por 37 ex-chefes de Estado e de Governo”, tendo Fernando Henrique Cardoso como representante brasileiro. O grupo possui como principal objetivo observar e analisar os processos e as experiências democráticas na América Latina contemporânea. Ver também: O QUE é uma ideia?. **IDEA**, Miami, [S.]. Disponível em: <<https://idea-democratica.org/nuestrogrupo>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>216</sup> A Cúpula Conservadora das Américas foi um esforço do bolsonarismo em desenvolver um contraponto ao FSP na América Latina, de acordo com organizadores entrevistados pelo Correio Braziliense. O evento realizado em 2018 no Brasil, sob o suporte da Fundação Indigo de Políticas Públicas ligado ao Partido Social Liberal (PSL), reforçou a tentativa de união de representantes conservadores de diferentes países da região, com destaque para o Brasil, Argentina e Paraguai. Ver também: EDUARDO Bolsonaro vai à Cúpula Conservadora das Américas. **Correio Braziliense**, Brasília, 08 dez. 2018. Disponível em: <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna\\_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtml)>. Acesso em: 22 jan. 2026.

<sup>217</sup> ESCLUSA, op.cit., p.122-123.

compartilhada pelos integrantes do núcleo ideológico capitaneado por Carvalho: a vingança. Em resgate ao início do capítulo, o “acerto de contas” projetado pelo guru com a organização latino-americana é transmitido para os seus discípulos, ganhando novos contornos e interpretações que revigoram o próprio olavismo. Além de fortalecer o objetivo de tornar o FSP um inimigo regional a ser eliminado diante de uma suposta hegemonia de esquerda construída nas últimas décadas do século XXI. Mas, para além de eliminá-lo, há um passo adiante em substituí-lo, salientando o desejo por poder disposto pelos olavistas na aliança com a extrema direita em crescimento político no continente americano nesse período.

## 2. O IMPULSO DAS REDES: FSP E O BOLSONARISMO ELEITORAL

Em 17 de abril de 2016, a instauração do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff é oficializada na longa votação dos deputados federais no Congresso Nacional. Esse acontecimento, da transmissão televisiva aos memes nas redes sociais, repercutiu por todo o país, possibilitando a (re)aproximação da sociedade brasileira com os seus representantes eleitos e o (re)conhecimento de suas posições e valores ideológicos espetacularizados ao longo de cada voto. O final desse episódio, sob a aliança com o vice-presidente Michel Temer – que se tornou, posteriormente, presidente –, pavimentou o caminho – já em curso – para a ascensão e consolidação da extrema direita no Brasil neste período.

Dentre os muitos discursos políticos proferidos durante mais de 9h de votação, atento para as palavras do, à época, deputado federal Jair Messias Bolsonaro:

Neste dia de glória para o povo brasileiro, um nome entrará para a história nesta data pela forma como conduziu os trabalhos desta Casa: Parabéns, Presidente Eduardo Cunha! (...) Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve... Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é "sim"!<sup>218</sup>

Em específico, concentro-me no trecho: “Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo”. Diante de um episódio político de tamanha importância para a história recente do país, Bolsonaro atribui a retirada de uma presidenta eleita democraticamente pela população brasileira como uma resposta – dentre outros motivos listados – ao suposto plano de dominação comunista do FSP na América Latina conspirado por olavistas no decorrer do século XXI.

Não suficiente, no ano seguinte, no seu perfil pessoal do Twitter – hoje X, após a compra do bilionário Elon Musk em 2022 –, Bolsonaro, declarado pré-candidato à presidência do Brasil para as eleições de 2018, retoma a menção ao FSP e sua possível influência no Brasil:

“Há pouco tempo mal ouvíamos falar de globalismo, Foro de São Paulo, etc. Tivemos hombridade e humildade para escutar e levar adiante a luta contra essas bandeiras enquanto muitos continuaram e continuam a tratá-las como teoria da conspiração. Essa é a diferença entre nós e eles!”<sup>219</sup>

<sup>218</sup> A gravação do discurso de Bolsonaro no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, pode ser encontrada, na íntegra, em: VEJA como foi o voto de Jair Bolsonaro. **G1 Globo**. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/video/votacao-do-impeachment-veja-como-foi-o-voto-de-jair-bolsonaro-5125877.ghtml>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

<sup>219</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Há pouco tempo mal ouvíamos falar de globalismo, Foro de São Paulo, etc. Tivemos hombridade e humildade para escutar e levar adiante [...]**. Brasília, DF, 13 dez. 2017. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/940918094838554624>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

As citações e, sobretudo, relações entre globalismo, FSP e teoria da conspiração ressaltam, em nova oportunidade, o gradual interesse de Bolsonaro pelo tema. Além de ser um indício mais evidente de que este acompanha a interpretação do olavismo sobre a organização latino-americana. O diferencial é estabelecido na politização do FSP, a partir das mídias digitais, por Bolsonaro e seus respectivos apoiadores que – em semelhança a Carvalho e seus alunos-seguidores – também são reconhecidos como bolsonaristas.

O uso do Twitter/X por Bolsonaro é uma amostra do potencial desta plataforma, que, nas últimas décadas, se tornou um dos principais palcos políticos para grupos e lideranças extremistas e/ou radicais do planeta. A exemplificação disso pode ser medida pelo seu próprio perfil pessoal, que conta com mais de 14 milhões de seguidores, sendo o atual político mais seguido do Brasil. Trata-se de um número relevante que expressa não somente a popularidade digital do principal representante da extrema direita brasileira, mas também a influência desta nos rumos políticos recentes do país.

Acrescido a essa realidade, em diálogo com Sylvia Iasulaitis e Aine Oliveira Vieira, no artigo *Quando o ataque é o programa: as estratégias de campanha de Donald Trump e de Jair Bolsonaro no Twitter*, o enfoque na relação disposta entre Bolsonaro e essa específica rede social – que também é desenvolvida em outras plataformas concorrentes – também se manifesta em uma perspectiva eleitoral:

A importância do Twitter nas eleições não se encerra na possibilidade de candidatos atingirem os usuários do microblog com seus posicionamentos, mas também à repercussão destes em outras plataformas digitais, nas mídias tradicionais e nas conversações cotidianas dos eleitores, bem como disputar qual versão dos acontecimentos políticos terá proeminência junto à opinião pública. O plano temático escolhido pelos candidatos em seus *tweets* é indicativo de suas estratégias de campanha no sentido de influenciar o agendamento dos assuntos a partir dos quais os eleitores irão balizar suas escolhas eleitorais<sup>220</sup>.

Por esse motivo, é de interesse deste segundo capítulo investigar a influência do discurso na politização do FSP como uma conspiração difundida pelo bolsonarismo – em continuidade ao praticado pelo olavismo – e incentivada por meio de um ecossistema digital dominado e monopolizado pelas chamadas *big techs*<sup>221</sup>, destacando o uso do Twitter/X. Esse propósito que, a partir do envolvimento de figuras políticas como Bolsonaro, condiciona a influência desse

<sup>220</sup> IASULAITIS, Sylvia; VIEIRA, Aiane Oliveira. Quando o ataque é o programa: as estratégias de campanha de Donald Trump e de Jair Bolsonaro no Twitter. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 44, n. 2, 2022, p.8.

<sup>221</sup> Trata-se de grandes empresas de tecnologia que, em um número restrito de exemplares, concentram e monopolizam os serviços e produtos em âmbito digital, agregando influência e poder relevantes desde a economia à política global. Para mais informações, recomendo a breve leitura do artigo do professor Paul Feldmann para o jornal da USP a seguir: FELDMANN, Paul. O assombroso poder das big techs na economia e na política dos países. **Jornal da USP**, 2024. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/paulo-feldmann/o-assombroso-poder-das-big-techs-na-economia-e-na-politica-dos-paises/>>. Acesso em 05 jul. 2025.

tipo de rede social – e da internet – na ascensão de uma nova modalidade de populismo presente em projetos políticos e ideológicos construídos pela atual extrema direita.

## **2.1 A conexão perigosa: as redes sociais e a extrema direita bolsonarista**

Em primeiro lugar, reconhece-se a internet – e o conjunto de associações tecnológicas atribuídas a ela – como uma invenção com oportunidades e potencialidades presentes e futuras para a humanidade. Logo, o intuito de explorá-la neste trabalho não caminha por questionar sua importância e/ou relevância cotidiana. Mas, sim, por investigar se a influência de seus programas, aplicativos e demais ferramentas cibernéticas compactua com o discurso ideológico que lhe é sugerido. Isto é, com o discurso que vincula a internet ao progresso e/ou a identifica como parte de uma revolução em desenvolvimento.

Sob esse interesse, a minha interpretação sobre a internet ultrapassa promessas ou expectativas dispostas na atualidade e vai ao encontro de estudos, pesquisas e trabalhos que a problematizam como um fenômeno técnico-científico que, ao mesmo tempo, agrega e corrói o seu entorno. Em outras palavras, compactuo com o sentido de que o ecossistema digital, protagonizado pelo funcionamento da internet, propicia o melhor, como também o pior, para o mundo contemporâneo em seus diversos âmbitos políticos, culturais, sociais e econômicos.

Para além de contribuições e prejuízos, é importante frisar a originalidade admitida nessa criação humana, possibilitando a abrangência de novas experiências e relações e que, em trabalhos como o livro *Cibercultura* de Pierre Lévy, impulsiona até mesmo o estabelecimento de novos conceitos, como ciberespaço e cibercultura. O primeiro, sob a denominação também de rede, é esclarecido como um meio de comunicação que, na interconexão mundial de computadores, explora um amplo acervo de informações, dados e registros consumidos e alimentados pelas pessoas. Enquanto que, a partir deste, cultua-se o segundo, concebido como técnicas, ideias, práticas e experiências construídas e exibidas nesse novo espaço<sup>222</sup>.

Em razão desses atributos trazidos por Lévy, o enfoque do trabalho se direciona ao processo de encantamento do homem ao se aventurar em um mundo real-virtualizado, sendo um cenário que se encontra em constante aprimoramento, (re)estruturando relações, comportamentos e percepções em diferentes sociedades, territórios e culturas por todo o planeta. Portanto, vislumbro contribuir com as investigações acerca da produção, reprodução e recepção de conteúdos e mídias digitais que influenciam e interferem na realidade em vivência.

---

<sup>222</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p.17.

Dentre um conjunto de possibilidades e recortes temáticos, pontuo a escolha por abordar a relação das redes sociais –como exemplo popular das interações humanas na internet – com a proliferação de discursos conspiratórios para fins políticos. Além disso, interesse-me também pelo alinhamento desses dois pontos na construção de um novo sentido populista de se fazer a política na contemporaneidade, considerando movimentos e figuras que, com a colaboração da infraestrutura cibernética das redes e também do círculo fechado de empresas bilionárias do ramo, se beneficiaram – e se beneficiam – dessa atual realidade.

Nesse sentido, é preciso projetar as redes sociais como um ambiente de acolhimento e de liberdade para o homem do século XXI, potencializado pela atratividade e dinamicidade de se conectar, em tempo real e sem esforços de deslocamento, com uma pluralidade de lugares, produtos e pessoas. Com isso, uma diversidade de estímulos e sensações é permitida e até mesmo encorajada, sendo publicizada em gradativa frequência. Assim, corroboro com o raciocínio exposto por Fisher de que tal comportamento, cada vez mais corriqueiro, deve ser visto – e também é explorado pelas *big techs* – como uma nova compulsão humana<sup>223</sup>.

A utilização do termo “compulsão”, em diálogo com a obra de Fisher, é sintomática para se atribuir que a navegação na internet – e, de modo mais específico, nas redes sociais – desperta um envolvimento constante e repetitivo, cuja participação do usuário se torna, socialmente, insaciável. A medição disso – que corresponde a uma mina de ouro para as empresas do ramo – é o chamado engajamento, que, a grosso modo, reflete a incessante busca pela atenção das pessoas, sendo medido a cada clique registrado durante o período on-line<sup>224</sup>.

O problema desse cenário é como esse engajamento está sendo alcançado, considerando: as interações e repercussões dos usuários; o funcionamento das redes sociais; e os interesses capitalistas intrínsecos de seus donos. Nesse ponto, Andrés Bruzzone, no livro *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*, destaca que, em vista das atividades das pessoas nas redes:

Fotos fofas, coisas engraçadas, fatos esquisitos ou heróicos nos movimentam e geram engajamento. Mas nada é tão forte quanto a raiva, a indignação, a fúria: as taxas de interação de uma publicação que nos deixa furiosos são maiores do que a média, por isso as redes sociais acabam sendo caixa de ressonância privilegiada dos indignados<sup>225</sup>.

---

<sup>223</sup> FISHER, op.cit., p.37.

<sup>224</sup> Ibid., p.45.

<sup>225</sup> BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021, p.87.

Diante dessa colocação de Bruzzone, reivindico um discurso sobre a internet e todo o atual ecossistema digital que não recaia em um exclusivo viés de progresso. Pelo contrário, em diálogo com o entendimento acima sobre o seu funcionamento, verifico a sua disposição para a construção de um ambiente que, apesar de permitir positivities, prioriza a reverberação de conflitos e o frequente estado de crise para as pessoas que se encontram, corriqueiramente, conectadas.

Em avanço a essa questão, retomo a leitura de Cesarino, que expõe que as atuais infraestruturas cibernéticas afetam o fluxo de informações e, em consequência, interpretações ao que se é veiculado e/ou transmitido na internet. Para a autora, as novas mídias digitais, dialeticamente, compactuam tanto modelos estruturais e antiestruturais quanto processos de desintermediação e reintermediação em relação à comunicação e ao acesso à informação nas redes pelos seus respectivos usuários<sup>226</sup>.

Em tentativa de decodificar tais conceitos para este trabalho, compreendo que a autora chama a atenção para as facilidades estabelecidas pela atual infraestrutura digital, em que um dado conteúdo exibido se manifesta em um padrão de velocidade, simultaneidade e encurtamento de distâncias que outras tecnologias produzidas pela humanidade não haviam chegado. Por conta disso, aponta-se para o seguinte resultado: a capacidade de se extrapolar um cenário normativo e/ou dominante – o que pode ser pensado como estrutura – para a promoção do que é alternativo ou que se encontra às margens – o que pode ser traduzido por antiestrutura – em relação ao que se encontra visível na internet.

Contudo, essa consequência ou resultado estimado a partir das novidades potencializadas pelo ambiente digital – veiculado como desintermediação –, apesar de instigar uma relação de desconfiança e até mesmo de competição, não se mostra disruptivo. Pelo contrário, exhibe-se uma gradativa incorporação, abertura e aceitação – termos que se associam à reintermediação – ao que antes se considerava, por exemplo, um dado ponto de vista “diferente” de se compreender o mundo.

Em termos de discurso, como aborda a autora, são as teorias conspiratórias, sobretudo as suposições de existência de uma potencial ameaça – em nível nacional e/ou internacional – para se incitar a decisão de uma dada população, que se destacam nesse cenário<sup>227</sup>. Em vias cibernéticas, esse discursivo é assertivo por ser projetado e compartilhado de modo repetitivo,

---

<sup>226</sup> CESARINO, op.cit., p.9-10.

<sup>227</sup> Ibid, p.122.

acelerado e instantâneo ao ponto de se tornar pré-consciente e automático no imaginário dos internautas, dificultando a distinção entre o que é fato e o que é ficção – sendo esta mais legitimada em relação à primeira<sup>228</sup>.

Sob essas considerações, trato da situação em que se encontra a conspiração sobre o FSP em cenário digital. O vínculo exposto a partir de exemplos de uma fala e de uma postagem de Jair Bolsonaro sobre a organização – o que será explorado a partir de outras publicações e perfis de usuários no Twitter/X no próximo tópico deste capítulo – ressoa para o tipo de discurso esperado e impulsionado nas redes sociais atuais. Isto é, uma controversa conspiração política que, nesse ambiente, passa a ser visível e naturalizada com o objetivo de revoltar e/ou indignar um amplo e extenso público em potencial.

Com isso, há uma outra particularidade envolvida nessa discussão: o sistema de algoritmização das redes. No livro *Big tech: a ascensão dos dados e o fim da política*, Evgeny Morozov menciona a proposta dos conglomerados empresariais de tecnologia de estabelecer uma governança das redes a partir da tutela e, sobretudo, da regulação por algoritmos. Em linhas gerais, tal processo é realizado pela possibilidade de aprendizagem que esse instrumento tecnológico capta ao acompanhar as ações dos usuários na internet, (re)orientando o funcionamento, de forma automatizada e em tempo real, de programas, plataformas etc<sup>229</sup>.

Em relação a isso, Sérgio Amadeu da Silveira, no artigo “A noção de modulação e os sistemas algorítmicos”, presente no seu livro *A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais*, em parceria com Joyce Souza e Rodolfo Avelino, reforça que se trata de uma dinâmica que é tanto manipulada e/ou modulada quanto descentralizada. Ou seja, não são as redes sociais que produzem conteúdos e/ou realizam discursos. Pelo contrário, são os usuários que precisam alimentar as plataformas para, posteriormente, serem alimentados, tendo o arbítrio de entrar, permanecer e/ou sair desse ambiente<sup>230</sup>.

Sob essa estrutura, a importância da algoritmização das redes é a possibilidade de acumularem, em demasia, as informações dos usuários conectados. Para Morozov, um processo que pode ser denominado de “extrativismo de dados”. É a partir deste que se compreende o porquê de nossas preferências, assim como de indicações e potenciais interesses

---

<sup>228</sup> Ibid., p.162-163.

<sup>229</sup> MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018, p.87-88.

<sup>230</sup> SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021, p.38-39.

aparecerem ou se mostrarem presentes durante a nossa estadia online, sendo uma realidade que, no recorte das últimas décadas, se mostra cada vez mais sofisticada, visto que os internautas abdicam ou compartilham suas informações de forma voluntária e distraída<sup>231</sup>.

Em complemento, é pertinente ressaltar, em retorno às considerações de Cesarino, que essa relação entre algoritmos e usuários é manipulada e/ou modulada, em que os primeiros acumulam perfis com comportamentos que eles entendem como sendo similares, direcionando os supostos conteúdos que os usuários tendem a gostar e, principalmente, a engajar em uma rotina de atividades on-line. Em razão disso, infiro que as conexões virtuais admitidas nas redes sociais – e seu respectivo vínculo com bilhões de usuários – não são orgânicas, visto que há uma prévia orientação algorítmica que acompanha e controla nossos rastros digitais<sup>232</sup>.

Para além desse fator, Débora Machado, em *A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais*, texto também presente no livro de Souza, Silveira e Avelino, reforça que os algoritmos não podem ser considerados como um participante neutro dentro da lógica de relações e interações digitais atuais. Logo, o impulsionamento e/ou engajamento de determinados conteúdos e/ou de perfis, assim como a própria aproximação de usuários por meio de supostos comportamentos similares, também se envolvem com motivações políticas, sociais e/ou econômicas específicas<sup>233</sup>.

Não suficiente, Carla Oliveira, em *Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano* – texto também presente no livro de Souza, Silveira e Avelino –, destaca a superioridade dos algoritmos em relação aos seres humanos na identificação de comportamentos e desejos no mundo digital. Em outras palavras, o sistema de algoritmização já se tornou mais eficaz e preciso no direcionamento de conteúdos e mensagens personalizadas do que os próprios usuários conectados<sup>234</sup>. Assim, nos dias atuais, o algoritmo consegue saber mais sobre o que você quer do que você mesmo.

Trata-se de um ponto que, apesar de apresentar características ficcionais e/ou distópicas, também é apontado por Fisher em seu livro. Para o autor, além de decidir para quem e para quantos usuários uma dada postagem em rede social será endereçada e/ou

---

<sup>231</sup> MOROZOV, op.cit., p.171.

<sup>232</sup> CESARINO, op.cit., p.82.

<sup>233</sup> MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021, p.52.

<sup>234</sup> OLIVEIRA, Carla. Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021, p.101.

encaminhada<sup>235</sup>, o atual sistema de intermediação das interações nas redes possui uma operação semiautônoma, isto é, seus métodos de atuação estão além da capacidade de compreensão humana. Portanto, é esperada a chegada de um momento em que ninguém saiba como os algoritmos estão, de fato, funcionando<sup>236</sup>.

Em vista disso, a possibilidade de viralização de uma versão conspiratória do FSP em âmbito digital, deslocando-se de um círculo restrito de olavistas para ganhar repercussão nacional por meio de manifestações e postagens públicas de Bolsonaro, é, para este trabalho, resultado da intervenção e do desenvolvimento dos algoritmos nas redes. Aliás, sustento que, sem a contribuição destes, a continuidade da conspiração em torno da organização latino-americana não seria possível ou não teria o mesmo alcance, o que inclui também a popularização digital de políticos bolsonaristas que se apropriaram desse discurso.

O resultado dessa imbricada relação entre algoritmos e usuários cada vez mais assíduos na internet é o estabelecimento do que Byung-Chul Han, em *Infocracia – digitalização e a crise da democracia*, denomina de regime de informação. Isto é, “a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos”<sup>237</sup>. Portanto, um cenário que justifica a atuação do ecossistema digital para uma finalidade: a conquista de poder.

A demonstração disso é sustentada, principalmente, pela proliferação excessiva de informações em um curto espaço de tempo e em diferentes formatos e tipos de mídias. Logo, mais um indício que reforça a necessidade e a compulsividade humana em estar e se manter conectada na contemporaneidade. Contudo, o raciocínio de Han vai além ao perceber que a racionalidade do discurso em escala digital é substituída, de forma gradativa, por uma comunicação afetiva focalizada em estímulos em detrimento de argumentos, transformando a informação em circulação digital em uma relevante arma política<sup>238</sup>.

Sob esse ponto de vista, a intenção de explorar a conspiração sobre o FSP é estabelecida por sua instrumentalização digital nos últimos anos no Brasil. Assim, ao ser associado desde o processo de *impeachment* à consagração vitoriosa de Bolsonaro em sua campanha presidencial, como também ao longo do seu primeiro e único mandato até então na

---

<sup>235</sup> FISHER, op.cit., p.38.

<sup>236</sup> Ibid., p.121.

<sup>237</sup> HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022, p.8.

<sup>238</sup> Ibid., p.29.

história brasileira – a ser aprofundado na sequência –, o FSP é, sim, lido como uma arma política utilizada e consumida em recente conjuntura nacional.

Diante desse entendimento, uma outra conexão pode ser estabelecida ao associar o atual ecossistema digital com o fenômeno do conspiracionismo em meio à ascensão política de lideranças de extrema direita, caso de Bolsonaro e o FSP no Brasil: o ciberpopulismo – que também pode ser apresentado por outras nomenclaturas, como neopopulismo digital. Em nova alusão ao livro de Bruzzone, o conceito é apresentado da seguinte forma:

O digital cria a ansiedade e oferece a cura, faz a desordem acontecer e fornece o refúgio necessário. A informação fragmentada e incerta, excessiva, gera ansiedade e medo; o populismo dá respostas simples que acalmam essa ansiedade e esse medo. E, para garantir a solidez da mensagem e a adesão sem crítica, bloqueia o diálogo e o debate. Quando não sabemos em quem acreditar, uma voz firme e de comando pode nos dar segurança<sup>239</sup>.

Em vista dessa proposição acima, a indicação do ciberpopulismo como uma possível interpretação para se explicar o cenário político envolvendo as redes sociais, o FSP e o bolsonarismo é, primeiramente, por sua capacidade de fortalecer – e até fidelizar – o surgimento de um público-alvo desinteressante e/ou alheio à política tradicional. Em termos eleitorais, um feito relevante que conseguiu captar e transformar milhares de eleitores “inativos” em agentes decisivos nos rumos políticos de diferentes países na contemporaneidade<sup>240</sup>. Trata-se de uma consequência que poderia até ser vista como uma maneira de aumentar a participação política e legitimar a democracia, se não estivesse atrelada ao crescimento e à chegada ao poder de representantes radicais e/ou extremistas.

Além desse resgate de eleitores, é importante mencionar um segundo apontamento acerca do ciberpopulismo nesse cenário político: o surgimento de candidaturas *outsiders* ou forasteiras. Em retomada do livro de Fisher, são sujeitos que, na maioria dos casos, não possuem histórico e/ou vinculação com a política institucional, mas que, envolvidos em um cenário de profunda radicalização ideológica, ingressam como uma alternativa *antiestablishment* ou antipolítica nos recentes processos eleitorais. Essa proposta, que se tornou um sucesso, considera também o ganho de popularidade desses sujeitos e suas consequentes vitórias “improváveis” nas últimas décadas<sup>241</sup>.

Nesse sentido, é muito importante destacar a influência de um novo formato de ativismo político idealizado e consolidado nesse período. Em diálogo com Joe Mulhall, no

---

<sup>239</sup> BRUZZONE, op.cit., p.67.

<sup>240</sup> Ibid., p.91.

<sup>241</sup> FISHER, op.cit., p.171.

livro *Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial*, constato que essa prática política passou a ser realizada de forma remota, sendo centralizada em ambientes digitais como sites, *blogs*, fóruns e redes sociais. Em todos esses exemplos, houve o entendimento de que se tratava de canais de comunicação ocupados pelas camadas sociais consideradas despolitizadas. Logo, o cenário ideal para, no contato com essas lideranças alternativas e seus respectivos projetos políticos, se tornarem militantes radicais<sup>242</sup>.

Em virtude disso, o envolvimento do ecossistema digital, sobretudo do sistema de algoritmização das redes, deve ser entendido como um facilitador nesse cenário político. Em diálogo com Giuliano da Empoli, em seu livro *Os engenheiros do caos*, o autor destaca a existência de agentes dos bastidores que coordenam campanhas eleitorais e impulsionam candidaturas já cientes do impacto das mídias digitais na atualidade. Eles investem em uma proposta política “centrífuga”, pois articulam a captação de usuários – e potenciais eleitores – a partir de um discurso fragmentado e, supostamente, contraditório. Isto é, o intuito é construir uma unidade em meio às diferenças e aos extremos<sup>243</sup>.

Consoante a essa realidade, Michelle Gomes Alonso Dominguez, apesar de priorizar o seu texto “Discurso populista como resistência? Análise de uma campanha política nas redes sociais”, presente no livro *Populismo(s) e suas linguagens: textos selecionados*, como uma provocação para as esquerdas, alerta sobre a funcionalidade desse discurso populista digital. Para a autora, o principal trunfo dessa comunicação é o binarismo, visto que “favorece a simplificação de complexidades, facilitando a redução de heterogeneidades a um denominador comum (um significante vazio negativo, que produz a fronteira com o inimigo, e um significante vazio positivo, que cria a equivalência entre líder-povo)”<sup>244</sup>.

Em relação aos significantes vazios apontados pela autora, outros autores já mobilizados neste trabalho, casos de Fisher e Bruzzone, contribuem com esse entendimento. No caso do aspecto positivo, Fisher destaca que a comunicação política difundida nas mídias digitais, especialmente pela extrema direita contemporânea, oportuniza um fenômeno denominado pelo autor de “crise-solução”. Em linhas gerais, trata-se de inflamar o público-alvo do ciberpopulismo, por meio de episódios e/ou acontecimentos cotidianos a temas

---

<sup>242</sup> MULHALL, Joe. **Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial**. São Paulo: LeYa Brasil, 2022, p.23.

<sup>243</sup> EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p.91.

<sup>244</sup> DOMINGUEZ, Michelle Gomes Alonso. DISCURSO POPULISTA COMO RESISTÊNCIA? análise de uma campanha política nas redes sociais. In: MARQUES, Maria Aldina; SOUSA, Sérgio Guimarães de; TEIXEIRA, José; RAMOS, Maria da Conceição Varela Rui; SEARA, Isabel Roboredo; AGUIAR, Micaela. (Org.). **Populismo(s) e suas linguagens: textos selecionados**. Ribeirão: Edições Humus, 2022, p.112.

estruturais delicados em uma dada sociedade e/ou sob uma determinada conjuntura, para, então, encorajá-los a recuperar o seu papel e sua influência no mundo – supostamente perdidos no tempo presente – pela via da ação política<sup>245</sup>.

Em atenção ao caso negativo proposto por Dominguez, é possível estabelecer um diálogo com o trabalho de Bruzzone. O autor indica que o resultado do discurso populista digital emulado pela extrema direita global, sob inspirações e atualizações fascistas, é o “nós contra eles”. Isto é, promove-se um intencional distanciamento entre os usuários cujas posições ideológicas são contrastantes, sendo uma ação viabilizada, justamente, pelo funcionamento algorítmico do ecossistema digital. Com isso, há o estabelecimento de um objetivo principal: a derrota do adversário ou do inimigo identificado<sup>246</sup>.

Nos exemplos apresentados no início deste capítulo, o discurso de Bolsonaro atua por meio dessa lógica. Os destaques apresentados, como justificativas para a deposição da ex-presidenta Rousseff do seu posto, assim como a sua interpretação acerca do FSP, mobilizam, de maneira particularizada, diferentes grupos sociais, sendo um objetivo que, em sintonia com o discurso ciberpopulista destacado, tanto aproximou Bolsonaro do eleitorado brasileiro quanto canalizou tais interlocutores para a oposição aos alvos citados. Além de demonstrar, discursivamente, o viés conspiratório presente no que se tornou a referência para o avanço e o crescimento da extrema direita no Brasil.

Por essa relação acima, reforço o interesse deste capítulo em identificar um processo político que, de forma contínua e simultânea, interliga conspiracionismo, ciberpopulismo e bolsonarismo no Brasil da última década. Em aprofundamento sobre esse último conceito, entendo-o como um recente fenômeno político nacional que, sob a liderança de Bolsonaro, comprovou a importância – sobretudo eleitoral – do ativismo digital incorporado a um radical projeto de poder e diante de uma conjuntura de polarização no país.

Em aprofundamento sobre o bolsonarismo, o trabalho dialoga com o livro *Do transe à vertigem: Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, de Rodrigo Nunes. Nessa obra, o autor indica que o bolsonarismo, apesar do exposto vínculo com Bolsonaro, é um movimento político que extrapola o seu eleitorado e até mesmo a sua própria figura pública. Em razão disso, um fenômeno político que resulta de uma coalizão ampla e/ou de uma

---

<sup>245</sup> FISHER, op.cit., p.232-234.

<sup>246</sup> BRAZZONE, op.cit., p.118.

convergência de tendências ideológicas presentes na sociedade brasileira nos anos 2010 e que permanece expressivo na contemporaneidade<sup>247</sup>.

Entretanto, a admissão de que o bolsonarismo existiria com ou sem Bolsonaro deve ser entendida e apreciada com cautela. Além disso, não se deve menosprezar a capacidade de Bolsonaro de corresponder às expectativas de um conjunto numeroso da população brasileira, assim como diminuir o seu oportunismo político ao transformar a recente e turbulenta conjuntura política nacional em votos para si – o que inclui, também, outras tantas candidaturas associadas ao seu nome. Portanto, é preciso reconhecer que, apesar da possibilidade de outra liderança ter surgido nesse período, foi Bolsonaro que surgiu e que ainda se mantém influente para os rumos políticos da extrema direita no Brasil.

Em termos digitais, há valências atribuídas ao bolsonarismo para compreender sua eficácia política em âmbito nacional. Em novo diálogo com Cesarino, entende-se a viabilidade eleitoral de Bolsonaro em uma dinâmica que a autora estipula como “corpo digital do rei”. Isto é, um processo político em que Bolsonaro, sobretudo a partir do uso das redes sociais como principal canal de comunicação, conseguiu se aproximar de potenciais eleitores que passaram a acompanhá-lo, cotidianamente, desde o anúncio de sua campanha eleitoral até sua consagração na presidência do país<sup>248</sup>.

O exemplo disso é materializado na pesquisa *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*, realizada por Isabela Kalil<sup>249</sup>. A autora, a partir de uma pesquisa de análise de dados sobre o eleitorado do atual ex-presidente, encontrou a presença de uma diversidade de perfis ou segmentos sociais atingidos pela campanha presidencial de Bolsonaro. Esse diagnóstico revelou a existência de uma estratégia de comunicação política que, sob o protagonismo das mídias digitais, particularizou o envio de mensagens, captando apoiadores de diferentes nichos específicos à candidatura do político.

Diante de uma necessidade de exercício de condensação, Kalil destaca o denominador comum como representação de todo esse público alinhado ao bolsonarismo: a construção do “cidadão de bem”. Este, um modelo social que visa validar e/ou legitimar condutas individuais, reivindicações e pautas políticas que não são consideradas comunistas, petistas

---

<sup>247</sup> NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: Ensaio sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p.18-19.

<sup>248</sup> CESARINO, op.cit., p.113.

<sup>249</sup> KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018, p.8-9.

e/ou de esquerda, sendo exemplificadas a partir de pautas anticorrupção, associação com bandagem e dentre outras similaridades incorporadas no imaginário popular brasileiro.

Sob essa realidade, é de compreensão deste trabalho que a comunicação política de Bolsonaro, pautada nas mídias digitais, foi primordial para o resultado eleitoral alcançado e a condução do seu governo. Em ambos os momentos, o atual ex-presidente se aproveitou dos sistemas de algoritmização presentes em plataformas – como o Twitter/X – para a divulgação de mensagens ambíguas e/ou fragmentadas com o intuito de satisfazer necessidades personalizadas de diferentes grupos de apoiadores. Essa estratégia discursiva que, como aponta Cesarino, ao oscilar de aspectos mais radicais a sentidos mais moderados, ainda permitiu o controle sobre as pautas políticas do período, afirmando ou negando suas intenções conforme as reações tanto dos bolsonaristas quanto dos seus adversários<sup>250</sup>.

Ademais, a pactuação e a integração de diferentes públicos articulam um discurso que simboliza Bolsonaro – e o bolsonarismo – como representação da extrema direita. Em retorno ao trabalho de Nunes, trata-se do ato de contar histórias que correspondem à rotina e à experiência de vida das pessoas, sendo uma vantagem comunicacional que, diante de uma infraestrutura digital a seu favor, fornece credibilidade em relação aos seus opositores políticos. Além de propagar uma visão repaginada do populismo, visto que propõe “uma política antissistema para pessoas que não acreditam que o sistema possa de fato mudar: tudo permanece basicamente igual, só que rendendo ganhos supostamente maiores para aqueles que hoje se sentem deixados de lado”<sup>251</sup>.

O principal exemplo disso é a própria candidatura de Bolsonaro em 2018. Ao ser projetado como um candidato *outsider* e/ou *antiestablishment* para a população brasileira, há uma pretensão de invisibilizar a sua trajetória política de mandatos sucessivos na política institucional brasileira como vereador e deputado nas últimas décadas. Sob esse propósito, Livino Virgínio Pinheiro Neto, em sua dissertação *Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente: Análise Crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial de 2018*, ressalta essa ausência como um discurso não dito. Isto é, há um distanciamento proposital da figura de Bolsonaro de um político tradicional, ao passo que busca aproximá-lo do cidadão comum que estava “contra tudo isso que está aí”<sup>252</sup>.

---

<sup>250</sup> CESARINO, op.cit., p.131.

<sup>251</sup> NUNES, op.cit., p.48.

<sup>252</sup> NETO, Livino Virgínio Pinheiro. **Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente: Análise Crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial de 2018**. 2019. 130f.

Além disso, acrescento um outro fator importante para o entendimento do discurso bolsonarista e sua relação com o ciberpopulismo: a trollagem. Trata-se de uma prática discursiva que, para Idelber Avelar, em seu livro *Eles em nós – retórica e antagonismo no Brasil do século XXI*, é caracterizada pelo:

registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciator nele<sup>253</sup>.

Em complemento a isso, Nunes destaca também que a trollagem pode ser interpretada como uma dupla comunicação, visto que o conteúdo do discurso apresenta significados distintos para audiências internas ou externas do bolsonarismo. Nesse caso, Bolsonaro mede suas polêmicas e/ou falas controversas em tom de seriedade para o seu público – que já o conhece –, mas também em tom de uma suposta brincadeira quando questionado por seus adversários políticos, testando os limites dos embates e/ou discussões públicas<sup>254</sup>.

Essa dubiedade discursiva é pertinente, pois se transforma em uma tática comunicativa “ganha-ganha” para o falante, mas também por reforçar a necessidade de se utilizar as redes sociais como veículo da mensagem. Em concordância com Nunes, exhibe-se um engajamento em dobro, repercutindo tanto as postagens, nesse caso de Bolsonaro e demais bolsonaristas, quanto a indignação de seus oponentes e/ou alvos do discurso. A consequência disso, aliás, também é dual: amplia a circulação e visibilidade do discurso antagônico; e descredibiliza a crítica – e o crítico – no debate público<sup>255</sup>.

Em adaptação ao objetivo de investigação deste capítulo, a politização de uma versão conspiratória do FSP pelo bolsonarismo também articula elementos discursivos típicos e/ou característicos da trollagem. De imediato, repercute, em concordância com as resoluções olavistas, a periculosidade de uma suposta influência política dessa organização latino-americana no Brasil, desafiando os seus adversários políticos – sobretudo os membros nacionais do FSP, como o PT – a formularem respostas ao que fora enunciado.

Não suficiente, a trollagem também apresenta uma proposta de performance política que intensifica o discurso ciberpopulista, sendo um elemento visível na ascensão política – e

---

Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019, p.42.

<sup>253</sup> AVELAR, Idelber. *Eles em nós: retórica e antagonismo no Brasil do século XXI*. São Paulo: Editora Record, 2021, p.235-236.

<sup>254</sup> NUNES, op.cit., p.58.

<sup>255</sup> Ibid., p.59.

também eleitoral – do bolsonarismo. De acordo com Lucas Mariano Maciel Baqueiro Miranda Rodrigues, em sua dissertação *Os flautistas de Hamelin: populismo digital no Brasil*:

Causar burburinho e gerar conteúdo para consumo na internet em nome da causa populista: esta é a máxima. Este perfil de seguidor, conhecido no jargão cibernético como troll, tem o papel de energizar os seguidores em prol da causa e servir de ponto focal, desde suas páginas principais em redes sociais, para a reunião de novos seguidores, ditando o ritmo e a própria norma do debate político (BULUT; YÖRÜK, 2017, p. 4094–4095). É muito comum, inclusive, que venham a se tornar a face de seu movimento populista a nível parlamentar, tratando ao espaço físico da assembleia como extensão de seu estúdio de filmagem e dedicando seu tempo no exercício da função pública a criar conteúdo em vídeo e implodir o debate parlamentar tradicional<sup>256</sup>.

Em adendo a isso, Cesarino e Nunes também relatam esse formato de representação política impactado pelo uso de redes sociais. Para a autora, a extrema-direita brasileira ressignificou a política como uma oportunidade de monetização e de empreendimento pessoais<sup>257</sup>. Ademais, Nunes exemplifica tais objetivos ao indicar que a construção de um influenciador político viabiliza um conjunto de benefícios para os interessados: a candidatura ou a indicação para cargo público; a (re)conquista de espaço na mídia tradicional; e vantagens econômicas diretas e indiretas, como os casos de palestras, publicidades, venda de produtos, perdão de dívidas, isenções fiscais, empréstimos e acesso às autoridades, respectivamente<sup>258</sup>.

Nesse sentido, Acauam Oliveira, no texto *O fascismo é um “meme”? O tosco enquanto performance política na era digital*, associa essa postura midiática dos atuais agentes políticos à semelhança do papel dos influenciadores digitais no cotidiano. Para o autor, exhibe-se a mesma lógica de postagem e de aparição pública nas mídias digitais, sendo focalizados produzidos, propositalmente, momentos de intimidade, eliminando uma distância entre o enunciador e seus respectivos interlocutores. Nisso, é instigada a coexistência tanto de papéis quanto de instâncias, como os casos do cidadão e do político; e do público e do privado<sup>259</sup>.

O resultado dessa realidade percorrida em torno de uma performance política digital, em continuidade de diálogo com o trabalho de Oliveira, é de que as redes sociais propiciaram – e ainda propiciam – que as pessoas não sejam mais apenas consumidoras passivas do que se discute no âmbito da política institucional e dos processos eleitorais. Contudo, esse avanço comunicacional proporcionado pela internet e sua pluralidade de canais e plataformas,

<sup>256</sup> RODRIGUES, Lucas Mariano Maciel Baqueiro Miranda. **Os flautistas de Hamelin: populismo digital no Brasil**. 2023. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023, p.53.

<sup>257</sup> CESARINO, op.cit., p.146.

<sup>258</sup> NUNES, op.cit., p.70.

<sup>259</sup> OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fascismo é um meme? o tosco enquanto performance política na era digital*. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 40, n. 1, 2025, p.17.

voltados para uma maior e melhor sociabilidade, não gerou um entendimento político de coletividade. Assim, “agir politicamente nesse caso não mais significa pensar modelos sociais de longa duração, que exigem uma reconfiguração gradual do tecido social, e sim responder ao Twitter de forma eficiente e buscar por estratégias permanentes de ‘viralização’”<sup>260</sup>.

Os apontamentos acerca da trollagem refletem a conexão entre discurso e ação política investigada por este trabalho. Um ponto que também se associa às conclusões de Nunes, em que o autor reforça que esse formato de representação política, apesar de ser uma oportunidade vantajosa, não diminui o ímpeto político nem mesmo a força política do bolsonarismo no país. Pelo contrário, Nunes destaca que se trata de uma conjuntura que uniu reivindicações trazidas pela sociedade brasileira aos ganhos almejados e/ou conquistados pelos bolsonaristas. Um processo de retroalimentação em que as duas partes envolvidas saíram vencedoras<sup>261</sup>.

Portanto, em vista desses apontamentos, é importante destacar, como discorre Avelar, que “o bolsonarismo é um movimento real da sociedade brasileira, uma cultura com um discurso próprio, uma experiência específica de estar no mundo”<sup>262</sup>. Além de ser o resultado que expressa a incapacidade do sistema político do país de lidar com o antagonismo. Em consequência, cresceu e se legitimou uma rebelião, mobilizada na liderança de Bolsonaro, daqueles que se mostravam insatisfeitos com a conjuntura brasileira no século XXI<sup>263</sup>.

Concomitante a isso, em diálogo com Bruzzone, a ascensão do atual ex-presidente se transformou em um “catalisador das tensões subterrâneas da sociedade brasileira, por isso seu jogo foi sempre manter o país crispado, jamais acalmar; a sua base mais fiel exigiu a confrontação permanente e qualquer gesto pacificador foi tomado como traição”<sup>264</sup>. Além de Bruzzone, Cesarino também destaca que Bolsonaro manteve, nesse período, o seu público em “fogo baixo”, isto é, sem cooptar para o cumprimento de rupturas institucionais, mas mantendo acesa uma possibilidade de rompimento<sup>265</sup>.

Por essa expectativa, as considerações de Julio Bentivoglio e Thiago Vieira de Brito, no capítulo “Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração”, presente no livro *Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro*, mostram-se pertinentes para a leitura desse cenário político. Para os autores, o bolsonarismo, como protagonista da atual extrema

---

<sup>260</sup> Ibid., p.34-35.

<sup>261</sup> NUNES. op.cit., p.76-77.

<sup>262</sup> AVELAR, op.cit., p.215.

<sup>263</sup> Ibid., p.219-220.

<sup>264</sup> BRUZZONE, op.cit., p.93-94.

<sup>265</sup> CESARINO, op.cit., p.134.

direita nacional, remonta um histórico de conspiracionismo político no Brasil a partir de um discurso que justifica o “ato de tramar contra o Estado, seu chefe ou um dado governo”<sup>266</sup>.

Com isso, a menção ao FSP em afirmação e continuidade à versão conspiratória fundamentada pelos olavistas em períodos decisórios da realidade brasileira – com o golpe de 2016 e as eleições de 2018 – indica, para este trabalho, o sentido político capitaneado e executado por Bolsonaro – e bolsonaristas – na contemporaneidade. Por sentido, reforço a conurbação entre discurso e ação que, sob um ecossistema digital favorável, potencializou o extremismo e/ou o radicalismo nas vestes de um ciberpulismo. Nessa estrutura, as plataformas ganham consumidores, a extrema direita angaria eleitores e os cidadãos de bem – nesse período, constituídos por uma maioria – satisfazem suas frustrações e esperanças diante de um mundo cada vez mais fragmentado.

## 2.2: A conspiração em *tweets* e *threads*: o outro FSP em escala digital no Brasil

A empreitada ciberpopulista e seus vínculos com o avanço da extrema direita estabeleceram um marco para a comunicação política e eleitoral no Brasil. A influência e a colaboração do ecossistema digital não somente possibilitaram a coexistência desses elementos citados, mas também produziram provas que materializam o discurso e a ação conspiratória em evidência nas últimas décadas. Sob esse entendimento, este tópico é direcionado para analisar um conjunto de *tweets* e *threads* bolsonaristas sobre o FSP e sua relação com a conjuntura latino-americana e brasileira entre os anos de 2017 a 2022.

Pela citação dos *tweets* e *threads*, é importante reforçar e aprofundar a motivação da escolha pelo Twitter/X. Em primeiro lugar, o enfoque nessa rede social não se dá por um fator de popularidade ou quantidade de usuários conectados no Brasil<sup>267</sup> e, sim, pelas condições facilitadas para a recente ascensão e/ou o crescimento digital da extrema direita mundial – um fator que também é repercutido no país. Em outras palavras, entendo que o Twitter/X se particularizou frente às suas concorrentes por se transformar em um espaço comunicativo ideal para a veiculação de extremismo e extremistas políticos.

---

<sup>266</sup> BENTIVOGLIO, Júlio; BRITO, Thiago Vieira de. Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus; ARAUJO, Valdei. (Org.). **Do Fake ao Fato:** des(atualizando) Bolsonaro. Vitória: Milfontes, 2020, p.154.

<sup>267</sup> De acordo com o texto recente de Bruna Dourado para o portal de notícias RD Station, o Twitter/X ocupa somente a décima posição dentre as redes sociais mais utilizadas no país, sendo ultrapassado por concorrentes como WhatsApp, Youtube, Instagram, Facebook, TikTok, LinkedIn, Kwai, Messenger e Pinterest. Ver também em: DOURADO, Bruna. Ranking: As redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2025, com *insights*, ferramentas e materiais. **RD Station**, 2025. Disponível em: <<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

O argumento em questão é apresentado por Fisher, destacando que o Twitter/X não possui o alcance, a base de usuários, a capacidade financeira e a infraestrutura tecnológica sofisticada de redes sociais adversárias como o YouTube e o Facebook. Contudo, a partir da ascensão de Donald Trump à presidência dos EUA, assim como da escalada política do trumpismo no país a partir de 2016, o Twitter/X atingiu um novo patamar à época:

O motivo era simples: o presidente havia transformado sua conta de Twitter em um discurso à nação, ao vivo da Sala Oval, e que nunca tinha fim. Desse modo, de uma hora para outra, todo jornalista, funcionário federal ou cidadão interessado colou na plataforma. E eles descobriram que estar no Twitter é ser sitiado por trolls, esmurado por polêmicas online intermináveis, atraído por campos polarizados em guerra sem fim e inundado com mentiras e boataria. (...) E, ao contrário do Facebook e do YouTube, nos quais os usuários se encaixam em comunidades que talvez nunca se cruzem, com a estrutura um-Thunderdome-só do Twitter todos partilham praticamente a mesma experiência, o que facilitava aos usuários alarmados perceber que os problemas eram sistêmicos<sup>268</sup>.

Em adendo a isso, é importante destacar tanto o histórico quanto a atualidade do envolvimento político do Twitter/X com a extrema direita em dimensão global. No livro *Limite de Caracteres: Como Elon Musk destruiu o Twitter*, Kate Conger e Ryan Mac ressaltam que um dos principais desafios dessa rede social, desde o seu surgimento, era encontrar um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a segurança de preservar os direitos dos seus consumidores. Um cenário em que “os usuários que sofriam agressões criticavam duramente a empresa por não fazer nada além de uma limpeza no site. Do outro lado, os usuários suspensos acusavam a empresa de censura”<sup>269</sup>.

No entanto, há um fator que intensifica um problema para o Twitter/X: a aproximação com lideranças de extrema direita. Conger e Mac exemplificam isso a partir do tratamento dado pela rede social ao conspiracionista Alex Jones<sup>270</sup>. Apesar de prontamente banido de outras plataformas concorrentes diante de suas polêmicas, Jones foi mantido por mais tempo no Twitter sob a condução do criador e CEO da empresa, Jack Dorsey<sup>271</sup>. Uma realidade que expôs a burocratização criada pela rede social na regulação de conteúdos e perfis:

<sup>268</sup> FISHER, op.cit., p.157.

<sup>269</sup> CONGER, Kate; MAC, Ryan. **Limite de caracteres: como Elon Musk destruiu o Twitter**. São Paulo: Todavia, 2024, p.60.

<sup>270</sup> Alex Jones se popularizou, sobretudo nas redes, a partir da criação do site *Infowars*, no ano de 1999, cujo objetivo foi pautado, até a contemporaneidade, na disseminação de teorias conspiratórias e *fake news* sobre a realidade política e sociocultural dos EUA. Ao longo do tempo, o seu alcance digital se expandiu ao ponto de se transformar em um comunicador alinhado ao fenômeno do trumpismo no país, presente nas principais mídias e plataformas presentes na internet, colecionando polêmicas, banimentos e processos judiciais. Para mais detalhes, ver também: RONCOLATO, Murilo. Quem é Alex Jones. E por que ele é pivô de uma “guerra cultural” nos EUA. **Nexo Jornal**. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/06/quem-e-alex-jones-e-por-que-ele-e-pivo-de-uma-guerra-cultural-nos-eua>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

<sup>271</sup> Jack Dorsey é fundador do Twitter e esteve à frente da rede social, como o seu principal representante, até 2019. Trata-se de uma das figuras proeminentes da indústria das *big techs* e o seu atual impacto social, político e

“Diferente das outras empresas de mídias sociais — que simplesmente corriam para remover uma postagem, sem dar explicação, e depois justificavam retroativamente a decisão —, no Twitter era preciso haver primeiro uma regra, e a regra precisava ser pública. Às vezes o Twitter publicava rascunhos de novas regras e passava meses — ou até anos — reunindo feedback antes de finalizá-las e implementá-las. Foi essa abordagem burocrática que havia permitido a Jones permanecer na plataforma por muito mais tempo do que em outras. O Twitter esperou Jones quebrar um número suficiente de regras do site para que merecesse então ser banido<sup>272</sup>.”

O exemplo de Jones também se aplica ao Elon Musk, que, nos últimos anos, se tornou uma das principais personalidades ligadas ao Twitter/X. O popular bilionário, reconhecido por suas empresas Tesla e SpaceX, se tornou um assíduo usuário dessa rede social, apresentando decisões corporativas e de investimentos por meio de *tweets*. Para além dos negócios, Musk também aproveitou o seu perfil – ou “@” – para expor suas crenças e/ou ideologias. Em destaque para o período da Covid-19, por exemplo, o empresário promoveu uma cruzada digital contra a suposta cultura *woke*<sup>273</sup> nos EUA. Um propósito que elucida as ligações entre Musk, Twitter/X e extrema direita estadunidense<sup>274</sup>.

O fascínio de Musk por essa rede social, apesar de já traduzir os objetivos traçados por este trabalho, não cessou em um único episódio. Nos últimos anos, Musk se tornou um personagem histórico para o Twitter/X e, de modo geral, para a indústria das *big techs* por um ousado movimento: a compra definitiva de sua rede social favorita. De acordo com Conger e Mac, Musk, ao longo das últimas décadas, já havia se tornado um acionista minoritário “secreto” – sem ser publicizado – do Twitter/X. No entanto, diante da escalada ideológica estabelecida nos EUA, especialmente após a saída de Trump da presidência do país, o empresário avançou em seu projeto megalomaniaco, oficializando a aquisição do Twitter/X em 2022 por 44 bilhões de dólares<sup>275</sup>.

Sob os mandos de Musk, para além da mudança na identidade visual e do nome da rede social, a política do Twitter/X em relação à circulação de discursos e conteúdos extremistas, apesar de se apresentar como nova, manteve os pilares já existentes e executados

---

econômico no mundo. Para mais detalhes sobre a sua vida, ver também: LOPES, André. Jack Dorsey: uma trajetória a 140 caracteres. **Exame**, 29 nov. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/jack-dorsey-uma-trajetoria-a-140-caracteres/>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

<sup>272</sup> CONGER; MAC., op.cit., p.78-79.

<sup>273</sup> O significado de *woke*, sobretudo nos EUA, passou por transformações ao longo do tempo. Na atualidade, pode ser entendido e atrelado às pessoas que apresentam consciência social e racial, questionando estruturas e tradições históricas, sociais, culturais e políticas no país. Trata-se de um tema que, inclusive, se tornou relevante nas últimas eleições presidenciais, aproximando a suposta cultura *woke* aos democratas, gerando reações de oposição e repúdio - também batizada de movimento *antiwoke* - pelos republicanos e figuras como Musk. Ver também: O QUE é “woke” e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>>. Acesso em: 06 jul. 2025.

<sup>274</sup> CONGER; MAC., op.cit., p.124-125.

<sup>275</sup> Ibid., p.154-155.

pela plataforma. Isto é, a mudança proposta pelo novo dono visou assegurar a liberdade de expressão, mas com restrições de alcance. Em tradução, a partir das palavras de Conger e Mac, uma medida que “era uma insinuação clara de que mensagens de ódio continuariam a circular no site, só não seriam amplificadas pelo algoritmo da plataforma”<sup>276</sup>.

O resultado disso foi ainda mais controverso, visto que o real objetivo de Musk foi condicionar os algoritmos do Twitter/X como vetores de postagens e de perfis de extrema direita – inclusive de seu próprio perfil –, sendo recomendados para um grande contingente de usuários ativos na rede social. Portanto, a aquisição de Musk intensificou o Twitter/X como uma atual propaganda para apenas um determinado espectro político e ideológico, o que, em concordância com Mac e Conger, é um sinal gradativo de sua própria destruição<sup>277</sup>.

Desse modo, a recente trajetória e as consequentes transformações impostas ao Twitter/X explicam a escolha deste trabalho em utilizá-lo como o ambiente digital que conecta o bolsonarismo à versão conspiratória do FSP. Nesse cenário, houve um processo de seleção de postagens a serem analisadas, correspondendo ao total de 35 *tweets* e 3 *threads* de diferentes contas pessoais ligadas a Jair Bolsonaro – além de suas próprias publicações. Trata-se de um conjunto que, em semelhança ao realizado com Carvalho e os olavistas no primeiro capítulo, esclarece a existência de uma rede de cooperação política bolsonarista no país.

Em vista do recorte temporal e da quantidade de postagens selecionadas, optei por realizar um exercício de análise do discurso cronológica, sendo dividida a quantidade de *tweets* e *threads* por ano durante o período de Bolsonaro à frente da presidência do Brasil – 2019 a 2022 – e em conjunto no período de transição política governada por Temer – 2017 e 2018. Assim, uma escolha que visa observar os contextos da realidade política nacional no momento das postagens realizadas, possibilitando também o estabelecimento de parâmetros comparativos, assim como de permanências nos subtemas relacionados ao outro FSP.

Sob essas considerações e ponderações, começamos pelos anos de 2017 e 2018 com duas postagens – 1 *tweet* e 1 *thread* – de @jairbolsonaro, o perfil pessoal de Bolsonaro. Trata-se de um indício importante do protagonismo deste no Twitter/X, visto que, diante dos critérios elencados para a escolha das publicações e a sua relação com o FSP, não houve outros exemplares virais nesse período. Além disso, apesar de o recorte temático ser restritivo, é possível inferir que, nesses anos, a comunicação política por meio de vias digitais era uma

---

<sup>276</sup> Ibid., p.451.

<sup>277</sup> Ibid., p.531-532.

estratégia alternativa e/ou secundária em comparação aos outros veículos midiáticos tradicionais, como a televisão e o rádio, para se chegar ao eleitorado brasileiro.

Tabela 6: *Tweets e Threads* (2017-2018)

Postagem		Perfil	Engajamento	Data
<i>Tweet</i> 1 <sup>278</sup>	A população latino-americana está dando o seu recado após sucessivos fracassos e crimes da esquerda em todos os países onde imperou! O Foro de São Paulo está com os dias contados. Boa noite a todos e fiquem com Deus!	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	7 mil curtidas 1 mil retweets	17/12/2017
<i>Thread</i> 1 <sup>279</sup>	Primeira Cúpula Conservadora das Américas: Por muito tempo o pensamento conservador e os valores familiares que predominam em nossa sociedade foram marginalizados graças a um projeto de poder revolucionário tocado por lideranças de esquerda em todo o continente.	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	29 mil curtidas 4 mil retweets	09/12/2018
	O poder popular foi substituído por um grupo fechado que usurpava as demandas sociais e assim tomava o controle de tudo, fundado por Lula e Fidel Castro em 1990, conhecido como Foro de São Paulo.		9 mil curtidas 1 mil retweets	
	As eleições de 2018 representam uma resposta aos estragos que esse projeto de poder causou em todos os lugares, em especial na Venezuela. Nosso país deixará de ser a galinha dos ovos de ouro e voltará a colocar os interesses e valores dos brasileiros no topo.		18 mil curtidas 2 mil retweets	
	Este é o momento de propor novos caminhos, e a Cúpula Conservadora das Américas representa este anseio. Parabéns pela iniciativa e que venham muitos outros! Jair Bolsonaro, Presidente eleito do Brasil.		17 mil curtidas 1 mil retweets	

<sup>278</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **A população latino-americana está dando o seu recado após sucessivos fracassos e crimes da esquerda [...]**. Brasília, DF, 17 dez. 2017. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/942547175858458626>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>279</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Primeira Cúpula Conservadora das Américas: Por muito tempo o pensamento conservador e os valores familiares [...]**. Brasília, DF, 09 dez. 2018. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1071755636680155140>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Em relação ao discurso presente tanto no *Tweet 1* quanto na *Thread 1*, ambas as postagens estão atreladas ao processo eleitoral ocorrido em 2018 no Brasil. O ponto pertinente para este trabalho é o uso do FSP por Bolsonaro como uma de suas pautas de campanha, sendo estabelecido não somente o enfrentamento à organização latino-americana, mas também a promessa de rompimento com esta. Assim, é destacada a intenção de tornar o FSP um inimigo político a ser enfrentado pelo bolsonarismo.

Além disso, Bolsonaro torna público o seu posicionamento ideológico em relação à conjuntura política da América Latina nesse período. Uma interpretação que também cumpre um dos objetivos deste trabalho de aproximar, no âmbito do discurso político conspiratório, o bolsonarismo do olavismo, resultando na existência de um bolsolavismo no Brasil. Portanto, Bolsonaro, ao indicar tanto derrotas políticas do FSP<sup>280</sup> e críticas à Venezuela<sup>281</sup> quanto louvar a realização da Primeira Cúpula Conservadora das Américas, replica similares interpretações admitidas pelos olavistas sobre a organização latino-americana.

Outro elemento relevante associado ao impacto das redes sociais na comunicação política e na popularização de lideranças extremistas, como é o caso do Twitter/X, é a diferença no engajamento entre o *Tweet 1* e a *Thread 1*. Há um salto qualitativo de curtidas e compartilhamentos entre as publicações selecionadas, o que pode indicar a inserção gradativa da política como um tema cotidiano entre os usuários dessa plataforma, reforçando o interesse desta em promover, por meio do seu ecossistema digital, lideranças com traços extremistas e autoritários em períodos políticos decisórios e/ou eleitorais.

Nesse ponto, é possível estabelecer mais uma inspiração e/ou aproximação por parte de Bolsonaro: a comunicação política de Trump como presidente dos EUA. De modo específico, o *Tweet 1* e a *Thread 1* indicam a tentativa de Bolsonaro de promover declarações públicas – e institucionais – tanto como candidato quanto presidente eleito do Brasil por meio de postagens no Twitter/X. Essa tática foi demarcada por Trump no período em que concorreu, venceu as eleições e governou o seu país. Portanto, mais uma replicação bolsonarista que aponta o oportunismo e o incentivo encontrado para avançar em seu projeto de poder próprio.

---

<sup>280</sup> Em relação a isso, infere-se que Bolsonaro está apontando para as vitórias presidenciais de Mauricio Macri, na Argentina, e de Sebastián Piñera, no Chile, nos pleitos eleitorais realizados nos países em 2015 e 2017, respectivamente.

<sup>281</sup> A menção de Bolsonaro à Venezuela, na visão deste trabalho, se atribui pela continuidade do chavismo, como corrente política no país, mesmo com a morte de Hugo Chávez em 2013. Um fato que também indica a permanência de uma suposta influência do FSP no país, visto que o falecido presidente venezuelano e seu partido político integravam - e ainda integram - o corpo de membros da organização latino-americana.

Em avanço sobre isso, a iniciativa de Bolsonaro em se autopromover via postagens no Twitter/X também articula, novamente neste trabalho, o discurso proferido como atos de fala ilocucionários em perspectiva austiniana. Do mesmo modo, é de interesse desse exercício de análise, em semelhança ao primeiro capítulo, identificar os modos de operação ideológica – presentes no trabalho de Thompson – existentes no *tweet* e na *thread* supracitados do atual ex-presidente do Brasil.

Sob essa consideração, as publicações de Bolsonaro são entendidas como atos ilocucionários por estabelecer, a partir tanto de um alerta quanto de uma ordem e/ou promessa, as intenções de sua candidatura e de seu governo. A menção ao FSP indica a busca de Bolsonaro em polarizar ainda mais o cenário político e eleitoral nacional – e latino-americano – em prol de um resgate e de um fortalecimento de forças de extrema direita na região. Logo, Bolsonaro esclarece, para seus eleitores, a importância de sua vitória para, assim como em outros países vizinhos, findar o avanço dos supostos planos políticos do FSP no Brasil.

Em relação à obra de Thompson e sua identificação de operadores ideológicos na produção, transmissão e recepção de fórmulas simbólicas culturais na comunicação de massas, as publicações de Bolsonaro em seu perfil oficial no Twitter/X desenvolvem, dentre as possibilidades admitidas e propostas por esse autor, o uso da legitimação – sob a estratégia de universalização; da unificação – a partir da simbolização de unidade; e da fragmentação – em consideração à difusão da estratégia de expurgo do outro.

Primeiramente, examino que, nos âmbitos da legitimação e da unificação, as estratégias de universalização e simbolização de unidade são utilizadas pelo político para uma semelhante e/ou complementar finalidade. Ao tentar transformar o incômodo com o FSP e a esquerda latino-americana em um problema de todos os países da América Latina, Bolsonaro também está visando a reunião da extrema direita nacional – e regional – para uma pauta em comum. Logo, o objetivo é tornar essa organização em um inimigo político coletivo.

Em acréscimo a isso, a fragmentação como uma marca simbólica desses *tweet* e *thread* fortalecem as demais categorias acima destacadas. A intenção discursiva de Bolsonaro em classificar o FSP como um inimigo político é também uma forma de segregá-lo e/ou – nos termos de Thompson – expurgá-lo do debate e da participação no processo eleitoral. Contudo, a leitura a ser feita é que o FSP, na ótica bolsonarista, também pode ser entendido por PT e/ou demais partidos e lideranças de esquerda no Brasil – e na América Latina. Assim, um propósito que vislumbra o desejo de derrotá-los em instâncias político-eleitorais nesse período.

Além desses cenários mobilizados, é importante também mencionar, em novo apontamento, as marcas do projeto político e de poder entrecruzadas no *tweet* e *thread* de Bolsonaro. Trata-se de um discurso que, apesar de apelar para o ódio e/ou a revolta coletiva – o que é característico do ciberpopulismo – e até mesmo insistir em uma suposta guerra cultural em curso – aos moldes olavistas –, conspira sobre a conjuntura política do período para satisfazer uma vontade particular: a sua vitória nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Passados os anos de 2017 e 2018, o exercício de análise avança para o período do governo Bolsonaro. Por ser um recorte temporal mais amplo e envolver a dinâmica de um mandato presidencial completo – 4 anos –, optei por dividir a seleção de postagens no Twitter/X por ano. Desse modo, segue a relação de 16 *tweets* e 2 *threads* acerca do FSP postados em 2019:

Tabela 7: *Tweets e Threads* (2019)

	Postagem	Perfil	Engajamento	Data
<i>Tweet 2</i> <sup>282</sup>	SAEM: Lula, Dilma, PT e Foro de São Paulo Venezuela Cuba ENTRAM: Jair Bolsonaro EUA Israel Paraguai Itália.	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	31 mil curtidas 4 mil retweets	13/01/2019
<i>Tweet 3</i> <sup>283</sup>	Não existe Foro de São Paulo. Não existe triplex. Não existe marxismo cultural... Estamos incomodando!	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	18 mil curtidas 1 mil retweets	11/02/2019
<i>Tweet 4</i> <sup>284</sup>	Sai: Foro de São Paulo. Entra: OCDE.	Carla Zambelli (@Zambelli2210)	12 mil curtidas 4 mil retweets	19/03/2019

<sup>282</sup> BOLSONARO, Eduardo. **SAEM: Lula, Dilma, PT e Foro de São Paulo. Venezuela. Cuba. ENTRAM: Jair Bolsonaro. EUA. Israel. Paraguai. Itália.** Brasília, DF, 13 jan. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1084469824590368770>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>283</sup> BOLSONARO, Eduardo. **Não existe Foro de São Paulo. Não existe triplex. Não existe marxismo cultural... Estamos incomodando!.** Brasília, DF, 11 fev. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1094994814486147072>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

<sup>284</sup> ZAMBELLI, Carla. **Sai: Foro de São Paulo. Entra: OCDE. É por ISSO que a esquerda está espumando de ódio. O Brasil saiu do clube de republiquetas [...].** Brasília, DF, 19 mar. 2019. X/Twitter: @Zambelli2210. Disponível em: <<https://x.com/Zambelli2210/status/1108108916670586880>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

	<p>É por ISSO que a esquerda está espumando de ódio. O Brasil saiu do clube de republiquetas comunistas e entrará para a ELITE econômica e social do mundo!</p> <p>#BolsonaroOrgulhaOBrasil</p>			
<i>Thread 2</i> <sup>285</sup>	<p>Desde o fim de 2018 a escassez de comida leva a longas filas e desespero em Cuba. A Venezuela, em crise, diminuiu sua oferta de petróleo, que era em parte revendido pela ditadura cubana e, após minha eleição, o Brasil deixou de enviar cerca de R\$ 1 bilhão/ano via Mais Médicos.</p>	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	37 mil curtidas 4 mil retweets	03/06/2019
	<p>Concluo que sem o Foro de São Paulo, o país comunista já teria entrado em colapso há muito tempo.</p> <p>"O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros." Margaret Thatcher.</p>		37 mil curtidas 4 mil retweets	
<i>Tweet 5</i> <sup>286</sup>	<p>O Foro de São Paulo se reunirá em Caracas final de Julho. A pauta? O mesmo latrocínio progressista de sempre. O objetivo? Vencer prefeituras brasileiras com orçamento para manter os movimentos de esquerda em toda América Latina...a Lava Jato precisa se regionalizar.</p>	Luiz Philippe de Orleans e Bragança (@lpbragancabr)	26 mil curtidas 6 mil retweets	04/07/2019
<i>Tweet 6</i> <sup>287</sup>	<p>Na próxima quinta, membros do Foro de São Paulo, criado por Fidel Castro, Lula, FARC, entre outros partidos de esquerda e facções criminosas com objetivo de dominar a América Latina, se</p>	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	38 mil curtidas 10 mil retweets	22/07/2019

<sup>285</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Desde o fim de 2018 a escassez de comida leva a longas filas e desespero em Cuba. A Venezuela, em crise, diminuiu sua oferta [...]**. Brasília, DF, 03 jun. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1135614488739221505>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>286</sup> ORLEANS E BRAGANÇA, Luiz Philippe de. **O Foro de São Paulo se reunirá em Caracas final de Julho. A pauta? O mesmo latrocínio progressista [...]**. São Paulo, SP, 04 jul. 2019. X/Twitter: @lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1146735671060680706>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>287</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Na próxima quinta, membros do Foro de São Paulo, criado por Fidel Castro, Lula, FARC, entre outros partidos de esquerda [...]**. Brasília, DF, 22 jul. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1153460742840037383>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

	reúnem em Caracas-Venezuela para discutir seu Projeto de Poder Totalitário.			
<i>Tweet 7</i> <sup>288</sup>	Não se iludam: o Foro de São Paulo ainda tem controle da mídia, do sistema judiciário e da educação brasileira.	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	18 mil curtidas 3 mil retweets	24/07/2019
<i>Thread 3</i> <sup>289</sup>	- Da série JOÃO 8:32 (4) / Com o possível retorno da turma do Foro de São Paulo na Argentina, agora o povo saca, em massa, seu dinheiro dos bancos. É a Argentina, pelo populismo, cada vez mais próxima da Venezuela.	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	43 mil curtidas 6 mil retweets	18/08/2019
	- Provérbios 28:19: "Quem lavra sua terra terá comida com fartura, quem persegue fantasias se fartará de miséria".		36 mil curtidas 5 mil retweets	
<i>Tweet 8</i> <sup>290</sup>	O Foro de São Paulo se reúne de tempos em tempos, mas a sua atuação é em tempo integral. Neste momento eles estão avaliando os erros que os levaram a sair do poder para se reinventar. São como bactérias levaram a sair do poder para se reinventar. São como bactérias esperando a imunidade baixar.	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	14 mil curtidas 2 mil retweets	28/08/2019
<i>Tweet 9</i> <sup>291</sup>	Conversei hoje por telefone com o Chanceler equatoriano José Valencia, a quem reiterei o total apoio do Brasil à institucionalidade democrática no Equador em torno do Presidente Lenin Moreno,	Ernesto Araújo (@ernestoaraujo)	12 mil curtidas 1 mil retweets	09/10/2019

<sup>288</sup> CARVALHO, Olavo. **Não se iludam: o Foro de São Paulo ainda tem controle da mídia, do sistema judiciário e da educação brasileira.** Dinwiddie County, VA, 24 jul. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1154061684392247298>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

<sup>289</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Da série JOÃO 8:32 (4) Com o possível retorno da turma do Foro de São Paulo na Argentina, agora o povo saca, em massa [...].** Brasília, DF, 18 ago. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1163054848805363712>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>290</sup> BOLSONARO, Eduardo. **O Foro de São Paulo se reúne de tempos em tempos, mas a sua atuação é em tempo integral. Neste momento [...].** Brasília, DF, 28 ago. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1166794233958866944>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>291</sup> ARAÚJO, Ernesto. **Conversei hoje por telefone com o Chanceler equatoriano José Valencia, a quem reiterei o total apoio do Brasil [...].** Brasília, DF, 09 out. 2019. X/Twitter: @ernestoaraujo. Disponível em: <<https://x.com/ernestofaraujo/status/1182007398963335168>>. Acesso em: 29 jan. 2026.

	contra aqueles que querem restabelecer ali o regime do Foro de São Paulo.			
<i>Tweet 10</i> <sup>292</sup>	Muita gente na pretensa direita teve mais paciência e tolerância com crimes hediondos praticados pelo Foro de São Paulo durante 29 anos do que com errinhos reais ou imaginários de seis meses de governo Bolsonaro.	Olavo de Carvalho (@oproprilavo)	13 mil curtidas 2 mil retweets	14/10/2019
<i>Tweet 11</i> <sup>293</sup>	No Ecuador foi o aumento nos combustíveis que serviu de "estopim" para o caos nas ruas. No Chile foi o aumento na tarifa do metro. O Foro de São Paulo só precisa de um fato para torná-lo relevante através do terrorismo.	Luiz Philippe de Orleans e Bragança (@lpbragancabr)	20 mil curtidas 4 mil retweets	20/10/2019
<i>Tweet 12</i> <sup>294</sup>	Foro de São Paulo, criado em 1990, tendo a frente o PT, as FARC e partidos de esquerda da América Latina e Caribe, tem como objetivo a tomada de poder em todos os países da região. Com dinheiro do Brasil, via BNDES, muitas ditaduras foram abastecidas para ampliar seu domínio.	Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro)	31 mil curtidas 9 mil retweets	21/10/2019
<i>Tweet 13</i> <sup>295</sup>	Segundo o Senador Humberto Costa, um dos integrantes brasileiros do grupo terrorista internacional chamado Foro de São Paulo, os ventos malignos que tumultuam a lei e a ordem no Chile estão sendo canalizados também para o Brasil.	Paulo Chagas (@GenPauloChagas)	16 mil curtidas 4 mil retweets	21/10/2019

<sup>292</sup> CARVALHO, Olavo. **Muita gente na pretensa direita teve mais paciência e tolerância com crimes hediondos praticados pelo Foro de São Paulo durante 29 anos [...]**. Dinwiddie County, VA, 14 out. 2019. X/Twitter: @oproprilavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1183812730064723968>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>293</sup> ORLEANS E BRAGANÇA, Luiz Philippe de. **No Ecuador foi o aumento nos combustíveis que serviu de "estopim" para o caos nas ruas [...]**. Brasília, DF, 20 out. 2019. X/Twitter: @lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1186100258243301376>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>294</sup> BOLSONARO, Jair Messias. **Foro de São Paulo, criado em 1990, tendo a frente o PT, as FARC e partidos de esquerda da América Latina e Caribe [...]**. Brasília, DF, 21 out. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1186330140973948929>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

<sup>295</sup> CHAGAS, Paulo. **Segundo o Senador Humberto Costa, um dos integrantes brasileiros do grupo terrorista internacional chamado [...]**. Brasília, DF, 21 out. 2019. X/Twitter: @GenPauloChagas. Disponível em: <<https://x.com/GenPauloChagas/status/1186455352252010502>>. Acesso em: 28 jun. 2025

	Eles que venham! Por aqui não se criarão!			
<i>Tweet 14</i> <sup>296</sup>	Ou o presidente age AGORA para fechar os partidos pertencentes ao Foro de São Paulo e fazê-los pagar pelos crimes inumeráveis cometidos por essa organização, ou eles o derrubarão em seis meses.	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	17 mil curtidas 4 mil retweets	25/10/2019
<i>Tweet 15</i> <sup>297</sup>	O Foro de São Paulo sabe que nos países pequenos e centralizados da América do Sul ações diretas de desestabilização podem surtir efeito. Já nos países maiores, ou institucionalizados, o método tem de ser indireto. No Brasil começa pelas eleições locais: prefeituras.	Luiz Phillipe de Orleans e Bragança (@lpbragancabr)	18 mil curtidas 4 mil retweets	27/10/2019
<i>Tweet 16</i> <sup>298</sup>	Vivendo e aprendendo. Se há uma coisa que jamais esperei, foi ver a Joice Hasselmann classificar os membros do Foro de São Paulo entre os "defensores da liberdade"...	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	23 mil curtidas 5 mil retweets	01/11/2019
<i>Tweet 17</i> <sup>299</sup>	O Toffonhonho tem razão: o problema não é o STF. Faltou acrescentar: O problema é quem manda no STF: o Foro de São Paulo.	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	12 mil curtidas 2 mil retweets	09/11/2019

Em primeira constatação, é importante salientar o aumento de perfis do Twitter/X encontrados e avaliados no processo de filtragem das publicações. Além de Bolsonaro, outros agentes políticos da extrema direita e/ou do bolsonarismo demonstraram interesse em falar sobre o FSP em seus perfis oficiais, tais como: Carla Zambelli - @Zambelli2210<sup>300</sup>; Eduardo

<sup>296</sup> CARVALHO, Olavo de. **Ou o presidente age AGORA para fechar os partidos pertencentes ao Foro de São Paulo e fazê-los pagar pelos crimes [...]**. Dinwiddie County, VA, 25 out. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1187733507126239232>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>297</sup> ORLEANS E BRAGANÇA, Luiz Philippe de. **O Foro de São Paulo sabe que nos países pequenos centralizados da América do Sul [...]**. Brasília, DF, 27 out. 2019. X/Twitter: @lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1188422938527174657>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

<sup>298</sup> CARVALHO, Olavo de. **Vivendo e aprendendo. Se há uma coisa que jamais esperei, foi ver a Joice Hasselmann classificar [...]**. Dinwiddie County, VA, 01 nov. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1193178846570385410>>. Acesso em: 29 jan. 2026.

<sup>299</sup> CARVALHO, Olavo de. **O Toffonhonho tem razão: o problema não é o STF. Faltou acrescentar: O problema é [...]**. Dinwiddie County, VA, 09 nov. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1193178846570385410>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>300</sup> Carla Zambelli, ex-fundadora e integrante de grupos feministas radicais, debandou para o extremismo de direita e de ferrenha apoiadora de Bolsonaro ao longo da década de 2010, tendo sua candidatura oficializada e chancelada

Bolsonaro – @BolsonaroSP<sup>301</sup>; Ernesto Araújo – @ernestoaraujo<sup>302</sup>; Luiz Philippe de Orleans e Bragança – @lpbragancabr<sup>303</sup>; Olavo de Carvalho – @opropriolavo<sup>304</sup>; e Paulo Chagas – @GenPauloChagas<sup>305</sup>.

Os usuários destacados esclarecem um ponto relevante na composição do núcleo digital bolsonarista e o respectivo interesse acerca do FSP: foram, em sua maioria, políticos participantes no pleito de 2018 ou influentes no governo de Bolsonaro. Em primeiro caso, Zambelli, Eduardo Bolsonaro e Orleans e Bragança foram eleitos deputados federais, enquanto Paulo Chagas se candidatou, mas não logrou sucesso. Em segundo caso, Araújo foi empossado Ministro das Relações Exteriores, sob a influência de Carvalho, que apoiou e acompanhou a saga de Bolsonaro rumo à presidência do Brasil.

Contudo, o trabalho não estipula que esses sujeitos ingressaram na política institucional brasileira – ou tentaram se inserir nela – por conta do FSP. O caso do filho do Bolsonaro é um exemplo disso, visto que já fora eleito no pleito de 2014. Indo além, cada um dos perfis listados

---

nas eleições de 2018, angariando 76 mil votos para o cargo de deputada federal. Em novo pleito realizado em 2022, Zambelli se reelegeu deputada federal com um aumento expressivo dos votos, totalizando quase 950 mil votos, sendo uma das principais representantes do bolsonarismo no Congresso Nacional. Atualmente, encontra-se presa na Itália e seus perfis em redes sociais, como o do Twitter/X, que continha 2,4 milhões de seguidores, passaram por um bloqueio recente por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) devido à condenação à pena de 10 anos de prisão e perda de mandato pelos crimes de falsidade ideológica e invasão do sistema de informática do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Ver também: SHORES, Nicholas. Moraes bloqueia redes sociais de Zambelli, e do filho e da mãe da deputada. **Veja**, 2025. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar/moraes-bloqueia-redes-sociais-de-zambelli-e-do-filho-e-da-mae-da-deputada/>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

<sup>301</sup> Um dos filhos de Jair Bolsonaro que, juntamente com seus irmãos, Flávio e Carlos, consolida a tradição da família em participar da política institucional brasileira ao se estabelecer em cargos ou postos públicos. Em caso de Eduardo Bolsonaro, já integrava o quadro de deputados federais do Brasil desde a eleição de 2014. Em 2018, consolidou a sua imagem com 1 milhão e 800 mil votos, sendo o mais votado em seu cargo nesta eleição pelo partido do pai no período. Atualmente, continua como deputado federal, eleito no pleito de 2022, mas se encontra de licença do mandato. No Twitter/X, o seu perfil conta com aproximadamente 3,1 milhões de seguidores.

<sup>302</sup> Ernesto Araújo, cujo perfil no Twitter/X possui quase 900 mil seguidores, foi Ministro das Relações Exteriores do Brasil durante o governo Bolsonaro entre os anos de 2019 e 2021. Não possuía mandato político, sendo uma indicação estabelecida pelo que se veiculou como parte da “ala ideológica” do bolsonarismo. Nisso, foi revelado, por exemplo, que Araújo teria sido uma indicação pessoal de Olavo de Carvalho, reforçando, na visão deste trabalho, o bolsolavismo no país nesse período. Sobre essa informação, ver também: NOVO chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml>>. Acesso em: 04 jul. de 2025.

<sup>303</sup> Luiz Philippe de Orleans e Bragança, conhecido por ser descendente da família imperial brasileira, foi cogitado ao posto de vice-presidente na chapa de Bolsonaro em 2018, mas que se concretizou em uma candidatura vitoriosa para deputado federal neste pleito. Atualmente, em mais uma vitória eleitoral, permanece no mesmo cargo até 2025. Nas redes sociais, em específico ao seu perfil no Twitter/X, o político conta com 1 milhão de seguidores.

<sup>304</sup> Em dispensa de apresentações formais, por já ter sido abordado neste trabalho, retrata-se apenas de que se trata de uma postagem oriunda do perfil oficial de Carvalho no Twitter/X que, mesmo com a sua morte, permanece ativo para os seus 1 milhão de seguidores.

<sup>305</sup> General Paulo Chagas, comandante reformado do Exército Brasileiro, se candidatou ao governo do Distrito Federal em 2018 e ao cargo de deputado federal em 2022, mas não obteve resultados favoráveis. Contudo, é um dos muitos exemplos de sujeitos ligados às Forças Armadas que visaram a política institucional do país durante o auge do bolsonarismo. Em seu perfil no Twitter/X, conta com 252 mil seguidores.

possui trajetória, história e envolvimento com as instituições públicas brasileiras e/ou intenções particulares em relação à política nacional. Logo, a relação desses nomes com o FSP deve ser considerada como uma das variadas motivações que, conjuntamente, propiciaram o advento e a ascensão do bolsonarismo à recente conjuntura política do país.

Outro ponto destacado na relação de publicações no Twitter/X anterior é o engajamento propiciado nas falas sobre o outro FSP. No ano de 2019, percebo uma métrica semelhante ao ano de 2018, o que fortalece a premissa de gradativo desenvolvimento de uma comunicação política centrada nas mídias digitais por parte do bolsonarismo. Em razão disso, o protagonismo nesse quesito, até pela posição de presidente alcançada durante esse período, é o perfil de Bolsonaro que apresenta os maiores índices por publicação, assim como a segunda maior quantidade de *tweets* ou *threads* postadas – o posto de primeiro lugar é de Carvalho.

Em relação às postagens selecionadas, é possível estabelecer conexões quanto ao conteúdo e/ou, em semelhança ao exercício de análise dos livros olavistas, subtemas acerca do FSP. Nesse sentido, os *tweets* e *threads* bolsonaristas ressoam as seguintes intenções: exaltar medidas contrárias ao FSP do governo Bolsonaro; rememorar um suposto legado do FSP na América Latina e no Brasil; estipular possíveis reações do FSP frente ao cenário político de avanço da direita e extrema direita na região; e propor um rearranjo interno do bolsonarismo para a manutenção da unidade política no país.

O primeiro caso, contemplado pelos *tweets* 2, 4 e 9 e *thread* 2, ressalta as mudanças implementadas e os benefícios adquiridos, de forma imediata, com o início do governo Bolsonaro. Essas publicações enfatizam uma reconfiguração geopolítica do Brasil ao valorizar possíveis parcerias e alinhamentos com países e instituições capitalistas em detrimento de supostas alianças com nações e entidades consideradas socialistas estabelecidas pelo país em anos anteriores. Assim, um discurso que, além de promover um embate ideológico entre sistemas econômicos distintos, visa destacar a nova e próspera realidade do país, reforçando o interesse bolsonarista de considerá-lo parte de uma “elite” global.

Por outro lado, a superação da suposta influência e interferência do FSP, enfatizada pelos bolsonaristas, não inviabilizou relatos sobre os feitos e efeitos da organização latino-americana na recente realidade política da América Latina. Com isso, os *tweets* 7, 11, 12 e 17 indicam tanto a permanência de domínio do FSP sobre outras instituições, como no caso do STF e do BNDES no Brasil, quanto o oportunismo em se aproveitar de mobilizações populares, como exemplificado pelo aumento dos preços do metrô no Chile, para promover o “terrorismo”.

Esse discurso, em semelhança ao proposto pelos olavistas, apresenta uma suposta extensão do FSP em outras instituições e/ou em episódios políticos específicos nos últimos anos.

Em sequência, há também o resgate de um suposto legado do FSP, em que os bolsonaristas estipulam possíveis reações dessa organização diante do avanço da direita e da extrema direita latino-americana – e brasileira – na contemporaneidade. Os *tweets* 3, 5, 6, 8, 13 e 15 e a *thread* 3 explicitam o interesse do FSP em retomar o suposto controle político regional por meio de disputas eleitorais – desde prefeituras a presidências. Assim, outro ponto que, em sintonia com as considerações conspiratórias do olavismo, reforça o funcionamento e os objetivos dessa organização ao longo do século XXI.

Sob esse diagnóstico, o último conjunto de postagens bolsonaristas no Twitter/X em 2019 foi centrado e/ou direcionado como mensagens para o próprio bolsonarismo. Isto é, os *tweets* 3, 10, 14 e 16 reforçam a contínua aspiração de manter uma unidade política em confronto com o FSP no país, destacando, entre ironias e acusações, setores e/ou pessoas que, internamente, não seguiam a leitura conspiratória sobre a organização latino-americana. Além de expor a necessidade de medidas autoritárias por parte do governo Bolsonaro para que as possíveis reações do FSP não acontecessem no Brasil.

Diante dos casos apresentados, é pertinente assimilar os *tweets* e *threads* bolsonaristas publicados em 2019 como atos de fala ilocucionários. Trata-se de exemplos de alertas, informes, ordens e prevenções que indicam, a partir do fomento conspiratório sobre o FSP, a continuidade de uma disputa política, assim como de polarização ideológica da sociedade brasileira por parte de representantes do bolsonarismo – mesmo após um período eleitoral de resultados positivos e expressivos para o seu campo político.

Em complemento a isso, essas publicações no Twitter/X, em alusão aos modos de operação ideológicos de Thompson, podem ser associadas às categorias de unificação, fragmentação e legitimação. Em termos específicos, a primeira e a última intenções destacadas nos *tweets* e *threads* bolsonaristas de 2019 podem ser projetadas como estratégias discursivas de simbolização da unidade e de diferenciação, contemplando as primeiras categorias citadas. Enquanto a segunda e a terceira intenções dessa documentação digital fortalecem o expurgo do outro e a narrativização.

Sob esse entendimento, a exaltação dos feitos do governo Bolsonaro, assim como a imposição para que os bolsonaristas compartilhassem uma mesma posição sobre o FSP, são discursos que, proferidos em 2019 no Twitter/X, revelam a necessidade desse grupo político de

se comparar com os seus adversários e/ou com a realidade de outros países da região, solidificando um discurso único e integrado sobre estes. Assim, são publicações que exemplificam não somente o sentido conspiracionista do bolsonarismo, mas também o apelo para se manter em evidência – o que inclui pautas políticas como o FSP - no debate público.

Em consequência dessas estratégias discursivas mobilizadas, acrescento que o processo de contextualização de possíveis medidas realizadas pelo FSP na América Latina e no Brasil, como também a projeção dos próximos passos dessa organização, indicam a historicização desta como um inimigo político. Isto é, o bolsonarismo conspira supostos passados e futuros do FSP para reforçá-lo como um mal a ser combatido no presente. Além de resguardar um potencial retorno da organização latino-americana ao poder na região, o que também pode ser inferido como um temor dos bolsonaristas em articulação digital.

O ano de 2020, em termos de quantidade, não reserva uma ampla demanda de postagens virais de bolsonaristas sobre o FSP no Twitter/X em comparação ao ano anterior, por exemplo. Com isso, foi possível selecionar apenas 4 *tweets* representativos desse período:

Tabela 7 - *Tweets* (2020)

	Postagem	Perfil	Engajamento	Data
<i>Tweet 18</i> <sup>306</sup>	Fazer intriga entre o presidente e o ministro Moro é a principal tarefa da mídia no momento, tarefa que ela desempenha com a bem disciplinada unidade da militância obediente. A mídia nacional não passa de um órgão do Foro de São Paulo.	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	15 mil curtidas 3 mil retweets	24/01/2020
<i>Tweet 19</i> <sup>307</sup>	Mais um do Foro de São Paulo condenado por corrupção. O ex-presidente do Equador, Rafael Correa, pegou oito anos. Prevenido, já mora na Bélgica. Esse pessoal anticapitalista adora uma empreiteira.	Alexandre Garcia (@alexandregarcia)	26 mil curtidas 5 mil retweets	08/04/2020

<sup>306</sup> CARVALHO, Olavo de. **Fazer intriga entre o presidente e o ministro Moro é a principal tarefa da mídia no momento, tarefa que [...]**. Dinwiddie County, VA, 24 jan. 2020. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1220823336776863755>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>307</sup> GARCIA, Alexandre. **Mais um do Foro de São Paulo condenado por corrupção. O ex-presidente do Equador, Rafael Correa, pegou oito anos [...]**. São Paulo, SP, 08 abr. 2020. X/Twitter: @alexandregarcia. Disponível em: <<https://x.com/alexandregarcia/status/1248037840413511681>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<i>Tweet 20</i> <sup>308</sup>	O Foro de São Paulo suspende a nomeação de Ramagem para a PF. Deu pra entender?	Paula Marisa (@profpaulamarisa)	18 mil curtidas 3 mil retweets	29/04/2020
<i>Tweet 21</i> <sup>309</sup>	A pedido de um partido do FORO DE SÃO PAULO, o Alexandre de Moraes toma uma decisão que favorece os mandantes do Adélio, e ninguém percebe que isso é um crime monstruoso?	Olavo de Carvalho (@opropriolavo)	26 mil curtidas 5 mil retweets	29/04/2020

Por ser um menor volume de publicações, não há uma diversidade de perfis bolsonaristas envolvidos, em comparação com o ano anterior analisado. Contudo, é visível a presença de novidades, como os casos de Alexandre Garcia – @alexandregarcia<sup>310</sup> – e Paula Marisa – @profpaulamarisa<sup>311</sup>. Além de Carvalho, que apresenta não somente a metade dos *tweets* selecionados, mas também a continuidade em retratar uma outra versão do FSP para o seu público digital.

Ademais, apesar de Marisa ter se interessado pela carreira política, trata-se de perfis que se diferenciam de outros usuários bolsonaristas retratados neste tópico. Isto é, Marisa, Garcia e Carvalho podem ser considerados comunicadores políticos, tendo o crescimento de suas redes pessoais como exemplo de uma mídia alternativa em ascensão no país durante esse período, sendo o principal objetivo a ser pontuado e analisado ao relacioná-los com o viés conspiratório acerca do FSP. Portanto, um ponto que repercute, na prática, o movimento de desintermediação e reintermediação destacado por Cesarino a partir de representantes do bolsonarismo e suas capacidades discursiva e midiática nas redes.

Nesse sentido, a repercussão dos *tweets* selecionados – em relação ao quantitativo de curtidas e compartilhamentos – mantém a crescente estabelecida desde 2018 por parte dos

<sup>308</sup> MARISA, Paula. **O Foro de São Paulo suspende a nomeação de Ramagem para a PF. Deu pra entender?**. Pomerode, SC, 29 abr. 2020. X/Twitter: @profpaulamarisa. Disponível em: <<https://x.com/profpaulamarisa/status/1255538625300873219>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>309</sup> CARVALHO, Olavo de. **A pedido de um partido do FORO DE SÃO PAULO, o Alexandre de Moraes toma uma decisão que favorece [...]**. Dinwiddie County, VA, 29 abr. 2020. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1255646826901929984>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>310</sup> Alexandre Garcia é um jornalista bastante reconhecido por sua carreira na Rede Globo, mas também possui papel histórico e relevante ao ser porta-voz do último presidente da Ditadura Militar, o general João Batista Figueiredo. Atualmente, após saída do grupo Globo, foi contratado pela Jovem Pan e se concentrou, de vez, na aproximação com o bolsonarismo. Nas redes sociais, como no Twitter/X, possui um perfil com 4,5 milhões de seguidores.

<sup>311</sup> Paula Marisa é considerada professora, comunicadora e autora de livros como o “O Mínimo sobre a Ideologia de Gênero”. É alinhada ao olavismo e, na ascensão política do bolsonarismo, foi candidata a vereadora na cidade de Canoas em 2020, não obtendo votos suficientes para ser eleita. No Twitter/X, conta com 610 mil seguidores em sua conta pessoal.

bolsonaristas no Twitter/X, o que reforça o vínculo admitido entre a rede social e o extremismo político. Por se tratar de um recorte temático, como o caso do outro FSP sendo difundido em mídias digitais, o trabalho não busca determinar que somente essa pauta política bolsolavista proporcionou expressivo engajamento. Mas é inegável que, durante esses últimos anos, escrever sobre essa organização gerou resultados relevantes para os conspiradores.

No âmbito do discurso, os *tweets* 18, 19, 20 e 21 reivindicam uma mesma intenção e/ou proposição: revelar a atuação e a influência do FSP a partir de parceiros e/ou aliados da organização latino-americana. Em semelhança ao argumento utilizado por olavistas em seus livros, Carvalho, Garcia e Marisa supõem que ações realizadas pela imprensa brasileira, STF e Polícia Federal (PF) são controladas pelo FSP. De mesmo modo, visa também indicar que a condenação de um ex-presidente, como é o caso de Rafael Correa, elucida o viés criminoso da organização latino-americana. Assim, são publicações que reforçam estigmas e superestimam a capacidade e o funcionamento interno do alvo contestado e conspirado.

Além disso, esses *tweets* revelam um interesse de defesa do governo Bolsonaro, sendo destacada uma possível perseguição dessas organizações sucursais do FSP aos membros desse governo, como o caso de Sérgio Moro<sup>312</sup> e Alexandre Ramagem<sup>313</sup>. Não suficiente, reiteram também o exercício de um conluio judiciário e midiático para favorecer os adversários de Bolsonaro e promover crises no país, o que ressalta a continuidade de uma comunicação política digital sob o viés antissistêmico – e de resistência – do bolsonarismo.

Em razão desses objetivos apresentados, as publicações de bolsonaristas no Twitter/X em 2020 também podem ser consideradas, conforme a metodologia de análise do discurso admitida neste trabalho, como atos ilocucionários austinianos. Esses proferimentos estabelecem alertas e prevenções ao alcance e, principalmente, ao poder do FSP, mesmo após um recente cenário político-eleitoral desfavorável. Logo, o entendimento de que o discurso se torna uma ação é estabelecido por instigar a indignação do público – ou da bolha – bolsonarista a partir desse cenário estipulado por Carvalho, Garcia e Marisa.

---

<sup>312</sup> Sérgio Moro é uma das figuras políticas que, junto a Jair Bolsonaro, ganhou reverberação nacional por ser o juiz responsável pela condenação de Lula em 2018 por meio da operação Lava Jato, iniciada em 2014. Diante desse relevante episódio, Moro, cogitado à presidência da república pelo lavajatismo instaurado no país nesse período, aceitou o convite para ser Ministro da Justiça e Segurança Pública do governo Bolsonaro a partir de 2019, largando a carreira na magistratura. Com a saída do governo em 2021, lançou-se candidato ao Senado pelo estado do Paraná, sendo eleito no pleito realizado em 2022 – cargo político que ocupa hoje.

<sup>313</sup> Alexandre Ramagem é um delegado de polícia que, durante o governo Bolsonaro, assumiu o posto de diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN). Nas últimas eleições, foi candidato e se elegeu ao cargo de deputado federal. Em semelhança ao caso de Zambelli, Ramagem, atualmente, está sem mandato em vista de uma condenação penal atrelada aos acontecimentos dos Ataques do 8 de Janeiro em Brasília no ano de 2023.

Acrescido a isso, em relação aos modos de operação ideológica de Thompson, infiro que, de forma implícita, são publicações no Twitter/X que simbolizam a unidade – presente na categoria de unificação do discurso – do bolsonarismo frente tanto aos supostos ataques e perseguições sofridos por agentes ligados ao FSP quanto aos crimes cometidos por estes. Contudo, a ênfase desses *tweets* é o expurgo da organização latino-americana – presente na categoria de fragmentação do discurso. Ou seja, o interesse é de, em nova oportunidade, intensificar o FSP como um inimigo político a ser combatido pelos bolsonaristas.

Em avanço temporal, o ano de 2021 reservou o acúmulo de 6 *tweets* virais relacionados ao FSP e sua respectiva versão conspiratória:

Tabela 8 - *Tweets* (2021)

	Postagem	Perfil	Engajamento	Data
<i>Tweet 22</i> <sup>314</sup>	O chefe da quadrilha acaba de agradecer em "rede nacional" ao Foro de São Paulo. Se você ainda não entendeu o golpe que está em curso, você não entendeu nada!	Alan Lopes (@AlanLopesRio)	12 mil curtidas 3 mil retweets	10/03/2021
<i>Tweet 23</i> <sup>315</sup>	DERROTA do Foro de São Paulo: @LassoGuillermo é eleito Presidente do Equador!  Parabéns ao novo Presidente e ao povo equatoriano.  VITÓRIA da LIBERDADE na América Latina!	Carla Zambelli (@Zambelli2210)	13 mil curtidas 2 mil retweets	12/04/2021
<i>Tweet 24</i> <sup>316</sup>	Foi descoberto que a SEDE da Secretaria Executiva do FORO DE SÃO PAULO é localizada no Diretório Nacional do PT em São Paulo  Ninguém esperava né?	Kim Paim (@kimpaim)	14 mil curtidas 3 mil retweets	14/07/2021

<sup>314</sup> LOPES, Alan. **O chefe da quadrilha acaba de agradecer em "rede nacional" ao Foro de São Paulo. Se você ainda não entendeu o golpe [...]**. Rio de Janeiro, RJ, 10 mar. 2021. X/Twitter: @AlanLopesRio. Disponível em: <<https://x.com/AlanLopesRio/status/1369662419220434947>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>315</sup> ZAMBELLI, Carla. **DERROTA do Foro de São Paulo: @LassoGuillermo é eleito Presidente do Equador! Parabéns ao novo Presidente [...]**. Brasília, DF, 12 abr. 2021. X/Twitter: @Zambelli2210. Disponível em: <<https://x.com/Zambelli2210/status/1381458736670203904>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>316</sup> PAIM, Kim. **Foi descoberto que a SEDE da Secretaria Executiva do FORO DE SÃO PAULO é localizada no Diretório Nacional do PT [...]**. Brisbane, Qld, 14 jul. 2021. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1416357828126593030>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<i>Tweet 25</i> <sup>317</sup>	O maior atentado contra a humanidade praticado por um latino americano se chama: Foro de São Paulo Os PTistas criaram a ditadura venezuelana e financiaram Cuba por 14 anos	Kim Paim (@kimpaim)	12 mil curtidas 3 mil retweets	17/07/2021
<i>Tweet 26</i> <sup>318</sup>	Pense numa ditadura na América Latina... Faz parte do Foro de São Paulo, assim como o PT.	Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)	13 mil curtidas 1 mil retweets	26/07/2021
<i>Tweet 27</i> <sup>319</sup>	A TV Record fez uma matéria sobre os vínculos do Foro de São Paulo com o Narcotráfico. Quem diria que um dia a TV aberta iria tratar sobre o tema que eles tanto ajudaram a esconder para não atrapalhar os planos de um certo partido político hein?	Kim Paim (@kimpaim)	20 mil curtidas 4 mil retweets	10/10/2021

Nesse conjunto de postagens acima, em semelhança ao ano anterior, há uma mescla de perfis bolsonaristas já citados neste trabalho, assim como novidades ainda não relatadas. Em primeiro ponto, há uma nova rodada de *tweets* de Zambelli e de Eduardo Bolsonaro, o que, em semelhança a Carvalho e até mesmo Jair Bolsonaro – citado mais de uma vez neste capítulo por meio de suas publicações –, pode identificá-los como mais experientes e/ou familiarizados com a comunicação política digital. Por outro lado, há também a presença de Alan Lopes<sup>320</sup> e Kim Paim<sup>321</sup>, sendo este bastante relevante por deter metade dos *tweets* selecionados nesse período.

Com a exceção de Paim, que, por ventura, segue uma lógica de se estabelecer como um comunicador e/ou até propagandista do bolsonarismo nas redes sociais – papel semelhante aos

<sup>317</sup> PAIM, Kim. **O maior atentado contra a humanidade praticado por um latino-americano se chama: Foro de São Paulo. Os PTistas [...]**. Brisbane, Qld, 17 jul. 2021. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1447162114125168644>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>318</sup> BOLSONARO, Eduardo. **Pense numa ditadura na América Latina... Faz parte do Foro de São Paulo, assim como o PT.** Brasília, DF, 26 jul. 2021. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1419607129883824128>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>319</sup> PAIM, Kim. **A TV Record fez uma matéria sobre os vínculos do Foro de São Paulo com o Narcotráfico. Quem diria que um dia a TV [...]**. Brisbane, Qld, 10 out. 2021. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1447162114125168644>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>320</sup> Alan Lopes é um dos muitos exemplos relacionados a este trabalho de que o ativismo digital resulta em mandato político, se for da vontade do sujeito. Em vista do vínculo ao bolsonarismo, foi eleito, recentemente, no pleito de 2022, para o cargo de deputado estadual. Em dados atuais, possui quase 300 mil seguidores no Twitter/X.

<sup>321</sup> Kim Paim é engenheiro residente na Austrália que, nos últimos anos, se consolidou como um dos principais porta-vozes do bolsonarismo em âmbito digital, sendo exemplificado pelos seus 1,6 milhões de seguidores no Twitter/X. Trata-se de um dos poucos perfis que não apresentou histórico de candidatura política ou mesmo intenção por essa carreira, sendo partícipe também de uma ala ideológica que também é vinculada ao olavismo.

perfis listados no ano de 2020 –, é importante ressaltar que os demais apresentados eram, se mantiveram ou se tornaram políticos durante esse período. Logo, uma retomada ao quadro estabelecido na análise de postagens no Twitter/X de 2019, em que há um cruzamento evidente entre políticos – com mandatos ativos no período – e o FSP sob um discurso conspiratório alavancado pelo ecossistema digital das redes sociais.

Em relação ao engajamento dos *tweets* 22, 23, 24, 25, 26 e 27, é interessante constatar números semelhantes de curtidas e *retweets*, o que pode indicar uma estabilidade em relação ao tema e/ou ao perfil em alusão. Em outras palavras, há a impressão de que escrever sobre o FSP passou a ser uma pauta comum no núcleo digital bolsonarista e/ou de que o envolvimento desses perfis está habituado e demarcado por sua presença no Twitter/X, viralizando as suas postagens independentemente do tema. Diante disso, acredito que as hipóteses são complementares, considerando que tanto a conspiração sobre o FSP quanto os perfis de Eduardo Bolsonaro, Lopes, Paim e Zambelli contribuem, simultaneamente, para esse resultado.

Em avanço às intenções discursivas desse conjunto de publicações bolsonaristas, noto uma segunda semelhança com uma parte dos *tweets e threads* postados em 2019. As postagens no Twitter/X de 2021, com exceção dos *tweets* 23 e 27, também buscam resgatar e/ou destacar um suposto legado do FSP na América Latina – e no Brasil –, assim como projetar os caminhos e as decisões políticas – e que ressoam em perspectiva eleitoral – desta nos próximos anos. Assim, o ponto que salienta, por repetição, a preocupação do bolsonarismo com a organização latino-americana, mesmo em um cenário governista.

Por outro lado, as exceções destacadas elucidam o acompanhamento – e até mesmo a torcida – do bolsonarismo pelas supostas derrotas político-eleitorais do FSP na região, como também pela repercussão de supostos escândalos envolvendo essa organização e/ou seus associados partidários. Esse argumento, diferentemente da intenção presente na maioria dos *tweets* selecionados desse período, reforça a continuidade de um embate e/ou – nos termos olavistas – de uma guerra cultural cujo adversário é materializado no FSP.

Contudo, apesar dessa diferença de perspectivas, há um ponto em comum observado em ambas as situações discursivas apresentadas nos *tweets* de 2021: as vinculações atribuídas ao FSP, o que remete tanto aos pilares e/ou referências ideológicas do olavismo quanto às postagens no Twitter/X de anos anteriores. As referidas publicações digitais exploram, por exemplo, a suposta periculosidade – e criminalidade – da organização latino-americana e investem, também, na associação com países, como Cuba e Venezuela, e partidos, como o PT do Brasil, que podem ser considerados os principais alvos anticomunistas na região.

Diante desses aspectos considerados, em semelhante análise realizada com as publicações de bolsonaristas no Twitter/X em anos anteriores, os *tweets* de 2021 também são, para este trabalho, atos ilocucionários. As denúncias e revelações realizadas proporcionam a continuidade de um discurso que, no âmbito de se fazer uma ação, engaja a construção de uma imagem negativa sobre o FSP. A associação dessa organização com o crime, ao ponto de até veículos de mídia tradicional não conseguirem mais, supostamente, esconder essa realidade, é mais um indicativo de tornar – e transformar – a política nacional em um campo de batalha pautado em conspirações, extremismos e autoritarismos.

Em associação com os modos de operação ideológica já mencionados ao longo deste trabalho, os *tweets* de 2021 também repercutem, por exemplo, as categorias de unificação e fragmentação, com enfoque nas estratégias de simbolização da unidade e expurgo do outro, respectivamente. Contudo, para diferenciar tais períodos, particularizo que esse conjunto de publicações digitais também especifica um outro efeito de sentido: a reificação por meio das estratégias de naturalização e eternalização.

Ambas as estratégias mencionadas, assim como a categoria em questão, revelam a tentativa bolsonarista de apresentar o FSP como uma organização cujos princípios, estruturas e atuações são permanentes e/ou naturais com o passar do tempo. Em razão disso, a vinculação desta com a criminalidade, o enfoque no anticomunismo e a exaltação de derrotas eleitorais e escândalos são argumentos que, para além de reforçar o discurso conspiracionista, enrijecem a compreensão do público bolsonarista em uma única definição. Isto é, esse FSP difundido nas redes está vinculado a impressões negativas imutáveis, fortalecendo o movimento de oposição e de combate à sua existência no Brasil e na América Latina.

O ano de 2022 foi relevante por se tratar de um ano eleitoral no Brasil, em que Bolsonaro buscou a reeleição em meio ao embate com Lula da Silva – principal adversário político que retornava como candidato presidencial e que estaria atrelado ao FSP. Sob esse cenário, o trabalho selecionou 8 *tweets* de maior repercussão de usuários bolsonaristas no Twitter/X:

Tabela 9: *Tweets* (2022)

Postagem	Perfil	Engajamento	Data
----------	--------	-------------	------

<i>Tweet 28</i> <sup>322</sup>	Diante do avanço da extrema-esquerda na América Latina, com sucessivas vitórias de candidatos do Foro de São Paulo, nossa responsabilidade como brasileiros se torna ainda maior.  Que Deus tenha misericórdia de nós e nos dê condições de proteger nosso país e nosso povo!	Filipe Martins (@filgmartin)	15 mil curtidas 3 mil retweets	19/06/2022
<i>Tweet 29</i> <sup>323</sup>	Discurso na ONU: Bolsonaro acaba de se solidarizar e oferecer refúgio para os cristãos que estão sendo perseguidos pelo ditador da Nicarágua, o amigo do Lula e do Foro de São Paulo.	Kim Paim (@kimpaim)	31 mil curtidas 4 mil retweets	20/09/2022
<i>Tweet 30</i> <sup>324</sup>	Aliado do Lula tirou a CNN do ar na Nicarágua! Olhem o que a turma da esquerda está disposta a fazer com quem não seguir as regras do Foro de São Paulo...	Kim Paim (@kimpaim)	28 mil curtidas 5 mil retweets	22/09/2022
<i>Tweet 31</i> <sup>325</sup>	Estamos totalmente entregues ao Foro de São Paulo, ao comunismo, ao partido que destruiu o nosso país e à ditadura perversa da toga.	Fernanda Salles (@reportersalles)	12 mil curtidas 1 mil retweets	03/11/2022
<i>Tweet 32</i> <sup>326</sup>	O Foro de São Paulo preparou por décadas a célula integrada por Persio Árida e André Lara Resende para ajudarem Lula a implantar o comunismo no Brasil.	Caio Blinder (@caioblinder)	19 mil curtidas 2 mil retweets	06/11/2022

<sup>322</sup> MARTINS, Filipe. **Diante do avanço da extrema-esquerda na América Latina, com sucessivas vitórias de candidatos do Foro de São Paulo** [...]. Brasília, DF, 19 jun. 2022. X/Twitter: @filgmartin. Disponível em: <<https://x.com/filgmartin/status/1538668664207048706>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>323</sup> PAIM, Kim. **Discurso na ONU: Bolsonaro acaba de se solidarizar e oferecer refúgio para os cristãos que estão sendo perseguidos pelo ditador da Nicarágua** [...]. Brisbane, Qld, 20 set. 2022. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1572226673281732612>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>324</sup> PAIM, Kim. **Aliado do Lula tirou a CNN do ar na Nicarágua! Olhem o que a turma da esquerda está disposta a fazer** [...]. Brisbane, Qld, 22 set. 2022. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/157291622594838528>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>325</sup> SALLES, Fernanda. **Estamos totalmente entregues ao Foro de São Paulo, ao comunismo, ao partido que destruiu o nosso país e à ditadura perversa**. Belo Horizonte, MG, 03 nov. 2022. X/Twitter: @reportersalles. Disponível em: <<https://x.com/reportersalles/status/1588267451912953861>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>326</sup> BLINDER, Caio. **O Foro de São Paulo preparou por décadas a célula integrada por Persio Árida e André Lara Resende para ajudarem Lula a implantar o comunismo no Brasil**. New York, NY, 06 nov. 2022. X/Twitter: @caioblinder. Disponível em: <<https://x.com/caioblinder/status/1589222937756045312>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<i>Tweet 33</i> <sup>327</sup>	Nunca se viu uma transição com tanta gente. “Festa estranha com gente esquisita.” A representante das FARC/Foro de São Paulo já está lá. Quem seriam os representantes do PCC, garantindo a continuidade dos diálogos cabulosos?	Filipe Barros (@filipebarrost)	12 mil curtidas 3 mil retweets	16/11/2022
<i>Tweet 34</i> <sup>328</sup>	Imagine dar a chave do cofre do BNDES para o Mercadante. O Brasil vai financiar o Foro de São Paulo.	Silvio Navarro (@silvionavarro)	19 mil curtidas 3 mil retweets	12/12/2022
<i>Tweet 35</i> <sup>329</sup>	Estarão no Brasil para a posse: Maduro, Ortega, Boric, Gustavo Petro, Alberto Fernandes... O foro de são Paulo reunido no Brasil. Não existe humilhação maior do que receber esse povo na nossa nação como pessoas bem vindas.	Bárbara Destefani (@taoquei1)	40 mil curtidas 6 mil retweets	29/12/2022

Em continuidade ao que se presenciou em cada um dos anos anteriores analisados, os perfis digitais bolsonaristas envolvidos no ano de 2022 reforçam os diferentes tipos já observados: políticos eleitos em pleitos eleitorais recentes, como o caso do Filipe Barros – @filipebarrost<sup>330</sup>; comunicadores/influenciadores, exemplificados por Bárbara Destefani – @taoquei1<sup>331</sup>, Caio Blinder – @caioblinder<sup>332</sup>, Fernanda Salles – @reportersalles<sup>333</sup>, Silvio

<sup>327</sup> BARROS, Filipe. **Nunca se viu uma transição com tanta gente. “Festa estranha com gente esquisita”**. A representante das FARC/Foro de São Paulo [...]. Brasília, DF, 16 nov. 2022. X/Twitter: @filipebarrost. Disponível em: <<https://x.com/filipebarrost/status/1593037977101664259>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>328</sup> NAVARRO, Silvio. **Imagine dar a chave do cofre do BNDES para o Mercadante. O Brasil vai financiar o Foro de São Paulo**. Brasília, DF, 12 dez. 2022. X/Twitter: @silvionavarro. Disponível em: <<https://x.com/silvionavarro/status/1602264921835798531>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>329</sup> DESTEFANI, Bárbara. **Estarão no Brasil para a posse: Maduro, Ortega, Boric, Gustavo Petro, Alberto Fernandes... O foro de são Paulo reunido no Brasil [...]**. Belo Horizonte, MG, 29 dez. 2022. X/Twitter: @taoquei1. Disponível em: <<https://x.com/taoquei1/status/1608655866336804864>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>330</sup> Filipe Barros, assim como outros destacados, possui uma carreira política alinhada ao bolsonarismo desde 2016, sendo eleito, pela primeira vez, para o cargo de vereador de Londrina. Após esse pleito, foi eleito em 2 eleições posteriores para o cargo de deputado federal. No Twitter/X, o político conta com quase 1 milhão de seguidores.

<sup>331</sup> Bárbara Destefani é uma das principais influenciadoras digitais alinhadas ao bolsonarismo dos últimos anos no Brasil. Ela é dona do canal TeAtualizei presente em diferentes redes sociais. No Twitter, conta com um perfil com 2,5 milhões de seguidores.

<sup>332</sup> Caio Blinder é jornalista e apresentador conhecido por ser um dos idealizadores do programa Manhattan Connection que, por muito tempo, era conveniado à Globo News. Não possui histórico de ligação direta com a política no Brasil, sendo mais um residente nos EUA. Atualmente, o seu perfil no Twitter/X possui 250 mil seguidores.

<sup>333</sup> Fernanda Salles é uma jornalista alinhada ao bolsonarismo, com carreiras em veículos de mídia alternativos como Terça Livre, Gazeta Brasil e, atualmente, freelancer no The Epoch Times Brasil. Na política, foi assessora parlamentar do, hoje, deputado estadual Bruno Engler e, em candidatura para este cargo em 2022, não obteve votos suficientes para ser eleita. O seu perfil pessoal no Twitter/X possui 545 mil seguidores.

Navarro – @silvionavarro<sup>334</sup> e, novamente, Kim Paim – com destaque em vista do maior número de publicações desse período; e membros do governo, com cargos de indicação política, como é o caso de Filipe Martins – @filgmartin<sup>335</sup>.

Em termos de engajamento, há também uma tendência semelhante aos anos anteriores analisados por este trabalho. Isto é, postagens com números relevantes em relação às curtidas e *retweets* – o pico de audiência atingiu a marca que somente as publicações realizadas por Bolsonaro, dentro do escopo temporal selecionado, conseguiram –, mantendo a pauta conspiratória sobre o FSP em alta entre os perfis bolsonaristas do período. Além disso, o impacto das eleições marcadas no ano de 2022 – e o consequente resultado desta – contribuiu para que a organização latino-americana permanecesse como um alvo político a ser combatido.

Em termos de conteúdo, as publicações bolsonaristas de 2022 podem ser divididas e discernidas a partir de duas frentes: pré-eleitoral e pós-eleitoral. Em primeiro momento, de modo específico aos *tweets* 28, 29 e 30, a base digital do bolsonarismo resgata – e mantém – o discurso acusatório e conspiratório sobre os perigos e crimes trazidos e realizados pelo FSP na América Latina – como o caso envolvendo a perseguição religiosa do governo da Nicarágua a representantes do catolicismo no país. Esse ponto eleva o governo e a liderança de Bolsonaro como combativa e resistente ao avanço e à influência dessa organização na região, o que também estabelece comparações político-ideológicas com Lula da Silva.

Por outro lado, o segundo momento reflete um cenário de contenção de danos pelos representantes digitais do bolsonarismo diante da derrota de Bolsonaro e, consequentemente, vitória de Lula da Silva. Nesse sentido, os *tweets* repercutem o suposto retorno do FSP à política nacional com temor, realizando projeções negativas do futuro e relacionando, diferentemente dos demais ao considerar que a conjuntura política anterior foi marcada tanto pela ascensão da extrema direita quanto pelo governo Bolsonaro no país.

Em ambos os momentos, é importante mencionar também a manutenção de subtemas presentes na análise dos livros olavistas sobre o conspiracionismo político envolvendo o FSP. Em nova semelhança com os *tweets* de anos anteriores já mencionados, as postagens de 2022

---

<sup>334</sup> Silvio Navarro é mais um jornalista com carreira extensa na mídia brasileira, tendo participado das redações da Folha de São Paulo, Veja, Jovem Pan, Rede TV e, atualmente, está na Revista Oeste. Além disso, também possui canais próprios nas principais e atuais redes sociais, no Twitter, por exemplo, possui 724 mil seguidores.

<sup>335</sup> Filipe Martins foi ex-assessor internacional da presidência durante o governo Bolsonaro, sendo um dos expoentes da conexão entre olavismo e bolsonarismo. Ficou conhecido, sobretudo, pela repercussão da mídia brasileira em um episódio em que Martins realizou gestos historicamente ligados a movimentos supremacistas em uma audiência pública. Além disso, foi julgado e condenado pelo STF nos processos que analisaram a trama golpista de 2022 e 2023 no Brasil, estando, hoje, preso em decorrência de seus crimes.

reforçam o viés anticomunista e a existência de uma guerra cultural adotados pelo bolsonarismo para retratar a organização latino-americana e a sua relação com a realidade brasileira. Esse feito se aproxima das publicações de 2017 e 2018, mas com a diferença de que, no lugar de uma empolgação quanto à iminente superação da suposta influência do FSP no Brasil – em acompanhamento ao que acontecia na América Latina nesse período –, a intenção discursiva bolsonarista busca um recomeço como oposição.

Sob esse entendimento, os tweets de 2022 também são classificados por este trabalho como atos de fala ilocucionários. Há um movimento bolsonarista de fundamentar, a partir de uma posição ideológica – e conspiratória – envolvendo o FSP, a manutenção – e reeleição – de Bolsonaro no poder. Em vista dessa possibilidade – que não foi concretizada nas urnas –, o caminho percorrido foi o da contestação e, como já mencionado, da oposição ao governo – e governante eleito – a ser iniciado no ano seguinte. Assim, há um discurso que, esgotado pelos resultados conjunturais, apela, como ação, para a produção de crises políticas, fomentando, ainda mais, a polarização ideológica existente no país.

A relação desses *tweets* também pode ser apreciada a partir dos modos de operação ideológica de Thompson. Em semelhança a isso, é evidente a presença das categorias de unificação – a partir da estratégia de simbolização da unidade – e da fragmentação – por meio da estratégia de expurgo do outro. Trata-se de propósitos discursivos que acompanham boa parte dessas postagens bolsonaristas no Twitter/X selecionadas, sendo reforçados pelo viés eleitoral de 2022. Logo, são seguidas as intenções de atacar o FSP ao mesmo tempo em que se procura unir estratos de representação e de voto na extrema direita nacional.

Para além dessas menções, o diferencial desse período é identificado pela ideia de universalização, inserida na categoria de legitimação de Thompson. O bolsonarismo evoca o FSP não somente como um inimigo ideológico a ser combatido, mas também como uma pauta política coletiva e necessária para se discutir e projetar o presente e o futuro do Brasil. Assim, a possível continuidade de Bolsonaro e, depois, a indignação quanto ao governo Lula da Silva III são posicionamentos tensionados e expandidos como anseios populares.

Diante de todas as postagens no Twitter/X e de seus respectivos anos, a busca deste tópico foi construir um panorama do envolvimento do bolsonarismo – e de bolsonaristas – com a consolidação de uma versão conspiratória do FSP em âmbito digital. Esse cenário, sob o prisma do ciberpopulismo, revelou a importância e a influência da comunicação política nas redes sociais, assim como a capacidade desse discurso de formar um encaixe eleitoral viável no

Brasil das últimas décadas: lideranças que se popularizaram – e tornaram a política institucional um espetáculo midiático – por meio de pautas e temas, ideologicamente, extremistas.

O recorte temporal escolhido – entre os anos de 2019 a 2022 – é relevante por compreender, a partir de 38 *tweets* e *threads* sobre uma versão alternativa do FSP, uma parte simbólica da ascensão e do auge de Bolsonaro e do bolsonarismo na política nacional recente. Esta que, na visão deste trabalho, reforça também uma fragilidade em meio ao sucesso político-eleitoral: a necessidade de afirmação ideológica desse campo político. Isto é, mesmo em uma conjuntura favorável – com a exceção da reeleição fracassada de Bolsonaro em 2022 –, a retratação do FSP nas redes possibilitou a permanência do embate, da polarização e da desqualificação de adversários políticos já derrotados.

Além disso, a identificação de 17 perfis no Twitter/X – com milhares e milhões de seguidores nessa rede social –, como responsáveis pelo conjunto de postagens analisadas demonstra que repercutir, digitalmente, a conspiração sobre o FSP contribuiu, em somatório às outras pautas e temas expressivos do bolsonarismo, para a construção de referências para a extrema direita brasileira na contemporaneidade. Assim, ser contrário a essa organização não garantiu a conquista de um mandato, uma indicação política e/ou de se tornar um influenciador digital, mas denunciá-la fez parte da cartilha bolsonarista para alcançar essas diferentes ocupações e mobilizar um grandioso público e/ou eleitorado.

Por fim, a análise proposta também materializou o incentivo proporcionado pelas *big techs* – nesse caso, do Twitter/X – com o projeto político característico das extremas direitas globais, sendo manifestado, nacionalmente, pelos bolsonaristas. A viralização das postagens destes sobre o FSP, com dezenas de curtidas e compartilhamentos, fortalece essa aliança e, conseqüentemente, impulsiona um discurso político centralizado na construção de suposições que inviabilizam o debate público. Logo, um feito pertinente e benéfico para os envolvidos e seus respectivos anseios por controle e poder, constatando a preferência para que apenas um lado seja visto, acessado e, sobretudo, clicado na atualidade.

### 3. O CONSPIRACIONISMO INVADE AS RUAS

Uma importante condição para uma conspiração política prosperar, em diálogo com as intenções e conjunturas em curso, é a participação popular. Para além da recepção, divulgação e contribuição ao conteúdo veiculado, como no caso dos livros e postagens em redes sociais sobre o outro FSP, o propósito de se mobilizar pela causa propagandeada, tornando-a uma prioridade e/ou um compromisso coletivo a ser cumprido, eleva o efeito do conspiracionismo como um fenômeno político irresistível.

No dia 17 de novembro de 2019, no primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro na presidência do Brasil, um dos muitos protestos de rua ocorridos nesse ano, relatados por Caio Marcondes Ribeiro Barbosa no artigo *A direita nas ruas em 2019 etnografias de manifestações na cidade de São Paulo*<sup>336</sup>, há um aperitivo da expansão do conspiracionismo contra o FSP, para além dos livros e postagens em redes sociais, por parte dos bolsolavistas:

Nos carros de som, além de frases contra o STF e contra Gilmar Mendes, havia falas contra a esquerda e em prol de Bolsonaro e Moro, como: “A esquerda tem que aceitar que quem está no poder agora são os conservadores”; ou então: “Quem é robô do Bolsonaro? Quem vai lutar contra o Foro de SP?”<sup>337</sup>.

Diante desse excerto, a escolha pelos protestos de rua se mostrou oportuna por propiciar, de modo contínuo e/ou inaugural, uma especial e presumida disposição pelo poder – a ser conquistado ou já alcançado – por integrantes e simpatizantes do extremismo político insurgente na realidade do país nos últimos anos. Nesse sentido, a partir das palavras de Priscila Delgado de Carvalho e Luciana Tatagiba em *Quando o conflito eleitoral extravasa as ruas: protestos e eleições presidenciais no Brasil (2010-2022)*<sup>338</sup>, trata-se de um componente relevante para se as intenções desses sujeitos que “reconfiguram as arenas das disputas, fazem emergir coletividades, constroem problemas públicos, [e] elaboraram narrativas sobre os conflitos definindo responsabilidades”<sup>339</sup>.

De modo mais específico, partilho da concepção explorada por Carla Fernanda Rosa em sua dissertação *Extremismo Ideológico e Ativismo de Protesto no Brasil*<sup>340</sup>. Há protestos de rua

<sup>336</sup> BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. *A direita nas ruas em 2019 etnografias de manifestações na cidade de São Paulo. Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v.15, n.1, 2022.

<sup>337</sup> *Ibid.*, p.362.

<sup>338</sup> CARVALHO, Priscila Delgado de; TATAGIBA, Luciana. *Quando o conflito eleitoral extravasa para as ruas: protestos e eleições presidenciais no Brasil (2010-2022)*. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n.124, 2025.

<sup>339</sup> *Ibid.*, p.5-6.

<sup>340</sup> ROSA, Carla Fernanda. *Extremismo Ideológico e Ativismo de Protesto no Brasil*. 2023. 84f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2023.

que podem ser classificados como contestatórios, demarcados desde ocupações a boicotes que ultrapassam o envolvimento da população em participar apenas dos processos eleitorais<sup>341</sup>. Com isso, fortalece-se um sentido de expressão e atuação em que a insatisfação política está presente e é cada vez mais constante em momentos coletivos e espontâneos, compactuando com a construção de vínculos e incidindo sobre a decisão de governos e governantes<sup>342</sup>.

Sob essa posição, parto de uma interpretação em que a realidade política brasileira das décadas de 2010 e 2020 foi marcada pela ocorrência frequente de protestos de rua contestatórios. Um feito que aparenta normalidade em vista da história de lutas e reivindicações sociais em circunstâncias, sobretudo, democráticas no país. Contudo, ao me debruçar sobre esse período, o interesse repercute no envolvimento gradativo da extrema direita nacional nos últimos anos. Em proporção ao recorte temporal estabelecido neste trabalho, avalio, especialmente, a dinâmica das mobilizações populares ocorridas desde o processo neogolpista contra a presidenta Rousseff em 2016 até os desdobramentos golpistas em decorrência da derrota eleitoral de Bolsonaro entre o final de 2022 e início de 2023.

As hipóteses gestadas para a explicação e compreensão desse período de intensa transformação política no Brasil avaliam diferentes fatores e elegem distintos culpados – combinados ou não. Não ousou, neste momento, apontar a versão bolsolavista sobre o FSP como um destes em específico – apesar de presente, nominalmente, em cartazes e/ou discurso de manifestantes desse período. Entretanto, investigo a incidência dos pilares ideológicos que compuseram o discurso conspiratório admitido à organização – e o anticomunismo é um dos principais exemplos disso – como parte fundamental dos recentes protestos da extrema direita brasileira e os seus desdobramentos no atual cenário da democracia no país.

Além disso, em continuidade metodológica, aproximo os atos de fala de Austin e os modos de operação da ideologia de Thompson à capacidade da conspiração, instigada nos protestos de rua, de fomentar o recrudescimento de instabilidades, crises e/ou golpes na atual conjuntura brasileira. Uma estratégia política em que é percebida, a partir de uma vontade incontável de olavistas e bolsonaristas, a passagem do discurso para a ação política – e sua consequente e contínua retroalimentação.

---

<sup>341</sup> Ibid., p.17.

<sup>342</sup> Ibid., p.19.

### 3.1: As direitas também se revoltam

As décadas de 2010 e 2020, à luz dos dias atuais, devem ser revisitadas e debatidas como períodos que proporcionaram a eclosão de protestos de rua contestatórios massificados em diferentes partes do planeta. Um movimento que, em condução prévia, esboçou intenções e reações de populações que, sob a articulação das redes e o endosso de imprensas locais e internacionais, caminhavam para um projeto de sociedade engajado e crítico quanto aos andamentos políticos de suas democracias – ou outro tipo de governança política existente.

No entanto, como aponta o jornalista Vincent Bevins, em seu livro *If We Burn: The Mass Protest Decade and The Missing Revolution*, a partir do estudo de caso em mais de dez países – tais como Bahrein, Brasil, Chile, Coreia do Sul, Egito, Hong Kong, Iémen, Tunísia, Turquia e Ucrânia –, os protestos de rua, apesar de relevantes para essas décadas, não atingiram o objetivo proposto. Isto é, o anúncio e a disposição para mudanças profundas performados por multidões eufóricas – e, politicamente, até vitoriosas – não causaram impactos positivos para as realidades nacionais envolvidas, resultando, em boa parte dos exemplos de países trazidos pelo autor, em uma piora das condições e dos padrões vividos pelos próprios revoltosos<sup>343</sup>.

Por conta da quantidade de países citados por Bevins, caminha-se para o entendimento de aspectos comuns envolvendo a eclosão desses protestos de rua. Em razão disso, na maioria dos casos apresentados pelo autor, há um descontentamento com o modelo de governo e/ou com os governantes desse período, proporcionando o aparecimento de movimentos como a Primavera Árabe<sup>344</sup>, o Occupy Wall Street (OWS)<sup>345</sup>, a Euromaidan<sup>346</sup> e as Jornadas de

<sup>343</sup> BEVINS, Vincent. *If We Burn: The Mass Protest Decade and The Missing Revolution*. Nova York: PublicAffairs, 2023, p.12

<sup>344</sup> De acordo com Sofia José Santos, em breve texto no livro *Dicionário das crises e das alternativas* organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, trata-se de uma onda de mobilizações juvenis, articulada nas redes, ocorridas a partir de 2010 em diferentes países do Norte da África e do Médio Oriente. O enfoque dos protestos foram as violações de direitos humanos, a de representação política, os baixos índices socioeconômicos e o autoritarismo na região. Ver também em: SANTOS, Sofia José. Primavera Árabe. In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. **Dicionário das crises e das alternativas**. Coimbra: Almedina, 2012, p.168.

<sup>345</sup> De acordo com Hugo Dias, também em mesmo livro da nota anterior, o Occupy Wall Street, realizado nos EUA no ano de 2011, foi um movimento que, como o próprio nome indica, ocupou as ruas de Wall Street, conhecido por seu vínculo com o capitalismo financeiro global, propondo discussões e assembleias políticas para a promoção de comissões de trabalho e decisões coletivas sobre a realidade socioeconômica do país. Ver também em: DIAS, Hugo. Wall Street (Occupy). In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. **Dicionário das crises e das alternativas**. Coimbra: Almedina, 2012, p.215-216.

<sup>346</sup> Trata-se de uma forte mobilização envolvendo a independência ideológica da Ucrânia em relação ao Ocidente e à Rússia, como aborda Nadia Diuk em *EUROMAIDAN: Ukraine's Self-Organizing Revolution*. A diferenciação deste em relação aos outros protestos realizados no país, diante desse mesmo incômodo, é a participação de jovens, o que aponta o interesse em relação aos rumos políticos futuros da Ucrânia. Ver também em: DIUK, Nadia. "EUROMAIDAN: Ukraine's Self-Organizing Revolution." *World Affairs*, v. 176, n. 6, 2014, p. 10–12. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43555086>>. Acesso em: 19 nov. 2025.

Junho<sup>347</sup>. Esses exemplos exaltaram, quando ocorridos, a luta contra a corrupção, o autoritarismo e a desigualdade socioeconômica em simultaneidade ao desejo por mais participação política e até mesmo pela realização de novas eleições livres e transparentes.

Contudo, como destacam Ricardo Fabrino Mendonça e Letícia Birchal Domingues, em *Protestos contemporâneos e a crise da democracia*, o resultado dessas mobilizações indicou, em meio à “existência de dissonâncias e críticas à ordem estabelecida (...) contestando a ideia de uma apatia geracional”<sup>348</sup>, um passo relevante para a ascensão de lideranças e movimentos direitistas que, com o passar da década, passaram a almejar saídas políticas cada vez mais extremistas. Com isso, a busca por radicalizar a democracia por meio de uma participação efetiva da sociedade se transformou em um cenário turbulento para a sobrevivência desta.

Nesse sentido, os autores abordam em seu trabalho a presença de quatro dinâmicas, estimuladas pelos protestos de rua, que influenciaram o enfraquecimento da democracia nas últimas décadas, sendo categorizadas pelos seguintes motivos: a descrença com o Estado; a paralisação da política institucional; o agravamento da polarização política; e a despolitização. Trata-se de fatores que, em ocorrência simultânea ou sucessiva, explicitam, para este trabalho, o impacto nocivo da conspiração política em recentes e diferentes conjunturas nacionais mencionadas, por exemplo, pelo trabalho de Bevins – destacado em parágrafos anteriores.

Em primeira dinâmica, o ativismo contestatório desse período, de acordo com Mendonça e Domingues, estabeleceu o Estado – Estado Nacional, nas palavras dos autores – como o principal destinatário dessas manifestações. Com isso, há o reforço de que essa instituição, durante as décadas de 2010 e 2020, se tornou incompetente e impotente para sanar as reivindicações obstinadas por sua respectiva população. Logo, um processo de culpabilização do Estado que é resgatado e atualizado por essas mobilizações, expressando sentido de urgência e, ao mesmo tempo, de descrença, visto que, apesar de ansiar mudanças, já não se espera que elas, de fato, aconteçam<sup>349</sup>.

---

<sup>347</sup> Em uma entrevista com Joana Salém Vasconcelos pela editora Hoje na História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Gabriela Ferrari Toquetti destaca que as Jornadas de Junho, ocorridas em 2013 no Brasil, foram um evento complexo na recente história política nacional. Trata-se de mobilizações que, inicialmente, foram pautadas pelas mazelas envolvendo a mobilidade urbana dos principais centros urbanos do país, com destaque para a cidade de São Paulo. Contudo, no desenrolar dos anos posteriores, também passaram a abordar temas envolvendo os investimentos para a realização da Copa do Mundo de 2014 em meio à necessidade de ampliação de direitos sociais, insatisfação com o sistema político em vista da corrupção e dentre outros exemplos. Ver também em: TOQUETTI, Gabriela Ferrari. Jornadas de Junho. *Hoje na História*, s.n, 2023. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/69754>>. Acesso em: 19 nov. 2025.

<sup>348</sup> MENDONÇA, Ricardo Fabrino; DOMINGUES, Letícia Birchal. *Protestos contemporâneos e a crise da democracia*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 37, 2021, p.5-6.

<sup>349</sup> *Ibid.*, p.12.

No entanto, o endereçamento de protestos ao Estado não é de todo em vão. Pelo contrário, é o estopim suficiente para o aparecimento de propostas messiânicas de poder a partir de lideranças personalistas – o que também se associa ao fenômeno do ciberpopulismo já discutido neste trabalho. Somado a isso, englobo nesse cenário as intenções autoritárias e os planos antidemocráticos diante de um Estado fragilizado e desqualificado pelo seu próprio povo<sup>350</sup>. Assim, o desejo por melhorias e/ou mesmo por estabilidade em momentos de crise passa a ser esperado, justamente, em opções decadentes e instáveis.

Em sequência, a segunda dinâmica trazida por Mendonça e Domingues complementa a antecessora ao destacar que esses protestos de rua, quando intensificados, se tornaram numerosos ao ponto de impactar as atividades institucionais da política. Um cenário que se torna problemático e/ou perigoso, pois não se identificam os próximos caminhos após a sua ocorrência, considerando as possíveis mudanças realizadas a partir e após a repercussão dessas manifestações, o que inclui negociações, respostas e disputa travadas entre agentes e instituições – tanto do mesmo lado quanto de lados opostos. Portanto, a contestação originada e/ou motivada pelos protestos acerca das políticas do presente permanece indefinida<sup>351</sup>.

Esses dois pontos combinados, como consequências de mobilizações contestatórias, cultivam a tentativa de instaurar regimes de exceção no Estado, o que, para este trabalho, é salientado a partir da inserção do conspiracionismo nesse cenário político. Diante disso, o resultado projetado e até naturalizado foi a construção de golpes e/ou rupturas políticas para tanto desestimular o cumprimento de acordos e processos institucionais quanto exaltar a possibilidade de intervenções militares e/ou estrangeiras em próprio território.

Sob essa realidade, retomo a obra de Bevins, em que o autor destaca a desenvoltura desse tipo de mobilização popular “abrir um buraco no centro do sistema político”<sup>352</sup>, estabelecendo um vácuo de poder quando bem-sucedido. Uma demonstração tanto de força quanto de ameaça à ordem institucional, visto que, ao passo que se anuncia, por exemplo, a queda de um governante, logo também se projeta a entrada de outro em seu lugar. Em razão disso, Bevins resume, de forma didática, os desdobramentos desse processo:

Se você quer tirar os principais atores do palco, deve prestar atenção em quem vai ocupar o lugar deles. Podem ser atores locais ou estrangeiros. Se não for você, é melhor gostar das pessoas que estão esperando nos bastidores<sup>353</sup>.

---

<sup>350</sup> Ibid., p.15.

<sup>351</sup> Ibid., p.15-16.

<sup>352</sup> BEVINS, op.cit., p.310.

<sup>353</sup> Ibid., p.311.

Em diálogo com o tema deste trabalho, trata-se de um semelhante objetivo vinculado ao interesse do bolsolavismo de se produzir uma versão conspiratória sobre o FSP. Isto é, o intuito de culpabilizar – e até mesmo vilanizar –, como também de desestabilizar a suposta influência e interferência dessa organização na política regional das últimas décadas. Além disso, com o FSP derrotado, os bolsolavistas aspiravam substituir a posição e/ou a função exercida pelo inimigo na América Latina – inclusive, a proposta de criação de um FSP de direita é cultivada, sobretudo pelos autores olavistas, diante dessa possibilidade.

Essas duas dinâmicas apresentadas também dialogam com o tema deste trabalho ao destacar o viés antissistêmico articulado e/ou admitido por esses protestos de rua contestatórios. Trata-se de uma característica que, como aponta Helcimara Teles em *Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional?*, presente no livro *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*, organizado por Camilla Rocha e Esther Solano, intensifica o antipartidarismo e a insatisfação com as instituições públicas, proporcionando um cenário político favorável para a chegada de lideranças extremistas ao poder<sup>354</sup>.

Em sequência, a terceira dinâmica proposta no texto de Mendonça e Domingues é de que, a partir desses protestos, a polarização política se mostra mais ativa e presente no debate público, conduzindo para uma realidade em que um dado movimento gera, por conseguinte, um “contramovimento”<sup>355</sup>. Em outras palavras, os autores ressaltam o aprofundamento de embates ideológicos desenvolvidos ao longo das últimas décadas, transformando o espaço público, destinado às mobilizações, em um cenário de guerra. Com isso, qualquer resquício de civilidade e convivência democrática é deteriorado em prol do extremismo<sup>356</sup>.

Essa lógica de movimento e contramovimento também está presente na dissertação de Rosa – já mencionada neste capítulo. Aliás, para a autora, o extremismo pode ser disposto como um dos fatores para se explicar a influência dos protestos de rua como uma face relevante do ativismo político contemporâneo<sup>357</sup>. Sob essa perspectiva, Rosa ressalta a existência de duas tendências teóricas que rivalizam a organização e a condução desse tipo de mobilização: de um lado, as esquerdas em democracias mais bem avaliadas e/ou consolidadas historicamente; e, de outro, as direitas em realidades democráticas subdesenvolvidas alavancadas por um

---

<sup>354</sup> TELLES, Helcimara. *Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional?*. In: ROCHA, Camilla; SOLANO, Esther (Orgs.). *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p.75.

<sup>355</sup> MENDONÇA; DOMINGUES, op.cit., p.18.

<sup>356</sup> Ibid., p.20.

<sup>357</sup> ROSA, op.cit., p.25-26.

conservadorismo crescente e recente. Uma dualidade, portanto, que exemplifica a existência e vigência de uma polarização ideológica praticada em protestos de rua contrapostos<sup>358</sup>.

Em associação aos capítulos anteriores – e ao objeto deste trabalho –, a concepção e repercussão bolsolavista de uma possível relevância do FSP nas disputas político-eleitorais latino-americanas durante as primeiras décadas do século XXI também apresenta um embate entre esquerdas e direitas na região. Assim, os livros e *tweets* que conspiram sobre a organização são potencializados pela existência de um ambiente político polarizado, assemelhando-se à trajetória e ao histórico de protestos de rua mencionados em escala global.

Todavia, enfatizo a inexistência de uma equivalência entre as mobilizações consideradas de direita – sobretudo, em período recente, capitaneadas pela extrema direita – e de esquerda. Não se trata de dois times se enfrentando em um mesmo campeonato; nem mesmo deve ser entendido que direitas e esquerdas se organizam em um cenário de igualdade de condições e interesses. O exemplo disso – e que demonstra o viés conspiratório e extremista das direitas contemporâneas – é o uso desses protestos para a contestação dos processos e resultados eleitorais quando não condizentes com o almejado e/ou esperado nos últimos anos.

Por último, a quarta dinâmica proposta por Mendonça e Domingues está atrelada à despolitização. Nesse ponto, os autores ressaltam que a forma com que as manifestações de rua são construídas e difundidas entre as pessoas na atualidade, em consideração, por exemplo, ao envolvimento das redes sociais, não aprofunda a democratização da sociedade. Assim, analisam que o viés individualista desse tipo de reivindicação política alimenta a dispersão em detrimento da união, explorando, estritamente, o hoje, enquanto o amanhã não é garantia de continuidade ao que se está pautando<sup>359</sup>.

Em adendo a isso, retomo o trabalho de Bevins ao destacar que os protestos de rua contestatórios ocorridos nas últimas décadas apresentam um padrão de evolução durante o período de sua ocorrência, estabelecendo os seguintes passos: a) a definição de uma pauta específica; b) expansão da pauta escolhida para abranger mais pessoas interessadas; e c) a construção de uma resolução restrita. Assim, um percurso que transita entre aspirações individualistas a uma proposição coletiva, mas que finaliza em retomada ou na construção de uma intenção particular, provocando desapontamentos e/ou alienações ao todo envolvido<sup>360</sup>.

---

<sup>358</sup> Ibid., p.26-27.

<sup>359</sup> MENDONÇA; DOMINGUES, op.cit., p.22.

<sup>360</sup> BEVINS, op.cit., p.197.

Em vista dos estudos de caso apresentados por esse autor, essas mobilizações obtiveram, no máximo, a saída de governantes no período das manifestações. Os exemplos mais notáveis dessa resolução foram no Brasil, na Tunísia e na Ucrânia. Nos outros casos, pode ser interpretada a perspectiva tanto de avanços tímidos quanto de recusa dos governos nacionais sobre as reivindicações apontadas pelos manifestantes, casos da Turquia e de Hong Kong, respectivamente. Portanto, de modo conjunto, é possível inferir, em concordância com o trabalho de Bevins, que essas mobilizações, após concluídas, não chegaram nem perto de se equiparar a revoluções ou de promover situações revolucionárias<sup>361</sup>.

Sob esse entendimento, o intuito não é subestimar o impacto e/ou a influência dessas mobilizações nas conjunturas políticas mencionadas na década de 2010. O ponto visa entendê-las como uma quebra de expectativas para grande parte dos manifestantes que se dispuseram a ir às ruas por mudanças e melhorias na realidade de seus países, mas que encontraram, no máximo, a saída de presidentes – que, inclusive, em alguns casos, foram democraticamente eleitos. Esse resultado, para este trabalho, foi benéfico, de modo especial, para apenas uma parcela de participantes dessas mobilizações: a extrema direita.

Em semelhante modo, a despolitização também está presente no outro FSP bolsolavista, sendo mais uma conexão possível de ser estabelecida entre discurso e ação conspiratória na realidade brasileira – e latino-americana – durante esse período. A proposta de denunciar o FSP como um enfrentamento à suposta hegemonia política e cultural das esquerdas nas últimas décadas, revelada nos livros e postagens no Twitter/X selecionados, resultou, até o momento da escrita desta dissertação, apenas a autopromoção dos conspiradores e a concretização de seus objetivos pessoais.

Por esse raciocínio, reforço a vinculação dos protestos de rua como parte do conspiracionismo político vigente na contemporaneidade. Em somatório aos pontos estabelecidos anteriormente por Mendonça e Domingues, a despolitização foi – e continua sendo – fundamental para se consumir tanto um discurso quanto uma ação conspiratória durante e, principalmente, após o período de mobilizações. Assim, a intenção de uma conspiração não vislumbra a eliminação e, sim, o controle e/ou o poder sobre o que se conspira.

Em associação com os outros capítulos deste trabalho, trata-se de uma semelhante conclusão apreciada para o FSP. A conurbação de olavistas e bolsonaristas, no fundo, não desejou – e deseja – o fim dessa organização, pois ela é importante para manter vivos os pilares

---

<sup>361</sup> Ibid., p.312.

ideológicos que compõem a extrema direita brasileira. Além disso, o volume de livros produzidos e postagens em redes sociais realizadas para retratar uma conspiração sobre o FSP nas últimas décadas se assemelha à capacidade de mobilização organizada – e repetida – no mesmo período. Em resumo, a busca foi por “fazer barulho” e/ou causar tumultos à, de fato, combater um suposto inimigo.

Por essa consideração, em novo diálogo com Bevins, acrescento que esses protestos de rua, em acompanhamento às novidades trazidas para o ativismo político nos tempos atuais, devem ser tratados, para além do caráter conspiratório, como ações midiáticas<sup>362</sup>. A escolha por essa terminologia é pela constatação de que essas mobilizações foram veiculadas por diferentes canais e/ou plataformas – especialmente em proveito da dinamicidade das redes sociais. Mas, mais do que isso, também é admitida pela sua capacidade de gerar estímulos ao público-alvo, despertando paixões políticas que, intensificadas, produzem um senso de pertencimento e de coletividade ao ponto de os envolvidos acreditarem que estariam do “lado certo da história”<sup>363</sup>.

Acrescido a isso, Bevins complementa que a leitura política desses eventos deve observar não somente o que fora construído e projetado pelos revoltosos aglomerados em espaços públicos, mas também – e com alta prioridade – o que foi imposto por agentes presentes nos bastidores. Um perfil que se encaixa, justamente, nos órgãos de imprensa tradicionais e/ou independentes, assim como, em diálogo com este trabalho, nas *big techs* que repercutem e alimentam, respectivamente, esses episódios. Com isso, apesar de as mobilizações centralizarem seus desdobramentos – entre ganhos e perdas – em quem, de fato, esteve nas ruas, é preciso estar ciente sobre as intenções de “quem tem o poder de definir a própria revolta”<sup>364</sup> por meio de estruturas e ferramentas comunicacionais de larga escala.

Esse detalhe trazido por Bevins dialoga com o percurso deste trabalho, considerando, especialmente, o capítulo anterior. O impacto da infraestrutura cibernética, como o sistema de algoritmização e a importância dada ao engajamento, reflete na ampliação de alcance que uma dada mobilização consegue atingir nas redes, tornando-a uma referência e até mesmo um compromisso em instâncias locais a internacionais. Além da internet, a imprensa, como veículo de comunicação tradicional – desde o rádio até a TV – também seguiu essa tendência. A cobertura jornalística – que não é um enfoque deste trabalho – acompanhou e divulgou a

---

<sup>362</sup> Ibid., p.316.

<sup>363</sup> Ibid., p.324-325.

<sup>364</sup> Ibid., p.326.

construção e a consolidação dessas mobilizações, indicando apoio e até mesmo concordância com a possibilidade de uma ruptura política nesse período.

Por essa circunstância, partilho do mesmo entendimento, ao analisar a popularidade dos perfis e de suas respectivas postagens bolsonaristas no Twitter/X sobre o outro FSP, em relação aos protestos de rua contestatórios e seus vínculos com a crescente política da extrema direita em âmbito global. Isto é, não se trata de um fenômeno orgânico e/ou espontâneo em sua completude. Novamente, não diminuo o impacto e a influência desses protestos de direita nas conjunturas contemporâneas e nem desmereço a *expertise* das lideranças radicais criadas e consolidadas durante esses acontecimentos. Mas é preciso considerar a força de se ter ao lado a presença de suportes comunicacionais poderosos que supervisionam, cotidianamente, a atenção de milhões de pessoas, incentivando-as, de forma direta ou indireta, a irem às ruas.

Com mais essa faceta, envolvendo o aporte midiático nessas manifestações, é importante mencionar, em vinculação metodológica com este trabalho, a presença dos atos de fala de Austin. Em diferença aos capítulos anteriores, a modalidade aqui estabelecida se refere, sobretudo, às perlocuções, ou seja, consequência de outras ações e discursos anteriores propagados. Em outras palavras, interpreto os protestos de rua contestatórios como atos perlocucionários em virtude de serem um dos possíveis desdobramentos que expandiram, com alta popularidade, as direitas – em específico, as extremas direitas – e o seu projeto de poder em diferentes partes do mundo nas últimas décadas.

Ademais, esses protestos de rua também podem ser considerados – mesmo que de maneira indireta – uma forma simbólica de cultura, retomando a teoria de Thompson. Além disso, é possível identificar os modos de operação ideológica na formação e consolidação dessas mobilizações como ferramentas conspiratórias voltadas para a conquista e/ou garantia de poder. De modo específico, ressalto a estratégia de expurgo do outro – tipificada na categoria de fragmentação – como um exemplo para se compreender esse cenário.

Esse apontamento é expresso pelo entendimento de que essas manifestações promoveram a construção simbólica de um inimigo coletivo com urgência de ser combatido. Contudo, diferentemente das análises dos outros capítulos, o ambiente polarizado e despolitizante – que desafia o funcionamento de uma dada institucionalidade política – não centralizou o expurgo em um adversário superestimado, como é o caso do FSP para os bolsolavistas. Em avanço a isso, é presente uma potente insatisfação com uma entidade e/ou instância maior: o Estado – em suas limitações existentes e incapacidades vigentes.

O acúmulo de apontamentos em torno desse recente modelo e/ou tipo de manifestação analisados neste tópico endossa o conspiracionismo político na atualidade. Um fato que transitou de discursos impregnados de distorções e suposições para a concretude das ruas, sinalizando a intimidade entre o falar e o fazer exercido em meio ao crescimento transnacional de grupos e lideranças extremistas nas últimas décadas. Em suma, esses protestos de rua contestatórios devem ser também identificados como conspiratórios ao serem tensionados para a deposição de autoridades e governos em sintonia com a desqualificação do Estado e da democracia sob falsas pretensões revolucionárias.

### **3.2: Entre golpes e protestos: uma marca do Brasil das décadas de 2010 e 2020**

A história política brasileira na contemporaneidade perpassou por uma série de acontecimentos marcantes envolvendo a presença de protestos de rua contestatórios – e conspiratórios. Em acompanhamento – e até espelhamento – ao que ocorria no mundo, as décadas de 2010 e 2020 foram definidas por essas mobilizações em meio ao cenário de turbulências e crises políticas e socioeconômicas que afetaram o funcionamento e a legitimidade da democracia no Brasil.

Em termos específicos, investigo o gradual envolvimento de grupos e lideranças de direita nessas manifestações e sua respectiva influência – e até interferência – para se alcançar relevância e poder políticos em conjuntura recente. Um interesse demarcado, em vista da proporção deste trabalho, desde as denominadas Jornadas de Junho, a partir de 2013, até os Ataques de 8 de Janeiro em 2023. Portanto, a trajetória de uma década em que as manifestações populares foram mobilizadas como plataformas – e muitas vezes palanques – para conspirar, em tons cada vez mais radicais e golpistas, contra o próprio país.

Apesar de ser uma década, reforço que o escopo deste trabalho se compromete – como já dito no início deste capítulo – com o período iniciado a partir de 2016 e findado entre o final de 2022 e início de 2023 no Brasil. Essa escolha, em composição à dinâmica do discurso se tornar uma ação política – e vice-versa –, revela tanto a transição quanto a continuidade de uma conjuntura nacional marcada por movimentos que se iniciam como protestos e se desdobram em golpes de Estado – concluídos ou não.

Contudo, apesar de não ser o enfoque, é importante pavimentar a trajetória dessas manifestações anteriores que marcaram essa conjuntura. Em apoio ao texto *A trajetória discursiva nas manifestações de rua no Brasil (2013-2015)* de Céli Regina Jardim Pinto, parte do livro de Rocha e Solano – já mencionado neste capítulo –, é possível destacar três momentos

cruciais: a mobilização contra o aumento das passagens de transporte público, iniciada em 2013 na cidade de Porto Alegre-RS; as mobilizações de oposição à realização da Copa do Mundo de Futebol sediada no Brasil em 2014; e as manifestações voltadas para a construção do processo de *impeachment* contra Rousseff em 2015 e 2016<sup>365</sup>.

O período 2013-2016 é expressivo por indicar mobilizações numerosas em níveis de participação, ao ponto de atingir, conforme dados apresentados por veículos de imprensa do país, o patamar de mais de 1 milhão de pessoas em 2013, de acordo com o UOL<sup>366</sup>, e pelo menos 3 milhões de pessoas em 2016, em apuração do G1<sup>367</sup>, considerando todo o território nacional. Essa escalada opositora, gradativamente, se transformou em um movimento que depôs o segundo mandato presidencial de Rousseff, obtendo o apoio das classes políticas, da mídia e de relevante parte da população brasileira.

Para além dos números, retomo as considerações de Pinto sobre as características dessas manifestações populares. Para a autora, um primeiro ponto a ser ressaltado é o planejamento desses atos e a sua capacidade de atrair milhões de pessoas nas ruas dos principais centros urbanos brasileiros. Esse resultado conquistado, em continuidade aos outros exemplos em escala global ocorridos nessa década, indicou o envolvimento das redes sociais na organização e divulgação dos protestos em meio ao estabelecimento de um novo ativismo político<sup>368</sup>.

Em concordância com esse ponto, Fábio Malini, Patrick Ciarelli e Jean Medeiros, no artigo *O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tuítes sobre o impeachment de Dilma Rousseff*, exploram esse vínculo entre as redes sociais e os protestos de rua na contemporaneidade brasileira. Inclusive, em análise de discurso de internautas no Twitter/X, os autores reforçam que, especialmente durante as mobilizações de 2015 e 2016, o desejo dos manifestantes era “de antecipação do futuro amparado na vontade de

---

<sup>365</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva nas manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: ROCHA, Camilla; SOLANE, Esther (Orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p.17-18.

<sup>366</sup> EM dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas no Brasil. **UOL**, São Paulo, 20 jul. de 2013. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>>. Acesso em: 29 out. 2025.

<sup>367</sup> MANIFESTANTES fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. **G1**, São Paulo, 13 mar. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>>. Acesso em: 29 out. 2025.

<sup>368</sup> PINTO, op.cit, p.19.

fazer cair o governo Dilma, revelando um padrão emocional que articula a mensagem de rua a uma pressão por qualquer tipo de mudança social”<sup>369</sup>.

Arelado a isso, os autores chamam a atenção para uma outra parte da comunicação digital e o seu respectivo reflexo em manifestações populares recentes no país: a inevitabilidade da pauta almejada. Isto é, tais movimentos trouxeram, desde o seu anúncio, que não haveria outro final para a presidenta que não fosse a sua saída do governo. Assim, um discurso que estabelece uma práxis de antecipação de resultados, mas que ainda se encontra em desenvolvimento. Em outras palavras, os participantes, em vista da atuação algorítmica do ecossistema digital e de uma estratégia política agressiva, já contavam com a certeza de uma vitória antes das mobilizações iniciarem<sup>370</sup>.

Sob essa previsão, saliento o vínculo que esses protestos nacionais apresentam em relação aos atos de fala perlocucionários de Austin – admitidos no tópico anterior deste capítulo. No caso do Brasil de 2013-2016, a expectativa com as manifestações, alicerçadas por uma conspiração política contra o segundo mandato presidencial de Rousseff, permite que se estabeleça, dentre diferentes finalidades possíveis, a sanha pelo golpismo. Essa solução, apesar do reflexo da insatisfação das direitas – cada vez mais extremadas – com os recentes resultados político-eleitorais do país, buscou tornar uma motivação particular em um desejo a ser coletivizado e/ou massificado com a população brasileira.

Em complemento a esse raciocínio, Pinto apresenta uma segunda característica presente nessas mobilizações: a mudança de pauta reivindicatória. Trata-se de manifestações que apresentaram uma transição de temas concretos, como as críticas ao transporte público e à realização de um evento megalomaniaco em meio ao histórico de escândalos de corrupção na política nacional, para uma campanha de oposição e, principalmente, de deposição do governo petista em vigor<sup>371</sup>. Com isso, destaco a existência de um gradual processo conspiratório entre as pautas mobilizadas, ressaltando os reais interesses envolvidos nessas manifestações.

Além disso, a mudança de pauta reivindicatória também atinge finalidades ou representações ideológicas ecoadas pelos participantes, o que aproxima esses protestos de rua com o enfoque desta dissertação. Inclusive, de modo específico, com a presença do outro FSP, como destaca Felipe Moura Brasil, com o texto *Imprensa brasileira esconde Foro de São*

---

<sup>369</sup> MALINI, Fábio; CIARELLI, Patrick; MEDEIROS, Jean. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tuítes sobre o impeachment de Dilma Rousseff. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, 2017, p.232.

<sup>370</sup> Ibid., p.240-241.

<sup>371</sup> PINTO, op.cit., p.47-48.

*Paulo” e manifestantes pedem ajuda a jornalistas estrangeiros. O resumo mais completo é deste blog! #FicaaDica*, produzido para o seu blog na revista *Veja*, ao relatar uma série de cartazes referenciados à organização latino-americana:

- S.O.S. imprensa estrangeira! Democracia em risco nos países da América Latina por conta do Foro de São Paulo (FSP)!! Imprensa brasileira o esconde de nós!;
- FORO DE SÃO PAULO: A Imprensa esconde da Nação;
- Fora Foro;
- Foro de São Paulo é traição à pátria;
- Fora Foro de SP. #OlavoTemRazão;
- FORO DE SÃO PAULO NO BRASIL NÃO!!!;
- FORO DE SÃO PAULO NÃO!! REPÚBLICA DEMOCRÁTICA SIM!!!;
- ABAIXO O FORO SÃO PAULO;<sup>372</sup>

Apesar de conter, sobretudo, frases imperativas contrárias ao FSP, há detalhes nos cartazes que indicam a materialização do pensamento olavista e o seu fomento conspiratório contra essa organização. A principal confirmação disso está expressa no escrito “#OlavoTemRazão” que, no contexto das manifestações, reforçam a origem intelectual do argumento repercutido nas ruas. Em adendo a isso, de maneira menos direta, há também a replicações de suposições ligadas ao FSP e que foram tratados no primeiro capítulo deste trabalho, como os casos de ser uma organização secreta e de possuir planos ditatoriais para o Brasil e para a América Latina.

Nesse último exemplo acerca das conexões dos cartazes com o olavismo, é pertinente ressaltar a presença das bases e referências ideológicas que compõem a rede de seguidores e simpatizantes de Carvalho, sendo destaque, dentre as noções relatadas neste trabalho, o anticomunismo – que também se associa, de forma implícita, ao antipetismo. Sob esse entendimento, faço um novo diálogo com Pinto que enfatiza a presença desse elemento nos protestos de rua nacionais dos anos 2013-2016. Para a autora, essas manifestações associaram, negativamente, o comunismo com os governos do PT e suas relações com outros regimes latino-americanos, como a Venezuela governada por Chávez e, posteriormente, Maduro<sup>373</sup>.

---

<sup>372</sup> BRASIL, Felipe Moura. Imprensa brasileira esconde Foro de São Paulo” e manifestantes pedem ajuda a jornalistas estrangeiros. O resumo mais completo é deste blog! #FicaaDica. *Veja*, 16 nov. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/8220-imprensa-brasileira-esconde-foro-de-sao-paulo-8221-e-manifestantes-pedem-ajuda-a-jornalistas-estrangeiros-o-resumo-mais-completo-e-deste-blog-ficadica/>>. Acesso em: 03 mai. 2026.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p.50.

Esse exemplo trazido por Pinto pode ser associado ao argumento de Luciana Tatagiba e Andreia Galvão no artigo *Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)* sobre esse período de contestações públicas e massivas no país. Para as autoras, ao se analisar as pautas e/ou reivindicações mobilizadas pelos participantes, são evidentes o estímulo e a incidência de um ambiente político polarizado centrado entre ser contra ou favorável ao PT diante da sucessão de governos petistas e a sua respectiva continuidade no poder<sup>374</sup>. Portanto, mais uma característica essencial, como já abordado em tópico anterior, para que esse tipo de manifestação tenha ocorrido e, principalmente, prosperado na década de 2010.

Em composição a esse argumento, ressalto a presença de modos de operação ideológica de Thompson na expansão das críticas ao petismo para outras realidades políticas na América Latina do mesmo período. Em semelhança aos outros capítulos e no tópico anterior deste, o estabelecimento de um alvo de contestação exerce, para Thompson, uma lógica tanto de fragmentação – sendo especificada pelo expurgo do outro – quanto de legitimação – sob a ideia de universalização – discursivas. Dessa maneira, perpetua-se durante essas manifestações destacadas a construção de um inimigo simbólico – o PT, Lula, Dilma, Venezuela, Cuba, FSP e similares – que é alçado e levado às ruas como um alvo coletivo a ser repudiado e combatido.

Em outra associação com esta dissertação, retomo o trabalho de Pinto para destacar o surgimento e a consolidação de novos grupos e/ou movimentos de oposição como um dos fatores preponderantes para a virada política – e conjuntural – do Brasil e o respectivo impacto destes nos protestos de rua nacionais ocorridos entre 2013 e 2016. Nesse escopo de análise, os principais exemplos mencionados pela autora foram o Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>375</sup>, Vem

---

<sup>374</sup> TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, Campinas, v.25, n.1, 2019, p.85.

<sup>375</sup> De acordo com Diego Batista Rodrigues de Oliveira e Eliel Ribeiro Machado em *Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil*, o MBL surgiu de estudantes que fizeram parte do Estudantes Pela Liberdade (EPL), sendo criado em 2013 sob a influência do Movimento Passe Livre (MPL) na cidade de São Paulo. No ano seguinte, o grupo se destacou ao liderar campanhas e manifestações contrárias ao segundo governo de Rousseff no Brasil, o que indicou que o inicial apartidarismo do MBL se transformou em um posicionamento de oposição aos partidos e lideranças da esquerda nacional. Ver também em: OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues de; MACHADO, Eliel Ribeiro. *Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil*. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.23, n.42, 2019, p.102-103. Ao longo das últimas décadas, os principais representantes do MBL participaram e venceram eleições, garantindo mandatos em instâncias legislativas municipais, estaduais e federais. Em 2025, o TSE oficializou a criação de um partido político derivado do MBL sob a nomenclatura Missão, habilitado para participar das eleições de 2026. Ver também em: TSE aprova registro e homologa estatuto do Partido Missão. **TSE**. Brasília, 04 nov. 2025. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2025/Novembro/tse-aprova-registro-e-homologa-estatuto-do-partido-missao>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

Pra Rua (VPR)<sup>376</sup> e Revoltados Online<sup>377</sup>, cujo principal meio de ascensão e de comunicação política foi a internet<sup>378</sup>.

A presença desses novos agentes políticos na conjuntura nacional das últimas décadas só reforça o impacto contemporâneo das mídias digitais – e suas respectivas corporações capitalistas nos bastidores – no cotidiano dos brasileiros. Em razão disso, compreendo também a contribuição desse novo e atual ambiente midiático para dar prosseguimento a uma conspiração nas ruas, o que demanda o aparecimento de grupos e movimentos para serem os “rostos” engajados e priorizados na algoritmização das redes sociais. Logo, não é uma surpresa que VPR, MBL e Revoltados Online – e dentre outros não citados pela autora e por este trabalho – tenham ganhado força e relevância política nesse cenário e sob essas condições.

A citação desses grupos também ressalta, mesmo que de maneira indireta, a influência do olavismo e, sobretudo de Carvalho, para a replicação de novos opositores e combatentes ao suposto domínio das esquerdas no Brasil. Se essas representações não focaram, por exemplo, em uma pauta como o FSP, ao menos repercutiram similar objetivo e discurso conspiratório em suas participações nas manifestações populares, integrando o projeto político conservador e reacionário defendido pelos olavistas nesse período. Assim, exponho mais um indício da expansão do conspiracionismo nacional que, apesar de ultrapassar pautas específicas, mantém os mesmos pilares ideológicos e, principalmente, a mesma sanha por poder.

Para além disso, trata-se de um exemplo que exalta o vínculo das manifestações desse período com a ascensão política da extrema direita no país. Apesar de vinculados em outros trabalhos como representações de uma “nova direita”, reforço a interpretação extremista acerca desses grupos e movimentos diante de suas intenções e responsabilidades, não sendo nada de “novo” compactuar com a derrocada golpista de um governo democraticamente eleito para se

---

<sup>376</sup> No mesmo texto, Oliveira e Machado apresentam o VPR como um grupo que foi idealizado pelos empresários Rogério Chequer e Colin Butterfield no ano de 2014 diante dos desdobramentos das Jornadas de Junho e da Operação Lava Jato no Brasil. O interesse desse grupo, que chegou ao ápice de 5 mil pessoas denominadas de “voluntários”, foi centrado em barrar a reeleição de Rousseff nas eleições deste ano. Ver também em: OLIVEIRA; MACHADO, op.cit., p.103-104.

<sup>377</sup> De acordo com reportagem do portal BBC News Brasil, em matéria retrospectiva sobre as Jornadas de Junho de 2013, o Revoltados Online foi criado por Marcello Reis, que, desde 2013, ganhou notoriedade política – sobretudo em mídias digitais – ao longo das manifestações ocorridas neste ano e também em 2014. O grupo, ao longo desse percurso, se aliou a figuras de extrema direita, como Eduardo Cunha e Jair Bolsonaro, sendo uma das principais páginas desse campo político em redes sociais como o Facebook nesse período. Ver também em: O QUE aconteceu com os protagonistas dos protestos de junho de 2013? **BBC NEWS BRASIL**. São Paulo, 25 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-65994351>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

<sup>378</sup> PINTO, op.cit., p.48.

adquirir visibilidade e mandatos políticos no futuro. Aliás, é apenas a atualização de uma prática velha na história política brasileira capitaneada por novos conspiradores.

Paralelo a isso, é importante destacar que o realce de um adversário e/ou inimigo indica, por consequência, uma resposta do lado atingido. Essa indicação, sob um cenário de persistente polarização política no Brasil, reforça que as esquerdas também estiveram nas ruas em protestos e manifestações públicas ao longo dessas últimas décadas. Logo, em nenhum momento há o entendimento de que, nesse recorte temporal escolhido, somente as direitas nacionais organizaram e realizaram esse tipo de movimento.

No entanto, complemento que não se trata de uma equivalência entre direitas e esquerdas brasileiras em ação, sobretudo na década de 2010. A diferença entre essas mobilizações – e suas respectivas autorias – deu-se nos desdobramentos e na prevalência das intenções e repercussões de apenas um dos lados mencionados, sendo materializada, especialmente, na deposição da presidenta do país. Portanto, mesmo que tenha havido a eclosão de protestos à esquerda no Brasil durante esse período, o destino da nação brasileira não seguiu atrelado a esse espectro ideológico e nem mesmo permitiu uma reconquista de poder nas eleições seguintes.

Diante disso, corroboro com Angela Afonso, em seu artigo *A política das ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer*, ao destacar que:

Mobilizações contínuas em sentidos diferente, por mais de três anos, desmentem a crença disseminada da passividade dos brasileiros. Poucas sociedades se mobilizam tanto e sobrevivem à intensa mobilização em direções contrárias, sem explodir em confronto aberto. Mas o efeito colateral de ciclos consecutivos de confronto é que o governo pós-impeachment nasceu em terreno movediço: uma sociedade mobilizada e dividida e sem disposição para garantir o novo presidente<sup>379</sup>.

Essa consideração de Alonso é importante por frisar, como no tópico anterior deste capítulo, a finalidade do conspiracionismo político de não resolver os problemas e/ou as inquietações denunciadas que levaram a população às ruas. Todo o esforço para a retirada de Rousseff da presidência a partir de protestos cada vez mais numerosos e midiáticos ao longo dos anos de 2013 a 2016 não designou, por exemplo, novas e imediatas eleições no Brasil. O desdobramento disso foi um acordo entre golpistas e o vice-presidente Michel Temer, sacramentado em sua permanência à frente do governo pelo restante do mandato. Assim, as robustas transformações na cena política nacional prometidas durante os protestos apenas modificaram uma peça incômoda nas engrenagens do poder exercido em Brasília.

---

<sup>379</sup> ALONSO, Angela. A política das ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*, São Paulo, ed. esp., 2017, p.57.

Esse cenário também salienta, em continuidade de aproximação entre os tópicos deste capítulo, a despolitização desse tipo de protestos que também incidiu sobre a realidade brasileira – em sintonia com outros países – na década de 2010. Uma consequência que está atrelada ao oportunismo em se fomentar discursos e ações conspiratórias para sacramentar saídas radicais que não se portam como consensos e, sim, como objetivos requeridos apenas por uma parte dos envolvidos nesse processo. Diante disso, quem, afinal, foi recompensado com as manifestações ocorridas entre os anos de 2013 e 2016 no Brasil?

Uma das respostas possíveis para isso pode ser vista logo no período pós-*impeachment*, a partir de um conjunto de mobilizações populares realizadas entre os anos de 2018 a 2023. Trata-se de um recorte que potencializa a guinada não somente de uma extrema direita nacional, mas da personificação desta no bolsonarismo, considerando desde as campanhas eleitorais até o governo de Bolsonaro instituído no país. Com isso, é disposta – mesmo em uma realidade vitoriosa para os extremistas – a permanência e a continuidade de um ativismo político contestatório – e conspiratório – nas ruas.

De acordo com Fernando Savella, em sua dissertação *Manifestações à Direita: lutas pela reprodução social da classe média brasileira (2014-2023)*, o começo desse segundo período desses protestos, com ênfase no ano de 2018 – ainda sob o governo Temer –, manteve a lógica de polarização em contrariedade ao PT, adicionando às pautas tradicionais, como a anticorrupção alinhada à esquerda e ao petismo, o conservadorismo como uma influência ideológica crescente na sociedade brasileira<sup>380</sup>. Em sintonia com as mobilizações anteriores no país, há a mesma transição de temáticas concretas para visões de mundo e/ou anseios políticos particulares estimados como uma vontade coletiva a ser cumprida.

Nesse período, com destaque para os anos de 2018 e 2022, momentos marcados por eleições no Brasil, as autoras Carvalho e Tatagiba – em texto já mencionado anteriormente – apontam que o cenário de polarização política se transformou em um conflito eleitoral que “transbordou para as ruas desde o começo, alterando, quantitativa e qualitativamente, os padrões de protesto”<sup>381</sup>. Trata-se de um feito que apresenta uma mudança em relação ao período de protestos dos anos 2013-2016 ao associar tal tática política como parte de campanhas eleitorais, buscando comprometer e/ou influenciar os resultados de ambos os pleitos.

---

<sup>380</sup> SAVELLA, Fernando. **Manifestações à Direita: lutas pela reprodução social da classe média brasileira (2014-2023)**. 2024. 147f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024, p.29-30.

<sup>381</sup> CARVALHO; TATAGIBA, op.cit., p.2-3.

Sob esse direcionamento, reforço, novamente, que é a extrema direita que se estabeleceu como o grupo que melhor se aproveita das mobilizações populares em perspectiva eleitoral. De acordo com Carvalho e Tatagiba, esse específico momento despertou candidaturas desafiadoras e, simultaneamente, viáveis para eleitores cativados pela promessa de mudanças nesse período. Além disso, as próprias eleições foram contaminadas com uma percepção de “vale tudo” pelos envolvidos, proporcionando a produção de campanhas negativas e violentas para repercutir e validar o extremismo como uma salvação para a política brasileira<sup>382</sup>.

O envolvimento com a política eleitoral elucida um diferencial relativo a esse conjunto de protestos de rua mais recentes no Brasil: a intencionalidade política dos seus organizadores e participantes. No caso do ano de 2018, por exemplo, diante do cenário eleitoral em evidência no país, não seria preciso destituir nenhum presidente eleito. Assim, o objetivo das mobilizações deste ano foi concentrado em uma ampla unidade envolvendo as direitas nacionais – desde partidos tradicionais, como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), até organizações políticas crescentes, como o MBL –, na candidatura e vitória eleitoral de Bolsonaro ao posto de presidente da República<sup>383</sup>.

Ademais, a coordenação de um apoio a Bolsonaro evidencia que o resultado esperado ao longo dos protestos de rua contestatórios da década de 2010 no país foi atingido. Em retomada do argumento de Bevins no tópico anterior, essas mobilizações estimulam a existência e o fascínio pelo poder que, em um cenário de vacância, passa a ser um alvo em disputa. Portanto, os condutores do golpismo em torno da saída de Rousseff e os desdobramentos político-eleitorais relacionados ao pleito eleitoral de 2018 pavimentaram, mesmo que de maneira não intencional à época, o caminho para a chegada de Bolsonaro à presidência.

Além disso, esse objetivo em repercussão nas ruas destaca, na visão de Savella, um outro elemento importante sobre as manifestações em curso no país durante esse período: o antipartidarismo. Uma marca que, inclusive, pode ser atendida ao se comparar o embate entre o bolsonarismo – no protagonismo da figura de Bolsonaro – e o petismo – que, apesar da liderança de Lula e da existência de um “lulismo” na história política nacional, ressoa também na importância do partido. Em relação a isso, o autor destaca que:

as manifestações bolsonaristas não apoiaram o PSC e nem o PSL, partidos aos quais Bolsonaro foi filiado desde 2016, e também não foram capazes de promover a criação

---

<sup>382</sup> Ibid., p.4.

<sup>383</sup> SAVELLA, op.cit., p.29-30.

da Aliança pelo Brasil, tentativa do próprio Bolsonaro de consolidar um partido político próprio, baseado em sua força eleitoral<sup>384</sup>.

Em complemento, Savella reforça que o próprio cargo de político passou a ser pautado em torno das pessoas em detrimento de partidos formais. Nesse período, lideranças que se destacaram durante a ocorrência dos protestos de rua contestatórios alcançaram vitórias eleitorais, como são os casos dos representantes do MBL, Kim Kataguri, Arthur do Val e Fernando Holiday. Além destes, figuras que se apoiaram no bolsonarismo como plataforma política, casos de Joice Hasselmann e Carla Zambelli, também conseguiram mandatos políticos a partir das eleições de 2018. Assim, um perfil de candidatos que “apresenta uma imagem evidentemente distinta dos demais políticos profissionais e identificável com uma marginalidade em relação ao mesmo *establishment* que aparecia, no contexto das manifestações, corrompido e desmoralizado”<sup>385</sup>.

Esse cenário indica, em mais uma oportunidade, o impacto do fenômeno de candidaturas e, conseqüentemente, políticos *outsiders* ou forasteiros eleitos na atualidade. Além de ser um reflexo da desconfiança e até mesmo uma descrença com a tradicional direita brasileira – e seus candidatos – durante esse período. Logo, os protestos de rua supracitados – e mais recentes – influenciaram a tendência visível nos pleitos eleitorais seguintes, em que foi perceptível o crescimento e a consolidação de candidaturas e mandatos bolsonaristas tanto no Congresso Nacional quanto nos governos estaduais e prefeituras de diferentes localidades do país.

O interessante desse ponto é que o suposto antipartidarismo não se mantém em período eleitoral. As lideranças políticas que ascenderam por meio das manifestações nacionais da década de 2010 procuraram os partidos tradicionais ou impulsionaram partidos menores ou menos conhecidos para satisfazer suas expectativas quanto aos cargos públicos desejados. Os casos dos membros do MBL, por exemplo, se aliaram aos partidos Democratas (DEM) – hoje, parte do União Brasil (UB) – e figuras de destaque do início do bolsonarismo, como Hasselmann e Zambelli, participaram da elevação do status político do Partido Social Liberal (PSL) junto à família Bolsonaro<sup>386</sup>. O intuito de se aproximar ou contribuir para a realização das manifestações de rua desse período era garantir um caminho para adentrar na política institucional – e partidária – brasileira.

---

<sup>384</sup> Ibid., p.42.

<sup>385</sup> Ibid., p.42-43.

<sup>386</sup> Na atualidade, ambos os partidos, DEM e PSL, organizaram uma fusão que resultou em um novo partido denominado União Brasil (UB). Esse procedimento foi autorizado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no ano de 2022. Ver também em: TSE aprova registro do União Brasil. TSE. Brasília, 08 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/tse-aprova-registro-do-partido-uniao-brasil>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

O resultado disso, mesmo sob um desejo de boa parcela de eleitores brasileiros, não foi uma melhora na representação política. Em semelhança e sintonia às conclusões dos protestos de rua contestatórios do início da década de 2010, o protagonismo de lideranças radicais alçadas a mandatos políticos foi, na prática, um exercício performático que, na melhor das hipóteses, propiciou participação eventual nas principais pautas e reivindicações políticas candentes no Brasil. Na maioria dos casos, em novo diálogo com Savella, esses sujeitos partiram para a construção de uma carreira na política nacional, estabelecendo prioridades e compromissos pessoais de ordem moral e/ou ideológica<sup>387</sup>.

O principal exemplo desse cenário é a própria presidência de Bolsonaro. Durante o seu governo, mesmo após ter vencido uma eleição, ele seguiu com uma política conspiratória atrelada aos protestos de rua. Mas, diferentemente do ciclo de protestos anteriores à sua chegada ao poder, em que o foco era centralizado no poder executivo federal – que, por costume, é o culpado e destinatário de manifestações e, sobretudo, oposições em escala nacional – os alvos passaram a ser outros. De acordo com Yan Boechat, em notícia publicada no portal de notícias DW<sup>388</sup>, os inimigos do bolsonarismo, após a entrada no governo, passaram a ser a Câmara dos Deputados – com enfoque no presidente e deputado Rodrigo Maia – e o STF.

Uma amostra desse cenário é complementada por Chiodi e Bernardi ao recordar que Bolsonaro incentivou uma leva de manifestações populares contrárias ao STF – ao ponto de propor o seu fechamento – e ao Congresso Nacional em 2020. A principal motivação atrelada ao viés antidemocrático desses pedidos do atual ex-presidente se deu por possíveis empecilhos e interferências dessas instituições republicanas na agenda de seu governo, como no modelo de enfrentamento negacionista à pandemia da covid-19, promovendo ruídos e conflitos distantes de uma resolução consensual para ambos os lados<sup>389</sup>.

Diante disso, a substituição dos alvos denunciados nas manifestações bolsonaristas revela uma troca e/ou um distanciamento com os adversários recorrentes dos protestos de ruas anteriores no país, com destaque para o presidente Lula da Silva, o PT e o FSP. Para este trabalho, trata-se de um movimento natural que retrata a incorporação “governista” desse tipo de tática política, tornando as motivações das mobilizações em um viés defensivo ao invés da ofensiva admitida quando Bolsonaro e bolsonaristas eram opositores. Além disso, reforça o

---

<sup>387</sup> SAVELLA, op.cit., p.127.

<sup>388</sup> BOECHAT, Yan. Na Paulista, os “inimigos” agora são Maia e STF. **DW**. São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/na-paulista-os-inimigos-agora-s%C3%A3o-maia-e-stf/a-48892838>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

<sup>389</sup> CHIODI; BERNARDI, op.cit., p.136-137.

conspiracionismo como um fenômeno político desenfreado, sendo expandido sob outros contornos e mantido mesmo com os objetivos já alcançados.

Sob essa realidade, interpreto que a candidatura de Bolsonaro não foi encerrada após as eleições vencidas em 2018. Contudo, o interesse não se tratava mais da presidência, mas de um completo controle da política nacional, o que incluía o comando sobre os demais poderes republicanos constituídos no país. Assim, o conspiracionismo bolsonarista, após o período eleitoral, redobrou a aposta e, conseqüentemente, as investidas em uma via política radical e autoritária que se aproxima de ideais ditatoriais.

Em escrita sobre os anos de 2019 a 2021, durante o governo Bolsonaro, Alexander Dugno Chiodi e Ana Julia Bonzanini Bernardi, em artigo *A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no governo Jair Bolsonaro (2019-2021)*, analisam esse caráter antidemocrático potencializado no país. Para os autores, trata-se de um propósito que é evidenciado, a partir das ações de Bolsonaro e de seu entorno, ao manter “o conflito e a ameaça como elemento constante na gestão pública, na negociação com o Congresso e o Judiciário, na postura com a imprensa, membros da sociedade civil e órgãos públicos e privados”<sup>390</sup>.

Em detalhamento sobre isso, os autores reforçam que a estratégia política bolsonarista se desenvolveu, inicialmente, em projetar uma suposta e/ou potencial força e/ou pressão a ser aplicada em caso de conflitos existentes durante o governo. Um cenário em que foram estabelecidas tanto ameaças quanto promessas para se autoafirmar, como também, dissuadir os seus opositores para um comportamento que legitimasse, ainda mais, a presidência de Bolsonaro. Portanto, o bolsonarismo ensaiava a eclosão de ações e/ou soluções radicais, mas sob um discurso de que não gostaria de realizá-las<sup>391</sup>.

Apesar de não ser um protesto de rua, a ameaça de Eduardo Bolsonaro de instaurar uma CPI do FSP é um exemplo relevante para este trabalho, destacando o viés conspiratório admitido pelo bolsonarismo em seu ápice político no Brasil. Em reportagem de Olavo Soares, no jornal *Gazeta do Povo*, há o detalhamento dessa proposta, indicando as reais dificuldades de

---

<sup>390</sup> CHIODI, Alexander Dugno; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no governo Jair Bolsonaro (2019-2021). *Rev. Urug. Cienc. Polít.*, Montevideo, v.32, n.1, 2023., p.132.

<sup>391</sup> *Ibid.*, p.134.

implementação dessa medida política, o que fortalece a ideia de uma ação que apenas vislumbrou perpetuar discursos e ações conspiratórias no país da última década em diante<sup>392</sup>.

No ano de 2021, em retomada dos protestos de rua, Bolsonaro inaugurou um novo modelo que, popularmente e sob a cobertura midiática, foi apelidado de “motociata”. O nome, em si, já indica a novidade: em vez de pessoas aglomerando em vias públicas, o bolsonarismo passou a organizar um comboio de motos, junto ao atual ex-presidente, para transitar em percursos específicos nos principais centros urbanos do país, com destaque para a cidade de São Paulo. Em repercussão no jornal *El País Brasil*, Carla Jimenez e Talita Bedinelli destacam a transformação das motociatas desse período em atos de campanha – mesmo há um ano de novas eleições –, sendo percebido, a partir do discurso negacionista – por ainda se tratar de um contexto de pandemia da covid-19 – a continuidade do enfrentamento de Bolsonaro aos demais poderes da República e também em relação aos governos estaduais de opositores<sup>393</sup>.

Em âmbito especial, chamado de “Dia D do Bolsonarismo” por Chiodi e Bernardi, a continuidade dessa empreitada contra outras instâncias políticas nacionais ganhou expectativas de grande público em protestos de rua realizados no dia 7 de setembro de 2021. Apesar de não cumprir com a meta prevista de participantes – de milhões para apenas milhares de pessoas –, as ameaças antidemocráticas do bolsonarismo se aproximaram, na visão dos autores, do discurso populista de tempos fascistas. Com isso, Bolsonaro buscou uma elevação de sua imagem política como único representante das vontades do povo brasileiro, insinuando até mesmo a possibilidade de promover um “autogolpe” de Estado<sup>394</sup>.

A menção ao 7 de setembro do ano de 2021 também é repercutida por Savella. Para o autor, em acréscimo também às manifestações organizadas no 1º de maio do mesmo ano, o bolsonarismo visou capitalizar, politicamente, tais eventos como símbolos de sua ascensão ao poder. Em razão disso, o intuito era – e foi – transformar essas mobilizações em ritos tradicionais e/ou memoráveis, ofuscando até mesmo as comemorações intrínsecas a essas datas no calendário nacional – que são, inclusive, feriados em todo o país. Esse propósito também se

---

<sup>392</sup> SOARES, Olavo. Eduardo Bolsonaro quer criar CPI do Foro de S. Paulo, mas tirá-la do papel não será fácil. **Gazeta do Povo**, Brasília, 05 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/cpi-do-foro-de-sao-paulo-eduardo-bolsonaro/>>. Acesso em: 07 mai. 2026.

<sup>393</sup> JIMENEZ, Carla; BEDINELLI, Talita. Ato de Bolsonaro com motoqueiros tem tom de campanha e discurso negacionista. **El País Brasil**. São Paulo, 12 jun. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-12/ato-de-bolsonaro-com-motoqueiros-tem-tom-de-campanha-e-discurso-negacionista.html>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

<sup>394</sup> CHIODI; BERNARDI, op.cit., p.138.

tratava de respostas ou contra-ataques aos protestos realizados pelas esquerdas brasileiras contra o governo Bolsonaro nesse período<sup>395</sup>.

Com esse fator destacado por Savella, abre-se espaço para um novo diálogo com a obra – já mencionada neste capítulo – de Bevins. Para o autor, “o bolsonarismo oficial rapidamente estabeleceu seu próprio repertório de protesto”<sup>396</sup>. Para além dos alvos mencionados, os bolsonaristas eram marcados nas ruas por suas vestimentas e acessórios, condicionados às cores verde-amarela em vínculo com a bandeira nacional – que também era amplamente utilizada pelos participantes. Assim, é instaurado um processo simbólico de ritualização dos protestos de rua contestatórios no Brasil durante esse período e seu respectivo vislumbre patriótico entre discurso e ação políticas dos cidadãos de bem.

O patriotismo bolsonarista também oportuniza o estreitamento de relações e a admiração de outros países, como os casos de EUA, Israel e Ucrânia. De acordo com Bevins, houve – e ainda há – uma naturalidade em se deparar com bandeiras e vestimentas nas cores desses países, assim como cartazes ligados aos seus representantes e/ou grupos ideológicos existentes nesses territórios. Um ponto que estabelece a extrema direita em caráter transnacional mediante o interesse bolsonarista em se aproximar dos regimes de Trump e Benjamin Netanyahu e de grupos paramilitares ucranianos – como é o caso do Pravyi Sektor ou Setor Direito<sup>397</sup>, ativo na revolta de Maidan –, respectivamente<sup>398</sup>.

Diante desta última associação recordada por Bevins, o fascínio bolsonarista pela realidade política ucraniana – ao ponto de apoiadores clamarem por um processo de “ucranização” do Brasil –, para além de um expoente conspiratório, acresce uma outra posição: a violência. Para essa ala do bolsonarismo, os protestos de rua contestatórios deveriam ser radicalizados ao ponto de promover a criação de grupos paramilitares no país a fim de “limpar o *establishment* político de uma maneira semelhante à que (eles acreditavam) os ucranianos realizaram [em] uma ruptura completa com a ordem anterior em seu país”<sup>399</sup>.

---

<sup>395</sup> SAVELLA, op.cit., p.30-31.

<sup>396</sup> BEVINS, op.cit., p.274.

<sup>397</sup> No artigo *Chegou a hora de ucranizar: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro*, João Camilo Grazziotin Portal e Lúcio Geller retratam o Pravyi Sektor ou Setor Direito como um movimento de extrema direita paramilitar que conquistou popularidade nas manifestações Euromaidan, ocorridas na Ucrânia em 2013. Um ano depois, esse movimento se tornou um partido político no país, sendo marcado pela busca em reconquistar um passado ucraniano perdido diante das pressões geopolíticas da Rússia nesse período. Ver também em: PORTAL, João Camilo Grazziotin; GELLER, Lúcio. *Chegou a hora de ucranizar: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro*. **Esboços: Histórias em Contextos Globais**, Florianópolis, v.28, n.48, 2021.

<sup>398</sup> BEVINS, op.cit., p.274.

<sup>399</sup> Ibid., p.274-275.

Em nova relação entre discurso e ação, esse desejo bolsonarista saiu do papel e foi posto em prática no ano de 2020. Em relato de Chiodi e Bernardi – e com ampla cobertura midiática à época –, um grupo de bolsonaristas, autodenominado de “300 do Brasil”, promoveu protestos com tochas, máscaras – em semelhança à Ku Klux Klan (KKK) dos EUA – e até mesmo realizou ataques com fogos de artifício direcionados ao prédio do STF<sup>400</sup>. Assim, mais um exemplo, em conjunção ao Dia D do Bolsonarismo ou ao 7 de setembro de 2021, de que o ativismo político praticado pelos bolsonaristas nesse período perpassou não somente pelo conspiracionismo, mas também pela expressão da violência política.

Outro ponto relevante sobre isso, em novo diálogo com o trabalho de Savella, é que esses acenos para representações extremistas de outros países pelos bolsonaristas elucidam, novamente, o viés anticomunista de suas mobilizações recentes. Ao passo que se vislumbram alianças globais com EUA, Israel e Ucrânia – como exemplos acima citados –, há a continuidade de um movimento nas ruas de vilanização do PT e suas supostas intenções de promover uma revolução aos moldes estabelecidos pela Venezuela com a Revolução Bolivariana e pela experiência socialista de Cuba no Brasil<sup>401</sup>.

Trata-se de uma associação que, repetida neste capítulo e em partes anteriores deste trabalho, fortalece o viés ideológico dos protestos bolsonaristas mais recentes, ressaltando a proximidade e até o resgate de bases e referências olavistas para a consolidação política do bolsonarismo no país. Sob esse ativismo bolsolavista, entende-se que, apesar da promoção de inimigos tangíveis, os “fantasmas” articulados em momentos da ascensão política – que se transformou em candidatura presidencial – de Bolsonaro, como é o caso, inclusive, do FSP – mesmo que de modo indireto e com menor destaque –, ainda estiveram presentes.

Contudo, essa aproximação entre os protestos bolsonaristas dos anos 2013-2016 e 2018-2021 indica ser mais uma exceção a ser tendência percorrida nos anos seguintes, havendo uma diferença significativa em relação aos resultados conquistados. No caso mais recente, a permanência de manifestações episódicas não atingiu as expectativas do governo – mesmo com a atuação expressiva de Bolsonaro. Aliás, como apontam Chiodi e Bernardi, houve até mesmo um movimento de recuo político:

Os apoiadores de Bolsonaro, insuflados a participar da ameaça golpista, desaprovaram fortemente o recuo do Presidente, e o não cumprimento da ameaça fora tomado como sinal de fraqueza. Os aliados políticos viram no recuo a perda de reputação do Governo. Tanto a realização da ameaça quanto a sua tentativa de cumprimento causou

---

<sup>400</sup> CHIODI; BERNARDI, op.cit., p.140-141.

<sup>401</sup> SAVELLA, op.cit., p.41.

efeito negativo no Governo Federal, que viu sua reprovação aumentar drasticamente após os atos de 7.9.21<sup>402</sup>.

Sob esse cenário adverso, o ano de 2022 era essencial para o bolsonarismo por se tratar de um ano eleitoral e, conseqüentemente, da definição do futuro político de Bolsonaro, que projetava, à época, a sua continuidade na cadeira presidencial do país. Por esse interesse, um dos principais movimentos do atual ex-presidente foi realizar uma nova motociata, sendo um palco propício para a retomada de seus embates contra as autoridades e demais poderes republicanos nacionais. Em notícia publicada por Hanrikson de Andrade no portal UOL, o jornalista destaca que as críticas de Bolsonaro se estenderam para o TSE, as urnas eletrônicas e até mesmo as redes sociais, como o WhatsApp, por cumprir decisões judiciais que não favoreciam a sua campanha política<sup>403</sup>.

A realização das motociatas, que se tornou uma marca de testagem da popularidade de Bolsonaro nas ruas e/ou uma medição do tamanho do bolsonarismo no Brasil, apresenta uma controvérsia em torno de sua espontaneidade. Isto é, é evidente que Bolsonaro agitou seus apoiadores para participar desses eventos, ainda mais com a sua busca por sua reeleição. Entretanto, como reportado por Ranier Bragon, Marcelo Rocha e Thiago Resende no jornal Estado de Minas, foi descoberto que houve investimentos públicos milionários, provenientes do cartão corporativo da presidência, para que as motociatas acontecessem, em que era garantido, por exemplo, o abastecimento das motos dos participantes<sup>404</sup>.

Para além desses episódios, o ano de 2022 também repercutiu o oportunismo bolsonarista em transformar datas comemorativas nacionais em manifestações públicas voltadas para a defesa do governo e da figura política de Bolsonaro. Em retomada do trabalho de Savella, o ápice das movimentações bolsonaristas desse ano se concentrou, em repetição de 2021, no 7 de setembro<sup>405</sup>. Por ser o protesto mais aguardado por sua base de eleitores, o uso de um feriado nacional como mote de uma campanha eleitoral de reeleição reforça, como apontado anteriormente, o propósito de vincular Bolsonaro como um representante que, ao valorizar e cultivar a história e os símbolos do país, se torna parte destes.

---

<sup>402</sup> CHIODI; BERNARDI, op.cit., p.147.

<sup>403</sup> ANDRADE, Hanrikson de. Motociata vira palanque e Bolsonaro ataca Whatsapp e ministros do TSE. **UOL**. Brasília, 15 abr. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/15/bolsonaro-participa-de-motociata-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

<sup>404</sup> BRAGON, Ranier; ROCHA, Marcelo; RESENDE, Thiago. Cartão corporativo foi usado para 137 abastecimentos em motociatas de Bolsonaro. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 14 jan. 2023. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/14/interna\\_politica,1444840/cartao-corporativo-foi-usado-para-137-abastecimentos-em-motociatas-de-bolso.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/14/interna_politica,1444840/cartao-corporativo-foi-usado-para-137-abastecimentos-em-motociatas-de-bolso.shtml)>. Acesso em: 21 nov. 2025.

<sup>405</sup> SAVELLA, op.cit., p.31.

Em complemento a isso, o diferencial dessa manifestação ocorrida no dia 7 de setembro de 2022, sobretudo em relação ao ano anterior, foi a proximidade com as datas previstas para as eleições desse ano. Com a lacuna de poucos meses para a confirmação do próximo presidente do Brasil, a expectativa do candidato à reeleição é de que os bolsonaristas nas ruas influenciassem para a sua vitória. Logo, é possível inferir que foi um dos principais ultimos de Bolsonaro em seu projeto de perpetuação no poder.

Se em 2021 os desdobramentos dos protestos bolsonaristas sofreram um recuo por parte do próprio Bolsonaro para o cumprimento de seu mandato, as consequências dessas mesmas ações conspiratórias seguiram semelhante fim ao se adequar ao cenário eleitoral em questão. A vitória apertada de Lula da Silva sobre Bolsonaro, com 50,5% ante 49,5% dos votos válidos, respectivamente, indicou que a popularidade do candidato derrotado não foi suficiente para garantir a sua reeleição. Contudo, é um sinal que não deve ser interpretado como um fracasso, visto que o acirramento visível nas porcentagens da votação evidencia que as mobilizações bolsonaristas propiciaram um cenário político-eleitoral conturbado e conflituoso.

Um indício disso se deu no processo de reconhecimento do resultado das eleições de 2022, em que uma parte do bolsonarismo se recusou a aceitar a derrota – inclusive, o próprio ex-presidente. Mas, além da recusa mencionada, é preciso esclarecer que houve novas mobilizações bolsonaristas em sequência – sem o envolvimento direto do derrotado – que, como retratam Carvalho e Tatagiba, “passaram a defender abertamente o golpe militar e a questionar o resultado do pleito, em intensas manifestações eleitorais reativas”<sup>406</sup>.

Esses protestos contestatórios e conspiratórios ao final de 2022 indicam o retorno de situações episódicas em que a violência e o autoritarismo passam a ser tanto a motivação quanto a justificativa para bolsonaristas saírem às ruas, em semelhança ao caso envolvendo, por exemplo, o grupo 300 do Brasil. Ao longo de seu mandato, Bolsonaro, em várias oportunidades, incitou a possibilidade de se jogar “fora das quatro linhas” para se manter no poder. Após a sua derrota, o atual ex-presidente delegou essa tarefa para a sua base de ativistas mais fanáticos.

Além das pautas antidemocráticas destacadas por Carvalho e Tatagiba, Savella retrata as ações pertinentes à transição de simples aglomerações de ruas para a organização de incêndios, bloqueio de estradas e acampamentos em frente aos quartéis militares do país pelos bolsonaristas<sup>407</sup>. Uma transformação que, em retomada dos discursos e ações conspiratórias

---

<sup>406</sup> CARVALHO; TATAGIBA, op.cit., p.35.

<sup>407</sup> SAVELLA, p.61.

analisados por este trabalho, revela contornos de uma guerra interna no país, caracterizando os bolsonaristas como criminosos, diante da periculosidade de suas intenções.

Para a compreensão desse momento, Apoena Canuto Cosenza, no capítulo *The March on Brasilia: An Interpretation of Bolsonaroist Actions in Preparation for the January 8, 2023 Insurrection*, presente no livro *The Planalto Riots: Making and Unmaking a Failed Coup in Brazil*, organizado por Lou Caffagni, Isabel Löfgren, Gizele Martins e Paola Sartoretto, menciona dois episódios iniciais dessa insurreição bolsonarista no país. O primeiro, datado no dia 12 de dezembro de 2022, foi a frustrada invasão da sede da PF. O segundo, datado no dia 24 de dezembro do mesmo ano, foi a fracassada explosão do aeroporto de Brasília<sup>408</sup>.

Em ambos os casos trazidos por Cosenza, há a ligação com os acampamentos golpistas organizados por bolsonaristas em zonas militares – sobretudo em Brasília. Além disso, o intuito dessas ações – aliado ao discurso conspiratório perpetuado desde as primeiras manifestações envolvendo Bolsonaro – era um só: incitar um estado de pânico e caos político no Brasil. Uma condição necessária para se obter o apoio da população brasileira para uma intervenção militar no país. A conclusão dessa trama bolsonarista, tratada como uma possibilidade real para os envolvidos, seria finalizada com as Forças Armadas reintegrando Bolsonaro à presidência.

Desse modo, a iniciativa de bloquear estradas, acampar em frente aos quartéis, exigir tanto prisões de desafetos políticos quanto a anulação das eleições continha essa promessa internalizada. Em nova aproximação ao trabalho de Savella, é importante destacar a confiança adquirida pelos bolsonaristas de que a pressão<sup>409</sup>, em conjunto com a imposição pela força<sup>410</sup>, resultaria em um desfecho diferente do oficializado no encerramento do processo eleitoral de 2022. Um ponto que acentua a sanha golpista que, gradativamente, foi ambicionada pelo bolsolavismo entre discursos ideológicos e ações políticas nas últimas décadas.

Apesar de não haver uma participação direta de Bolsonaro nesses episódios supracitados, a repercussão deste em não se posicionar e, principalmente, repudiar a escalada de violência executada por sua base eleitoral é, para este trabalho, importante para se compreender esse período de encerramento de seu governo. Em aprofundamento desse cenário, adiciona-se, ainda, a saída de Bolsonaro do país em viagem para os EUA no dia 30 de dezembro

---

<sup>408</sup> COSENZA, Apoena Canuto. *The March on Brasilia: An Interpretation of Bolsonaroist Actions in Preparation for the January 8, 2023 Insurrection*. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024, p.69.

<sup>409</sup> SAVELLA, op.cit., p.63.

<sup>410</sup> Ibid., p.125-126.

de 2022, o que enfatiza não somente omissão, mas também o abandono de uma liderança exemplar e até patriótica para milhões de bolsonaristas.

Por outro lado, a ausência de declarações públicas de Bolsonaro diante desse cenário complexo e delicado após a sua derrota eleitoral no pleito de 2022 não foi sentida, por exemplo, em seu perfil no Twitter/X. Nos primeiros dias de 2023, Bolsonaro ainda estampava em sua conta nessa rede social que ainda era “presidente do Brasil”. Em vista dos acontecimentos desse período e/ou da conjuntura política recente e em vigor no país, trata-se de um detalhe de pouca influência para o senso comum. No entanto, para os conspiracionistas, é possível inferir que se tornou um sinal para a continuidade de suas pretensões golpistas.

Nesse entendimento, há também o interesse em avaliar – mesmo que não contemple o recorte temporal deste trabalho – os desdobramentos e a continuidade dos protestos contestatórios e conspiratórios de bolsonaristas no ano de 2023. Nisso, a menção ao episódio digital envolvendo Bolsonaro não foi um acaso, considerando que, nesse período, houve a organização e difusão de grupos e comunicações nas plataformas digitais para a eclosão de uma “Revolução Verde e Amarela”.

Esses preparativos foram concluídos no que hoje é veiculado como os Ataques de 8 de Janeiro em Brasília. O acontecimento em destaque, como aborda Gizele Martins no capítulo *Governos Autoritários na Democracia Brasileira: A Origem Política do 8 de Janeiro* no livro organizado por Caffagni, Löfgren, Martins e Sartoretto, deve ser encarado, à luz da história política brasileira, como uma realização surpreendente, visto que

era inimaginável até então que 'manifestantes' conseguissem invadir a sede dos Três Poderes da República, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e até o Supremo Tribunal Federal. Mas, com a visível conivência da polícia militar de Brasília, a atual capital do país foi sitiada: cerca de cem ônibus chegaram com quase quatro mil pessoas que desembarcaram na capital para tentar anular ou reverter os resultados das eleições<sup>411</sup>.

O termo invasão apresentado por Martins é também acolhido por este trabalho com o intuito de reforçar que o papel do discurso conspiratório escalona para uma outra dimensão na prática. Inclusive, o peso sobre essa terminologia é pertinente diante do que foi divulgado pelos próprios invasores ao registrarem o seu envolvimento durante o ocorrido. O retrato disso é destacado pelas autoras Ada Cristina Machado Silveira, Gabriela Schneider e Camila Hartmann

---

<sup>411</sup> MARTINS, Gizele. Governos Autoritários na Democracia Brasileira: A Origem Política do 8 de Janeiro. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024, p.118.

no capítulo intitulado *Brasília, 8 de Janeiro de 2023: a Festa Acabou! A Guerra (Ainda) Não* – novamente presente no livro organizado por Caffagni, Löfgren, Martins e Sartoretto:

Por várias horas os símbolos pátrios foram atacados com elementos de improviso, ou seja, sem armas que caracterizassem ação terrorista. Vidraças, objetos de arte do patrimônio nacional, utensílios de trabalho, registros documentais e o que foi encontrado pelo caminho, tudo foi alvo de destruição. O espetáculo configurou-se por imagens de guerra que se insurgiram vandalizando os símbolos pátrios do Brasil. Elas circularam com transmissão em tempo real numa cobertura produzida pelos smartphones dos próprios depredadores, seguidas de cobertura da mídia corporativa<sup>412</sup>.

Em razão disso, saliento uma derivação como parte tanto dos resultados imediatos dessa invasão quanto da permanente política conspiratória do bolsonarismo nos últimos anos: a violência simbólica. Os Ataques de 8 de Janeiro em Brasília apresentam as condições e os elementos necessários que o enquadram nesse conceito. Além disso, expõe a performance patriótica do público bolsonarista que, de verde-amarelo e amparado pela bandeira brasileira, foi capaz de destruir símbolos nacionais por divergências ideológicas e pela recusa em aceitar os resultados eleitorais – mesmo que muitos de seus representantes tenham sido eleitos com ampla margem de votos aos cargos congressistas.

Outro ponto abordado pelas autoras e que dialoga com este trabalho – especialmente com o segundo capítulo – é que essa manifestação é um dos reflexos da influência das redes sobre os acontecimentos políticos contemporâneos. Em específico, ressaltam a facilidade com que as destruições provenientes da invasão bolsonarista em 2023 foram (re)produzidas por diferentes plataformas e redes sociais ao ponto de “fazer-nos partícipes de uma ordem comunicacional em que a violência se prolonga até nós por via digital”<sup>413</sup>. Com isso, foi inevitável acompanhar o desenrolar dessa tentativa golpista em vista de um ecossistema digital – como abordado no segundo capítulo deste trabalho – pró-extremismo.

O desfecho desse evento, assim como de amostras anteriores, não foi vitorioso para os conspiradores. Em face dos resultados das eleições de 2022, a pequena diferença de votos para a oficialização do terceiro mandato de Lula da Silva se tornou um incentivo para a tentativa golpista orquestrada pelo bolsonarismo. Nesse sentido, mesmo que os Ataques de 8 de Janeiro em Brasília, no ano de 2023, não tenham alcançado o golpe de Estado almejado, é evidente que

---

<sup>412</sup> SILVEIRA, Ada Cristina Machado; SCHNEIDER, Gabriela; HARTMANN, Camila. Brasília, 8 de Janeiro de 2023: a Festa Acabou! A Guerra (Ainda) Não. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024, p.105.

<sup>413</sup> Ibid., p.115.

estremeceu – e também estragou – a credibilidade e o funcionamento da democracia brasileira e, principalmente, dos três poderes republicanos e suas respectivas instituições públicas.

Mas como essa ofensiva conspiratória e golpista foi estancada? Em resposta a isso, Aline Roes Dalmolin e Maria Eduarda Mathias, em *The Green-and-Yellow Black Box: Mobilization on Platforms Toward the Attempted Coup on January 8, 2023* – novamente no livro organizado por Caffagni, Löfgren, Martins e Sartoretto –, destacam três medidas imediatas realizadas: a intervenção do atual governo no Distrito Federal; a detenção e/ou prisão dos envolvidos diretos na invasão dos prédios públicos; e o desmonte dos acampamentos próximos aos quartéis militares, principalmente em Brasília. Além disso, ao longo do ano de 2023, foi instaurada uma CPI no Congresso Nacional para apurar, em caráter investigativo, os preparativos e os desdobramentos desse ocorrido na história do país<sup>414</sup>.

Paralelo a isso, em diálogo com o livro *8/1 – A rebelião dos manés: ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília*, de Pedro Fiori Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses, há uma tendência importante a ser destacada diante desse movimento bolsonarista: a inversão de papéis e de comportamentos políticos entre esquerdas e direitas - em sua parcela extremista – na atual conjuntura brasileira. Para os autores, diante da ascensão do bolsonarismo no país e sua respectiva radicalidade na forma de se mobilizar – que culminou em seu ápice conspiratório e golpista no 8 de janeiro de 2023 –, “a direita agora luta como a esquerda insurgente”<sup>415</sup>.

Nesse ponto, Arantis, Frias e Meneses apontam a importância do olavismo como movimento e/ou corrente ideológica importante para essa mudança de perspectiva. Em alusão a um jogo de espelhos invertidos, os autores destacam o estabelecimento de um “gramscismo de direita” difundido por Carvalho que, diferentemente do algoz deste, não buscou consensos e, sim, polarizações na sociedade brasileira. O exemplo disso, em retomada do primeiro capítulo deste trabalho, é, novamente, o argumento olavista de uma suposta guerra cultural em curso no país nas últimas décadas, em que:

Na impossibilidade de conquistar os aparelhos culturais para além das igrejas ou escolas militares, a direita radical criou circuitos paralelos de comunicação e (des)informação, fermentando grupos vociferantes, conspiracionistas e delirantes. Em pouco tempo, diante do impasse que produziram, transitaram da guerra cultural e de

---

<sup>414</sup> DALMOLIN, Aline Roes; MATHIAS, Maria Eduarda. *The Green-and-Yellow Black Box: Mobilization on Platforms Toward the Attempted Coup on January 8, 2023*. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024, p.91.

<sup>415</sup> ARANTES, Pedro Fiori; FRIAS, Fernando; MENESES, Maria Luiza. **8/1 – A rebelião dos manés: ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília**. São Paulo: Editora Hedra, 2024, p.46.

posição para uma inusitada tentativa insurrecional, no 8 de janeiro, movimento que seria ousado, mas fatal<sup>416</sup>.

Em complemento, os autores também reforçam que a derrocada do 8 de janeiro não é o ponto final do discurso e da atuação política da extrema direita nacional. Pelo contrário, abre-se a possibilidade de se consolidar como um espectro ideológico cada vez mais rebelde e contrarrevolucionário no país. Em conexão com as contestações realizadas na década de 2010 – pontuadas no primeiro tópico deste capítulo –, esse prosseguimento proposital por parte dos bolsolavistas desloca, então, os seus adversários – e inimigos – políticos, como no caso do PT, do FSP e demais agremiações e representações de esquerda, para o posto de resguardar a ordem institucional e democrática do Estado nacional<sup>417</sup>.

Desse modo, os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023, em diálogo e concordância com Arantes, Frias e Meneses, devem servir como reflexão à capacidade da extrema direita e, sobretudo, do bolsonarismo de potencializar vozes, mentes e corpos em uma indignação coletiva contra um sistema político do qual eles fazem parte e almejam cooptá-lo com fins destrutivos, mas também hegemônicos. Assim, “é preciso reconhecer na direita radical a capacidade de atuar em favor de suas visões (mesmo que persecutórias e apocalípticas)”<sup>418</sup>, reconhecendo a evidência e a expressividade de seus impulsos políticos em prol do poder.

Esse segundo conjunto de protestos de rua contestatórios no país, com destaque para o envolvimento de Bolsonaro e do bolsonarismo nos episódios listados, indica, em mais uma oportunidade, a relação proposta desse tipo de ação política como uma perlocução advinda de um permanente discurso conspiratório na recente conjuntura nacional. Aliás, em vista da inclinação golpista dessas mobilizações – que se diferencia da institucionalidade de um processo de *impeachment*, por exemplo –, esse período entre os anos de 2018 a 2023 foi ainda mais ilustrativo no reforço da reflexão austiniana de que o falar pode instigar o fazer.

Nessa sintonia, há também a presença dos modos de operação ideológica de Thompson nessas manifestações populares selecionadas, mantendo, em semelhança aos protestos anteriores, a presença de elementos que podem ser associados aos argumentos das categorias de fragmentação, como o caso do expurgo do outro, e de legitimação, exemplificado pela universalização. Mas, como um diferencial, percebo uma ênfase, por se tratar de protestos

---

<sup>416</sup> Ibid., p.58.

<sup>417</sup> Ibid., p.116-117.

<sup>418</sup> Ibid., p.124.

“governistas”, na busca pela unificação e, de modo estratégico, na simbolização de unidade do campo político que angariou poder político no Brasil nesse período.

Sob essas composições, trata-se de protestos que, das motociatas à invasão dos prédios dos poderes republicanos em Brasília, o interesse foi centralizado em reafirmar o governo de Bolsonaro e, quando derrotado, estabelecer, de modo antidemocrático, o seu retorno à posição de presidente do país. Com esse cenário, completam-se as características apontadas pelo ativismo das ruas capitaneadas pelas extremas direitas globais em versão nacional, visto que esteve explícito o investimento bolsonarista em manter a polarização política do país acesa e, ao mesmo tempo, apostar na despolitização de sua própria base de apoio. Os exemplos disso incluem a criação e manutenção de inimigos políticos internos – do FSP ao STF –, como também a deturpação do patriotismo em episódios de violência simbólica.

Em suma, o balanço de uma década de protestos contestatórios, conspiratórios e golpistas no Brasil – e no mundo – indicou a potência desse fenômeno político – e também ideológico – para garantir o cumprimento dos interesses e objetivos de uma extrema direita ainda atuante na contemporaneidade. Para além de livros e postagens em redes sociais, o impacto das pessoas nas ruas elevou tanto o discurso quanto a ação dos bolsolavistas para um outro patamar de popularidade, facilitando tanto a deposição e o confronto com os seus inimigos políticos quanto a consolidação nos postos de poder mais desejados do país.

O enfoque em mobilizações populares organizadas e/ou cooptadas pela extrema direita é escolhido, justamente, por apresentar recompensas aos seus participantes em similaridade às oportunidades encontradas no engajamento das redes e na fabricação de *best-sellers* – destacados em capítulos anteriores. Um feito que, como salientado repetidas vezes, não pertence, de forma exclusiva, ao bolsonarismo no Brasil – e aos demais exemplos de outras nacionalidades –, reconhecendo que as esquerdas também buscaram fazer a sua parte. Mas, entre 2013 e 2023, infere-se que o extremismo ganhou, sim, mais notoriedade – com erros e acertos – em um ambiente que, historicamente, não lhe é costumeiro.

Uma outra repetição a ser explicada pela última vez é a sensação de tangência em relação ao FSP – sobretudo, em sua versão conspiratória difundida por bolsolavistas. De fato, a organização latino-americana não é um elemento central dos protestos elencados e analisados. A possibilidade de encontrar manifestações direcionadas, especificamente, a esse alvo também não se mostrou viável. Por outro lado, a intenção do trabalho foi identificar que o antagonismo sobre o FSP, incluindo as denúncias e os temores sobre os seus planos presentes e futuros para

a política da América Latina e do Brasil, poderia ser replicado – de ilocuições para perlocuições – em outros e diferentes contextos, cenários e até adversários.

Com essa proposta, acredito que as manifestações bolsolavistas incorporaram as bases e/ou referências ideológicas, assim como os subtemas associados ao outro FSP no período demarcado neste capítulo. A insistência em uma propaganda anticomunista, assim como o enfoque em instâncias políticas, como o STF, que supostamente era controlado pela organização latino-americana – até alçado como uma sucursal desta –, são exemplos que corroboram esse vínculo em contornos indiretos. Além disso, é importante encarar tais mobilizações como desdobramentos de uma conspiração que é expandida na medida em que a conjuntura política passa a ser dominada pelos conspiradores.

Por fim, essa última consideração sintetiza o porquê de envolver desde as contestações aos golpes – certos e fracassados – no Brasil e no mundo durante as décadas de 2010 e 2020 e sua respectiva relação com o fenômeno do conspiracionismo político: a longevidade. Um relevante fator que situa essas mobilizações como acontecimentos e/ou episódios históricos – sobretudo em cenário nacional – que foram planejados e cativantes ao ponto de manter constantes discursos e ações políticas pautadas por suposições e ameaças em momentos tanto de oposição quanto de situação em relação ao governo e à democracia. Logo, os excessos praticados em tempos mais recentes, apesar de concebidos como derrotas, não significam que os bolsolavistas vão parar por aí.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período entre os anos de 2016 e 2022, apesar de não estabelecer, temporalmente, uma década, acometeu acontecimentos, episódios e/ou momentos políticos, sobretudo no Brasil, compatíveis com tal medição. Na perspectiva de se investigar a ascensão da extrema direita em suas especificidades nacionais e/ou regionais, foi possível (re)conhecer o auge e/ou o ápice do bolsolavismo. Esse feito, a partir de modelos representacionais e comunicacionais assertivos e alinhados às expectativas da época, angariou popularidade e estrutura suficiente para que o anseio por poder se transformasse não em um projeto voltado para todos, mas, sim, em uma conquista política benéfica para poucos.

A escolha pelo FSP, dentre o conjunto de pautas ideológicas convergentes entre olavistas e bolsonaristas nas últimas décadas, foi interessante para este trabalho diante de sua amplitude temática, de sua atualidade no debate público e de sua versatilidade ao ser transmitida por diferentes canais e/ou veículos culturais e midiáticos. Para além desses componentes, elucidado o diferencial dessa organização latino-americana ter sido – e ainda ser – alvo de uma coordenada conspiração que ambicionou, por meio do discurso e de ações políticas, a sua destruição e, ao mesmo tempo, a sua replicação por um viés de direita.

Nesse sentido, reforço que o conspiracionismo atrelado ao FSP não é exclusivo e/ou inédito ao longo da recente ascensão política da extrema direita no Brasil. Do mesmo modo, não se trata da única organização, entidade e/ou instituição que deseja ser destruída por bolsolavistas nos últimos anos. No entanto, diferentemente de outras causas e/ou bandeiras ideológicas enfrentadas por esse campo político – desde as urnas eletrônicas ao kit gay –, a aversão ao FSP reúne motivações e/ou justificativas que ultrapassam uma determinada especificidade. Em outras palavras, a construção de uma versão alternativa dessa organização latino-americana engloba questões morais, geopolíticas, eleitorais e dentre outros subtemas e/ou argumentos analisados ao longo dos capítulos.

Ademais, a ligação direta do FSP com forças políticas consideradas de esquerda de diferentes países latino-americanos proporcionou uma real e longínqua antítese para o avanço e a consolidação de seus opositores em vista das turbulências políticas manifestadas nas últimas décadas. Esse vínculo, dentre os pilares ideológicos mobilizados pelo olavismo e, oportunamente, fomentados pelo bolsonarismo, tornou um suposto plano de implementação de ditaduras socialistas e/ou comunistas por toda a América Latina – até batizado de URSAL – um destino político mensurável, caso não combatido de maneira imediata.

Em exemplificação da realidade brasileira, o fato de o PT compor o seletivo quadro de membros fundadores do FSP tornou ainda mais acessíveis e críveis as denúncias produzidas e repercutidas pelos bolsolavistas no país. Aliás, trata-se de mais um ingrediente – um dos mais ideológicos existentes – para se compreender não somente o gradativo antipetismo instaurado em perspectiva eleitoral, mas também a promoção da antipolítica – tendência das extremas direitas globais – como solução viável para a recente e polarizada conjuntura nacional.

Sob esse entendimento, a vinculação do FSP com o conspiracionismo político reside no fato de se estabelecer como um fenômeno que, em suas proporções, acompanha a realidade política do Brasil no século XXI. Assim, destaco que o antagonismo construído em torno dessa organização latino-americana não é episódico e/ou pontual. Pelo contrário, para além do recorte temporal deste trabalho, é evidente uma trajetória trilhada de combate ao FSP e aos governos sucessivos do PT no Brasil ao longo dos anos 2000 e 2010 – e até mesmo antes disso, considerando as primeiras publicações e/ou declarações de Carvalho no fim dos anos 1990.

Contudo, é evidente que, a partir de 2016, a versão alternativa sobre o FSP acumula, gradativamente, feições extremistas e acompanhamentos autoritários diante do aumento de seu alcance e, conseqüentemente, de importância e de reconhecimento por parte da sociedade brasileira. A condição de inimigo nacional – e regional – é consolidada e intensificada pelos seus adversários políticos, repercutindo uma concepção de guerra cultural em curso no país – sobretudo nos períodos eleitorais. Desse modo, derrotar o FSP – e suas representações internas, como, novamente, o PT no Brasil – passa a ser insuficiente, visto que a necessidade de sua destruição passa a ser uma iniciativa superior.

Essa caminhada traçada entre o avanço do extremismo político e a expansão da conspiração contra o FSP é parte essencial abordada por este trabalho. Trata-se de um raciocínio que explora, mesmo que em uma simultaneidade temporal, as mudanças e retroalimentações das suposições, denúncias e agressões à organização latino-americana e seus respectivos membros no contato com diferentes – e complementares – suportes comunicacionais, públicos e intenções discursivas. Esse ponto ainda fortalece a ideia de que o desenvolvimento de uma conspiração política é inconclusivo ao ser encarregado de atualizações que interrompem, propositalmente, a resolução dos mistérios e revelações anunciadas e compartilhadas.

De maneira concreta, ao se voltar para as fontes escolhidas e suas respectivas implicações na realidade brasileira, esse percurso é materializado nos livros olavistas, nos *tweets* e *threads* bolsonaristas e, por fim, nas manifestações e/ou protestos públicos de extrema direita no Brasil. Em razão dessa sequência – inclusive visível na distribuição dos capítulos –,

é percebida uma gradação na conspiração sobre o FSP ao passar de um reduto capitaneado por Carvalho para uma explosão político-eleitoral liderada por Bolsonaro. Em complemento a isso, um dos legados estabelecidos foram as pessoas nas ruas em mobilizações que extrapolam o enfoque no FSP, mas que conservam semelhantes bases ideológicas para o avanço de um projeto de poder fadado ao golpismo.

Com essa proposta de análise, compreendo o objetivo deste trabalho em traduzir, a partir do exemplo do FSP e sua relação com o bolsolavismo no Brasil, a duplicidade de sentido atribuída às teorias conspiratórias em cenário político contemporâneo. Por um lado, é presente a construção de um discurso que reluz temores em torno de um inimigo regional aos olhares de olavistas e bolsonaristas. Por outro, o fomento de uma trama antidemocrática em que esses mesmos representantes não aceitam discordâncias, contestam autoridades e/ou opositores e ainda vislumbram medidas autoritárias diante de impasses em suas expectativas de presente e futuro. Assim, a existência do outro FSP permite a compreensão de que esse conspiracionismo fez parte de um projeto político extremista que provoca os seus simpatizantes à ação.

Consoante a isso, a centralização de figuras como Carvalho, Bolsonaro e demais bolsolavistas citados neste trabalho fornece o modelo social típico e/ou ideal do que se espera por conspiradores – que, em tempos atuais, estão cada vez mais presentes em círculos de extrema direita. Em vista da capacidade de influência e do anseio pelo poder, trata-se de lideranças populares que, diante de uma realidade nacional propícia, promoveram, com as devidas proporções, um senso de pertencimento e/ou de coletividade em torno de uma causa maximizada e/ou superestimada. Logo, apesar de o FSP existir, os supostos planos dele para a América Latina e para o Brasil não ultrapassaram o estágio de suposições.

O ponto em questão é que essa incompletude é suficiente – e até desejável – para quem usufrui e/ou consome esse tipo de discurso que, além de conspiratório, é ciberpopulista. Desse modo, o foco não é a ruína do FSP, mas o impacto de mencioná-lo para se adquirirem outras e correlatas conquistas e, principalmente, espaço no embate político e ideológico intensificado entre direitas e esquerdas regionais e nacionais na atualidade. Por isso, como apontado durante os capítulos, há o envolvimento do mercado editorial, das *big techs*, de canais de mídia independentes e até mesmo de candidaturas políticas espetaculosas alinhadas ao bolsolavismo.

Em razão desse conjunto de elementos mencionados, buscou-se a demonstração de que as conexões ideológicas e políticas – desde Carvalho e Bolsonaro ao ciberpopulismo e extrema direita – manifestadas na conspiração contra o FSP ao longo das últimas décadas só foram – e ainda são – possíveis devido ao ecossistema digital da internet. Diante de ferramentas

impactantes, como os atuais sistemas de algoritmização e as métricas cada vez mais elevadas de engajamento, os cliques de milhões de internautas se transformaram não somente em validação de conteúdos e perfis consumíveis, mas também em armas políticas virais que ditaram as tendências globais em meio a uma crescente – e permanente – radicalização social.

Nesse sentido, durante o desenvolvimento desta dissertação, a aproximação com as produções sobre a História Digital foi pertinente para absorver as inovações trazidas por ambientes virtuais, fontes digitais e até inteligências artificiais que são controladas por uma minoria de bilionários e pulverizadas para obcecadas multidões. Um contraste inevitável em uma proposta de discussão que retrata a internet e, em caráter específico, as redes sociais com um papel crucial para a manutenção de privilégios e a naturalização de extremismos. É essa a realidade estabelecida ao se investir em conspirações políticas – caso do outro FSP – e em governos ciberpopulistas – como a presidência de Bolsonaro – vislumbrados por poder.

Para além deste plano de fundo, as fontes e os núcleos ideológicos e políticos admitidos por este trabalho foram influenciados e se tornaram evidentes graças ao suporte providenciado pela internet. O bolsolavismo, entre livros, *tweets* e *threads* e protestos, é fruto desse ambiente digital que oportunizou os supostos *outsiders* ou forasteiros em uma cena pública acostuada com dicotomias. Em sintonia com as palavras de Cesarino, apostou-se na guinada de forças e segmentos considerados antiestruturais para desmontar e substituir uma soberania de símbolos, ideias e representações estruturais<sup>419</sup>.

No caso dos livros físicos e/ou digitais olavistas sobre o outro FSP, houve um movimento coordenado e expressivo tanto para homenagear quanto para continuar e/ou repercutir as ideias de Carvalho. Essa oportunidade, em vista da trajetória iniciada por Carvalho – e demais olavistas – na disseminação de sua visão de mundo por meio de aulas, cursos e *lives* em plataformas e canais próprios na internet, transformou o olavismo em um reduto de comunicadores independentes e, principalmente, de produtos *best-sellers*.

As postagens bolsonaristas no Twitter/X sobre a conspiração contra o FSP seguem semelhante e/ou aproximado resultado. Sob o exemplo de Bolsonaro e o seu respectivo protagonismo digital, outros usuários de seu convívio investiram nas redes sociais como um espaço e/ou ambiente ideal para o compartilhamento de suas intenções pessoais, como candidaturas políticas e participação em veículos de mídias renomados e/ou próprios, sendo conectados e acessados, corriqueiramente, por milhares e até milhões de brasileiros. Esse feito,

---

<sup>419</sup> CESARINO, op.cit., p.9-10.

inclusive, estabelece a quantidade de seguidores e o engajamento em postagens – como as curtidas e os compartilhamentos, no caso do Twitter/X – como balizadores para futuros interessados em adentrar na comunicação e na carreira política no país.

Os protestos e/ou manifestações políticas organizados e/ou cooptados pela extrema direita brasileira na última década reforçam tanto o papel quanto a força das redes, sendo o melhor exemplo – dentre as fontes e objetos de análise deste trabalho – de articulação entre discurso e ação presente nos dias atuais. Apesar de não envolver, explicitamente, a versão alternativa sobre o FSP como a principal causa e/ou pauta mobilizada, há a permanência de um rito conspiratório, com argumentos e referências ideológicas semelhantes, que conquistou as pessoas ao ponto de levá-las para as ruas. Esse trunfo, sob a promessa de profundas mudanças políticas, (re)atualizou a sanha golpista por poder, sendo visível em eventos como os Ataques de 8 de Janeiro no Brasil, que foram coordenados e planejados por vias remotas.

Com esse entendimento, acredito que o trabalho resvala em um atual e incipiente debate envolvendo a regulamentação das redes sociais. Trata-se de um destaque fomentado, sobretudo, por setores de esquerda – mas que também compreende partes interessadas da sociedade civil para além de um espectro político e/ou ideológico – diante do domínio expressado pela extrema direita em perspectiva global. Isto é, uma demanda coletiva que se encontra em discussão e, até mesmo, em casos mais avançados, em implementação de projetos de lei e/ou outros instrumentos jurídicos de outorga compatíveis<sup>420</sup>.

Em circunstância nacional, é prudente rememorar a existência do Marco Civil da Internet (MCI), sancionado por Rousseff em 2014 com o intuito de regular e definir os princípios de usabilidade da internet no Brasil<sup>421</sup>. Essa medida, necessária à época, estabeleceu, como reporta Pedro Peduzzi em reportagem para a Agência Brasil<sup>422</sup>, avanços na neutralidade, na garantia de direitos e deveres e também na acomodação de mercados e serviços nas redes.

---

<sup>420</sup> Em relatório construído pela pesquisadora Maria Paulo Russo Piva em parceria com a Coalizão das Redes, há a apresentação da situação de leis, projetos e propostas de regulamentação das redes em 71 países. Um conjunto robusto que fornece caminhos para o prosseguimento desse debate no Brasil. Para mais detalhes, ver também em: PIVA, Maria Paulo Russo. **Referências internacionais em regulação de plataformas digitais: bons exemplos e lições para o caso brasileiro**. Brasil: Coalizão das Redes, 2024. Disponível em: <<https://direitosnarede.org.br/2024/04/23/coalizacao-direitos-na-rede-lanca-o-relatorio-referencias-internacionais-em-regulacao-de-plataformas-digitais-bons-exemplos-e-licoes-para-o-caso-brasileiro/>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

<sup>421</sup> BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 abr. 2014. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)>. Acesso em: 3 mar. 2026.

<sup>422</sup> PERUZZI, Pedro. Marco Civil da Internet completa 10 anos com avanços e desafios. **Agência Brasil**, Brasília, 23 abr. 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2024-04/marco-civil-da-internet-completa-10-anos>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

Ao passo que também apresenta desafios de revisão, atualização e continuidade de discussão para suprir as exigências contemporâneas desse tema.

Contudo, a conjuntura política brasileira de 2014 aos tempos atuais sofreu reviravoltas que também se alastraram sobre os planos de continuidade na regulação da internet no país. Em 2020, houve a apresentação do Projeto de Lei (PL) 2630 – também conhecido como PL das *Fake News* e/ou Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência – pelo senador Alessandro Vieira. A iniciativa estabeleceu normas de transparência, de responsabilização e de combate à desinformação dos provedores de internet e das redes sociais<sup>423</sup>.

O uso do termo “visou” em oração anterior indica que, apesar da atualidade e até mesmo da vigência desse projeto nas instâncias deliberativas do Congresso Nacional, o PL das *Fake News* – nomenclatura mais utilizada e reconhecida no debate público –, foi enterrado após quatro anos de discussões, votações, *lobbies* e boicotes nas casas legislativas do país. Conforme matéria de Tatiana Dias no portal The Intercept Brasil<sup>424</sup>, esse enterro é uma demonstração da força da aliança da extrema direita - nesse caso, nacional – com os representantes das principais *big techs* estrangeiras que se mostraram contrárias ao projeto desde seu anúncio. As justificativas encontradas são as mesmas de outras pautas politizadas: falta de consenso interno, polemização e excesso de cobertura midiática.

Diante desse impasse, fruto de uma realidade política conturbada, acompanho a opinião de Cleto em sua tese de doutorado ao indicar que “entre progressistas, incluídos aí militantes e acadêmicos, também parece excessiva a expectativa em torno da regulamentação das plataformas digitais”<sup>425</sup>. A busca por controlar e/ou equalizar a informação em ambientes e plataformas digitais passou a ser o antídoto para superar o recente – e ainda vigente – processo de radicalização e/ou reacionarismo político e social no país.

Essa estratégia disciplinadora e restritiva encampada pelas esquerdas, sobretudo no Brasil, que convive com um cenário de polarização política há décadas, possui tanto virtudes quanto riscos ao ser discutida em esferas institucionais e públicas. Do mesmo modo que se vislumbra, por meio dessa medida, o combate de crimes cibernéticos e de *fake news*, que se mostra, dia após dia, uma urgência nacional, há também, por outro lado, a divulgação pela

---

<sup>423</sup> BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei nº 2630, de 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>>. Acesso em: 3 mar. 2026.

<sup>424</sup> DIAS, Tatiana. Arthur Lira matou o PL das fake news. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2024/04/10/arthur-lira-matou-o-pl-das-fake-news/>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

<sup>425</sup> CLETO, op.cit., p.304.

extrema direita – que não se constrange em assumir culpada e/ou parte afetada – de que se trata de um exercício de censura e de perseguição ideológica<sup>426</sup>.

Nesse embate de perspectivas, é preciso aprofundar-se nas seguintes questões: qual espectro ideológico se mantém atrelado aos interesses das *big techs*? Qual intenção, indicada no parágrafo anterior, será amplamente difundida e engajada para o público presente nas redes sociais? A resposta é compatível com a capacidade de uma versão bolsolavista sobre o FSP ser mais evidente que a própria organização em si, alocando uma conspiração em um patamar superior e/ou igual a um fato. Portanto, a proposta de regulamentação das redes, em seu início no Brasil, já nasceu mais próxima de uma derrota do que o contrário disso.

Em envolvimento direto com a rede social focalizada neste trabalho, a suspensão temporária do Twitter/X no Brasil por imposição do STF é um indício desse turbulento processo e suas possíveis reações e/ou desdobramentos quanto ao apoio populacional por esse tipo de medida. Por mais que houve adequações estabelecidas pela plataforma de Musk às exigências e até mesmo frente à resistência da corte brasileira, é importante considerar que os usuários assíduos do Twitter/X, sobretudo alinhados e/ou pertencentes à extrema direita nacional, fizeram campanhas e promoveram orientações para burlar a proibição de acesso disposta. O exemplo disso foi o uso de Rede Virtual Privada (VPN) para mascarar a localização e/ou o endereço real e, assim, continuar ativo nessa rede social.

A menção a esse episódio não visa generalizar que o processo de regulamentação das redes e/ou possíveis novas suspensões de plataformas no país são medidas fadadas ao fracasso. No entanto, trata-se de um alerta para o modo de condução e a forma de divulgação que está sendo feita e a conseqüente tendência em politizar e, principalmente, polarizar o discurso acerca desse tema. Além disso, é preciso enfatizar as possibilidades encontradas pelos usuários de atuar nas brechas existentes, seja via VPN e/ou seja migração para redes e sistemas de comunicação virtual criptografados – e dentre outros exemplos não citados e até desconhecidos por quem aqui escreve –, visto que o acesso à internet e suas múltiplas funcionalidades se tornou uma prioridade e até mesmo uma obsessão cotidiana.

Sob semelhante premissa, é complexo projetar a inexistência de conspirações e, sobretudo, o seu uso em instâncias políticas e/ou eleitorais na atualidade. Com isso, o trabalho não busca estipular um fim para as teorias conspiratórias, como exemplificadas na versão bolsolavista acerca do FSP. Aliás, não depende de uma dissertação – e, dentre outros trabalhos

---

<sup>426</sup> Ibid., p.305.

acadêmicos e coberturas midiáticas, inclusive citados no desenvolvimento desse escrito – para que isso aconteça. De mesmo modo, se a permanência e continuidade são garantias, é possível projetar o limite das consequências diretas e indiretas do conspiracionismo, como discurso e ação, repercutido nas sociedades atuais?

Com enfoque específico às articulações e aos articuladores bolsolavistas na construção de um outro FSP, a reflexão sobre os potenciais desdobramentos do conspiracionismo político em escala nacional também parte de suas motivações e/ou justificativas iniciais. Nesse quesito, há uma dúvida que pairou – e ainda paira – durante o desenvolvimento deste trabalho: a versão alternativa do FSP é estruturada a partir de uma crença ideológica ou de um oportunismo político? Em outras palavras, olavistas e bolsonaristas acreditam nessa conspiração ou se utilizaram – e ainda utilizam – desta apenas para benefícios próprios?

O combo de perguntas dos dois últimos parágrafos, apesar da possibilidade de serem respondidas, respectivamente, com “sim ou não” e com a indicação da primeira ou da segunda opção, não é de fácil interpretação. Caso fosse, não existiria nem mesmo a necessidade desta dissertação. Todavia, admitir a indefinição dessas questões também evidencia uma linha confortável de pensamento seguida por muitos – eu me incluo nesse bojo – para não admitir a inabilidade e o despreparo para compreender, mesmo após uma década, o legado e a persistência desse atual fenômeno político.

Diante disso, prossigo com a preocupação em torno da posterioridade e seu envolvimento acentuado não somente com o conspiracionismo, mas também com o extremismo político em bases digitais. Trata-se de uma realidade que, ao afetar países como o Brasil – e outros também mencionados ao longo deste trabalho –, massifica e naturaliza, para milhões de cidadãos, experiências políticas como dinâmicas de um *reality show*, transformando, por meio da espetacularização – e até mesmo ridicularização – das instituições e autoridades legais, políticos e ativistas em líderes de torcidas e/ou seitas. Assim, um cenário ideal para a promoção tanto de projetos de poder personalistas quanto de oposições antidemocráticas.

A ascensão da candidatura e o estabelecimento de um governo liderado por Bolsonaro são um dos principais exemplos de concretização do exposto anterior. Para além da presidência, admite-se o apogeu de um bolsonarismo que conquistou a maioria nas casas legislativas, em governos estaduais e até mesmo em prefeituras espalhadas pelo Brasil. Nesse ambiente favorável e/ou vencedor, a particularidade em questão é que, como conspiradores, não houve recuos. Pelo contrário, conseguiram o aval para insistir e ampliar discursos e ações políticas

pautadas em suposições e ataques que, como apontado na análise das fontes sobre o outro FSP, visam o expurgo dos adversários derrotados e a unificação dos correligionários.

Apesar da derrota de Bolsonaro em sua tentativa de reeleição presidencial em 2022, o bolsonarismo se consolidou em seu segundo pleito eleitoral, mantendo uma força política relevante no Congresso Nacional em tempos atuais. Esse resultado, inclusive, desassocia a imagem *anti-establishment* em relação à política tradicional construída e/ou viabilizada anteriormente. Aliás, trata-se de uma confirmação de que, hoje, o bolsonarismo faz parte, de vez, de um sistema político que é constantemente deturpado e negado para agradar a um público radicalizado, mas que permanece visado e garantido por seus representantes eleitos.

Em semelhante quesito, o olavismo não se torna ultrapassado após a morte de Carvalho. Um dos principais livros olavistas sobre o FSP analisados neste trabalho foi lançado, justamente, em sua homenagem. A parceria com Bolsonaro – e demais bolsonaristas que também se autodeclararam olavistas –, ao prestar um serviço intelectual e/ou ideológico que logrou sucesso em recente conjuntura nacional, também indica a continuidade, assim como a expansão de seus ideais na atualidade. Assim, esse feito ultrapassou o escopo de uma guerra cultural antiglobalista, anticomunista e antimarxista simbolizada no FSP e seus supostos planos totalitários para o Brasil e a América Latina.

Por essas considerações e diante do atual cenário político vigente no país, questiono se a superação do bolsolavismo é uma possibilidade praticável ou se é preciso adquirir o costume de tê-los e envolvê-los nas discussões e projeções políticas de presente e, principalmente, de futuro. Trata-se de um entendimento que, conseqüentemente, também repercute em se acostumar não somente com a conspiração contra o FSP, mas também com outros temas e pautas de semelhante finalidade.

Em concordância com Arantes, Frias e Meneses – mencionados no terceiro capítulo –, a afirmação de que o olavismo e, especialmente, o bolsonarismo permanecem vivos é estabelecida até mesmo ao adentrar a realidade das direitas do país. As últimas eleições demonstraram que não há um substituto moderado desse campo político capaz de angariar o espólio político e eleitoral de Bolsonaro. Além disso, o próprio bolsonarismo, como reduto de candidatos futuros, de políticos com mandatos e de fiéis seguidores e eleitores, “não pretendem abandonar o líder e nem o extremismo”<sup>427</sup>.

---

<sup>427</sup> ARANTES; FRIAS; MENESES, op.cit, p.171.

Consoante a isso, compartilho também da opinião desses autores de que a conjuntura atual, mesmo com o terceiro mandato presidencial de Lula da Silva – e acrescento a tentativa de um quarto mandato na próxima eleição prevista para este ano – não é um indicativo de superação do extremismo. Inclusive, o resultado acirrado do pleito de 2022 assinala que o extremismo não venceu por pouco. Portanto, o atual governo deve ser visto como um “tampão” e/ou “freio” temporário frente à consolidação e promessa de reorganização política e eleitoral do bolsonarismo no país<sup>428</sup>. A tendência é que as próximas eleições sejam semelhantes às últimas, mas com o resultado ainda mais acirrado e indefinido.

Nesse sentido, se a reflexão acerca da regulamentação das redes pode servir como um novo clichê nas discussões instauradas pelas esquerdas do país, a pauta direcionada para uma autocrítica destas também não passa “batido” nas conclusões deste trabalho. A conspiração, como uma versão bolsolavista sobre o FSP, ganha força e longevidade nas últimas décadas, sendo repercutida por editoras – que decidem lançar livros desse tema – e presente tanto em redes sociais – de modo direto – quanto em protestos e/ou manifestações – de modo indireto. Um exemplo prático de que, politicamente, as esquerdas brasileiras estão em dificuldade.

Um ponto curioso ao se recordar que um dos desejos do olavismo ao construir e desenvolver uma guerra contra o FSP era – e ainda é – estabelecer uma unidade aos moldes da organização latino-americana. Isto é, a ascensão ideológica do extremismo político no país foi pautada e, principalmente, moldada tanto pela história quanto pelo histórico das esquerdas, sendo o repúdio a solução escolhida para mascarar o elogio. Contudo, dado o atual cenário das esquerdas – sobretudo nacionais – nos últimos anos, essa leitura também pode ser considerada mais uma suposição e, indo além, uma utopia.

Com isso, partilho da análise realizada por Pablo Stefanoni em seu livro *A rebeldia tornou-se de direita?* ao destacar o desencontro e/ou a inversão de papéis históricos estabelecidos entre direitas e esquerdas na contemporaneidade. Para o autor, trata-se de uma questão, como abordada no parágrafo anterior, de interesse e/ou até mesmo de necessidade. Isto é, as esquerdas deixaram de observar os rumos e os passos políticos das direitas, ao passo que estas se mostram dispostas a decodificar e a discutir a ideologia de seus antagonistas<sup>429</sup>.

Nesse cenário, em continuidade de diálogo com Stefanoni, a possibilidade e/ou a iniciativa de transgressão e até mesmo de se projetar uma revolução passa a ser vinculada às

---

<sup>428</sup> Ibid., p.173.

<sup>429</sup> STEFANONI, Pablo. *A rebeldia tornou-se de direita?*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022, p.19.

direitas, enquanto as esquerdas se fortalecem na representação do atual *status quo*. Portanto, apenas um lado aspira – mesmo que de forma performática para se chegar e se manter no poder – mudanças na conjuntura recente, o que não significa que sejam intenções benéficas para as sociedades e países envolvidos. Um propósito que logra sucesso ao se disputar com o outro lado que, hoje, focaliza suas preocupações em manter a ordem social e política vigente<sup>430</sup>.

Em relação ao tema deste trabalho, a conspiração bolsolavista sobre o FSP faz parte dessa ofensiva política e ideológica admitida pelo extremismo de direita, considerando que o alvo escolhido é, justamente, uma organização latino-americana vinculada às esquerdas da região. Trata-se de um movimento que, a partir das fontes relacionadas – como o caso dos livros e das postagens em redes sociais – e dos desdobramentos associados, em referência aos protestos e manifestações de rua – indica também o interesse de se (re)conquistar espaços que, nas últimas décadas, estiveram atrelados aos seus adversários.

Todavia, essa reflexão não visa culpabilizar as esquerdas contemporâneas – e, de modo particular, as brasileiras – e nem mesmo dar razão e vazão aos ataques já perpetrados por seus algozes na política, na mídia e demais instâncias sociais do cotidiano. É difícil firmar uma posição consistente ou mesmo reagir à altura ao ser envolvida por discursos e ações conspiratórias. Aliás, trata-se de uma das valências de sucesso ao se utilizar o conspiracionismo como parte de uma estratégia comunicacional em momentos decisórios e/ou críticos na contemporaneidade.

Sob essa situação, a questão que reside é: o que as esquerdas devem fazer? A resposta também é difícil. Em nova menção ao Stefanoni, o autor menciona possibilidades existentes e praticáveis: o debate, o desprezo e o combate. Em todas essas opções, quando utilizadas nos últimos anos, houve a impressão de que a extrema direita saiu ainda mais reconhecida, fortalecendo suas ideias e sua popularidade<sup>431</sup>. Esse ponto, no recorte temático deste trabalho, também é visível ao se elencar possíveis intervenções sobre o outro FSP formulado pelos bolsolavistas no Brasil.

Em vista dessas possibilidades e de seu potencial e/ou concreto resultado na conjuntura atual, corroboro com as considerações de Demuru – autor cuja obra foi citada neste trabalho – de que o contexto histórico e político foi – e ainda é – determinante para isso. Diante da ascensão de representantes de extrema direita aos governos de diferentes países do mundo, as esquerdas

---

<sup>430</sup> Ibid., p.52.

<sup>431</sup> Ibid., p.75.

se mostraram mais duras e pragmáticas, sendo contaminadas também pelo medo, pela raiva e pelo ódio<sup>432</sup>. Logo, independentemente da reação a ser escolhida – seja debater, ignorar e/ou contra-atacar o extremismo –, admite-se jogar o jogo do adversário vencedor e/ou prestes a vencer – sobretudo, em cenários eleitorais.

Com esse entendimento, dialogo com o livro *Por um populismo de esquerda*, escrito por Chantal Mouffe em torno das possibilidades futuras envolvendo as esquerdas na política. Para a autora, uma das saídas elencadas é investir em um outro populismo – como o próprio título indica –, sendo centrado na recuperação e na ampliação da democracia por meio do afeto e das linguagens que, hoje, são absorvidas e comprometidas por expoentes da extrema direita. Assim, um convite às esquerdas para se reconhecer e, conseqüentemente, resgatar parcelas consideráveis de pessoas que, em vista de mazelas e medos contemporâneos, estão alinhadas ao extremismo, mas que não são extremistas<sup>433</sup>.

Em acréscimo a isso, a proposta de Mouffe sinaliza para uma radicalização democrática, rearticulando, sob o prisma de uma vontade e até mesmo de uma hegemonia popular, valores e/ou princípios que, no desenrolar do século XXI, foram escanteados pelo neoliberalismo. Esse tratado que também inclui “momentos de ruptura e uma confrontação com os interesses econômicos dominantes, mas isso não requer renunciar aos princípios de legitimidade democrático-liberais”<sup>434</sup>.

A estratégia para atingir esse objetivo, dentre seus avanços e limites ressaltados por Mouffe, reside no enfrentamento e na superação do discurso e das práticas ideológicas e políticas comuns e/ou coletivas atribuídas ao neoliberalismo, o que, para o recorte deste trabalho, se enquadra no extremismo de direita. Nesse sentido, para a autora, esse embate não prezaria por, necessariamente, apresentar uma novidade e, sim, fazer a mesma coisa com mais força e autoridade em relação ao oponente declarado<sup>435</sup>. Portanto, esse populismo de esquerda reforça a iniciativa de se equiparar, em termos de práticas e discursos, ao realizado pelos adversários da vez.

Essa posição sugerida por Mouffe é digna, mas carece, na visão deste trabalho, de atenções quanto às táticas e estratégias políticas traçadas e, conseqüentemente, dos resultados a serem cultivados ao se assumir esse viés populista à esquerda. É importante e até urgente a

---

<sup>432</sup> DEMURU, op.cit., p.112.

<sup>433</sup> MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p.36-37.

<sup>434</sup> Ibid., p.58-59.

<sup>435</sup> Ibid., p.86.

defesa da democracia frente aos ataques desta em conjunturas políticas contemporâneas em diferentes partes do mundo – ainda mais ao se voltar para a história do Brasil e da América Latina. Mas o custo disso é impor essa necessidade – associada ao liberalismo – em uma perspectiva discursiva e no fomento de ações já realizadas pelas extremas direitas?

Saliento que não se trata de um desprezo a essa possibilidade levantada para as esquerdas enfrentarem uma forte e engajada extrema direita no atual debate político. A dúvida é se, na ânsia por radicalização, conspirações, mentiras e autoritarismos por parte das esquerdas, também serão normalizados como parte do processo. Isto é, a questão se propõe a refletir em torno de limites a serem impostos para apenas não se tornar a equivalência de um outro lado extremista, o que, no longo prazo, pode não funcionar para a defesa do principal interesse: a democracia.

Ainda sobre esse tópico, é importante destacar que houve experiências associadas às esquerdas nos últimos anos – e, em respeito ao recorte temporal deste trabalho – que se aproximaram do populismo de esquerda de Mouffe. Além deste, é possível até relacionar tais experiências, como os protestos realizados no Chile entre os anos de 2019 e 2020, à comunicação política para frear uma reeleição de Bolsonaro no Brasil em 2022, de um “ciberpopulismo progressista”. Nesses exemplos, essa tentativa de radicalização democrática se deu tanto na ocupação das ruas chilenas quanto em um engajamento digital que expôs os erros e contradições do governo e da busca pela permanência no poder de Bolsonaro.

Por ventura, essa tentativa ciberpopulista entoada por algumas representações de esquerda contribuiu para resultados positivos, ao se considerar um conjunto de eleições ocorridas entre 2016 e 2022 na América Latina. Para além da já destacada vitória de Lula da Silva sobre Bolsonaro no Brasil, destacam-se também, como exemplos, as candidaturas e, posteriormente, governos de: André Manuel López Obrador, no México, em 2018; Alberto Fernández, na Argentina, em 2019; Luis Arce, na Bolívia, em 2019; Xiomara Castro, em 2021, em Honduras; Gabriel Boric, em 2021, no Chile; e Gustavo Petro, na Colômbia, em 2022.

Trata-se de resultados que, para comunicadores e pensadores políticos ansiosos e impactados pela lógica da conspiração imersa nas mídias digitais, poderiam ressoar como uma onda rosa latino-americana 2.0. Indo além, expressar o retorno da interferência e da execução, em concepção bolsolavista, de um plano dinástico do FSP na região. Mas, como alertado anteriormente, boa parte desses presidentes – e/ou sucessores indicados – não se elegeu em uma nova oportunidade. Para os mais recentes, há tensas eleições pela frente, como já mencionado

no caso brasileiro em 2026. Portanto, a breve reflexão em proposição é de que a reação ao extremismo precisa sair de um escopo eleitoral que já não garante certezas.

Paralelo a isso, a história do FSP também sofreu consequências nesse cenário recente. Apesar de ter se tornado um alvo de retaliação por uma oposição de direita cada vez mais radicalizada, o FSP, aos poucos, se enfraqueceu como organização, diminuindo a sua importância de ser um espaço de encontro entre diferentes correntes de esquerda da América Latina. Com isso, em contrariedade à conspiração bolsolavista, os rumos da política latino-americana tornaram o FSP uma iniciativa promissora que, hoje, é evitada e/ou escondida pelos seus próprios membros partidários – com raras exceções, como no caso da realização de um Encontro da organização latino-americana no Brasil em 2023.

Sob esse exemplo, a crítica construtiva formulada sobre as alternativas políticas para as esquerdas contemporâneas – sobretudo, em solo nacional –, com a devida proporção do escopo deste trabalho, é que é fundamental uma virada de chave para se frear o extremismo e seus nefastos desdobramentos. Nisso, a radicalização é também bem-vinda, mas desde que se intensifique por propor mudanças longevas, fortalecendo um processo de conscientização ideológica e política que critique até mesmo a fragilidade e os limites da atual democracia.

Diante disso, o encerramento deste trabalho não vislumbra um cenário de lamentações quanto ao futuro. É possível superar a realidade que está imposta e não se contentar com temporárias vitórias e/ou sobrevidas políticas. Em nova concordância com Demuru, as esquerdas devem desenvolver e trilhar um caminho próprio que anseie por um mundo melhor. Para essa façanha, é necessário ter coragem para sonhar grande e projetar um futuro radicalmente outro que não seja “da boca para fora”<sup>436</sup>. Quem sabe a conspiração bolsolavista contra o FSP, na verdade, não é a resposta que as esquerdas latino-americanas tanto procuram – ou deveriam procurar – nas últimas décadas?

---

<sup>436</sup> DEMURU, op.cit., p.129.

## FONTES

### FONTES DOCUMENTAIS

ARAÚJO, Paulo Henrique. **O mínimo sobre o Foro de São Paulo**. São Paulo: Editora O Mínimo, 2022.

CARVALHO, Olavo de. **Foro de São Paulo: A ascensão do comunismo latino-americano**. Campinas: Vide Editorial, 2022.

ESCLUSA, Alejandro Penã. **A guerra cultural do Foro de São Paulo**. Miami: Alexandria Library Publishing House, 2022.

PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. Campinas: Editora PHVox, 2022.

SALGUEIRO, Graça. **O Foro de São Paulo: a mais perigosa organização revolucionária das Américas**. São Paulo: OI Editora, 2016.

### FONTES DIGITAIS

ARAÚJO, Ernesto. **Conversei hoje por telefone com o Chanceler equatoriano José Valencia, a quem reiterei o total apoio do Brasil [...]**. Brasília, DF, 09 out. 2019. X/Twitter: @ernestoaraujo. Disponível em: <<https://x.com/ernestofaraujo/status/1182007398963335168>>. Acesso em: 29 jan. 2026.

BARROS, Filipe. **Nunca se viu uma transição com tanta gente. “Festa estranha com gente esquisita”. A representante das FARC/Foro de São Paulo [...]**. Brasília, DF, 16 nov. 2022. X/Twitter: @filipebarrost. Disponível em: <<https://x.com/filipebarrost/status/1593037977101664259>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BLINDER, Caio. **O Foro de São Paulo preparou por décadas a célula integrada por Persio Árida e André Lara Resende para ajudarem Lula a implantar o comunismo no Brasil**. New York, NY, 06 nov. 2022. X/Twitter: @caiblinder. Disponível em: <<https://x.com/caiblinder/status/1589222937756045312>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BOLSONARO, Eduardo. **SAEM: Lula, Dilma, PT e Foro de São Paulo. Venezuela. Cuba. ENTRAM: Jair Bolsonaro. EUA. Israel. Paraguai. Itália**. Brasília, DF, 13 jan. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1084469824590368770>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Não existe Foro de São Paulo. Não existe triplex. Não existe marxismo cultural... Estamos incomodando!**. Brasília, DF, 11 fev. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1094994814486147072>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. **O Foro de São Paulo se reúne de tempos em tempos, mas a sua atuação é em tempo integral. Neste momento eles estão avaliando [...]**. Brasília, DF, 28 ago. 2019. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1166794233958866944>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Pense numa ditadura na América Latina... Faz parte do Foro de São Paulo, assim como o PT**. Brasília, DF, 26 jul. 2021. X/Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://x.com/BolsonaroSP/status/1419607129883824128>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BOLSONARO, Jair Messias. **A população latino-americana está dando o seu recado após sucessivos fracassos e crimes da esquerda [...]**. Brasília, DF, 17 dez. 2017. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/942547175858458626>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Primeira Cúpula Conservadora das Américas: Por muito tempo o pensamento conservador e os valores familiares [...]**. Brasília, DF, 09 dez. 2018. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1071755636680155140>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Desde o fim de 2018 a escassez de comida leva a longas filas e desespero em Cuba. A Venezuela, em crise, diminuiu sua oferta [...]**. Brasília, DF, 03 jun. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1071755636680155140>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Na próxima quinta, membros do Foro de São Paulo, criado por Fidel Castro, Lula, FARC, entre outros partidos de esquerda [...]**. Brasília, DF, 22 jul. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1153460742840037383>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Da série JOÃO 8:32 (4) Com o possível retorno da turma do Foro de São Paulo na Argentina, agora o povo saca, em massa [...]**. Brasília, DF, 18 ago. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1163054848805363712>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Foro de São Paulo, criado em 1990, tendo a frente o PT, as FARC e partidos de esquerda da América Latina e Caribe, tem como objetivo a tomada de poder [...]**. Brasília, DF, 21 out. 2019. X/Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1186330140973948929>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CARVALHO, Olavo de. **Não se iludam: o Foro de São Paulo ainda tem controle da mídia, do sistema judiciário e da educação brasileira**. Dinwiddie County, VA, 24 jul. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1154061684392247298>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Muita gente na pretensa direita teve mais paciência e tolerância com crimes hediondos praticados pelo Foro de São Paulo durante 29 anos [...]**. Dinwiddie County, VA, 14 out. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1183812730064723968>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Ou o presidente age AGORA para fechar os partidos pertencentes ao Foro de São Paulo e fazê-los pagar pelos crimes [...]**. Dinwiddie County, VA, 25 out. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1187733507126239232>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Vivendo e aprendendo. Se há uma coisa que jamais esperei, foi ver a Joice Hasselmann classificar [...]**. Dinwiddie County, VA, 01 nov. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1193178846570385410>>. Acesso em: 29 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. **O Toffonhonho tem razão: o problema não é o STF. Faltou acrescentar: O problema é [...]**. Dinwiddie County, VA, 09 nov. 2019. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1193178846570385410>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Fazer intriga entre o presidente e o ministro Moro é a principal tarefa da mídia no momento, tarefa que [...]**. Dinwiddie County, VA, 24 jan. 2020. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1220823336776863755>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **A pedido de um partido do FORO DE SÃO PAULO, o Alexandre de Moraes toma uma decisão que favorece [...]**. Dinwiddie County, VA, 29 abr. 2020. X/Twitter: @opropriolavo. Disponível em: <<https://x.com/opropriolavo/status/1255646826901929984>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CHAGAS, Paulo. **Segundo o Senador Humberto Costa, um dos integrantes brasileiros do grupo terrorista internacional chamado Foro de São Paulo, os ventos malignos [...]**. Brasília, DF, 21 out. 2019. X/Twitter: @GenPauloChagas. Disponível em: <<https://x.com/GenPauloChagas/status/1186455352252010502>>. Acesso em: 28 jun. 2025

DESTEFANI, Bárbara. **Estarão no Brasil para a posse: Maduro, Ortega, Boric, Gustavo Petro, Alberto Fernandes... O foro de são Paulo reunido no Brasil [...]**. Belo Horizonte, MG, 29 dez. 2022. X/Twitter: @taoquei1. Disponível em: <<https://x.com/taoquei1/status/1608655866336804864>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GARCIA, Alexandre. **Mais um do Foro de São Paulo condenado por corrupção. O ex-presidente do Equador, Rafael Correa, pegou oito anos [...]**. São Paulo, SP, 08 abr. 2020. X/Twitter: @alexandregarcia. Disponível em: <<https://x.com/alexandregarcia/status/1248037840413511681>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

LOPES, Alan. **O chefe da quadrilha acaba de agradecer em "rede nacional" ao Foro de São Paulo. Se você ainda não entendeu o golpe [...]**. Rio de Janeiro, RJ, 10 mar. 2021. X/Twitter: @AlanLopesRio. Disponível em: <<https://x.com/AlanLopesRio/status/1369662419220434947>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MARISA, Paula. **O Foro de São Paulo suspende a nomeação de Ramagem para a PF. Deu pra entender?**. Pomerode, SC, 29 abr. 2020. X/Twitter: @profpaulamarisa. Disponível em: <<https://x.com/profpaulamarisa/status/1255538625300873219>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MARTINS, Filipe. **Diante do avanço da extrema-esquerda na América Latina, com sucessivas vitórias de candidatos do Foro de São Paulo, nossa responsabilidade [...]**. Brasília, DF, 19 jun. 2022. X/Twitter: @filgmartins. Disponível em: <<https://x.com/filgmartin/status/1538668664207048706>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

NAVARRO, Silvio. **Imagine dar a chave do cofre do BNDES para o Mercadante. O Brasil vai financiar o Foro de São Paulo**. Brasília, DF, 12 dez. 2022. X/Twitter: @silvionavarro. Disponível em: <<https://x.com/silvionavarro/status/1602264921835798531>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ORLEANS E BRAGANÇA, Luiz Philippe de. **O Foro de São Paulo se reunirá em Caracas final de Julho. A pauta? O mesmo latrocínio progressista [...]**. São Paulo, SP, 04 jul. 2019. X/Twitter: @lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1146735671060680706>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **No Ecuador foi o aumento nos combustíveis que serviu de "estopim" para o caos nas ruas [...]**. Brasília, DF, 20 out. 2019. X/Twitter: @lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1186100258243301376>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **O Foro de São Paulo sabe que nos países pequenos centralizados da América do Sul [...]**. Brasília, DF, 27 out. 2019. X/Twitter:

@lpbragancabr. Disponível em: <<https://x.com/lpbragancabr/status/1188422938527174657>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

PAIM, Kim. **Foi descoberto que a SEDE da Secretaria Executiva do FORO DE SÃO PAULO é localizada no Diretório Nacional do PT [...]**. Brisbane, Qld, 14 jul. 2021 X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1415276590347395076>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **O maior atentado contra a humanidade praticado por um latino-americano se chama: Foro de São Paulo. Os PTistas [...]**. Brisbane, Qld, 17 jul. 2021. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1447162114125168644>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **A TV Record fez uma matéria sobre os vínculos do Foro de São Paulo com o Narcotráfico. Quem diria que um dia a TV [...]**. Brisbane, Qld, 10 out. 2021 X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1447162114125168644>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Discurso na ONU: Bolsonaro acaba de se solidarizar e oferecer refúgio para os cristãos que estão sendo perseguidos pelo ditador da Nicarágua [...]**. Brisbane, Qld, 20 set. 2022. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/1572226673281732612>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Aliado do Lula tirou a CNN do ar na Nicarágua! Olhem o que a turma da esquerda está disposta a fazer [...]**. Brisbane, Qld, 22 set. 2022. X/Twitter: @kimpaim. Disponível em: <<https://x.com/kimpaim/status/157291622594838528>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SALLES, Fernanda. **Estamos totalmente entregues ao Foro de São Paulo, ao comunismo, ao partido que destruiu o nosso país e à ditadura perversa.** Belo Horizonte, MG, 03 nov. 2022. X/Twitter: @reportersalles. Disponível em: <<https://x.com/reportersalles/status/1588267451912953861>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ZAMBELLI, Carla. **Sai: Foro de São Paulo. Entra: OCDE. É por ISSO que a esquerda está espumando de ódio. O Brasil saiu do clube de republiquetas [...]**. Brasília, DF, 19 mar. 2019. X/Twitter: @Zambelli2210. Disponível em: <<https://x.com/Zambelli2210/status/1108108916670586880>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **DERROTA do Foro de São Paulo: @LassoGuillermo é eleito Presidente do Equador! Parabéns ao novo Presidente [...]**. Brasília, DF, 12 abr. 2021. X/Twitter: @Zambelli2210. Disponível em: <<https://x.com/Zambelli2210/status/1381458736670203904>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. Justiça na Venezuela solta opositor por motivo de saúde. **Gazeta do Povo**, 20 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/justica-da-venezuela-solta-opositor-por-motivo-de-saude-anhjoticbn0a8kdbmgzgnxq/>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ALEXANDER, Jeffrey Charles. Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, 2018. <https://doi.org/10.1590/2238-38752018v8310>

ALONSO, Angela. A política das ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos**, São Paulo, ed. esp., 2017. <https://doi.org/10.25091/S01013300201700040006>

ANDRADE, Hanrrikson de. Motociata vira palanque e Bolsonaro ataca Whatsapp e ministros do TSE. **UOL**. Brasília, 15 abr. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/15/bolsonaro-participa-de-motociata-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

ARAÚJO, Matheus Alexandre; PEREIRA, Vanessa dos Santos. Rupturas, neogolpismo e América Latina: uma análise sobre Honduras, Paraguai e Brasil. Florianópolis: **Revista Katálysis**, v.21, n.1, 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n1p125>

ARANTES, Pedro Fiori; FRIAS, Fernando; MENESES, Maria Luiza. **8/1 – A rebelião dos manés: ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília**. São Paulo: Editora Hedra, 2024.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo no Brasil do século XXI**. São Paulo: Editora Record, 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. PRISÃO DO LÍDER OPOSICIONISTA VENEZUELANO PEÑA ESCLUSA: O CHEIRO FÉTIDO DE UMA FARSA ORGANIZADA POR DOIS ESTADOS POLICIAIS. O QUE ISSO TEM A VER COM A GENTE. **Veja**, 14 jul. 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/prisao-do-lider-oposicionista-venezuelano-pena-esclusa-o-cheiro-fetido-de-uma-farsa-organizada-por-dois-estados-policiais-o-que-isso-tem-a-ver-com-a-gente/>>. Acesso em 14 ago. 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 2 ed., 1980.

BAND JORNALISMO. Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. **Youtube**, 10 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>>. Acesso em: 21 mai. 2025.

BELÉM LOPES, Dawisson Elvécio. Bolívarianismo (ou bovarismo?) do século XXI. In: **III Fórum dos Alunos - IUPERJ / UFMG / UFPE**, 2007, Belo Horizonte, 2007.

BENTIVOGLIO, Júlio; BRITO, Thiago Vieira de. “Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

BERLANZA, Lucas. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. Resistência Cultural: São Paulo, 2022.

BEVINS, Vincent. **If We Burn: The Mass Protest Decade and The Missing Revolution**. Nova York: PublicAffairs, 2023.

BIANCHI, Álvaro; MUSSI, Daniela. Os inimigos de Gramsci. **Jacobin Brasil**, 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BOECHAT, Yan. Na Paulista, os “inimigos” agora são Maia e STF. **DW**. São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/na-paulista-os-inimigos-agora-s%C3%A3o-maia-e-stf/a-48892838>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BOHOSLAVSKY, Ernesto Lázaro; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane. **Pensar as direitas na América Latina**. São Paulo: Alameda, 2019.

BOLSONARO tem 58 milhões de seguidores nas redes sociais; Lula, 24 milhões. **CNN**, 29 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-58-milhoes-de-seguidores-nas-redes-sociais-lula-24-milhoes/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGON, Ranier; ROCHA, Marcelo; RESENDE, Thiago. Cartão corporativo foi usado para 137 abastecimentos em motociatas de Bolsonaro. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 14 jan. 2023. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/14/interna\\_politica,1444840/cartao-corporativo-foi-usado-para-137-abastecimentos-em-motociatas-de-bolso.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/14/interna_politica,1444840/cartao-corporativo-foi-usado-para-137-abastecimentos-em-motociatas-de-bolso.shtml)>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 abr. 2014. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm)>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei nº 2630, de 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BRASIL, Felipe Moura. Conheça o Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil. **Veja**, 24 mai. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/conheca-o-foro-de-sao-paulo-o-maior-inimigo-do-brasil/>>. Acesso em : 27 jul. 2025.

\_\_\_\_\_. Imprensa brasileira esconde Foro de São Paulo” e manifestantes pedem ajuda a jornalistas estrangeiros. O resumo mais completo é deste blog! #FicaaDica. **Veja**, 16 nov. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/8220-imprensa-brasileira-esconde-foro-de-sao-paulo-8221-e-manifestantes-pedem-ajuda-a-jornalistas-estrangeiros-o-resumo-mais-completo-e-deste-blog-ficaadica/>>. Acesso em: 03 mai. 2026.

\_\_\_\_\_. 15 de março: Olavo tem razão. **Veja**, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/15-de-marco-olavo-tem-razao/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020. <https://doi.org/10.4324/9780429452734>

BUZETTO, Marcelo. **Guerra de todo o povo: a influência das lutas políticas e sociais na Nova Doutrina de Defesa Nacional Venezuelana.** (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

CAETANO, Guilherme; NIKLAS, Jan. Arquiteto intelectual da direita radical, Olavo de Carvalho se tornou guru do governo Bolsonaro. **O Globo**, 25 jan. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/arquiteto-intelectual-da-direita-radical-olavo-de-carvalho-se-tornou-guru-do-governo-bolsonaro-25366585>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil.** Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema direita. **Argum.**, Vitória, v. 13, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.47456/argumentum.v13i2.34166>

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Aleksandr. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial. Um Debate Entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho.** Campinas: CEDET, 2012.

CARVALHO, Olavo de. Do marxismo cultural. **O Globo**, 08 jun. 2002. Recuperado em 05 jun. 2019. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Jardim das Aflições.** 3. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Imbecil Coletivo:** Atualidades Inculturais Brasileiras. 1. ed. Campinas: Vide Editorial, 2021.

CARVALHO, Priscila Delgado de; TATAGIBA, Luciana. Quando o conflito eleitoral extravasa para as ruas: protestos e eleições presidenciais no Brasil (2010-2022). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.124, 2025. <https://doi.org/10.1590/0102-124046pd/124>

CESARE, Donatella Di. **O complô no poder.** Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso:** Verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHALOUB, Jorge. A América Latina como outro: um discurso da direita brasileira. **Revista Agenda Política**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.31990/agenda.2020.1.6>

\_\_\_\_\_. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **DoisPontos**, Curitiba, v.19, n.2, 2023. <https://doi.org/10.5380/dp.v19i2.87162>

CHIODI, Alexsander Dugno; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no governo Jair Bolsonaro (2019-2021). **Rev. Urug. Cienc. Polít.**, Montevideo, v.32, n.1, 2023.

CLETO, Murilo Prado. **Novas direitas, memória e revisionismo:** como a Brasil Paralelo contou a história do regime militar. 2024. 366f. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

CONGER, Kate; MAC, Ryan. **Limite de caracteres:** como Elon Musk destruiu o Twitter. São Paulo: Todavia, 2024.

COSENZA, Apoena Canuto. The March on Brasilia: An Interpretation of Bolsonaroist Actions in Preparation for the January 8, 2023 Insurrection. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele

Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024.

CRUZ, Natália dos Reis. O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.15, n.39, 2023. <https://doi.org/10.5965/2175180315392023e0201>

CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DALMOLIN, Aline Roes; MATHIAS, Maria Eduarda. The Green-and-Yellow Black Box: Mobilization on Platforms Toward the Attempted Coup on January 8, 2023. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024.

DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto:** extrema direita e fantasias de conspiração. São Paulo: Elefante, 2024. <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2024n8.70102>

DIAS, Hugo. Wall Street (Occupy). In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. Dicionário das crises e das alternativas. Coimbra: Almedina, 2012.

DIAS, Reginaldo Benedito Dias. A história da Ação Popular. **A terra é redonda**, 20 ago. 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/a-historia-da-acao-popular/>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

DIAS, Tatiana. Arthur Lira matou o PL das fake news. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2024/04/10/arthur-lira-matou-o-pl-das-fake-news/>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

DIUK, Nadia. “EUROMAIDAN: Ukraine’s Self-Organizing Revolution.” **World Affairs**, v. 176, n. 6, 2014, p. 10–12. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43555086>>. Acesso em: 19 nov. 2025.

DOMINGUEZ, Michelle Gomes Alonso. DISCURSO POPULISTA COMO RESISTÊNCIA? análise de uma campanha política nas redes sociais. In: MARQUES, Maria Aldina; SOUSA, Sérgio Guimarães de; TEIXEIRA, José; RAMOS, Maria da Conceição Varela Rui; SEARA, Isabel Roboredo; AGUIAR, Micaela. (Org.). **Populismo(s) e suas linguagens:** textos selecionados. Ribeirão: Edições Humus, 2022.

DOURADO, Bruna. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2025, com *insights*, ferramentas e materiais. **RD Station**, 2025. Disponível em: <<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

EDUARDO Bolsonaro vai à Cúpula Conservadora das Américas. **Correio Braziliense**, Brasília, 08 dez. 2018. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna\\_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtml)>. Acesso em: 22 jan. 2026.

EM dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas no Brasil. **UOL**, São Paulo, 20 jul. de 2013. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>>. Acesso em: 29 out. 2025.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

ESCORSIM, Francisco. As editoras em tempo de guerra cultural – II. **Gazeta do Povo**. 08 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/editoras-em-tempos-de-guerra-cultural-ii/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FELDMANN, Paul. O assombroso poder das big techs na economia e na política dos países. **Jornal da USP**, 2024. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulas/paulo-feldmann/o-assombroso-poder-das-big-techs-na-economia-e-na-politica-dos-paises/>>. Acesso em 05 jul. 2025.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FRANCO, Yuri Soares. **A influência do Foro de São Paulo nas estratégias políticas das esquerdas latino-americanas (1990-2015)**. 2020. 216f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FUKUYAMA, Francis. The End of History?. **The National Interest**, n. 16, 1989.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: The Free Press, 1992.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1987.

GIRY, Julien; TIKA, Pranvera. Conspiracy theories in political science and political theory. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020. [https://doi.org/10.4324/9780429452734-1\\_8](https://doi.org/10.4324/9780429452734-1_8)

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HERÉDIAS, Lorena Delduca. **Os muitos tons do inimigo vermelho**: as reconfigurações contemporâneas do anticomunismo no Brasil (1990-2020). (Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos). Niterói-RJ, Universidade Federal Fluminense, 2021.

HUNTER, James Davison. **Culture wars**: the struggle to define America. Nova York: Basic Books, 1991.

\_\_\_\_\_. A guerra cultural contínua. Tradução: Cássia Zanon. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v.15, n.1, 2022. <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i1.48385>

IASULAITIS, Sylvia; VIEIRA, Aiane Oliveira. Quando o ataque é o programa: as estratégias de campanha de Donald Trump e de Jair Bolsonaro no Twitter. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 44, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v44n2p5-45>

JIMENEZ, Carla; BEDINELLI, Talita. Ato de Bolsonaro com motoqueiros tem tom de campanha e discurso negacionista. **El País Brasil**. São Paulo, 12 jun. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-12/ato-de-bolsonaro-com-motoqueiros-tem-tom-de-campanha-e-discurso-negacionista.html>>. Acesso em: 21 nov. 2025.

JONES, Morgan. Como Julius Evola se tornou o fascista favorito da Internet. **Jacobin Brasil**, 10 jan. 2024. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2024/01/como-julius-evola-se-tornou-o-fascista-favorito-da-internet/>>. Acesso em: 08 jan. 2026.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KLEIN, Naomi. **Doppelgänger**: a trip into the mirror world. Toronto: Knopf Canada, Penguin Random House, 2023.

KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

LEAL PASTOR DE CARVALHO, Bruno. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2014. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>

LEONE, Massimo; MADISSON, Mari-Liis; VENTSEL, Andreas. Semiotic approaches to conspiracy theories. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (Orgs.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. Abingdon: Routledge, 2020. <https://doi.org/10.4324/9780429020384-4>

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Luciana. Olavo de Carvalho frequentava casa da esquerda estudantil em SP. **Metrópoles**, 10 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/olavo-de-carvalho-frequentava-casa-do-estudante-de-sao-paulo>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

LOPES, André. Jack Dorsey: uma trajetória a 140 caracteres. **Exame**, 29 nov. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/jack-dorsey-uma-trajetoria-a-140-caracteres/>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

LUCCHESI, Anita. **Digital History e Storiografia Digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). 2014. 188f. Dissertação de Mestrado em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. Histórias no Ciberespaço: Viagens sem Mapas, sem Referências e sem Paradeiros no Território Incógnito da Web. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], n. 06, 2014.

LUCENA, André. Os deputados e senadores mais influentes nas redes sociais, segundo monitoramento. **CartaCapital**, 03 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/os-deputados-e-senadores-mais-influentes-nas-redes-sociais-segundo-monitoramento/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

MAITINO, Martin Egon. “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. **PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**. São Paulo, v.25.1, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149018>

MALINI, Fábio; CIARELLI, Patrick; MEDEIROS, Jean. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tuítes sobre o impeachment de Dilma Rousseff. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, 2017. <https://doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4089>

MANIFESTANTES fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. **G1**, São Paulo, 13 mar. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>>. Acesso em: 29 out. 2025.

MARTINS, Gizele. Governos Autoritários na Democracia Brasileira: A Origem Política do 8 de Janeiro. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024.

MELO, Ricardo Abreu de. **O Foro de São Paulo: uma experiência internacionalista de partidos de esquerda latino-americanos (1990-2015)**. 2016. 189f. Dissertação (Mestrado em

Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MELLO, Michele de. Há 57 anos, movimentos populares realizaram a I Conferência Tricontinental; relembre encontro. **Brasil de Fato**, 3 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/03/ha-57-anos-movimentos-populares-realizaram-a-i-conferencia-tricontinental-relembre-encontro/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; DOMINGUES, Letícia Birchal. Protestos contemporâneos e a crise da democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 37, 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2022.37.246424>

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.32, n.3, 2017. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>

MIRANDA, Beatriz Castro. A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo. **Revista História – UEG**, Morrinhos, v.10, n.2, 2021.

MONNERAT, Alessandra; SARTORI, Caio. Venda de livros de Olavo de Carvalho triplicam desde eleição. **O Globo**, 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/vendas-de-livros-de-olavo-de-carvalho-triplicam-desde-eleicao/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva – FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. BOHOSLAVSKY, Ernesto Lázaro; MOTTA, Rodrigo Pato Sá; BOISARD, Stéphane. **Pensar as direitas na América Latina**. São Paulo: Alameda, 2019.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MUDDE, Cas. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

MULHALL, Joe. **Tambores à distância**: viagem ao centro da extrema direita mundial. São Paulo: LeYa Brasil, 2022.

NETO, Livino Virgínio Pinheiro. **Jair Bolsonaro e a busca pelo conflito permanente**: Análise Crítica do Discurso das publicações no Twitter de Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial de 2018. 2019. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019.

NOSOTROS. **Fuerza Solidaria**, [S.I.]. Disponível em: <[https://fuerzasolidaria.org/?page\\_id=1](https://fuerzasolidaria.org/?page_id=1)>. Acesso em: 12 jan. 2026.

NOSOSTROS. **IDD**, Miami, [S.I.]. Disponível em: <<https://www.intdemocratic.org/about-us-es.html>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

NOVO chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml>>. Acesso em: 04 jul. de 2025.

NUESTRA Historia. **REDLAD**, Bogotá, [S.I.]. Disponível em: <<https://redlad.net/nuestra-historia/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem:** Ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLAVO de Carvalho morre aos 70 anos. **G1**, São Paulo, 25 jan. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/25/morre-olavo-de-carvalho.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O fascismo é um meme? o tosco enquanto performance política na era digital. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 40, n. 1, 2025.

OLIVEIRA, Carla. Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes sociais. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues de; MACHADO, Eliel Ribeiro. Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.23, n.42, 2019. <https://doi.org/10.23925/lis.v23i42.47436>

OLIVEIRA, Talles de Almeida. O discurso anticomunista entre os parlamentares: questões do tempo presente e apropriações do passado. In: PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima Pereira; PIMENTA, Everton Fernando (Orgs.). **Dimensões do anticomunismo no Brasil:** novos estudos e perspectivas de análise. São Luís: EDUFMA, 2024.

O QUE aconteceu com os protagonistas dos protestos de junho de 2013? **BBC NEWS BRASIL**. São Paulo, 25 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-65994351>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

O QUE é uma ideia?. **IDEA**, Miami, [S./]. Disponível em: <<https://idea-democratica.org/nuestrogrupo>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

O QUE é “woke” e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>>. Acesso em: 06 jul. 2025.

O QUE surgiu primeiro: o ovo ou a galinha? Finalmente, a ciência descobriu a resposta para o dilema. **O Globo**, São Paulo, 07 nov. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/11/07/qual-surgiu-primeiro-o-ovo-ou-a-galinha-o-ovo-diz-estudo-suico.ghtml>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

OTTONI, Maria Aparecida Resende.; MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. A representação da indisciplina escolar em revistas brasileiras: uma análise discursiva crítica. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, vol. 12, n. 2, 2014.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia:** o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011). (Dissertação de Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon-PR, Unioeste, 2012.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima Pereira; PIMENTA, Everton Fernando (Orgs.). **Dimensões do anticomunismo no Brasil:** novos estudos e perspectivas de análise. São Luís: EDUFMA, 2024.

PEREIRA, Thiago Augusto Carlos; SAFERSTEIN, Ezequiel. A nova direita e os livros: autores, editoras e best sellers de direita no Brasil e na Argentina. **Cadernos Prolam/USP - Brazilian Journal of Latin American Studies**. São Paulo, v. 23, n. 48, 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211731>

PEREIRA DA SILVA, Fabrício. **Vitórias na crise:** trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

PEROTTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. **Folha de São Paulo**, 13 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2024.

PERUZZI, Pedro. Marco Civil da Internet completa 10 anos com avanços e desafios. **Agência Brasil**, Brasília, 23 abr. 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-04/marco-civil-da-internet-completa-10-anos>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva nas manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: ROCHA, Camilla; SOLANE, Esther (Orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PIVA, Maria Paulo Russo. **Referências internacionais em regulação de plataformas digitais: bons exemplos e lições para o caso brasileiro**. Brasil: Coalizão das Redes, 2024. Disponível em: <<https://direitosnarede.org.br/2024/04/23/coalizao-direitos-na-rede-lanca-o-relatorio-referencias-internacionais-em-regulacao-de-plataformas-digitais-bons-exemplos-e-licoes-para-o-caso-brasileiro/>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

PORTAL, João Camilo Grazziotin; GELLER, Lúcio. Chegou a hora de ucranizar: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. **Esboços: Histórias em Contextos Globais**, Florianópolis, v.28, n.48, 2021. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2021.e78091>

PORTO, Douglas; TORTELLA, Tiago. Na abertura do Foro de São Paulo, Lula diz ser chamado de “comunista” é motivo de “orgulho”. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/na-abertura-do-foro-de-sao-paulo-lula-diz-que-ser-chamado-de-comunista-e-motivo-de-orgulho/>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

PSD e Espaço Democrático recebem evento da IDC. **Espaço Democrático**, São Paulo, 19 nov. 2025. Disponível em: <<https://espacodemocratico.org.br/noticias/psd-e-espaco-democratico-recebem-evento-da-idc/#:~:text=Sobre%20a%20IDC%2DCDI,%2DIst%C3%BAriz%20White%2C%20da%20Espa%20panha.>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12432>

QUEM Somos Nós?. **UPLA**, Santiago, [S./]. Disponível em: <<https://uplatinoamerica.org/upla/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

REGALADO, Roberto; POMAR, Valter. **Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

RICHTER, André. Liberação do X: confira a cronologia da suspensão da rede social. **Agência Brasil**, 09 out. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-10/liberacao-do-x-confira-cronologia-da-suspensao-da-rede-social>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.22, n.44, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200010>

- RODRIGUES, Lucas Mariano Maciel Baqueiro Miranda. **Os flautistas de Hamelin: populismo digital no Brasil**. 2023. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- RONCOLATO, Murilo. Quem é Alex Jones. E por que ele é pivô de uma “guerra cultural” nos EUA. **Nexo Jornal**. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/06/quem-e-alex-jones-e-por-que-ele-e-pivo-de-uma-guerra-cultural-nos-eua>>. Acesso em: 04 jul. 2025.
- ROSA, Carla Fernanda. **Extremismo Ideológico e Ativismo de Protesto no Brasil**. 2023. 84f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2023.
- ROSENZWEIG, Roy. **Clio conectada: o futuro do passado na era digital**. Tradução de Luis Reyes Gil. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- SALGADO, Daniel. O boom editorial conservador puxado por Olavo de Carvalho. **O Globo**. 30 nov. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/o-boom-editorial-conservador-puxado-por-olavo-de-carvalho-23272585>>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- SALVI, Rafael. “Guru” de Olavo de Carvalho, René Guénon rejeitava radicalmente a modernidade. **Gazeta do Povo**, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/guru-de-olavo-de-carvalho-rene-guenon-rejeitava-radicalmente-a-modernidade/>>. Acesso em: 08 jan. 2026.
- SANTIAGO, Lorenzo. Alba completa 20 anos mirando defesa do socialismo e novos desafios para articulação regional. **Brasil de Fato**, 30 dez. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/12/30/alba-completa-20-anos-mirando-defesa-do-socialismo-e-novos-desafios-para-articulacao-regional/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- SANTOS, Sofia José. Primavera Árabe. In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. Dicionário das crises e das alternativas. Coimbra: Almedina, 2012.
- SAVELLA, Fernando. **Manifestações à Direita: lutas pela reprodução social da classe média brasileira (2014-2023)**. 2024. 147f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.
- SAYURI, Juliana. Livros, canivetes e anjos: a lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita. **The Intercept Brasil**. 28 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2021/08/28/cedet-vendas-sites-olavo-de-carvalho-extrema-direita/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- SECCO, Lincoln. Gramscismo: uma ideologia de extrema-direita. **Blog da Boitempo**, 08 mai. 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 06 mai. 2026.
- SGUISSARDI, Valdemar. Fórum Social Mundial: um outro mundo é possível. Campinas: **Educação & Sociedade**, ano XXII, n.75, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000200014>
- SILVA, Leonardo Nóbrega da Silva. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.3, n.2, 2018. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12430>
- SILVA, Wellington Teodoro; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. **Revista Cultural & Religião**, Victoria, vol. 15, n.1, 2021. <https://doi.org/10.4067/S0718-47272021000100180>

SILVEIRA, Ada Cristina Machado; SCHNEIDER, Gabriela; HARTMANN, Camila. Brasília, 8 de Janeiro de 2023: a Festa Acabou! A Guerra (Ainda) Não. In: CAFFAGNI, Lou; LÖFGREN, Gizele Martins; SARTORETTO, Paola. **The Planalto Riots: Making and unmaking a failed coup in Brazil**. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2024.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais**. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

SOARES, Olavo. Eduardo Bolsonaro quer criar CPI do Foro de S. Paulo, mas tirá-la do papel não será fácil. **Gazeta do Povo**, Brasília, 05 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/cpi-do-foro-de-sao-paulo-eduardo-bolsonaro/>>. Acesso em: 07 mai. 2026.

SOBRE Realial. **REALIAL**. Cidade do México, [S.]. Disponível em: <<https://reliat.org/reliat/>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

STEFANONI, Pablo. **A rebeldia tornou-se de direita?**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, Campinas, v.25, n.1, 2019. <https://doi.org/10.1590/1807-0191201925163>

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade:** o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TELLES, Helcimara. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional?. In: ROCHA, Camilla; SOLANE, Esther (Orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas:** a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOQUETTI, Gabriela Ferrari. Jornadas de Junho. **Hoje na História**, s.n, 2023. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/69754>>. Acesso em: 19 nov. 2025.

TSE aprova registro do União Brasil. **TSE**. Brasília, 08 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/tse-aprova-registro-do-partido-uniao-brasil>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

TSE aprova registro e homologa estatuto do Partido Missão. **TSE**. Brasília, 04 nov. 2025. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2025/Novembro/tse-aprova-registro-e-homologa-estatuto-do-partido-missao>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

TV CULTURA. PROVOCAÇÕES 342 e 343 com José Dirceu - bloco 02. Youtube, 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jN9jm6CNBck>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A “guerra cultural” neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. **Revista História – UEG**, Morrinhos, v.10, n.2, 2021.

VEJA como foi o voto de Jair Bolsonaro. **G1 Globo**. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/video/votacao-do-impeachment-veja-como-foi-o-voto-de-jair-bolsonaro-5125877.ghtml>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

VOCÊ sabe o que é bolivarianismo?. **Carta Capital**, São Paulo, 07 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305/>>. Acesso em: 12 jan. 2026.